

O GRANDÃO E A REBELDE



GISELE
SOUZA



O GRANDÃO E A REBELDE

GISELE
SOUZA

Copyright © 2018 Gisele Souza

Capa: Dri K.K.

Revisão e diagramação: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

[Notas](#)



O silêncio sempre foi um grande companheiro para mim. Todas as vezes que precisei resolver algo realmente importante, me isolei e encontrei a solução que precisava para qualquer pergunta que tinha que responder.

Mas nem sempre o silêncio se torna um bom companheiro, quando mexe com os sentimentos, quando você precisa ouvir qualquer coisa que te faça se sentir melhor, ele acaba machucando e te torna completamente desesperado por alguma palavra de conforto que seja. Algo que te diga que você não tem culpa, que não está nas suas mãos... E ele, que era um refúgio, se torna um grande inimigo. São nesses momentos que perdemos um pedacinho da alma cada vez que temos que silenciar a voz para não machucar o coração.

Sou filha única, herdeira de uma fortuna incalculável, dona de um império maior do que muitos sequer podem sonhar e meu destino sempre foi o que eu nunca quis. Minha família era tradicional, cheia de regras as quais nunca me encaixei, não gostava de esbanjar tanto quando esperavam que fizesse, nunca me senti bem em me beneficiar do nome para conseguir algo, nome que era conhecido em todo lugar por pessoas influentes e eu me sentia cada dia mais sufocada, presa naquele mundo que não era meu, sentindo as amarras em meu pulso cada dia mais apertadas.

Porém, havia uma coisa que me segurava no lugar, fazia com que me sentisse feliz, amada e realizada... E eu perdi isso, precisei fugir, abrir mão do maior

amor que conheci e acreditava nunca mais conseguir experimentar.

Para falar a verdade, depois de tanta dor e culpa, não queria aquele sentimento novamente.

Por tantos motivos que me levaram a abandonar tudo que conhecia, eu fugi do futuro que tinham preparado para mim, fugi da dor, do abandono, do sofrimento e do amor. Contudo, as coisas que resultaram dessa minha fuga não foram simples como só a saudade da ausência, ainda doía me lembrar, ainda machucava como no silêncio as lembranças voltavam como um fantasma para assombrar o meu coração.

O olhar doce dele me atormentava e o futuro que me reservava, se eu fosse descoberta, seria caótico e me machucaria ainda mais. A culpa me deixava seca e me fazia ter certeza de que eu tinha que me manter longe, ser esquecida e não passar de um eco do passado, uma mancha em uma vida feliz.



Capítulo 1

*Abro os meus olhos
Hoje percebo que nada foi em vão
O sol que arde
Invade as janelas do coração
(Não vai voltar – Onze:20)*

Priscila Marins

Meus olhos pesavam uma tonelada, não queria abri-los de maneira nenhuma. Aquela cama estava tão confortável, as mordomias do dinheiro e fama tinha suas vantagens, tinha que admitir. Porém, havia algo a mais que fazia eu me sentir incrivelmente satisfeita... E foi quando tudo que aconteceu na noite anterior voltou para mim como uma maldita ressaca. Tudo de uma vez praticamente me derrubando no chão.

E que tombo, a cama era alta pra caramba!

— Meu Deus, o que eu fiz?

As memórias voltaram como se fossem uma vaca vingativa. Tinha dormido com ele e não deveria ter feito aquilo porque era complicação demais, sentimentos em demasia, e porra, uma sensualidade irresistível que eu sabia que não conseguiria resistir.

Ouvi que ele se mexia na cama e corri para o banheiro como uma criminosa tentando se esconder. Pisquei os olhos três, quatro vezes, tentando clarear a mente, mas cada vez que entrava na escuridão da minha mente, me vinha todas as atividades da noite anterior.

E que atividades!

Era a festa de lançamento do filme da Leni, eu estava feliz por ver minha

amiga tão realizada. Por estar com o cara que amava e sabia que Digão não demoraria para levar minha menina para o altar. O que era bom, porque a mulher era cercada de homens gostosos que poderiam achar que era hora de roubar a garota como se fosse uma princesa em perigo, e eles, príncipes montados em seus cavalos brancos. *Argh, sempre detestei essa coisa de príncipes salvadores!*

E por falar nos gostosões, os ditos cujos foram os culpados que me levaram ao que me acontecia naquele momento; os caras tesudos da Marvel!

Ou você pensa que é fácil sair imune de estar cercada por todas aquelas fantasias sexuais das suas noites solitárias? Amiga, te garanto que não é não! Meus feromônios, estrogênios e toda a porra de hormônios em ebulição gritaram, e eu que não era boba nem nada, corri logo e fui me apresentar. Sabe como é, sou sexy, sei disso e uso meu poder descaradamente, uso a minha liberdade ao meu favor.

Apresentei-me, conversei horas com eles, descobri babados quentíssimos sobre o Capitão América e achei que seria a nova senhora Evans, só que aí fiz a besteira de me virar e o encontrei me secando, com ciúmes nos olhos e aquele jeitinho só dele, que era completamente irresistível. O homem me queria, eu sabia desde o primeiro momento em que nos conhecemos. E o pior não era isso, e sim, que eu o queria também. Muito!

Só que eu tinha um detector de sentimentos. Quando percebia que poderia levar mais do que noites de sexo sem compromisso, eu caía fora antes mesmo de começar. Meu radar enlouqueceu no primeiro dia em que ficamos a sós, ele era tudo que uma garota podia sonhar: doce, romântico, tinha um coração enorme, um olhar meigo, era gentil e o melhor: era gostoso e gato até dizer chega.

Porém, eu não estava disposta a arriscar meu coração, mas eu não consegui resistir naquela noite. Culpei os champanhes caros que tomei para o que veio a seguir, mas eu sabia que era outra coisa falando mais alto.

Pedi licença aos rapazes e arrastei Thays comigo pelo salão, precisava dela como um escudo, mesmo que a danada estivesse mais interessada em provocar Jorjão do que qualquer outra coisa. Assim que entrei no banheiro praticamente empurrando a coitada para dentro comigo, ela me olhou com o cenho franzido.

— O que deu em você, sua maluca?

Ela não entenderia minhas excentricidades, não me conhecia como Mileni, mas no meu desespero ela teria que servir. E, apesar da idade e eu achar que poderia corromper a garota, Thays era novinha, mas entendia demais das coisas.

— Aquele homem está me deixando louca, Thays. Você precisa me salvar dele. — A irmã caçula da Leni estreitou os olhos e mordeu a boca parecendo pensativa de que “homem” eu falava, já que ali era um verdadeiro banquete de tipo deliciosamente pegáveis.

— Tá falando do Capitão América? Tu era louca pra conhecer ele. O que foi agora? Achou normalzinho demais? Eu achei, gosto de caras maiores e mais brancos!

Deu de ombros demonstrando que realmente falava a sério, a menina devia ter um parafuso a menos, não era possível!

— Não, menina... O Paulão!

— Ah! Sei... — *Sabia o que, porra? O que ela estava sabendo e eu não?* — Bom, querida, aí eu não posso fazer nada. Sabe como é? Sou uma romântica incurável e aqueles olhinhos do Paulão são irresistíveis. — *É, eu sabia disso.* — Deixa eu ir que tenho que perturbar o velhinho um pouco mais, o coitado tá ficando doido comigo. Adoroooo! Boa sorte, amiga.

E a filha da mãe me deixou sozinha com o calor insuportável que ameaçava me fazer entrar em combustão instantânea e eu sabia que ele estaria do lado de fora quando eu saísse do banheiro. E se eu ficasse ali dentro até a festa terminar? Quem sabe Mileni não levasse comidas e bebidas, sentaria ali no chão comigo e faríamos como muitas vezes fizemos enquanto ela estava fugindo dos fotógrafos, fazendo o nosso *happy hour* no banheiro.

Ridícula, Priscila! Mileni estava aproveitando o Bruto dela e você nunca teve medo de nada, nem quando precisou tomar a maior decisão da sua vida e agora vai ter de um cara que, claramente, está apaixonado por você?

Mas a realidade não era só isso e sim que eu também estava sentindo coisas, não queria pensar no que, mas não podia negar que elas existiam. Virei-me para o espelho enorme que tinha naquele banheiro chique e o que vi era o que sempre retornava refletido para mim. Uma mulher aparentemente simples, mas que guardava segredos e dores que não tinha coragem de revelar a ninguém mais.

Olhos experientes e sarcásticos que ocultavam minha alma frágil, rosto bonito e bem cuidado que escondia a culpa que eu tentava não pensar muito a respeito. Corpo trabalhado arduamente para que, à noite, eu estivesse exausta e conseguisse dormir sem ter que tomar um remédio para amenizar as lembranças que me assombravam.

Era tudo isso que eu via quando me olhava no espelho, uma farsa. Mesmo que tenha fugido de casa para viver da forma que eu desejava, não consegui por causa dos segredos que guardava.

Eu era adulta e conseguiria enfrentar aquilo, dizer para o Paulão que não poderíamos ficar juntos por inúmeros motivos, pegar algum gostosão que ficou interessado em conhecer meus movimentos de dança e esquecer tudo aquilo. Podia fazer isso, já tinha feito tantas vezes naqueles anos!

Endireitei meu corpo, ajeitei a saia daquele vestido divo e, como uma menina grande, eu saí daquele banheiro chiquérrimo. Só que lá fora não tinha ninguém. Estava preparada para ver aquele gigante de músculos e coração de ouro me esperando de braços cruzados e uma proposta irresistível, não para o que realmente se apresentou à minha frente.

O meu grandão estava nos braços de uma biscate *hollywoodiana*. Que alguém me segurasse porque eu ia dar na cara dela! Onde estava sua melhor amiga quando você mais precisava?

O que eu posso dizer em minha defesa? Sou uma mulher sem muita paciência e muita possessividade latente.

Esqueci de toda a ladainha de não poder ficar com ele, puxei o bofe pelo braço e acabei naquele quarto de hotel tendo a noite mais incrível da minha vida!

Agora eu só queria sumir percebendo o erro enorme que cometi. Ele não tinha culpa de eu ser tão maluca e não ser digna de qualquer sentimento bom. Mileni estava errada ao dizer que eu era feita de amor, a única coisa que eu conseguia despertar naqueles que se aproximavam de mim era dor, não sabia amar.

Escutei duas batidinhas tão suaves na porta que você nunca diria que um homem daquele tamanho fosse capaz... O que me fez ficar ainda mais surtada, eu não conseguiria resistir novamente se olhasse aquele rostinho de menino perdido!

— Priscila, pode parar de drama? Foi só uma noite de sexo, eu tenho que fazer xixi. Pode sair do banheiro, por favor?

O quê?!



Capítulo 2

*Pra te ver sorrir, eu posso colorir o céu de outra cor
Eu só quero amar você
E quando amanhecer eu quero acordar
Do seu lado*

(Vagalumes – Pollo, part. Ivo Mozart)

Paulão Lima

Sinceramente? Não sei como descrever a minha vida ou o motivo de eu ser do jeito que era. Em minha adolescência fiquei horas tentando entender o porquê de não ser como os outros garotos, gostar do que eles gostavam, ser normal... e isso durou até que eu conheci o Rodrigo, que me ajudou a enxergar que eu não precisava ser igual a uma massa para me encaixar, que não tinha nem mesmo que me esforçar para tal coisa. Pois cada pessoa é única e isso que nos torna tão incríveis e impressionantes, é o que nos faz querer conhecer outras pessoas; a diferença, a singularidade de cada um nos atrai.

A partir do momento que comecei a entender que não tinha que ser o que esperavam de mim – um menino que gostava de jogar bola, pegar garotas, falar palavrão o tempo todo, me gabar de minhas conquistas sexuais... –, aí então comecei a viver plenamente e ser feliz.

Confesso que não foi fácil, o ser humano é propenso a ignorar e machucar quem é o oposto de costumes um tanto arraigados. Eu, um cara grande, mecânico, careca, tatuado com pinta de durão, chorar ao assistir desenho animado; ou ao invés de falar de futebol, mulheres e carros, falava de livros de romance e filmes água com açúcar. Era um prato cheio para zoações. Só que aprendi a não dar ideia. E a verdade era que as meninas gostavam desse meu jeitinho. No final, eu era um homem comum, com desejos reais, adorava um bom sexo casual e não era iludido ao achar que me apaixonaria por todas que eu transasse.

Só que eu tinha sim uma tendência a ser romântico, o que muitas vezes, quando mais jovem, confundia com amor e paixão; o que acabava com corações partidos. Decidi então deixar levar e não atropelar os bois com a carroça.

Isso funcionou, até que ela apareceu na minha vida. Uma mulher tão incrível, sarcástica, deliciosamente divertida, linda e gostosa em todos os sentidos, com aquela língua afiada e seu jeito livre de se expressar. Não tinha medo ou vergonha de demonstrar seus sentimentos, fossem bons ou não. E tudo virou uma bagunça, fiquei obcecado por uma garota que claramente demonstrava que não estava disposta a arriscar o coração.

Porque sim, eu notei o quanto Priscila ficou mexida comigo, tanto quanto eu por ela. Foi uma química inegável e irresistível que crepitou entre nós dois e ainda assim, por algum motivo ela negava, me provocava para então me fazer desistir.

Mas uma coisa que ela desconhecia sobre mim era que eu não costumava desistir do que queria com tanta vontade e o quanto eu sabia do que poderia nascer entre nós depois que nos entregássemos àquela sedução, àquele fogo que me consumia toda vez que olhava aqueles lábios cheios e ferinos.

Então, na festa da Mileni, eu resolvi entrar em seu jogo, ignorá-la e socializar como qualquer homem solteiro faria. E não é que a minha estratégia surtiu efeito?

Na hora que me viu com aquela atriz, que confesso nem me lembrar do nome, Priscila simplesmente me arrastou pela festa e, quando percebi, estávamos em seu quarto do hotel, nossas roupas estavam espalhadas pelo chão, corpos suados se satisfazendo, gemidos roucos, palavras sussurradas no ouvido.

E então veio a exaustão do desejo parcialmente saciado. Só que eu sabia que, quando ela acordasse, iria surtar. Priscila era dessas, mas eu já estava preparado e sabia o que fazer quando acontecesse. Não queria apenas uma noite com aquela mulher, sabia que poderíamos ser mais do que um erro de um ato impulsivo. E se fosse eu mesmo, poderia assustá-la.

Não deu outra, ouvi o exato momento que ela acordou, percebeu onde estava e com quem, então correu para o banheiro como se tivesse feito algo terrível.

Sorrindo, eu me levantei, sem cobrir qualquer parte do meu corpo, parei ao

lado da porta do banheiro e esperei, dando a ela alguns minutos para surtar e, então, bati duas vezes, pedindo para usar o banheiro e lidando com aquela noite como se fosse uma qualquer.

Ela não respondeu de imediato, provavelmente estava planejando a minha morte de uma forma lenta e cruel. A conhecia bem o bastante para saber como reagiria à minha falta de interesse pelo que tinha acontecido. Bati de novo e sorri ainda mais amplamente, queria ser uma mosquinha para ver a cara dela.

— Pri, por favor. Estou apertado!

Alguns barulhos puderam ser ouvidos de dentro do banheiro, resmungos e até consegui distinguir alguns xingamentos direcionados a mim. Então, a porta se abriu, ela estava com uma toalha envolta do corpo, *que pena*, e olhava para mim como se pudesse me enterrar vivo.

Aí o olhar dela desceu por meu corpo, devagar, muito devagar. Eu já estava com aquele probleminha da manhã e com aquela secada o problema ficou maior. Literalmente!

— Puta que pariu!

— Que foi? — perguntei na voz mais inocente que consegui, mas a verdade era que eu estava amando aquela brincadeira e ficando bem excitado com isso.
— Te disse que estava com vontade de fazer xixi.

Priscila levantou os olhos e me encarou como se eu tivesse dito a coisa mais absurda do mundo.

— Filho, isso daí... — apontou para a minha virilha — não é xixi!

Aquela vontade de rir estava quase me matando e eu precisava logo de uma distração, dei de ombros e um passo na direção dela, que recuou.

— Posso usar o banheiro, ou você quer me acompanhar? Um banho a dois cairia bem!

Ela pareceu acordar de um devaneio, ou sonho muito louco. Priscila já estava olhando para baixo de novo; quando percebeu sua escorregada, estreitou os olhos passando do meu lado e pisando duro no chão.

— Pode ficar à vontade aí, você e esse seu probleminha urinário.

Entrei com aquela sensação de ter vencido uma batalha e fiz tudo que precisava, sabia que eu tinha provocado seu orgulho quando disse não ser nada de mais, enquanto fiquei por meses tentando ter alguma coisa com ela. Qualquer um teria desistido e partido para outra, mas eu insisti, a provoquei, a analisei e sabia exatamente o momento certo de agir.

Saí do banheiro pronto para mais uma batalha e a encontrei sentada na beirada da cama ainda enrolada nos lençóis, minhas roupas já estavam dobradas em cima da cadeira e era como um convite para que me retirasse, uma sugestão muda de que o nosso momento tinha terminado. Eu poderia ir até ela, beijar seu pescoço preguiçosamente, passar as mãos por aquele corpo tentador e escultural, fazer com que ela me desejasse, mas então eu seria só mais um cara e não era o que queria.

Sem dizer uma palavra, peguei as roupas e me vesti como deu, coloquei a calça social e a camisa ficou aberta mesmo. Com o casaco nas costas e os sapatos nas mãos, eu caminhei até a porta, não disse uma palavra até que ouvi um tipo de urro vindo dela. Sorrindo, virei-me e Priscila olhava para mim, com aquele olhar de mulher fatal. Literalmente fatal, tinha a impressão de que ela tinha ganas de me matar naquele momento.

— Que foi? Entendi o recado, tô indo! Um bom dia para você, Priscila. Obrigado pela noite inesquecível!

Pisquei um olho e saí antes que meu tiro saísse pela culatra e acabasse com algo batendo em minha cabeça, que era um alvo bem chamativo e brilhante. Ela tinha ficado irada e eu adorei aquilo, se não tivesse ligado e ainda me levasse na porta com um beijo, queria dizer que não tinha significado nada para ela.

Caminhei naquele corredor extenso até o quarto que dividia com Jorjão sorrindo e assoviando, feliz, sexualmente satisfeito e com uma perspectiva ótima pela frente. O jeito agora era pensar em uma estratégia que a fizesse vir atrás de mim e me precaver de qualquer ataque dela. Uma coisa era certa, Priscila não deixaria aquela manhã do jeito que ficou.

Entrei no quarto e meu amigo já estava acordado, vestindo só cueca e sentado à mesa, tomando o café da manhã. Ele tinha uma cara amarrada e seu humor não estava dos melhores, resultado do tal celibato que se impôs por conta de seu

último envolvimento amoroso, com a cobra da Vitória. Quando me ouviu, se virou, olhou para mim e fechou ainda mais a cara revirando os olhos.

— Nem fala nada, já chega essa sua cara *transuda* aí.

Arqueei as sobrancelhas e joguei o casaco em cima da cama, deixei que os sapatos caíssem em qualquer lugar e me juntei a ele na pequena mesa localizada ao lado da janela. Tinha muita coisa ali para um café da manhã no quarto. Coisa de gente rica, né?

— E essa palavra existe?

Ele deu de ombros e jogou um pedaço de bolo inteiro na boca.

— Não me importa, só não venha com esse bom humor de quem transou a noite toda. Não quero saber!

— Nem dos detalhes sórdidos?

Ele balançou a cabeça, negando freneticamente e se recostou na cadeira, cruzou os braços e olhou para mim.

— Não mesmo!

— Isso é novidade! Mas o seu celibato não é o único motivo que te deixou com esse humor cristalino.

Jorjão bufou e olhou pela janela.

— Não quero falar sobre isso!

Eu já sabia o que era, desde o momento que aconteceu sabia que meu amigo estava encrocado. Só queria provocá-lo um pouquinho, isso era raro e não seria louco de desperdiçar a chance.

— É a novinha? Ela está te dando trabalho? Cara... Rodrigo te mata, ela é irmã da mulher dele.

Meu amigo se virou para mim me encarando, agora com uma expressão de desespero no rosto. Fiquei até com pena dele por alguns minutos, mas passou

logo porque Jorjão já farreou tanto na vida que era engraçado vê-lo tão desesperado por causa de uma menina tão jovem.

— E você acha que não sei disso? Mas a menina só sabe me irritar, e você sabe o que isso faz comigo.

Eu sabia, ele tinha uma mania estranha de ficar meio que obcecado por mulheres que o irritavam. Já tivemos essa experiência e ele ficou com o coração partido, começou a evitar esse tipo de relacionamento. Até que encontrou uma adversária à altura. Só que vários fatores impediam aquilo de acontecer.

— Bom, só posso te desejar boa sorte. Ela é jovem, logo parte para irritar outro e você precisa sair desse celibato. Tenho certeza de que falta de sexo está mexendo mais com a sua cabeça.

Ele negou veementemente e suspirou fundo.

— Ainda não, mas eu vou lidar com a Thays. Sou adulto e não vai ser uma menina que vai me tirar do sério.

Esperava que ele tivesse razão, se sua convicção em evitar a moça fosse tão grande quanto a minha em conquistar Priscila, poderia ser que ele conseguisse, mas eu tinha minhas dúvidas, a menina não era daquelas que desistia fácil.



Capítulo 3

*Não precisa mudar
Vou saber fazer o seu jogo
Saber tudo do seu gosto
Sem deixar nenhuma mágoa*

(Não precisa mudar – Ivete Sangalo)



Priscila Marins

Se tinha uma coisa que sempre incomodou e até envergonhou minha família foi meu temperamento forte e a falta de vontade de mascarar minhas explosões de raiva. Mesmo com dezoito anos, que foi quando eu saí de casa para viver sozinha, tinha propensão a explodir cada vez que me irritavam.

Aquele homem era esperto, sabia exatamente o que estava fazendo, e eu sabia o que ele estava tramando. Mas o pior, meus amigos, é que estava funcionando. Filho da mãe! O que foi aquilo na porta do banheiro?

Socorro! Não podia pegar uma toalhinha, ou até o edredom para esconder aquela... coisa? É, porque só um pano bem longo para esconder aquilo tudo. Juro que tentei manter alguma compostura e não olhar para o dito cujo, mas era como um imã. A gente tentava não olhar, só que nossos olhos eram atraídos para lá. Eu quase morri quando o vi em posição de sentido.

E você acha que o rapaz ia seguir seu caminho em paz, me deixar ali com uma vontade monstra em repetir a dose, mas não iria falar nada para não me constranger... só que não, né?

Ele fez exatamente o que me faria pensar nele por muito tempo. Até mais do que eu queria admitir.

Aquelas mãos fortes e experientes eram perigosas, deviam vir com aviso de

que eram viciantes. E até mesmo agora, parada na frente da minha melhor amiga no meio do aeroporto, me lembrava de como nos movemos em perfeita sincronia, de como nossos corpos se encaixavam de uma forma que nunca acontecera.

— O que aconteceu com você? Você dormiu com alguém?

— O quê, como assim?

Mileni estreitou os olhos e apontou para o meu rosto.

— Essa cara aí de quem transou a noite inteira e que foi bom, esse brilho nos olhos.

Naquele momento, eu pensei que seria uma boa se me candidatasse a um próximo filme que minha amiga produzisse, porque, olha, fui uma ótima atriz escondendo a minha surpresa pelo que Mileni disse.

Arranhei a garganta e sorri irônica.

— O quê? Mileni, você tá maluca? Desde quando a gente sabe que alguém transou só pelo brilho nos olhos?

— Desde que eu vejo esse brilho toda vez que tenho uma noite incrível com Rodrigo! — Levantou um ombro e sorriu encantada.

Garota, como eu estava orgulhosa da minha amiga. Ela tinha se transformado e mostrava estar aproveitando muito bem aquela fase deliciosa da vida.

— Foi com o Capitão América? Me conta tudo!

Revirei os olhos e respirei profundamente.

— Acha mesmo que, se eu passasse a noite com ele, você não seria a primeira a saber? É do Steve Rogers que estamos falando! Acho até que faria uma selfie com o bichinho dormindo do meu lado e postaria nas redes sociais. E olha que odeio essas coisas, hein, mas ei, é o Capitão. — Eu ri e dei de ombros. — Amiga, não aconteceu nada. Infelizmente, não serei a futura senhora Evans, que pena!

— Hum, tudo bem. Vou respeitar sua vontade em manter segredo do deus do sexo que te deixou desse jeito. — Eu poderia contar, Mileni não diria nada de ruim, até aprovaria. E era aí que morava o perigo, ela começaria a fazer planos que eu não estava disposta a cumprir. — Por que você não fica mais?

Ela continuou falando e mudou completamente de assunto, o que foi um alívio para mim. Balancei a cabeça e olhei para a fila de *check-in*.

— Preciso ir, amiga. O estúdio não funciona sem mim e minhas alunas têm um cronograma a seguir, não posso me ausentar por muito tempo.

— Você precisa tirar férias, tá trabalhando demais! — O cenho franzido e preocupado dela demonstrava o quanto se importava comigo. Isso aquecia meu coração de forma reconfortante, era maravilhoso ser querida por Mileni Pontes.

— Olha quem fala... eu tô bem. Sabe que dançar e ensinar para mim nem chega a ser trabalho, é uma paixão. Quando a gente ama o que faz é assim. Você deveria saber.

Mileni sorriu e estendi o braço a puxando para um abraço apertado.

— Curta seus dois dias em Nova Iorque, leva o Digão para passear na Times Square.

Soltei-a e Mileni olhava para mim com carinho, porque ela sabia o quanto eu não lidava muito bem com sentimentos profundos.

— Acho que ele não pretende sair muito do quarto sem necessidade. Pode deixar que vou aproveitar bastante. — Ela sorriu, virou-se e voltou para mim. — Olha que legal, você não vai viajar sozinha. Paulão e Jorjão estão voltando hoje também.

Meu sorriso e minha tranquilidade sumiram no momento em que meus olhos se conectaram com os dele, que de longe me encarava com um sorriso de lado irresistível e sugestivo até para a pessoa mais distraída do mundo. Esperava que Mileni não reparasse nisso.

— Olha que legal... — Minha voz saiu esganiçada igual de um pato rouco e pigarreei tentando recuperar a compostura. Voltei minha atenção para Mileni que me encarava atentamente com um sorriso no rosto. — Amiga, vou indo. Não se

preocupa, tá? Aproveita seus dias com seu amor e depois vai ganhar o mundo. Tô sentindo muito orgulho de você nesse momento.

Mileni assentiu com os olhos cheios de lágrimas e voltou a me abraçar.

— Não sei por que estou me sentindo assim, vou te ver em poucos dias.

— É porque você não sabe ficar longe de mim. Me ama!

Ela se afastou e sorriu, assentindo. Há coisas que não adianta negar.

— Vai lá, sua convencida, te amo, tá?

Concordei com um aceno e nem precisava dizer nada, Mileni me conhecia e sabia que nossa amizade era maior do que qualquer palavra pudesse traduzir. Fui me afastando dela carregando minha mala de rodinhas e entrei na fila do *check-in*, nem estava muito grande e eu queria logo entrar no avião, colocar os fones de ouvido e dormir a viagem toda. Não queria dar sorte para o azar e acabar no banheiro apertado sendo imprensada por um cara grande, forte, tatuado e careca.

E sabe o que dizem quando você invoca uma pessoa em pensamento e ela aparece às suas costas? Bem, naquele momento era um fato real. Assim que ele parou atrás de mim senti seu calor, e toda a sua presença me incomodando de uma forma que foi impossível de ignorar.

Olhei por cima do ombro e Paulão sorria para mim daquele jeito doce, que faz você querer pegá-lo no colo e não soltar mais.

Contudo, meu corpo pedia por outra coisa, mas decidi ignorar o traidor.

— Que coincidência voltarmos no mesmo voo.

Sério? Era isso que tinha para falar naquela altura do campeonato? Claro que ele percebeu o quanto eu estava nervosa, o sorriso irresistível apenas aumentou.

— Não é? Consegui mudar hoje cedo.

— Conseguiu, é?

Ele assentiu e virou-se para olhar Jorjão se despedindo de Rodrigo e Mileni.

— Parece que Jorjão estava doido para voltar para casa. Soube que o voo da Thays seria à tarde e não queria trombar com ela. Causaria constrangimento, algo assim.

É, eu entendia bem o que ele queria dizer. Mas Paulão parecia não ter problema nenhum quanto ao clima estranho entre nós, era como se nada tivesse acontecido e, de alguma forma muito estranha, eu me incomodei com isso quando, na verdade, deveria estar feliz por não ter que dar um fora nele.

Virei-me com a cara amarrada e não falei mais nenhuma palavra até que chegou a minha vez, entreguei minha passagem e passaporte para a moça e sorri quando ela me cumprimentou. Ou, pelo menos, tentei, acho que pareceu mais uma careta.

Por que ele estava levando o que aconteceu de forma tão fácil? Eu queria mesmo que ele estivesse grudado em mim pedindo por mais?

Não, eu não queria.

Droga, quem eu estava tentando enganar?

Eu queria sim!

Estava perdida, tinha que entrar logo naquele avião e dormir o máximo de tempo que conseguisse.

Quando a mulher simpática me devolveu o passaporte e a passagem me desejando uma boa viagem pensei em correr, mas acabaria sendo barrada com suspeita de tráfico ou coisa assim. Com a minha sorte ficaria presa somente por ser dramática.

Mas, caramba, as pessoas também não colaboravam comigo!

Antes que eu conseguisse me afastar do balcão senti-o se aproximando e abaixou a cabeça, sussurrando:

— Talvez possamos encontrar uma forma de passar o tempo no banheiro do avião.

Ai, meu Deus! Deu pra ler meus pensamentos também?

Senti meu corpo respondendo de imediato e me arrepiei toda com as imagens que invadiram minha mente. Virei o pescoço e olhei bem dentro dos olhos escuros, doces e irresistíveis.

Fiquei tentada em aceitar. Quem eu queria enganar? Em outro momento, outra cara, provavelmente eu aceitaria. Que adrenalina maior do que transar em pleno voo? Contudo, eu não estava sendo eu ultimamente, melhor, com ele.

— Isso. — Apontei para mim e para ele. — Não vai se repetir, Paulão!

Ele sorriu de lado, se afastou e foi até o balcão entregar as coisas para a moça que nos olhava com curiosidade, não entendendo bulhufas, mas quando é treta a gente entende em qualquer língua.

— Se você acha isso... Vou adorar te lembrar do que disse quando acontecer.

Ok, não havia coisa melhor para fazer você mudar de excitada para irritada do que te contradizer ou provocar de uma forma não muito saudável. Senti meu humor mudando e estreitei os olhos. De onde vinha tanta arrogância? Parecia que tinha dormido com Paulão e acordado com o pé no saco do Jorjão, eca!

Não conseguia nem formular uma frase para responder, porque sabia que me arrependeria do que diria. E falando sério, nem mesmo eu acreditava no que disse. Como não poderíamos ficar a vida inteira sem interagir, porque nossos melhores amigos estavam apaixonados, inevitavelmente aquela tensão sexual explodiria e eu acabaria caindo em tentação de novo.

Por que não poderia ser mais fácil?

Depois de algum tempo, finalmente estava dentro do avião, encolhida em minha poltrona, confortável com meu travesseiro de pescoço e pronta para o meu cochilo, pelo canto do olho vi Paulão e Jorjão entrando. Era até engraçado ver os dois tão grandes dentro daquela caixa de metal apertada.

Logo desviei os olhos, fingindo estar concentrada em qualquer coisa, menos nos dois, até que senti uma presença ao lado. Não podia ser, sério?

Devagar, virei a cabeça e o encontrei sorrindo para mim.

— Parece que seremos parceiros de viagem.

Ótimo! Sorri de boca fechada e arqueei as sobrancelhas, encolhendo-me ainda mais na poltrona, o que fez com que Paulão gargalhasse alto.

— Você é demais, Priscila. Tô brincando, minha poltrona é a de trás, quem vai sentado contigo é o Jorge. — Inclinou-se vendo o amigo se aproximar. — Fica tranquila que, mesmo assim, se quiser, faremos nossa aventura no banheiro. Só pense nisso, ok?

Levantou-se e passou para a sua poltrona, logo atrás de mim. E eu não sabia o que era pior, tê-lo sentado comigo, ou sentir o peso do seu olhar no meu pescoço.

Respirei fundo quando Jorjão se sentou ao meu lado, esperei que ele dissesse alguma gracinha, mas o homem estava estranho. Sério demais!

Cutuquei-o com o braço e esperei que notasse minha presença. Jorjão piscou e virou-se notando minha presença só naquele momento.

— Ah, oi, Priscila!

— Tudo bem?

Ele assentiu freneticamente, sem parar, parecia até aqueles cachorrinhos que a gente coloca no carro e fica balançando a cabeça.

— Sim, por quê?

Dei de ombros e franzi a testa.

— Não sei, talvez porque você não parece você. Sinto que irá ter um surto a qualquer momento. Tá com medo de voar?

E, novamente, ele parecia um lunático. Negou com a cabeça mais de uma vez e fiquei com medo de ficar tonto.

Fiz uma careta e espiei por cima da poltrona vendo o Paulão rindo do amigo. Ele devia saber o que estava acontecendo.

— Quer trocar de lugar com ele, não?

Paulão sorriu e apontou com o queixo para a porta do avião.

— Acho que meu amigo não sai daí nem amarrado. Thays está sentada ao meu lado, ao que parece ela mudou a passagem também.

Ah! Entendi...

Jorjão parecia estar tendo um dia daqueles e não consegui evitar o prazer maléfico de não ser a única a sofrer dentro daquele avião. Mas ele estava em um estado pior do que o meu. Quando a menina passou ao nosso lado, me cumprimentou com um aceno, deu uma encarada em Jorjão e se sentou ao lado de Paulão, eu finalmente fechei os olhos e coloquei os fones.

Aquele voo seria longo...



Capítulo 4

*O nosso santo bateu
O amor da sua vida sou eu
Tudo que é meu hoje é seu
E o fim nem precisa rimar*

(O nosso santo bateu – Matheus e Kauan)

Paulão Lima

Eu olhava para o topo de sua cabeça e tentava imaginar o que ela estava fazendo. Será que dormia mesmo? Já tinha se passado duas horas de voo e Priscila não havia se movido, nem falado nada. Jorjão estava morto na poltrona, depois de tomar remédio para dormir ele capotou. Thays estava lendo um livro e eu não conseguia fazer nada, só pensar no quanto estava perto dela.

— Ela gosta de você!

Estava tão distraído que levei um susto com o sussurro de Thays, que se inclinou para falar bem pertinho de mim. Ela havia fechado o livro e sorria, parecendo demais com a irmã, tirando os olhos, elas eram quase idênticas. Pelo menos, eu achava. Thays era muito bonita e poderia fazer carreira como atriz fácil, mas o que ela queria mesmo era estar por trás das câmeras não à frente delas.

— O quê?

— A Pri gosta de você. Tá parecendo um cachorrinho perdido olhando para a cabeça da mulher que resolvi acalmar um pouco o seu coração.

Sorri da forma que ela falou e voltei meu olhar para ver se ela ainda permanecia imóvel e sim, ainda se encontrava do mesmo jeito.

— Igual um cachorrinho perdido?

Ela assentiu sorrindo e se ajeitou em sua poltrona novamente, abrindo o livro.

— É, com os olhinhos caídos, as sobrancelhas juntinhas e o bico de triste.

— Não tô fazendo bico.

— Tá sim! — Ela assentiu e ficou me olhando esperando eu contradizê-la. Mas não fiz.

Se tinha algo que aprendi em meus anos sendo amigo do Jorjão era que teimar com pessoas fanfarronas só davam munição a eles.

— E você? Por que mudou o voo? Pensei que fosse querer ficar com a sua irmã, fazer alguns contatos, fazer compras...

Parecia que eu tinha mexido em um ponto delicado, sem perceber ela olhou para frente, especificamente para a cabeça caída do Jorjão e voltou a se concentrar no livro novamente. Bem, fingindo, na verdade. Deu de ombros e suspirou.

— Não estava com vontade de fazer nada disso e a perspectiva de chegar ao Brasil na madrugada não me agradou.

— E não tem nada a ver com a nossa mudança de horário?

Ela virou a cabeça para me olhar muito rapidamente.

— E por que teria?

E foi minha vez de sorrir, a vingança era uma coisa boa, afinal.

— Nada...

Thays não era uma menina de ficar escondendo as coisas, muito menos de omitir o que queria, mas eu suspeitava que tinha mais do que atração e vontade de irritar um ao outro ali.

Não que eu fosse ser o cara a dar nomes aos bois.

Depois de nossa conversinha casual passamos o resto do voo em silêncio, em dado momento peguei no sono e acordei com o aviso de apertar os cintos. Todos

já estavam despertos e Thays não olhava para mim, entretida novamente em seu livro.

Quando pousamos ela parecia ter sido mordida por algum bicho e saiu em disparada, Jorjão se virou para mim com o cenho franzido em uma pergunta muda e dei de ombros sem saber responder sobre o que tinha acontecido.

Meus olhos foram atraídos para Priscila que juntava suas coisas para descer, quando Jorjão saiu dizendo que me esperaria para irmos para casa juntos eu me mudei para o lado dela, estendendo a mão para ajudar.

Olhou para mim e vi tanta vulnerabilidade estampada diante de mim que me arrependi por um minuto por estar jogando assim com ela.

— É impressionante, entrei nesse avião com tudo dentro da bolsa e agora não cabe.

Ela abaixou os olhos constrangida e tentou enfiar o travesseiro dentro da bolsa, sem sucesso, que ficava quase todo para fora.

— Deixa que eu levo, tô só com a mochila.

— Sorte a sua, homem é fácil, né? Só enfiar algumas coisas na mochila e tá pronto para botar o pé na estrada. — Revirou os olhos e me estendeu o travesseiro, colocando a bolsa no ombro. — Normalmente não ando com tanta coisa, mas como era algo tão importante para a Leni e não queria ninguém colocando a mão em mim, trouxe minhas coisinhas. Esse troço deve ter crescido durante a viagem, porque cabia.

Priscila olhou para mim, sorriu em agradecimento e me estendeu o negócio que tinha crescido. Ela saiu para o corredor, abriu o compartimento de bagagem e me adiantei, pegando sua mala, ela sorriu e tomou à frente, segui-a em silêncio, cumprimentamos a aeromoça e saímos do avião, o calor do Rio de Janeiro nos recebeu, mesmo sendo noite.

Ela parecia relaxada, respirou fundo, olhou para o céu estrelado e sorriu virando-se para mim.

— É bom estar em casa, não é?

Assenti sem conseguir dizer uma palavra. Sem que pudesse me conter, olhava para ela como se estivesse enfeitiçado e era isso mesmo que tinha acontecido comigo desde o momento que ela entrou em minha oficina pedindo para consertar seu carro.

— Que foi?

Priscila olhava para mim enquanto caminhávamos para o portão de desembarque e eu sorri, balançando a cabeça, tentando colocar as ideias no lugar e não ficar parecendo um idiota encantado pela mulher incrível a minha frente.

— Não queria ninguém colocando as mãos em você, é? Pelo que me lembro foi bem receptiva ao meu toque!

Por que eu disse aquilo? Não sei, mas só conseguia pensar em como eu a toquei em todas as partes e em como ela adorou cada vez que minhas mãos estiveram sobre seu corpo. E por estar parecendo um adolescente inexperiente usei o que disse para aliviar a minha tensão.

Não foi inteligente!

Ela pareceu demorar a entender e, quando aconteceu, respirou fundo e olhou para frente, se limitando ao silêncio, mas, de alguma forma, eu parecia saber o que ela estava pensando. Porque era o mesmo que eu: flashbacks da nossa noite, que nem tinha passado vinte e quatro horas ainda, estavam vividos em nossa memória e em nossa pele.

Porém, ao contrário da reação que era esperada de Priscila Marins em uma situação dessas, ela pareceu ficar incomodada e até chateada com o meu comentário infeliz.

Quando chegamos do lado de fora, vi Jorjão me esperando enquanto mexia no celular, Priscila olhou para a fila de táxis e ficou pensativa.

— Pri, desculpa. Não quis ser indiscreto. É tão fácil brincar com você, gosto de te irritar um pouquinho. — Coloquei sua mala no chão entre nós e não tinha mais onde colocar as mãos. Tinha feito besteira, sabia disso.

Ela sorriu amargamente e me encarou.

— Não pensei que você fosse esse tipo de cara, mas a gente se engana com as pessoas. Achamos que as conhecemos, mas não dá pra conhecer alguém só de olhar. Ou de passar a noite com ela. — Respirou fundo e puxou a alça da mala.
— Eu já te disse, Paulão. Não vai acontecer de novo, desculpa se tem esperanças. Mas não dá.

Engoli em seco e assenti, uma tensão estranha se apossou de nós e eu só gostaria que a mulher tranquila que desceu do avião comigo retornasse. Arrependi-me de abrir a boca.

— Vamos conosco, dividimos o táxi.

Ela negou com a cabeça e começou a andar, puxando a mala.

— É melhor não, nos vemos por aí. Ok?

E foi embora me deixando com o coração acelerado, com uma vontade enorme de correr até ela, tirar aquela tristeza e conformismo sombrio de seus olhos. Mostrar a ela o quanto seríamos bons juntos, como já tínhamos tido uma prova disso na noite anterior. Mas não podia forçá-la a me querer, poderia continuar com aquele jogo de não estar nem aí e ver se ela daria o próximo passo. Contudo, a verdade era que, no momento, minhas esperanças estavam nulas.

Aproximei-me de Jorjão, que me olhou com a testa franzida.

— Que cara é essa?

— Nenhuma, vamos embora porque quero cama.

— Tá bom, senhor mal-humorado.

Ele deu de ombros e agradei por não me encher com suas gracinhas, não estava bom para isso no momento e acabaria falando merda. Ele não tinha culpa por eu ser um idiota e falar besteira quando não devia.

Só que eu não podia deixar as coisas daquele jeito, por mais que estivesse nos meus planos lidar com o que tivemos de forma leve, como se não tivesse sido nada, sendo que foi tudo. Eu sentia como se a forma que ela ficou estranha com a minha brincadeira não tivesse a ver com isso, mas algo maior do que eu sabia.

Peguei o celular no bolso da calça quando entramos no táxi e digitei uma mensagem:

Paulão: *Me desculpe, sou um idiota bronco acostumado a lidar só com os caras da oficina. Não quis tirar sarro de você.*

Engoli em seco aguardando uma resposta. Quando apareceu o sinal de que ela tinha lido a mensagem, meu coração parecia pular pela boca.

Priscila: *Não tem problema, tá tudo bem. Você não é idiota e nem bronco. Tenha um bom descanso, bjs. :**

Aquela era uma mensagem clara de que ela não diria mais nada e bloqueei a tela, encostei a cabeça no banco do carro e fechei os olhos. Restava-me dar um tempo para que as coisas voltassem ao normal.



*Tudo o que quer me dar
É demais, é pesado
Não há paz
Tudo o que quer de mim
Irreais
Expectativas desleais*

(Boa sorte / Good Luck – Vanessa da Mata e Ben Harper)

Priscila Marins

Eu não sabia lidar com Paulo Henrique Lima. Era fato! Tudo nele me confundia, me tirava da zona de conforto e me fazia quase enlouquecer.

Não que isso fosse algo difícil de se fazer, mas ele mexia com meus sentimentos de uma forma que chegava a ser constrangedor. E foi isso que me fez surtar com sua brincadeira no aeroporto. Não foi nada grave, apenas uma provocação, mas que me fez lembrar de coisas que preferia ter deixado em solo americano.

Depois que cheguei em casa desliguei todos os meios de comunicação e permaneci isolada do mundo por vinte e quatro horas, tomando para mim um tempo necessário para colocar o sono em dia e também a cabeça no lugar.

Com o espírito renovado, ou ao menos em partes toquei a minha vida normalmente, tentando esquecer tudo que havia vivido naquele quarto de hotel com aquele homem incrível. E sendo sincera, depois também.

Encontrá-lo no aeroporto, conversar com ele e até embarcar em suas provocações me fez um bem que não esperava. Eu só tinha que decidir se dava corda para ver até onde iria, ou se cortava totalmente o cordão que nos prendia.

Aquele dia em especial, eu estava bem sensível, tinha tido um sono agitado, com lembranças de um passado feliz e doloroso que não era bem-vindo na fase

que me encontrava, e quando ficava assim eu gostava de dançar, me fazia bem descarregar tudo dessa forma e me sentia nova em folha. Fiquei em meu estúdio de dança, depois da primeira aula do dia. Fazendo o que eu mais amava na vida, que era dar alma aos meus movimentos, era ali que conseguia me expressar, conseguia sentir sem barreiras ou limites.

A vida inteira fiz balé clássico e era muito boa nisso, se eu fosse alguém que seguisse o que esperavam de mim, poderia ter me tornado uma bailarina famosa e rodar o mundo através da minha arte. Porém, como nunca fui de obedecer a regras ou qualquer coisa, dei asas aos meus sonhos que era a dança de rua.

Meus pais foram contra e tentaram me persuadir, foi quando decidi que precisava viver a minha vida e caminhar sozinha.

Com isso passei a misturar duas paixões, clássico e contemporâneo, sofisticado e rústico, tudo em um emaranhado de sentimentos, que na batida eletrônica ditava os meus movimentos, fazendo com que cada passo fosse preciso, perfeito e intenso. Minha respiração me respeitava, sabia seu tempo, só meu coração que queria desafiar toda a sincronia, ele batia descompassado, sem medo ou dúvidas. Ali eu fazia o que amava, sem culpa, dor, nem mesmo os fantasmas me alcançavam quando eu dançava.

Era o meu refúgio, a minha salvação.

A música acabou e parei no meio do salão, respirando rapidamente então, permitindo que meu corpo se recuperasse e, quando percebi que estava sendo observada, virei-me sorrindo.

— Há quanto tempo você está aí?

— Acho que, assim que a música começou, não quis te interromper. Fica tão linda quando dança! — Mileni se aproximou de mim e me deu um abraço apertado, aquela garota significava mais para mim do que sabia, não tinha ideia das vezes que me salvou de mim mesma sem se dar conta. — Cheguei hoje e logo vim te ver!

Afastei-me um pouco para olhá-la nos olhos. Desde que conheceu o *Big Mac* seus olhos estavam sempre brilhando, as bochechas viviam coradas, provavelmente por horas de atividade no quarto, como mencionou para mim no aeroporto antes de eu vir para casa, mas aquele sorriso pleno que estava em seu

rosto, enfeitando ainda mais aquela beleza tão perfeita, era por amar e ser amada.

— Menina, devo estar podendo mesmo. Pensei que ia se enfiar em casa com seu Digão.

Ela balançou a cabeça e deu um passo para trás.

— Ele foi até a oficina, o homem é viciado em trabalho. Tinha que finalizar alguns carros e resolver algumas coisas com Paulão e o Jorge.

Ai, aquele nome. Só de ouvir ficava mexida. Mileni ainda não sabia o que tinha acontecido e eu deixaria assim por enquanto. Pelo menos, até que eu não me sentisse tão atraída por ele, sabia que minha amiga não deixaria as coisas como estavam. Começaria a inventar uma história de amor, um romance épico onde não era possível. Esse sentimento só machucava e eu não estava disposta a adicionar mais culpa nas minhas costas.

— Sei, mas me conta. Como foi tudo por lá? Ficar mais um dia naquele paraíso de hotel, deve ter sido delicioso.

Leni não pôde vir conosco por conta de acertar alguns detalhes com a produção do filme, tinha que viajar para fazer algumas *premières* e já aproveitou para manter Rodrigo com ela, aproveitar um tempo juntos antes de partir em turnê de novo.

O sorriso sem graça dela já denunciava que nem deve ter saído do hotel como eu sugeri que fizesse para levar Rodrigo em um passeio.

— Não vi muita coisa, sabe como é. Rodrigo não está acostumado com o clima do exterior e achou muito frio.

— Uhum, sei. E arrumou um jeito de se esquentar no meio das suas pernas?

— Priscila, você não tem filtro?

— Você sabe que não! Mas, então, não preciso dos detalhes porque sei que foi incrível passar esses dias lá. Quando você viaja?

Seu sorriso morreu e ela ficou cabisbaixa, andou até os pufes que tinha ao redor do salão e se jogou em um deles olhando para mim com carinha de

cachorro abandonado.

— Amanhã. Não sei nem o que vou fazer, ficar longe de vocês de novo vai me matar.

Balancei a cabeça e andei até ela, sentei-me ao seu lado e olhei pra Mileni até que ela dissesse o que realmente a estava incomodando. Não era só a viagem. Uma das coisas que minha amiga amava fazer da sua profissão era as *premières*, depois de atuar. Claro!

— Desembucha, Mileni!

— Não fica brava comigo!

— Já tô ficando. Sabe que odeio essa porra de adivinhação.

Ela abaixou a cabeça, tirou a bolsa do ombro e a abriu, tirando uma revista estendendo-a para mim.

— O quê? Saiu alguma nota ruim sobre o filme e você está mal? Sabe que essas coisas são assim, cada pessoa tem um gosto e ninguém conseguiu agradar a todos, amiga.

— Não é isso, Priscila. Abre na primeira página.

Às vezes, minha amiga era tão dramática. Peguei a revista e abri na primeira página, havia um título enorme falando sobre a festa e comecei a ler, eram elogios para o filme, a recepção e falava até do romance lindo que Mileni vivia. Começou a citar os convidados falando de como eles “atuaram” lá e foi quando o que eu mais temia se tornou realidade.

No momento em que soube quem Mileni Pontes era e o risco que significava ser sua amiga, eu soube que esse dia chegaria. Anos se passaram, uma amizade linda foi construída e eu esqueci. Parei de tomar cuidado, baixei a guarda. E ali estava meu nome e foi quando eu vi a foto.

Estava eu, Mileni, Paulão, Jorge, Thays e Rodrigo no meio de uma conversa animada, e captaram tão claramente meu rosto que até a cicatriz que eu tinha na sobrancelha conseguia ser vista.

— Meu Deus!

— Não surta, Priscila.

— Não surta? — Levantei os olhos daquele monte de coisa que fez meu coração bater devagarinho, com medo de ser ouvido, de ser descoberto. Ele ficara tanto tempo disfarçado, agora estávamos prestes a sermos desmascarados. — Eu disse que não queria nada disso, estão falando até das aulas que tenho dado no estúdio da produtora. Sabe o que isso significa, Mileni?

Levantei-me nervosa, não sabia o que fazer. Queria correr, gritar, me esconder, sumir do mapa. Se eu fosse para algum país bem longe não me encontrariam, tinha certeza de que Leni me emprestaria o dinheiro para eu ir, não antes de eu contar o porquê. E não estava disposta a quebrar a imagem que ela tinha de mim. Quando – porque não era uma questão de se – ela descobrisse tinha certeza de que se decepcionaria comigo. Assim como todos na minha vida.

As pessoas me conheciam, formavam uma opinião baseado em meu rosto, atitudes e personalidade. Das duas uma, se decepcionavam ou se iludiam. O que mostramos na casca não chega a um terço do que temos em nosso íntimo.

— Pri, fala comigo, amiga.

Virei-me e Mileni estava de pé, abraçada a bolsa, como se estivesse se protegendo do meu ataque de loucura. Eu estava com medo e minha primeira reação de autodefesa era atacar, não podia culpá-la. Minha amiga me conhecia bem até demais e me amava mesmo assim. Sendo louca e bipolar.

— Não posso, você não entende o que isso significa.

— Então me conta. — Ela andou até mim, vendo em meus olhos o quanto eu estava abalada e não tinha forças para revidar ou qualquer merda que eu estivesse acostumada a fazer. — Diz para mim o que tanto te machuca, o que você esconde de tão importante que te faz se esconder assim?

— Não! — Respirei fundo, sentindo meu coração bater tão rápido que senti um nó se formando em minha garganta, praticamente me impedindo de respirar. A vontade de dizer tudo a ela era grande. Sabia que Mileni entenderia, ficaria do meu lado. Minha amiga tinha um coração enorme, mas eu não estava pronta ainda. — Você precisa ir, eu quero um tempo para, pelo menos, absorver isso e

me assegurar das consequências

— Você vai fazer isso mesmo? Vai se esconder, fugir de novo?

Uma coisa que eu tinha aprendido em minha vida era que o ataque era a melhor forma de defesa, magoá-la a faria ir embora e me deixar sozinha. Virei-me com um sorriso ácido no rosto.

— E não é o que você está acostumada a fazer? Se lembra, não tem muito tempo, que te busquei naquela ilha porque você não conseguia enfrentar os repórteres te acusando de ter sido responsável pela morte do Bento, que não conseguia olhar para o seu amigo e ver que não era o que pensava e que não podia ver nos olhos do homem que amava a decepção de você não ser tudo que ele imaginava?

Aquelas palavras doeram tanto em mim, quase quis engoli-las assim que saíram da minha boca, ainda mais depois que eu vi o que causou nela. Seus olhos perderam o brilho e seus ombros caíram ainda mais demonstrando que tinha acertado em cheio.

E é assim que você mata uma amizade, um sentimento tão puro. Isso era o que eu estava acostumada a fazer, no que era melhor: machucar! Não sabia o que era amor e não tinha como alguém assim amar.

Mileni assentiu, engolindo em seco, e respirou fundo.

— Você está machucada, entendi. Vou indo então, quando estiver normal de novo e quiser conversar sabe onde me encontrar. Fica bem, eu amo você!

E ela se virou, saindo do estúdio. Eu só queria correr atrás da minha amiga, abraçá-la e pedir perdão por tudo o que disse, lhe contar toda a minha vida. Não as partes boas e as invenções de uma mente perturbada, mas a verdade nua e crua.

Fechei meus olhos para me impedir de fazer isso, não tinha condições de lidar com nada do que viria agora que meu nome estava nas revistas de novo. Não teria como me esconder, me encontrariam cedo ou tarde. Eu só podia esperar para que o estrago não fosse grande demais, só tinha que ficar de pé e deixar a tempestade passar e torcer para que não me carregasse inteira dessa vez.



Capítulo 6



*E a vida tão generosa comigo
Veio de amigo a amigo
Me apresentar a você*
(Monalisa – Jorge Vercillo)



Paulão Lima

Como disse Mario Quintana: “*a amizade é o amor que nunca morre*”; para mim, a amizade é um presente que não é tão fácil de encontrar, não a de verdade, a sincera.

Sempre acreditei nisso piamente. O problema é que, às vezes, a gente confunde as coisas. Nem todos que conhecemos são nossos amigos, nem sempre nos querem bem. É bem raro ter um amigo verdadeiro, aquele que você pode contar para qualquer coisa, pode ficar a quilômetros de distância, anos sem ver, que parece não ter se passado um segundo. Esse tipo de amizade deve ser guardada e cultivada no coração como um tesouro.

Eu encontrei isso em Rodrigo e depois em Jorjão. Os dois foram peças chaves para eu me tornar o homem que sou hoje, o apoio e aceitação que tive dos dois, não encontrei nem mesmo na minha família. Era um cara diferente e a diferença não era bem-vista pelo mundo.

Dois dias tinham se passado desde que voltamos dos Estados Unidos. Retornar à rotina não foi fácil, mesmo que tenhamos ficado por lá pouquíssimo tempo, ainda restava aquela sensação estranha de fuso horário; para quem nunca tinha viajado para tão longe, não foi tão simples pegar no ritmo novamente.

Rodrigo tinha ficado por lá com Mileni. Ela precisava resolver algumas coisas antes da turnê de divulgação do filme começar. Previa um *Big Mac* bem

chateado por sentir falta da namorada, não deu outra. Quando o vi entrando na oficina, cabisbaixo, claramente triste e chateado, como se alguém o tivesse chutado, já fui logo rindo da cara do meu amigo.

Quem imaginaria o bruto do Digão desse jeito?

Era impressionante ver como ele tinha mudado nesses tempos desde que conheceu Mileni Pontes, atriz internacional, rica, independente e famosa. Tudo que ele não queria para a sua vida. Claro que foi uma bagunça de repórteres e um monte de coisa que surgiu para atrapalhar os dois, mas quando era para ser meu amigo, não havia nada que atrapalhasse.

Rodrigo entrou na oficina e demorou alguns segundos para o Jorjão notar a presença do nosso amigo ali, que se deitou naquele negócio maluco que fizemos imitando um pufe.

— Que cara é essa? — Aproximei-me dele, limpando a mão suja no pano que guardava no bolso da calça e cruzei os braços, parando a sua frente. — O que você comeu lá nas gringas que não te fez bem?

— Tá tendo indigestão por causa da comida dos ricos, Digão? — Jorjão parou ao meu lado, estava sorrindo de lado a lado.

Jorjão parecia mais relaxado naquele dia, bem diferente do cara que me encontrou no quarto de hotel, depois de sumir por quase uma hora, dizendo que precisávamos mudar nosso horário de voo. Não fiz muitas perguntas, porque eu não era disso, mas que o bichinho da desconfiança me mordeu, isso era fato.

Rodrigo levantou a cabeça apenas para deitá-la para trás, olhava para o teto com uma expressão de perda, era como se alguém tivesse morrido. Eu logo fui imaginando um monte de coisas, sabe se lá o que poderia ter ocorrido para o cara ter ficado desse jeito, mas, quando ele falou, minha vontade foi de rir da cara do paspalho.

— Mileni vai embora amanhã e só volta daqui um mês! — Aquela voz de sofrimento era como se alguém tivesse morrido de verdade.

Jorjão não perdeu tempo e começou a gargalhar alto da cara de cachorro perdido de nosso amigo.

— Porra, velho! Eu vivi para ver essa merda. Digão, você virou aqueles caras que a gente zoava quando choravam por causa de coração partido. Parece que mataram seu cachorro, cara. Onde foi que você esqueceu suas bolas lá nas gringas?

E dá-lhe risada alta, não sabia mais se ele estava mesmo achando graça ou se estava rindo de nervoso por causa de sua própria situação. Poderia ser os dois, sua situação não era das boas. Eu pensei em mencionar sobre Thays, só para implicar, mas decidi deixar a munição para depois. Balancei a cabeça, descruzei os braços e me joguei deitado ao lado do meu irmão.

— Digão, você sabia que isso estava por vir. É o trabalho dela, cara. E olha, passa logo. Não vai demorar muito e vocês estarão juntos de novo. Onde Mileni está? Por que não fica com ela hoje o dia todo, assim vocês aproveitam para matar a saudade que ainda nem chegou. — Eu era o amigo dos panos quentes, mas claro que não poderia deixar de provocar por causa desse drama todo.

Se não fosse o fato de que ele não percebeu.

Meu amigo fez um muxoxo e suspirou bem fundo.

— Eu tenho que resolver algumas coisas com os fornecedores.

Estalei a boca e o empurrei com o ombro. Desde que nos conhecemos, o cara só sabia trabalhar, aliás, era por causa dele que nos tornamos mecânicos e montamos nosso negócio juntos. Se não fosse por Rodrigo nem sabia aonde estaríamos.

— Amanhã você faz isso. A oficina sobreviveu quase uma semana sem você e podemos aguentar mais um dia.

Depois que fizemos um intensivão para pagar a viagem, ele foi antes para ficar com Mileni um pouco e nós aguentamos as pontas sozinhos, colocamos os meninos para trabalhar o que nos rendeu um dinheiro extra bem legal. Sem contar nas promoções que fizemos e chamou mais clientes.

— Eu não, preciso do meu *Big Mac* aqui do meu ladinho — Jorjão disse com voz esganiçada achando que estava imitando uma mulher, porém acabava parecendo um pato rouco, ele adorava ser um pé no saco.

Mas o legal da vida era que todos nós passaremos por essas coisas algum dia. Mesmo que achemos que não, sempre terá alguém que mexerá com você de uma forma e te fará largar todas aquelas convicções idiotas e sem sentido. E a hora do Jorjão iria chegar, se já não estivesse batendo na porta, né? Quando chegasse, meu amigo, estaríamos armados e prontos para zoar o coitado até dizer chega.

Rodrigo resolveu ignorar nosso amigo chato e olhou para mim para responder o porquê de estar ali e não com sua mulher.

— Leni foi na Priscila, aconteceu alguma coisa e queria mostrar a ela antes que visse em alguma revista. Não disse muito, assim que pousamos viu que Priscila tinha sido fotografada e mencionada em uma matéria, ficou um pouco nervosa com a reação da amiga e a deixei à vontade, não quis pressionar para explicar nada.

Meu coração já deu uma falhada. O que eu disse sobre as convicções sem sentido? Só de ouvir o nome dela fiquei tenso, meu corpo logo respondeu, como se estivesse em um combate para que ficasse em alerta.

— O que aconteceu? Priscila tá bem? Foi algo sério, falaram mal dela?

Acho que dei bandeira demais, ou minha voz saiu mais ansiosa do que o normal. Rodrigo franziu a testa e olhou para mim.

— Aconteceu alguma coisa que não estou sabendo? — Ele já sabia, eu não agia daquela forma, a não ser que estivesse escondendo alguma coisa.

— Esse daí dormiu com a rebelde da Priscila, não sabia, irmão? Tá atrasado nas novidades, hein? Fica de chamego com a famosona e esquece dos amigos!

É claro que nem tive chance de contar de forma correta para o meu amigo o que tinha acontecido. O intrometido do Jorjão se adiantou. Ainda quebraria a cara daquele folgado de uma figa.

Rodrigo arregalou os olhos, olhando de mim para Jorjão, parecendo bem chocado. Sério que ele estava surpreso com isso? Ficamos meses nos comendo com os olhos, qualquer um que nos visse sabia que uma hora ou outra iria rolar. Tem coisa que é inevitável.

— Porra, isso é demais! Agora posso pegar no pé dela eternamente! — Achei

que sua reação seria outra, me alertar para não machucar a melhor amiga da sua mulher. E não aquela vontade de perturbar a garota.

Sorrindo, balancei a cabeça mais aliviado, olhei para Jorjão e arqueei uma sobrancelha.

— E você, Jorge? Não aconteceu nada interessante nas gringas que você queira dividir com a gente?

Ele abriu a boca e fechou, me fulminando com os olhos.

— Ele saiu do celibato?!

Aquela voz feminina estava se tornando parte da nossa rotina na oficina. Logo que ela entrou, Rodrigo se levantou correndo e foi ao encontro de Mileni. Era engraçado ver os dois juntos. Ela era tão pequena, linda e parecia frágil como uma porcelana. Enquanto ele era grande, cheio de músculos e tatuagens. Aquela cara de malvado metia medo, mas quem o conhecia sabia que tinha um coração de *marshmallow*.

Jorge olhou para mim como se estivesse desesperado, com medo de contar seus segredos e provavelmente entregar coisas que nem mesmo sabia a respeito. Mas não faria isso, afinal, eu era um cara romântico que amava um bom caso de amor e sabia que logo teríamos mais um apaixonado na parada.

E não perderia a chance de ver isso acontecendo!

Balancei a cabeça e peguei minha chave de roda que tinha largado na caixa de ferramentas, voltei para o motor que estava trabalhando e sorri para ela. Ainda ficava igual um idiota olhando para aquela moça, era seu fã há tanto tempo e tê-la perto, como uma pessoa comum, ainda namorando meu melhor amigo, era demais.

— Não, voltar pra casa melhorou um pouco o humor dele. O cara ainda tá na seca. Não conhece ninguém que possa tirar nosso amigo desse sofrimento? Uma amiga, talvez?

Mileni riu e olhou Jorge, que ainda parecia uma estátua com os olhos arregalados. Ela franziu o cenho achando estranho e assentiu, percebendo que ele precisava mesmo de uma intervenção.

— Posso pensar em algumas pessoas. Quer que te apresente alguém, Jorjão? Acho que esse negócio de celibato precisa acabar, você está estranho.

Ele pareceu sair de um transe e olhou para mim, como se agradecesse e eu ri abaixando a cabeça, me enfiando naquele carro. Ou fingindo que estava concentrado, porque, na verdade, estava a mil querendo saber o que tinha acontecido de tão sério que fez Mileni ir ver a amiga com tanto desespero.

— Tô bem assim, obrigada! — Mesmo com a cara enfiada no motor ouvi Jorjão falando e saindo de seu devaneio, derrubando um monte de ferramentas no chão. Levantei os olhos e o vi xingando e se abaixando para recolher tudo.

Arranhei a garganta, chamando atenção do casal que já estava se beijando lá na frente, eles olharam para mim com aquele sorriso bobo de apaixonados.

— Então... Digão disse que aconteceu alguma coisa que você precisava mostrar pra Priscila, ficamos curiosos. Não é, Jorjão? — Meu amigo riu e não respondeu, só assentiu ainda na missão de ajeitar a caixa de ferramentas.

Eu tinha a impressão de que ele estava constrangido com a presença da Mileni, como se estivesse se sentindo culpado de alguma coisa. Mas não prestei atenção ao amigo da onça, estava um pouco ansioso para saber o que tinha acontecido de tão importante que a fez seguir direto para ver Priscila.

O rosto de Mileni então mudou, ela ficou tensa e claramente triste. Endireitei meu corpo e olhei em seus olhos, ela parecia querer dizer algo, mas então balançou a cabeça se encostando mais no namorado.

— Saiu uma foto dela na revista, junto com o nome e uma nota do que vem feito no estúdio com os dançarinos profissionais. Ela não levou numa boa e acabamos brigando, não gosto de ficar assim com a minha amiga, mas sei que precisa de espaço.

Meu primeiro impulso foi sair dali e ir atrás dela. Sabíamos da neurose de Priscila por sair nas revistas e ter seu nome divulgado na mídia, não tínhamos ideia do motivo, mas eu sentia que era algo importante. Tinha certeza de que estava tão chateada quanto Mileni por terem brigado, as duas eram como unha e carne. Nunca vi uma amizade como aquela, salvo a minha com os rapazes. Mas mulheres têm uma forma mais íntima de expressar sentimentos que, consequentemente, acabam se magoando com mais frequência.

Amizade entre caras é uma zoação aqui e ali, um tapa forte nas costas em um momento de conforto, um chega pra lá quando preciso. Uma lição de moral e por aí vai.

Elas pareciam almas gêmeas e era triste vê-las assim. Mileni então sorriu e olhou para Rodrigo.

— Contou pra eles a novidade?

— Ainda não!

— Do que estão falando? O que os pombinhos estão escondendo da gente? — perguntei bem curioso, o que despertou a atenção de Jorge, que já tinha guardado as ferramentas na caixa. Ele se aproximou e parou ao meu lado.

— O que foi?

Digão olhou para Mileni e virou-se para nós com um sorriso gigante no rosto, que confesso me assustou um pouquinho. Ainda estava me acostumando a vê-lo demonstrando sentimentos de maneira tão natural.

— Nós vamos morar juntos, assim que Leni voltar da turnê.

— Uau, mas isso é uma notícia boa! Parabéns aos dois! — Parabenizei-os animado.

Aproximei-me e os abracei demonstrando minha felicidade genuína por esse passo que davam em seu relacionamento. Estava mesmo muito feliz por eles, me afastei pensando dar espaço para que Jorge também expressasse suas congratulações, mas o mané ficou no lugar de cabeça baixa e balançando a cabeça. Sabia que lá vinha merda.

— Coitado do meu amigo, está caminhando para a forca de boa vontade! Senhor, tenha piedade dessa alma.

E assim apresento a vocês o verdadeiro Jorge Luís Duarte, o malandro.



Capítulo 7

*E quando você se cansar de correr
Eu vou estar bem aqui, no começo
Quando você não souber pra onde ir
Pode voltar pra mim*

(Pra quando você se lembrar de mim – Jota Quest)

Priscila Marins

Eu não deveria ter dito aquilo, sabia exatamente o que estava fazendo e o quanto estava machucando a minha melhor amiga. Mas acabou que, no decorrer da minha vida, isso se tornou um mecanismo de defesa, uma forma de me proteger e fazer com que se afastassem de mim, acreditava que a estava protegendo de alguma forma. Muitas vezes perdi pessoas importantes por isso, mas era o que era. O tanto de pessoas que já decepcionei, estava cansada de tentar alcançar expectativas e acabava aprendendo a blindar-me de certas situações. Só que com Mileni as coisas eram diferentes, e estava arrependida querendo conversar com ela, pedir desculpa e contar cada detalhe triste da minha vida.

O problema de criar uma máscara para esconder suas tormentas é que acabamos nos iludindo e quando eles batem na nossa cara você simplesmente não tem forças para lidar com isso.

Depois que saí do estúdio, eu fui para casa, cancelei minhas aulas do dia e do próximo. Sabia que não teria cabeça para me entregar cem por cento e eu não me permitia menos do que estar em meu melhor estado.

Passei a noite me martirizando e pensei em ir atrás da Mileni, mas não achei justo, já que ela viajaria e ficaria longe de seu homem por um mês. Então decidi que aquele tempo seria bom, depois ficaríamos enfiadas na casa dela, nos entupindo de sorvete, assistindo Netflix.

Eu só conseguia pensar que logo seria descoberta, depois de tantos anos vivendo escondida. Que teria que enfrentar os meus erros, precisaria dizer a verdade e mostraria a todos o quanto era covarde.

Na manhã seguinte, o dia da viagem da minha amiga, mandei-lhe uma mensagem dizendo que sentia muito e quando voltasse conversaríamos. Ela não me respondeu de imediato, mas logo disse que entendia e que estávamos bem.

Já mais tranquila deixei tudo no quarto, todos os aparelhos eletrônicos e peguei um livro, fui até a varanda de casa, me sentei naquelas cadeiras grandes que havia na casa de nossos avós, fiquei confortável e mergulhei em uma história. Vivendo uma vida, que, no momento, era mais simples do que a minha.

Os livros sempre me levaram a uma viagem transcendental, me fizeram viver momentos de alegria, angústia, amor, tristeza, perdas. Histórias contadas por gente que eu nem conhecia, e que muitas vezes, parecia tão eu. Palavras que pareciam terem sido escritas para mim. Os livros me salvaram de mim mesma, quando eu deixei tudo para trás.

Imersa em sentimentos que transbordavam daquelas páginas, nem percebi que o dia havia passado e que eu estava sentada ali há mais de seis horas. Isso acontecia, às vezes, e era ótimo; fugir da realidade era uma bela forma de lidar com problemas, ou não. Existem momentos que precisamos só deixá-los lá e esquecer que estão ali, como um elefante no meio da sala.

Mas algo curioso que aconteceu no decorrer da leitura foi que imaginei o tempo todo estar dentro daquela história, não que isso não acontecesse com frequência, como já disse havia momentos que parecia que aquelas palavras foram escritas para mim, mas só que, dessa vez – principalmente nas cenas de romance –, eu tinha uma companhia muito conhecida. Um careca, grande, tatuado, com um sorriso lindo e olhar doce. Voz imponente e toque suave, sensual.

Podia sentir cada coisa que acontecia naquela história como se estivesse vivendo naquele momento, com o Paulão, e isso não era um bom sinal. Não mesmo! Ele representava tudo que eu não precisava, sabia que se me envolvesse com ele acabaria tendo sentimentos, porque, afinal, eu era uma pessoa que tinha certas necessidades. E aquela coisa que tínhamos no íntimo, de pertencer a alguém, às vezes era um fardo quando você não estava disposta a isso.

Ele invadiu meus pensamentos sem pedir licença, fez meu corpo responder mesmo não estando por perto, fez minha mente repassar cada detalhe da nossa noite e a manhã louca que se seguiu. Despertou meu orgulho e quase me fez ir à sua procura para aliviar aquele fogo que me queimava cada vez que fechava os olhos e recordava de cada momento.

Tinha certeza de que Paulão seria um cara que ficaria marcado na minha vida, ainda que eu não quisesse isso.

Fechei o livro com um baque, estava quase terminando e o casal estava em fase de se separar para voltar novamente. Eu amava aquele tipo de enredo, mesmo sendo previsível, era gostoso ver como a vida imitava a arte e a arte era tão parecida com a vida.

Precisava de uma distração daqueles pensamentos ou seria bem capaz de ir até a oficina e pedir um *repeteco* do que aconteceu em Nova Iorque. Mas como dizem, *o que acontece em Nova Iorque fica em Nova Iorque*.

Ou deveria ficar...

— Olha, pensei que te veria logo. Afinal, nossos amigos estão a um passo do matrimônio, mas você se escondeu e fez questão de desviar de todos os possíveis caminhos que poderíamos nos encontrar, não é?

Engoli em seco, tinha acabado de me levantar e poderia voltar a me sentar de novo, para não cair ou algo parecido. Tê-lo ali era como se o tivesse invocado, porque o tanto que pensei no homem nas últimas horas não era brincadeira.

— O que você tá fazendo aqui?

Eu morava em uma casa simples, dois quartos, cozinha, sala, banheiro, área de serviço e uma varandinha charmosa, um quintal pequeno na frente onde eu gostava de plantar minhas florzinhas, e claro, com violência na cidade, quis colocar um portão grande de ferro, para me sentir mais protegida.

Paulão estava parado em frente ao portão, me olhando entre as grades. Seus olhos estavam brilhando, *do jeito normal Paulão de ser*, os lábios entreabertos em um sorriso enorme e a careca estava coberta por aquele lenço vermelho de caveira que eu achava sexy demais.

Ele deu de ombros com a minha pergunta, como se estivesse por ali só de passagem.

— Estava passando.

O que eu disse? Sorri com sua desculpa esfarrapada, apesar do susto e do frio que senti na barriga quando ouvi sua voz.

— Aqui é contramão da sua casa que eu sei.

— Não vai me convidar para entrar? — Ele não me contradisse, nem explicou o que estava fazendo ali.

— Não!

— Nossa, que maldade nesse coração! — Colocou a mão sobre o peito. — Somos amigos, não? Vai negar um café pra mim? Acabei de ter um dia cansativo, nada melhor para desestressar que tomar um café e bater papo com uma amiga.

— Não tomo café!

— Claro que não! — Cruzou os braços e olhou para a minha mão. — Já li esse livro, tá em qual capítulo?

Abracei o livro contra o peito e estreitei os olhos, como se o escondesse dele e também a realidade que eu fantasiava estar vivendo a história com ele, estava adorando aquela história, o livro era *Mostre-me seu amor*, da A. K. Raimundi, e que me tirou completamente do ar.

Eu ainda me acostumava com o fato daquele homem grande ler romances voltados para o público feminino, gostar de filmes fofinhos e ainda ser tão intenso daquele jeito.

Estreitei os olhos e sorri, peguei a chave que ficava pendurada na parede de dentro da sala e andei até o portão, abrindo para ele. Quando passou, eu o fechei, olhando para aquela muralha de homem.

— Sei o que está fazendo, não pense que me engana com essa carinha bonitinha.

Paulão tombou a cabeça de lado e sorriu, ficando ainda mais fofo, se aquilo poderia ser usado com aquele homem enorme e cheio de tatuagens.

— O que estou fazendo? Só comentei que o livro é bom, porque é mesmo!

— Tá puxando papo, me amolecendo falando sobre livros, pra ir se achegando. Parabéns, deu certo, vou fazer um café. Vem!

Ele riu e o senti andando atrás de mim, e ainda o peso de seu olhar em minhas costas quase me fez tropeçar no caminho.

— Pensei que não tomasse café.

— Cale a boca antes que me arrependa de ter deixado você entrar.

Em sua defesa, Paulão ficou em silêncio o pequeno espaço que percorremos até minha cozinha, que era charmosa, modéstia à parte. Eu gostava dela no estilo clássico, com azulejos decorados na parede e coisinhas xadrez adornando todo o ambiente.

— Adorei sua casa!

— Obrigada, demorei alguns anos para deixá-la assim, mas consegui finalmente.

Indiquei a cadeira na pequena mesa de madeira e ele se sentou balançando a cabeça em afirmação.

— É bom ter nosso canto, eu também tive que lutar bastante para ter a minha casa.

Olhei para ele por cima do coador de café, eu não sabia muito daquele homem. Só o pouco que Mileni disse e, pelo que ela me contou, ele não tinha muito. Que cresceu de forma simples, teve apenas avó e a tia para cuidar dele. E que lutou muito para conseguir o que tinha.

— Mas me diz a verdade, por que veio aqui? Não foi para tomar café nem falar sobre livros.

Ele se recostou na cadeira, parecia confortável. Não sabia como, era tão

grande que preenchia a minha cozinha de uma forma incômoda, e ao mesmo tempo parecia fazer parte daquele lugar. Aquilo não estava nada bom.

— Mileni foi na oficina ontem, disse o que aconteceu e achei que precisava conversar, sei lá, divagar sem pressão ou o peso da “obrigação” em ter que contar tudo para sua melhor amiga.

— E você esperou esse tempo todo para vir aqui?

— Estava te dando espaço. — Deu de ombros.

Porra, até nisso o cara acertou! Como me conhecia tanto em tão pouco tempo, com poucos encontros?

— Sei, aí resolveu vir aqui e me deixar falar.

— Foi a ideia...

Assenti e fiquei por alguns minutos distraída em coar o café. Quando ficou pronto, peguei duas canecas do armário e coloquei uma na frente dele e a outra do meu lado da mesa. Paulão pegou a caneca, soprou um pouco e bebeu um gole do líquido fumegante. Acomodei-me na cadeira e fiquei olhando para ele, assim como me encarava, tentando ler seus pensamentos e decifrar o que aquele homem queria comigo.

Tinha a impressão de que não resistiria por muito tempo se continuasse a aparecer assim na minha vida, o que estava sendo inevitável. Porque, como ele disse, nossos amigos estavam a um passo do matrimônio.

Dei uma golada no café e sentir aquela bebida quente descendo até meu estômago me lembrou de que eu não tinha comido nada o dia todo. Levantei-me sorrindo e ele arqueou as sobrancelhas.

— Aceita um pedaço de bolo de fubá? Não comi nada e só agora que meu estômago me lembrou disso.

Ele assentiu e o vinco em sua testa apenas aumentou.

— Por que não comeu nada, Priscila?

Dei de ombros colocando o bolo em cima da mesa, tinha uma padaria na esquina que vendia um monte de coisas gostosas, o que colocava em risco toda a minha alimentação saudável que eu amava. Mas quem resistia a essas coisas? Eu não!

— Esqueci, me vi tão cativa com aquele livro que nem percebi o dia passando.

Paulão sorriu e aceitou o pedaço de bolo que estendi em um pratinho. Comeu um pedaço e fez uma expressão de prazer, se deliciando. Ele era assim, vivia cada coisa intensamente como se fosse a última vez. E acreditei naquele momento que era assim que devíamos levar a vida, aproveitar ao máximo porque um dia seria a última vez de cada coisa.

— Realmente aquela história prende a gente, adoro a forma como a autora descreve os sentimentos e sensações dos personagens. É maravilhoso, como estar vivendo aquelas cenas.

Nossa, como ele estava perto de descobrir o que eu andava pensando que estava vivendo no livro com ele.

Engoli em seco com a rouquidão da sua voz e voracidade em seus olhos. Como não percebi que conhecer Paulão seria uma viagem só de ida para a ilha dos desejos incontrolláveis?

— Verdade, perdi completamente a noção do tempo e isso é bom quando acontece, mas tenho tanta coisa para fazer amanhã que... — Peguei meu celular, fingindo ver a hora e a mensagem que vi piscando na tela fez com que meu corpo todo congelasse no lugar, minha mente parou de funcionar, meu coração começou a bater devagarinho e minha respiração estava presa.

— Priscila? — Olhei para ele pelo canto do olho, que parecia preocupado. — Tá tudo bem?

Não estava, levantei a cabeça e o encarei com os olhos arregalados. Tinha certeza de que minha fisionomia não era das melhores porque pareceu que o assustei, ele se levantou, pronto para me salvar do que quer que tenha acontecido, e eu disse a primeira coisa que me veio à mente:

— Quer embarcar em uma aventura comigo?



Capítulo 8

*Vamos amar no presente
Vamos cuidar mais da gente
Vamos pensar diferente
Porque, daqui só se leva o amor*

(Daqui só se leva amor – Jota Quest)

Paulão Lima

Que Priscila escondia alguma coisa todos sabiam, mas cada dia que passava eu percebia ser algo que a machucava de uma forma que fazia toda sua expressão corporal mudar. Ela ficava tensa, como se estivesse acuada e parecia prestes a fugir para muito longe.

Eu arrisquei indo até a casa dela, a mulher não tinha dado sinal de vida, poderia estar sem humor para lidar com um “erro” e o tiro sair pela culatra, mas em minha defesa esperei um dia inteiro e o outro também para ir até lá.

E no momento em que a vi naquela cadeira com um livro nas mãos, os olhos atentos, o rosto mostrando uma preocupação que não tinha nada a ver com a história – sua testa estava franzida, a boca presa em uma linha fina –, observei-a por tempo suficiente para saber que aquilo não era comum em Priscila Marins.

Senti uma pontada no peito quando desceu as escadinhas da varanda e foi abrir o portão para mim. A esperança me tomava e me enchia de expectativa sem que tivesse qualquer controle sobre isso.

Fiquei atento a cada movimento dela, gestos e manias comuns, absorvia cada coisa como um viciado sem controle algum, mas permaneci sentado naquela cadeira tão pequena para mim. Agindo como um amigo normal que tinha ido até ali só para conversar, mesmo que a todo o momento minha vontade era de pegá-la no colo, levar para qualquer lugar e reviver pessoalmente cada lembrança que

invadia minha mente segundo a segundo.

E tudo ia bem até que ela pegou celular, seu rosto mudou, os olhos adquiriram um vazio assustador, ela ficou pálida e me assustei com medo de que algo tivesse acontecido.

Aí ela fez aquele convite irresistível movido por sua vulnerabilidade com o que quer que tenha lido naquele telefone.

Priscila me encarava apreensiva, aguardando minha resposta. Confesso que mil coisas passaram por minha cabeça, principalmente o motivo daquela fuga, mas não perderia a chance de ficar a sós com ela por alguns dias.

— Onde você quer ir?

Pareceu finalmente respirar, soltou o ar pela boca como se estivesse segurando todo esse tempo.

— Conheço alguém que tem um chalé em Petrópolis, o que acha? Podemos fazer trilhas ou ficar no chalé de boa só dormindo o dia todo.

E tudo o que poderíamos fazer em um lugar assim invadiu minha cabeça de uma vez só, a oportunidade que tinha ali na minha frente de ficar mais tempo perto dela, conhecê-la melhor e que ela me conhecesse também me deixou agitado. Levantei-me afastando a cadeira com um ruído seco e despejei:

— Vou em casa fazer minha mochila!

Priscila assentiu, e abaixou a cabeça olhando para a caneca em suas mãos. Ela parecia insegura pela primeira vez desde que a conheci.

— Só esteja preparada para ser testada ao limite...

Decidi dar uma de comediante para aliviar o clima, minha voz saiu brincalhona, apesar de ter um fundo de verdade.

— Como assim?

Dei de ombros e me aproximei, dando a volta na mesa me curvei um pouco até a sua altura capturando seu rosto delicado em minha mão enorme.

— Ficar sozinha comigo será irresistível. Esteja ciente disso! — Pisquei um olho. Sorri largamente, afirmando a brincadeira, mas ela não sorriu.

Priscila olhava em meus olhos com uma intensidade e uma vulnerabilidade que não era comum nela. Seu olhar se movia por meu rosto, como se visualizasse todo o cenário que poderia acontecer naquela viagem. Como se estivesse julgando cada passo, planejando cada ação.

Ela passou a língua pelos lábios, fazendo com que me hipnotizasse com o movimento, engoli em seco. Minha intenção quando saí da oficina foi dar um braço amigo e jogar um pouquinho de charme para que minha conquista continuasse em cheque, mas no momento me vi fispado como um peixe idiota que era atraído por uma isca irresistível.

— Estou pronta para correr o risco!



— *Você o quê?*

Revirei os olhos e preendi o telefone entre o ombro e a orelha para continuar colocando algumas peças de roupa na mochila, não estava levando muita coisa, somente o necessário, já que tinha a impressão que ia usar roupa por muito tempo mesmo.

— Tô indo viajar e vou ficar uns dias sem trabalhar!

Ouvi um barulho de ferro caindo no chão, provavelmente uma ferramenta. Meu amigo tinha ficado na oficina para terminar um serviço quando decidi sair mais cedo.

— *O que... Como assim, cara? Hoje é quarta-feira, porra! Sabe o que significa? Tem trabalho pra caralho até o final de semana. E onde você está indo, ou melhor, com quem?*

Ele sabia, não era um idiota!

— Não te interessa, só tô avisando para que não fiquem preocupados. Digão

tá aí ainda?

— *Tá. Aquele otário ficou chorando as pitangas por causa da saudade que tá sentindo da Mileni. Quando arrumam uma mulher, vocês perdem o pau, né?*

Sorri e fechei o zíper da mochila colocando-a em minhas costas.

— E você com a princesinha? Fica todo nervosinho só de falar no nome dela.

Jorjão ficou em silêncio por um segundo inteiro, provavelmente estava fazendo uma careta engraçada, era sempre assim quando tocávamos o assunto proibido; Thays, vulgo a novinha princesa.

— *Não sei do que você está falando!*

— Ainda vou enfiar essas suas palavras na sua goela abaixo, você vai ver. Agora me deixa ir que tô na minha hora.

— *Quando você volta?*

— Não tenho ideia, segura as pontas aí, velho! Beijo, te amo, amor.

Sabia que Jorjão ia me xingar e não deu outra.

— *Vai pra puta que pariu!*

Desliguei sorrindo e entrei em meu fusquinha: o meu tesouro mais querido. Percorri o caminho até a casa da Priscila em silêncio, estava ansioso, meu coração batia forte, a cabeça fervilhava de pensamentos e planos, meu corpo estava tenso, já com saudades do dela; a expectativa do que poderia acontecer me consumia.

Assim que estacionei em frente à sua casa vi que já estava à minha espera na varanda charmosa com a mochila nas costas e óculos escuros escondendo seus olhos de mim.

Eu tinha uma meta para aquela aventura; conquistá-la e aproveitar o máximo possível de nossa estadia no tal chalé. Apesar da minha ansiedade em estar a sós com ela, não iria forçar minha presença se Priscila não quisesse, ou impor qualquer coisa, só que era inevitável com a tensão sexual que tinha entre nós.

Toda vez que estávamos no mesmo lugar as coisas simplesmente pareciam acontecer naturalmente sem que tivéssemos nenhum controle. Já podia até visualizar o clima romântico, o friozinho que nos faria ficar mais próximos, a paisagem linda. Achei que tinha tudo no lugar...

Eu só não estava preparado para aquele olhar quando retirou aqueles óculos. Naqueles poucos minutos que levou para eu ir em casa e voltar, alguma coisa tinha mudado nela, tinha os olhos intensos grudados em mim, como se promettesse alguma coisa, como se imaginasse...

— Você não demorou — falou do lado de fora com a cabeça para dentro do carro.

Estava tendo problemas para encontrar a minha voz diante do poder que ela exercia sobre mim naquele momento. Eu percebi que, se fosse um homem mais fraco, teria receio do que estava acontecendo, porque algo era certo: Priscila tinha uma influência forte no que eu sentia e isso poderia ser perigoso ao meu coração.

Engoli em seco e esperei que se acomodasse no banco, ela jogou a mochila no banco de trás e me encarou.

— Não queria atrasar e correr o risco de chegarmos muito tarde lá. Aliás, não tinha muita coisa para pegar.

— Tá achando que não vai precisar usar roupas? — Deu uma olhada na minha mochila quase vazia e sorriu me encarando de volta.

Arranhei a garganta e dei partida no carro, ignorando de propósito sua pergunta. De verdade? Eu não sabia o que responder.

O tempo todo que levamos para subir a serra, castigava os lábios carnudos com os dentes, cobiçando meus músculos, parecia que Priscila estava com um alvo em mente e era eu.

Um alvo feliz e disposto!

Assim que entramos na cidade, ela começou a me indicar o caminho e fomos nos afastando do centro. Quando parei o fusquinha, olhei em volta admirado pelo lugar lindo, já havia ido a Petrópolis, mas não para ficar e não em um local

tão privilegiado com uma mulher tão incrível.

— Uau!

Virei-me para ela, que ainda não tinha descido do carro e olhava o chalé... com pesar? Priscila suspirou, tinha passado a viagem praticamente em silêncio, colocou uma música para tocar e não disse muito. Não foi ruim, apenas que não era do feitio dela, que falava pelos cotovelos.

— É lindo, não?

Assenti um pouco desconfiado do seu tom de voz, o que acontecia com aquela mulher que a fazia mudar da água para o vinho? Se tornar alguém retraída e apática. O chalé estava bem pertinho e era daqueles estilos triangular, de madeira e muito charmoso.

— Trouxe o livro para terminar? — Tinha que descontraír o clima para que não ficássemos dias naquela sensação tensa e incômoda.

Priscila me olhou, sorrindo de lado e assentiu, apontou com o polegar para a mochila que estava no banco traseiro ao lado da minha.

— E você?

— Acha que ia perder a chance de ler um bom livro nesse lugar calmo e lindo?

— Qual você trouxe?

— *Momentos*, conhece? É uma história muito bonita de superação.

— Sim, já li e me emocionei bastante.

Ela sorriu e respirou fundo abrindo a porta, eu a segui e puxei o ar enchendo meus pulmões. Olhei para minha companheira de aventura, que me observava atentamente.

— Poderia facilmente morar em um lugar desses. Você não? — Sorri e Pri não respondeu, apenas me observava atentamente. — O que foi? Por que tá me olhando assim?

A mulher não parava de morder os lábios e olhava para mim como se estivesse me vendo sem roupa alguma, não tinha vergonha de que eu percebesse que estava me secando, percorreu seu olhar por meu rosto, descendo por meu pescoço e tórax, eu quase podia sentir aquela sua apreciação como uma carícia, se fechasse os olhos sentiria as pontas dos seus dedos movendo-se por onde os olhos passavam. Estava tenso, já correspondia a ela e troquei as pernas tentando disfarçar a minha tensão.

Ela sorriu e se virou andando até o chalé. Como eu disse, mudava da água para o vinho.

— Com certeza, eu poderia me mudar para um lugar desses com uma vista MA-RA-VI-LHO-SA.



O que eu estava pensando? Que iria ficar imune a um monumento daqueles? Que ele não tentaria nada e que estaria ali pelo simples prazer da minha companhia? Ou melhor, que *eu* não tentaria nada?

Como pode ser tão idiota assim, Priscila?

Olhando para ele sentado naquela cama – a única no chalé, para que fique claro –, percebi o quanto ainda era ingênua e não sabia. Tudo nele me chamava, e eu achei que poderia resistir ao que acontecia entre nós desde o primeiro momento. Confesso que estava mais que disposta em provar do rapaz, mas quando notei sua intensidade e a minha tão forte atração tinha certeza de que não poderia arriscar me apaixonar ou deixar com que ele se apaixonasse. Não era uma boa ideia.

— Você não sabia que esse era um chalé para casais?

Pisquei e o encarei, com foco dessa vez, balancei a cabeça e fingi estar concentrada em desfazer a minha mochila enquanto não secava os músculos dos braços dele que saltavam para fora da camisa que usava.

— Sabia! Já estive aqui com Mileni há algum tempo.

— Então, você se esqueceu de que tinha uma cama só?

— Não!

— E como isso vai funcionar, Priscila?

Quanta pergunta, meu Deus! Arregalei os olhos fingindo ignorar sua pergunta enquanto imagens vívidas de nós dois naquela cama confortável passava por minha cabeça. E minha nossa, podia até sentir o cheiro da pele dele.

Arranhei a garganta e me virei com as roupas dobradas – O que eu estava fazendo? Eu não dobrava roupas! – para colocar na pequena cômoda que tinha ali no cantinho. Ela era bonita, rústica e até o cheirinho de madeira ainda tinha.

Foquei nesse trabalho até que senti a presença marcante dele bem atrás de mim. Como não o ouvi se levantar? Paulão era muito silencioso para um homem do tamanho dele, ou se devesse ao fato de que minha distração e concentração estava em entreter a mente do desejo que parecia estar em cada poro do meu corpo.

Engoli em seco e fechei meus olhos, pensando em uma resposta espirituosa para o que ele perguntou, mas nada me vinha à mente. Quando eu fiquei desse jeito, senhor? Já que não tinha nenhuma gracinha para responder, que fosse a verdade então.

— Dormiremos juntos! — Dei de ombros como se estivesse falando que dividiríamos a mesa de café da manhã. Respirei fundo e dei um pequeno sorriso. — Tá com medo de mim, Paulão?

Droga, que porra de voz fina era essa? Era para ter soado engraçada e travessa, mas ouvi apenas uma mulher que estava louca para que finalmente estivéssemos deitados naquela cama, o que não demoraria já que estava quase na hora de dormir.

Senti que ele se aproximava um pouco mais e meu corpo ficou tenso, à espera de seu toque que nunca chegava. Pelo amor, se aquilo era uma amostra do que eu iria enfrentar naquele final de semana tinha feito uma péssima escolha de lugar para relaxar e me esconder.

— Não tenho medo de você. — A voz dele estava rouca e mais perto do que poderia ser saudável, e o filho da mãe não deixaria isso fácil para mim. Claro que não! Ele se abaixou, deu um beijo suave em meu ombro, senti sua barba

roçando minha pele e meu corpo todo se arrepiou. — Você que tem medo do que pode acontecer entre nós, Priscila. Mas pode ficar tranquila que não vou tentar nada, a não ser que você peça.

A última frase ele disse sussurrando em meu ouvido, tão baixinho que quase não ouvi.

Caramba, que nó era esse que havia se formado em meu peito? Era como se um peso enorme estivesse pressionando minha caixa torácica e eu não conseguia respirar direito, podia sentir meus pulmões se expandindo em busca de ar e parecia não encontrar o suficiente. O que era, no mínimo, irônico já que o ar ali era puro e fresco.

Eu abri a boca, tentando dizer alguma coisa que aliviasse o clima, mas estava tendo muita dificuldade até de pensar. No que eu havia me transformado? Parecia até as mocinhas irritantes dos livros que perdia a capacidade de fazer qualquer coisa quando os caras fodões estavam por perto.

Puta que pariu! Eu estava presa na porra de um romance clichê!

Ouvi a risada baixa de Paulão e o senti se afastando, imediatamente lamentei a ausência do seu calor.

— O que vamos comer? Será que entregam alguma coisa aqui ou teremos que ir até a cidade?

Graças a Deus uma mudança de assunto. Virei-me, respirando com um pouco mais de facilidade e olhei para ele, que tinha nos olhos escuros o desejo claro e intenso. E era isso que eu tinha medo, tudo nele era assim!

— Teremos. — Opa, que voz esganiçada, arranhei a garganta e ele sorriu. O fuzilei com os olhos e continuei: — Já está um pouco tarde para pedir alguma coisa. Vamos descer, conheci um restaurante ótimo na cidade que fica aberto até altas horas e tenho certeza de que você vai gostar. Podemos comprar algumas coisas para abastecer a cozinha e não precisar tomar café lá embaixo.

Ele se levantou e se aproximou.

— Ótimo, você pensa em tudo, não?

— Nem tudo pelo visto! — Não tinha pensado no fato de que ficaria dias sozinha com ele em uma cabana pequena totalmente moldada para o romance.

Ele sorriu, pegou a chave do fusca e estendeu em minha direção. O carro dele era uma relíquia e estava em ótimo estado, aguentou a viagem todinha sem nem mesmo engasgar. Mas claro que estava perfeito, o homem era um mecânico apaixonado pela profissão.

— Então vamos logo que estou faminto!

— Vai me deixar dirigir seu carro?

— Claro, por que não?

Sorrindo, peguei a chave e tinha uma miniatura de fusca no chaveiro, o cara era realmente um apaixonado.

— Então vamos logo, gato. Vou acelerar esse *bichinho*.

— Ei, não fale assim do meu possante!

E assim conseguimos aliviar a tensão sexual forte que nos envolvia. Aquela cabana devia ter um feitiço do amor, só podia ser. Desde o momento em que pisamos lá dentro senti uma vontade incontrolável de tirar a roupa e andar do jeitinho que vim ao mundo, sentar naquelas cadeiras de bambu charmosas que tinha no cantinho do quarto e só ficar apreciando aquele homem nu, tatuado, andando pela cabana.

Socorro, o feitiço estava em mim!

Percorremos o caminho até o centro da cidade falando amenidades sobre a paisagem e calma do lugar, algo bem diferente da nossa cidade tumultuada. Mesmo que eu estivesse ali como uma fugitiva criminosa já valia a pena só de descansar um pouco da agitação.

Estacionei ao lado do bistrô e sorri quando ele ficou olhando o lugar com atenção. Era um local charmoso e aconchegante. E, para completar a minha angústia, percebi naquele momento que era um lugar propício para o romance. Tudo ali era!

Ou talvez fosse eu que via romance e desejo em todo lugar? Não vamos pensar nisso agora!

Arranhei a garganta atraindo sua atenção, que sorriu ao olhar para mim. Será que estava estampado em meu rosto o quanto eu estava mexida com tudo aquilo?

— Quando estive aqui com Mileni, ela adorou a comida. Acho que vai gostar também, tem uma boa variedade de cardápio.

— Acho que vou mesmo!

— Então vamos? Não deve estar cheio por não ser alta temporada, nem feriado. — Eu estava divagando.

— Vamos sim!

Abri minha porta antes que ele desse uma de cavalheiro dando a volta no carro, eu estava sufocando. Não tinha percebido que um fusca fosse tão pequeno. E como um homem daquele tamanho se sentia confortável naquele carro tão pequeno? Mas, falando sinceramente, tudo tinha sido melhorado, os bancos eram confortáveis, eu só estava sendo uma louca mesmo.

Entramos lado a lado no estabelecimento e fomos recebidos por uma moça simpática que nos olhou sorrindo, como se estivesse ciente de tudo que acontecia entre nós.

— Sejam bem-vindos! Mesa para dois?

— Por favor! — Paulão respondeu e deu uma piscadela.

Oi? Entendendo a deixa, a moça estendeu a mão.

— Me acompanhem, por favor? — E foi andando na frente até um lado do bistrô que eu não conhecia, parecia mais aconchegante do que o normal, a luz era mais leve e até o cheiro era diferente.

Droga, ela estava nos levando para o lado dos casais apaixonados. Estreitei meus olhos e fuzilei Paulão, que sorriu, desavergonhado. Quando chegamos à mesa indicada, ele puxou a cadeira para mim e me sentei emburrada.

A moça sorriu e se afastou dizendo que logo o garçom viria trazer o cardápio. Assim que ficamos sozinhos, ele se sentou, arrumou-se na cadeira, olhou em volta e respirou fundo.

— Aqui realmente é um lugar muito bom.

— Eu sei o que está fazendo!

Paulão sorriu de lado, de um jeito que ainda não o tinha visto fazer, parecia pronto para a batalha, pronto para me seduzir. E que Deus me ajudasse, estava conseguindo. Apoiou os cotovelos na mesa, cruzou as mãos e apoiou o queixo nelas, olhando para mim com atenção.

— O que estou fazendo, Priscila?

Engoli em seco com o tom rouco da sua voz.

— Tentando me seduzir com seu charme, gestos educados, românticos e sensuais.

— Nossa, tudo isso? — O sorriso do filho da mãe só aumentou. — E estou conseguindo?

Se estava? Eu poderia arrancar suas roupas ali mesmo, ser presa por atentado ao pudor ou acabar na internet como a louca ninfomaníaca.

Estreitei meus olhos e decidi entregar o jogo, sabe o que dizem, né? Se está no inferno... Sorri e apoiei as mãos na mesa me inclinando, fiquei bem perto dos seus lábios, olhei diretamente para ele e, então, levantei o olhar e fixei nos olhos escurecidos de desejos dele.

— Cuidado que o jogo pode virar!

— Mal posso esperar para ver o resultado dessa partida!

Ai merda, como vencer um cara assim? Ele tinha resposta para tudo e estava pronto para qualquer provocação. Mas o negócio ali era que ele não estava se contendo, não queria lutar contra o que queria. A louca que achava que poderia resistir era eu.

Não tive a oportunidade de retrucar sua provocação porque o garçom chegou com os cardápios. Confesso que me escondi por trás dele tentando fugir um minuto do olhar daquele homem que mexia não só com meu corpo, mas com meu coração também. Tem gente que faz isso, te bagunça todinha e você simplesmente não sabe que caminho tomar.

— Você sabe que será uma longa noite, né?

Droga! Eu sabia, ai Deus, eu sabia!

O humor em sua voz estava claro como o dia, o disgramado estava se divertindo com a situação. Eu que não sabia mais se tinha sido uma boa ideia todo o meu plano de fuga. Porque não dava para esconder-me dos meus desejos.



Capítulo 10

*Scusa se ti amo e se ci conosciamo
Da due mesi o poco più
Scusa se non parlo piano
Ma se non urlo muoio*

(Imbranato – Tiziano Ferro)

Paulão Lima

1

Ela estava quase entrando dentro daquele cardápio. Era até engraçado ver como Priscila tentava me evitar a qualquer custo. Perguntava-me o que ela pensou que aconteceria conosco sozinhos em uma cabana com a atração sexual que sentíamos um pelo outro.

Não nego que estava armado até os dentes para conquistá-la. Que usaria o que estivesse ao meu alcance para tê-la em meus braços de novo, mas se ela dissesse não eu iria respeitá-la, não forçaria a barra e seria apenas o ombro amigo que precisava.

Mas do jeito que aquela mulher olhava para mim era questão de tempo até que estivéssemos naquela cama confortável, desfrutando de um sexo bom pra caralho.

— O que você vai pedir? — Resolvi falar alguma coisa, tirá-la do esconderijo. Pri olhou para mim por cima do cardápio e eu me forcei para não rir. — Disse que já estive aqui com a Mileni, o que vocês pediram?

Ela piscou parecendo sair de um devaneio qualquer e olhou para o cardápio, mordendo os lábios enquanto pensava.

— Foi uma comida simples. Leni estava cansada das coisas que serviam a ela nos hotéis, então pedimos comidinha de mãe mesmo.

— Então fechou. — Levantei a mão para chamar o garçom, que chegou e anotou nossos pedidos dizendo que traria logo nossa refeição. Olhei para Pri, que me encarava atentamente. — O que foi?

— Como foi que você se tornou você?

Franzi o cenho e sorri me recostando na cadeira. Aquele lugar era tão confortável que eu nem ficava estranho, com meu tamanho era comum não me adaptar em certos lugares por serem pequenos demais.

— Como assim? — Eu estava entendendo o que ela queria saber, mas queria prolongar mais a nossa interação e fazê-la falar abertamente o que queria saber.

Deu de ombros e apoiou um cotovelo na mesa descansando o queixo na mão aberta, seus dedos repousaram eu seu rosto delicado e a beleza daquela mulher me desconcertava, os olhos amendoados e puxadinhos, sua herança oriental era vívida e linda, os lábios pequenos e macios, como eu me lembrava bem, chamavam para que eu provasse deles novamente, ela era simplesmente irresistível para mim.

— Você tem que admitir que é um homem diferente, não tem atitudes típicas.

— Você quer dizer machista?!

— Também, mas tem algo mais em você que eu ainda não descobri o que é e que o torna tão... atrativo.

Senti um frio na barriga com a última palavra que fora sussurrada como se estivesse contando um segredo que nem mesmo ela poderia saber. Engoli em seco porque o feitiço estava virando contra mim, fui ali para seduzir e estava ficando ainda mais caído por aquela mulher. O que poderia ser muito perigoso porque ela era arisca que só.

— Você quer saber como eu comecei a gostar de tudo que é peculiar em mim, é isso?

Priscila assentiu realmente interessada e eu sabia que ela tinha puxado aquele assunto para distrair-se do que era tão palpável entre nós. Mas eu sabia jogar com as minhas armas mais fortes, umedeci os lábios com a língua e vi que acompanhou o movimento e, como a respiração mudou, percebi só pelo

movimento do seu peito se enchendo de ar e soltando lentamente.

— Eu fui criado por minha avó e tia, perdi minha mãe muito cedo, na verdade nem me lembro dela. Elas eram apaixonadas por filmes de romance e livros de banca. Lembro-me de como, ainda garoto, eu ia comprar na esquina de casa os lançamentos para as duas, assim que aprendi a ler, comecei a me interessar pelo que elas tanto suspiravam pela casa. Acabei sendo um adolescente que juntava dinheiro para comprar livros ao invés de jogos de videogame.

Ela sorria o tempo todo que eu contava essa parte da minha vida, que nem era tão interessante quanto Priscila fazia parecer.

— Imagino que não tenha sido fácil, nosso mundo é bem intolerante com “peculiaridades”.

Balancei a cabeça e suspirei me lembrando de como não tinha sido fácil até que Rodrigo e Jorge entraram na minha vida.

— Não mesmo. Como não achava nada de errado no que eu gostava de ver, ler e do meu jeito de ser, levava para a escola meus livros com aquelas capas de casais em posições românticas, os garotos pegavam no meu pé sem dó me chamando de coisas que nem vale a pena mencionar. Fiquei confuso por um tempo sem saber se o que eles diziam era verdade, se eu era mesmo estranho, mas então conheci aqueles dois panacas que estão comigo até hoje. — Sorri ao me lembrar de algo que doeu pra caramba, mas nos fez rir depois. — Teve uma vez que tínhamos uns treze anos, ainda muito novos, mas o nosso tamanho já era considerável acima da média e Rodrigo sempre teve pavio curto. Uns valentões chegaram até a gente na hora do recreio, que era quando eu aproveitava para ler enquanto os dois ficavam sendo eles, os moleques pegaram meu livro, leram em voz alta um trecho que, para o meu terror, era uma parte sensual, rasgaram ele todo e começaram a me empurrar. Nós três entramos na briga, apanhamos pra caramba, mas eles também. Digão foi o que mais sofreu, que mais bateu e apanhou porque ele não ficou satisfeito em enfrentar um de cada vez, ainda ficou de castigo porque o pai dele era contra a violência.

— Nossa! Então vocês três sempre foram unidos como são hoje? Eu acho isso muito legal, queria ter conhecido Mileni tão nova assim, minha vida teria sido diferente.

A voz da Priscila estava carregada de mágoa e tristeza, ela piscou e olhou para

o lado descontraidamente e respirou fundo. Decidi continuar meu relato de adolescente para que ela não se entristecesse com o que quer que a incomodava.

— Depois que conheci os dois, tudo mudou e depois desse episódio ninguém tinha coragem de chegar até mim para me encher o saco. Então começamos a crescer ainda mais, nosso trabalho pesado nos deu músculos e a vida se encarregou de que eu me acostumassem a ser diferente.

— Eu gosto de você assim, acho sexy! — Sorriu abertamente sabendo exatamente que estava me provocando. — É bom poder conversar com alguém que não diz besteira o tempo todo, porque você ainda fala, mas entende o momento de respeitar o espaço. Poder conversar sobre meus filmes preferidos e os livros de romance. É realmente um achado, senhor Paulão!

— Que bom que você gosta, porque eu também adoro ficar com você.

Sim, eu disse isso para provocar. Não nego que aproveitava cada chance que tinha para insinuar o quanto eu amava estar ali.

— Minha avó faleceu há alguns anos e minha tia foi rodar o país, depois de me criar e cuidar da mãe que ficou doente, ela merecia um descanso. Me liga uma vez por mês para dar sinal de vida.

Ela ficou me olhando de uma forma que, se fosse em outro momento, me deixaria constrangido por conta da intensidade.

Nosso encanto acabou quando nosso pedido chegou, comemos em silêncio, e poucas vezes falávamos coisas banais, sobre o lugar, a comida que era muito boa, mas a todo momento nossos olhos se encontravam e eu podia ver tudo estampado no rosto dela. Era um espelho que refletia claramente o meu desejo e sentimentos.

Nosso jantar foi carregado de olhares expressivos, insinuações e promessas. Passamos no mercado como combinamos e compramos algumas coisas para que não tivéssemos que descer todos os dias para comer. O caminho de volta a cabana foi regado de uma tensão que era quase sufocante. Dessa vez, eu dirigi e foi preciso foco para prestar atenção na rua de terra e não parar em uma esquina qualquer para acabar com aquela vontade que era palpável entre nós.

Quando estacionei pertinho da cabana, Priscila desceu do carro sem nem olhar

para mim e pegou as sacolas de compras na traseira. Apressei-me e, antes que ela desse cinco passos, peguei as bolsas de seus braços. Ela me encarou e pude ver em seus olhos o quanto travava uma luta interna.

Não disse nada e nem ela, Priscila apenas se virou e continuou seu caminho até a cabana que dividiríamos pelos próximos dias.

O que acontecia entre nós desde o primeiro momento em que colocamos os olhos um no outro era como uma batida de trem desenfreado, você tenta não olhar, pode acreditar que terá alguma chance de ser evitado, mas no final acaba não vendo de verdade o estrago que fora feito.

Não que acreditasse que teria qualquer dano a nós se ficássemos juntos como queríamos, mas ela acreditava.

Vi que ela se refugiou no quarto que não era um quarto, porque os cômodos do lugar era um só, divididos apenas por meia parede feita de madeira e que deixava o clima ainda mais íntimo. Deixei as sacolas no balcão da cozinha e segui para ir atrás dela, o que quer que a estivesse incomodando poderíamos enfrentar e conversar como dois adultos. Estava na hora de parar de fugir do que sentíamos, aquela atração e a certeza que sabia que seríamos tão incríveis juntos.

Mas assim que fui me aproximando vi que Priscila estava no banheiro, com a porta aberta e tirava a roupa com uma lentidão maior do que poderia ser considerado espontâneo. Ela sabia que eu a seguiria e que a encontraria daquela forma, porque, se a porta aberta não fosse um convite, eu não sabia o que era.

Apoiei minhas mãos dos dois lados da porta e a observei enquanto retirava a camisa, desafivelava o sutiã e então ela olhou por cima do ombro me encarando com desejo e algo mais.

E em meio àquela névoa de sedução, ela desceu a mão pelo corpo, acariciando a própria pele até o cóx das calças de ginástica que usava, descendo por suas pernas, juntamente com a calcinha pequena. Fez tudo sem desgrudar os olhos dos meus.

Ela entrou no box de vidro, deixando-o aberto e abriu o chuveiro, permitindo que a água deslizesse por seu corpo. Uma perna estava um pouco levantada escondendo a visão magnífica de mim, engoli em seco pelo que aquela mulher fazia comigo. Eu simplesmente não conseguia parar de assistir, era sexy vê-la

tomar banho, quando claramente me seduzia sem dizer uma palavra.

Priscila sorriu de lado, fechou os olhos e jogou a cabeça para trás expondo ainda mais seu corpo para o meu olhar faminto. Já não me aguentava e segurei com mais força no batente da porta, me impedindo de ir até lá sem que ela me convidasse.

Seus olhos se abriram e ela estava séria, exalando sensualidade em cada poro. Entreabriu os lábios como se expulsasse o ar e isso fosse a única coisa que a mantivesse sã, o vapor da água quente já tomava o banheiro e ela umedeceu os lábios capturando a água que já salpicava seu rosto.

— Não vai se juntar a mim?

E era só isso que eu estava esperando. Retirei minha roupa em tempo recorde, não estava ali para ser sensual ou qualquer coisa. Ela riu da minha pressa e, quando toquei seu ombro, já senti o meu corpo louco pelo dela, que respondia a cada batida do coração cadenciando junto com a respiração daquela mulher.

Pri se virou e olhou para mim mais séria do qualquer outro momento.

— Eu não posso dar o que você quer.

— E como você pode saber o que eu quero? — Deslizei as costas dos dedos por seu rosto macio e molhado. Puxei uma respiração profunda, sentindo meu peito quase explodir de antecipação.

— Você é um homem intenso. Não faz nada pela metade, sei que gosta de mim, posso ver na forma como me olha.

— Que mal há nisso? — sussurrei rouco, louco para acabar aquela conversa e fazer logo o que estava com saudades desde que deixamos os Estados Unidos, na verdade desde o momento que a deixei no quarto sabendo que, se pressionasse um pouquinho, ela cederia e seria minha a manhã inteira. Mas não era isso que eu queria dela, nunca foi. Forçar algo não seria saudável, mas vê-la se entregar de verdade, seria como me tornar o rei da porra do mundo inteiro.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos se entregando à carícia que eu fazia em seu pescoço; somente o som de nossas respirações e da água caindo do chuveiro enchia aquele banheiro.

— Eu não posso te amar de volta, isso não vai nos trazer bem algum, já amei e só me trouxe dor. Se vamos começar isso, você precisa estar ciente do que está arriscando, não quero te magoar. Você merece mais do que isso.

Fiquei em silêncio esperando que ela abrisse os olhos e sorri abertamente, colando nossos corpos de uma vez e a vi se arrepiar toda apesar da temperatura da água.

— Eu sou capaz de lidar com isso e não me importo de ser o cara que aquece a sua cama; e, além do mais... — me aproximei e sussurrei em seu ouvido, mordendo o lóbulo de sua orelha, fazendo com que Priscila arqueasse o corpo em direção ao meu — posso amar por nós dois!



Capítulo 11

*Tá no mar, tá no ar
No brilho dos seus olhos
Eu não quero tudo de uma vez
Eu só tenho um simples desejo*

(Simples desejo – Luciana Mello)



Priscila Marins

O toque de suas mãos ásperas em minha pele sensível não ajudava em nada a minha mente absorver tudo o que ele disse. Estava me sentindo egoísta em começar aquilo, ou melhor, ceder ao que sentia quando eu sabia que ele sairia machucado, mas acima de qualquer coisa eu era uma mulher com os hormônios à flor da pele, com um homem que me desejava e sentia por mim mais do que eu provavelmente merecia. Não era forte o suficiente para negar qualquer coisa mais e me deixar levar era a única opção racional ali.

Ou não! Não havia nada de racional ao que acontecia conosco.

Paulão olhava em meus olhos com uma adoração, uma paixão, desejo intenso e eu até sentia dificuldade de respirar.

— Eu vou te machucar!

O sorriso que ele me deu fez o resto de minhas barreiras desmoronarem no chão daquele banheiro.

— Não, você não vai!

A mão que estava descansando em meu pescoço, até então levemente, fazendo carinho, pressionou com mais força. Olhando dos meus olhos para os meus lábios, ele foi abaixando a cabeça, eu respirava pela boca entreaberta, expulsando o ar como se ele fosse um intruso em meu corpo. Estava ansiosa e

angustiada, com um medo enorme dentro do peito, sentindo que aquele seria um passo sem volta; e, quando seu rosto chegou perto demais, ele levantou os olhos e eu fechei os meus, me entregando de uma vez para aquela sensação que me tomava por inteiro.

Quando sua boca tomou a minha, encostei meu corpo no dele, sentindo todos os meus músculos relaxarem, era como respirar ar puro depois, encher os pulmões de oxigênio, satisfazer a alma...

Seus lábios moviam-se contra os meus e eu só pude me segurar em seus ombros, porque pensei não conseguir me sustentar em minhas pernas, tamanho era o alívio que sentia dentro de mim. Negar a si mesmo o que quer e sente tem o poder de fazer ficar maior, te consome, sufoca, angustia... Dar liberdade ao que eu sentia, foi como se me soltasse das amarras que eu mesma coloquei em minhas mãos.

Paulão tinha um toque inesquecível, daqueles que você ainda sente tempos depois. A boca que exigia o máximo se afastou da minha só para descer por meu rosto, pescoço e colo. Engoli em seco e joguei a cabeça para trás, dando espaço para que ele tomasse o que quisesse.

Já não havia resistência em mim, minha mente estava nublada por prazer, pela expectativa. Meu corpo respondia a ele como se estivesse ensaiado, como se esperasse por isso há tempos demais.

De repente fui imprensada na parede e tinha um corpo enorme cobrindo o meu, minhas mãos automaticamente foram parar em sua cintura e, quando percebi, eu o arranhava, querendo mais, muito mais. Minha respiração estava rápida, meu coração acelerado, eu o sentia em todos os lugares. Os músculos rígidos, a pele quente, a água escorrendo sobre nós dois, as mãos que exploravam sem pudor. Os beijos e carícias. Era demais! Eu sabia que ele seria demais e por isso resisti tanto, mas agora, estando em seus braços, me arrependia pelo tempo que perdi, pois estar com aquele homem era além do que qualquer um pode imaginar.

Seu peito pressionava meus seios e ele olhou para mim com os olhos semicerrados, como se estivesse embriagado, e realmente estávamos, do mais puro desejo. Os dentes cravaram na carne macia dos seus lábios e o sorriso torto, cheio de más intenções fizeram daquele momento ainda mais lascivo.

— Ainda tem dúvidas disso, Priscila? Se quiser que eu pare é só falar.

Que voz rouca era aquela? Minha admiração por aquele homem apenas aumentou, mesmo com o corpo tenso de desejo, podia senti-lo rígido pressionando em minha barriga, se preocupava que eu tivesse certeza. Ainda que minhas mãos não tivessem o suficiente dele, que minha boca buscasse pela dele ávida e faminta; mesmo com meu corpo em chamas, para que ele me saciasse, precisava do meu sim para prosseguir.

Aquele olhar devia ser proibido e de súbito senti algo em meu peito ao pensar que alguém mais poderia tê-lo em algum momento, porque, por mais que doesse, eu não seria capaz de lhe dar o que inevitavelmente ele iria querer.

— Dúvidas eu tenho, mas eu quero você, mais do que qualquer coisa nesse momento.

Pude ver algo passando por seus olhos intensos, mas logo sumiu, como se não estivesse ali.

— Pra mim está ótimo!

De súbito, ele me levantou em seus braços e por impulso preendi minhas pernas em seu quadril, fechando os olhos quando senti seu membro rígido tocando-me onde eu estava mais sensível, esperando por alívio. Cada pequeno movimento era capaz de enviar uma corrente elétrica que acendia o meu corpo, brincava com meus sentidos.

Engoli em seco, respirando com dificuldade.

— Você é a mulher mais incrível que eu conheci na vida, sabia? É tão incrível que parece não ser real, às vezes fico te olhando e penso que pode ser um sonho e quando eu acordar você terá sumido, deixando o meu coração vazio, meus braços com saudade.

Oh, Deus! Senti meus olhos se enchendo de lágrimas e um nó gigante se formou em minha garganta. Balancei a cabeça de um lado para o outro, fechei meus olhos para tentar fugir de sua intensidade, de suas palavras, mas não podia, pois sua presença e toque eram demais para ignorar.

— Por favor, não faz isso — pedi num sussurro porque com isso eu não podia

lidar naquele momento. Nunca me senti tão frágil, tão entregue.

— O que não é pra eu fazer, Priscila? Isso? — Moveu o quadril, fazendo uma fricção em meu clitóris, fazendo com que uma onda de prazer subisse por mim. — Ou isso? — sussurrou enquanto beijava meus seios molhados.

— Paulão! — gemi seu nome enquanto movia minha pélvis à procura de alívio.

— Gosto quando você diz meu nome desse jeito. — Mordiscou minha pele e sorriu. — Quando grita então!

— Eu não grito!

Ele riu e pressionou um pouco mais em mim fazendo-me soltar um gritinho agudo.

— Grita sim!

Ok, talvez eu o fizesse, não que fosse consciente.

— Dá pra calar a boca e agir?

— O que você quer?

Ele estava me provocando, sabia que estava. Queria que eu pedisse, que dissesse em palavras o que meu corpo já estava implorando. Eu sabia o quanto era bom em torturar meus sentidos, o quanto era perfeito em satisfazer as minhas vontades, mas, dessa vez, eu sentia que ele queria que eu falasse com o português claro. E eu não era uma mulher de pudores, ou timidez, quando eu queria me entregar eu o fazia sem vergonha alguma.

Com o meu silêncio, ele parou de me beijar e olhou para mim, parecendo estar com sono, os olhos injetados de uma vontade perigosa. Aproximei-me e coleí meus lábios nos dele, fixando meus olhos nos dele.

— Eu quero seu pau dentro de mim, agora! — Minha voz estava rouca e senti o corpo dele ficar ainda mais tenso.

Paulão engoliu em seco e seu peito se inflou quando puxou uma respiração

intensa.

— Porra, Priscila!

Adorava quando ele xingava assim, não era algo recorrente, mas na hora do sexo ele falava umas besteiras e isso era ainda melhor porque fazia com que perdesse qualquer controle sobre si mesmo.

— Eu vou entrar em você agora, assim mesmo. Tudo bem?

Ele queria dizer sem nada entre a gente, sem proteção, e eu já havia feito isso uma vez na vida. Mas eu queria!

— Eu estou no controle e estou limpa.

— Eu também, nunca transei sem camisinha.

Assenti e ele levantou uma perna apoiando-me enquanto uma mão descia por nós, ele ajeitou o seu membro no lugar certo e olhou em meus olhos quando começou a entrar em mim, tão devagar, que eu estava a ponto de gritar.

— Droga, isso é bom demais!

Então começou a se mover, entrava e saía de mim com uma delicadeza, com medo de me machucar e não era isso que eu queria. Meu corpo pedia por mais, insistia para que fosse satisfeito da melhor maneira.

Com a dança em minha vida há tanto tempo, minhas pernas ficaram fortes e eu fiquei de certa forma habilidosa de um jeito que era bem proveitoso. Prendi meus calcanhares em seu quadril e me impulsionei para cima, descendo com força provocando um gemido alto de nós dois com a sensação. Eu estava preenchida completamente, Paulão estava por todo lado e aquilo estava me enlouquecendo.

Meu corpo pedia por libertação e continuei com minha missão de nos tirar da atmosfera. Subia e descia, a água quente apenas aumentava o tesão, esquentando os lugares certos. Paulão me deixou tomar o controle, então nos virou. Encostando-se na parede do banheiro, me dando espaço para minhas manobras, suas mãos me seguravam, dando o apoio necessário, a fricção de seus pelos pubianos em meu clitóris aumentavam o prazer.

Ele tinha o maxilar travado, como se estivesse tomando tudo dele para se segurar e fazer durar mais tempo. Eu respirava pela boca enquanto cavalgava nele daquela forma, me entreguei e cada vez mais forte, mais rápido. Os músculos das minhas pernas queimavam com o esforço, mas eu queria mais.

Tomei tudo que queria, Paulão grunhia alto, os barulhos que retumbavam em seu peito só faziam aumentar o meu tesão e, quando eu já não aguentava mais, olhei em seus olhos sorrindo.

— Vem comigo?

— Sempre, porra!

Então nós fomos juntos para o clímax mais intenso que experimentei na vida, senti-o se derramar dentro de mim, pulsando enquanto eu contraía tomando tudo dele. Deixei-me cair em seu peito, sem força alguma e ele me segurou em seus braços. Descansando o rosto na curva do meu pescoço. Nossas respirações estavam rápidas, os corações batiam fortes, no mesmo ritmo. E quando a adrenalina foi diminuindo e os pensamentos voltaram mais coerentes a minha mente me afastei um pouco, tirando o cabelo do caminho. Porque eles estavam todos grudados em meu rosto, o que vi em seus olhos fez com que eu tivesse a certeza de que aquela seria a viagem mais perigosa que faria na vida.

E mesmo ciente da dor que poderia causar, que poderia sentir, estava disposta a ter nem que fosse um pouco do que ele queria me dar.

Se isso me tornava uma pessoa egoísta, naquele exato momento, com a névoa de um orgasmo poderoso, estava pouco me importando.



Capítulo 12

*O que eu faço se é você que eu venero
Ainda te amo, meu amor, ainda te quero
Sem você não vivo nenhum segundo
Sem teu amor fico perdido no mundo
(Bem querer – Maurício Manieri)*

Paulão Lima

Eu poderia ficar aqui por tempo indeterminado, só olhando para a beleza dela, citando todas as qualidades, toda a energia deliciosa que ela emanava, sua sensualidade natural. Poderia dizer palavras bonitas, mas nada seria o suficiente para traduzir o que aconteceu dentro de mim quando subimos no clímax juntos, para então cairmos de uma vez só.

Parecia ter acabado de sair de uma montanha-russa, sentia meus pulmões à procura de oxigênio, a adrenalina corria por minhas veias entorpecendo minha mente, o coração batia tão rápido e tão forte. Sentia coisas que nunca tinha sentido antes e mesmo sendo um homem que sabia o que queria e quem desejava. Ainda me senti vulnerável demais e era assustador.

Ficamos abraçados por um tempo. Tentando recuperar as forças e, quando Priscila colocou os pés no chão, fazendo com que nossos corpos se separassem, senti um vazio terrível, uma vontade de apertá-la em meus braços e não a deixar sair, sentia como se aquele fosse um passo importante que demos e que poderia definir o que seria de nós depois.

E se ela se arrependesse e decidisse que aquilo era um erro, decidisse partir e não quisesse mais, eu iria respeitar e deixá-la ir, por mais que me machucasse no caminho.

Priscila era como uma força da natureza, não podia ser controlada ou presa,

precisava ser livre para ser feliz.

Ela olhou para mim e parecia estar arrependida do que fizemos e quando ela se virou para sair do boxe sem dizer uma palavra, fechei meus olhos encostando a cabeça na parede. Era o que eu temia, mesmo que ela não tenha dito nada, sentia que algo a incomodava.

— Droga!

Talvez não tenha sido inteligente ceder dessa forma, eu pretendia conquistá-la primeiro, de uma forma como nunca ninguém o fez, aí sim deixar que o desejo levasse o melhor de nós, que pudéssemos dar uma chance ao que poderia nascer entre nós, ao que poderíamos construir.

Tem momentos que o sexo pode estragar tudo e eu só podia torcer para que não fosse um desses momentos.

Desliguei o chuveiro e peguei uma das toalhas que estavam dobradas em cima do armário da pia, a enrolei na cintura e quando retornei ao quarto não a vi em lugar algum. Meu coração começou a bater forte, não era possível que ela tenha ido embora, não tinha dado tempo. Um desespero surpreendente até para mim me tomou até que, pelo canto do olho, a vi guardando as compras que fizemos.

Estava quieta demais, o corpo tenso e mesmo de longe podia ver que estava pensando demais, isso não era bom. Caminhei até ela e fiquei às suas costas. Priscila parou o que estava fazendo, apoiou as mãos no balcão da pia e abaixou a cabeça. Ela vestia uma camisa grande e uma daquelas calcinhas tipo shorts que se colavam nela como uma segunda pele, os cabelos curtos estavam molhados, gotas d'água pingavam em seus ombros e escorria para dentro da camisa. Ela era tão incrível que eu achava que era uma miragem!

Sentir aquela loucura nascendo dentro de mim era algo que somente lia em livros; uma paixão avassaladora que me tomava por inteiro, me impulsionando em sua direção, que fazia meus sonhos serem preenchidos por seu rosto, por seu corpo. Fazia com que minha pele memorizasse a sensação da dela, gravasse seu toque como tatuagem.

Engoli em seco temendo que meu gesto pudesse afastá-la mais e me aproximei o mais silenciosamente possível, apoiei as mãos em sua cintura e a vi travar o corpo, mas ela era sensível a mim. Sua pele se arrepiou e um suspiro

profundo pôde ser ouvido vindo de seu peito.

— Paulão...

Meu nome em sua boca, sussurrado daquele jeito, era como se fosse um pedido.

— Para com isso! — Minha voz estava rouca de desejo e medo das palavras que ela poderia dizer.

— Parar com o quê? — Balançou a cabeça como se estivesse inconsolável, como se lutasse com as coisas que não queria me contar, com o que sentia.

— Para de pensar e só sente. — Aproximei-me um pouco mais fazendo o que tive vontade quando a vi ali, beijei o caminho que a gotinha de água havia feito, sentindo o calor e a umidade.

Priscila riu e balançou a cabeça.

— E como não sentir com você? O problema é esse, estou sentindo demais! Eu sabia que você era problema, por isso não queria deixar me levar desse jeito. Sei no que isso vai dar, mas não consigo ser forte para resistir ou me arrepender. É isso que tá me incomodando, eu não quero fugir, mesmo sabendo que seria o melhor a fazer.

Aproximei-me, colando meu peito em suas costas e senti meu corpo respondendo à proximidade, o perfume daquela mulher era como um afrodisíaco. Despertava em mim sensações únicas e tinha certeza de que nunca me sentiria daquela forma novamente.

— Então não foge. — Depositei beijos em seu ombro e pescoço, Priscila deitou a cabeça de lado dando-me acesso a sua pele. — Fica comigo!

Apertei mais meus braços em volta de sua cintura e ela recostou-se em meu peito, deitando a cabeça no meu ombro. Eu já estava duro de novo, pronto para levá-la, mas um homem precisa saber quando é hora de foder e quando é hora de apenas ficar abraçado, sentindo, esperando.

— Eu quero, mas não posso te machucar. Talvez tenha sido um erro virmos para cá sabendo que não consigo resistir a essa atração.

Podia ouvir a sinceridade em sua voz, ela não estava querendo parecer convencida, se fazer de difícil, ou um drama desnecessário. Era o que ela sentia, o seu receio em ser culpada pela dor de alguém era real e sufocante.

Tinha que assegurá-la de que não tinha problema, que eu sabia aonde estava me metendo e até acreditava que um dia aquele receio poderia desaparecer; quando isso acontecesse, eu estaria ali para ser o cara que ela precisava.

— Nós vamos ficar bem, Priscila. Eu vou garantir isso!

Ela fechou os olhos por um segundo e voltou a abri-los fixando-os em um ponto qualquer.

— Tenho medo, porque estou acreditando piamente nisso e não deveria.

— Pode acreditar, sou um homem que cumpre suas promessas. Se e quando você quiser dar o fora eu vou deixar você ir e não ficarei machucado, sei exatamente o que estou fazendo e o que você está disposta a me dar.

Beijei sua testa e ela olhou para mim com a testa franzida. Parecia querer dizer algo, seus olhos estavam agoniados e eu queria saber uma forma de tirar isso de dentro dela, se pelo menos me contasse o que a afligia daquela forma. Mas ela não falou o que a machucava, quando piscou os olhos voltou a ser a mulher sarcástica e sensual.

— E agora?

— O quê?

— O que vamos fazer já que não preciso mais fingir que não te quero?

— Então é isso que a senhora tem feito? Fingir! E eu achando que meus encantos não estavam te atingindo. — Sorri de lado, já imaginando as várias oportunidades que tínhamos ali naquele lugar que para mim já tinha ficado marcado. — Posso pensar em muitas coisas que podemos fazer! — Balancei as sobrancelhas e Priscila sorriu.

— Engraçadinho você!

Suspirei, e passei a língua nos lábios.

— Acho que podemos começar deitando naquela cama macia, fazendo um sexo gostoso e depois dormir abraçadinhos já que aqui tá bem friozinho. Aproveitar essa paz, esquecer dos problemas e não pensar em nada. Só curtir! Amanhã podemos andar um pouco pelo mato, brincar de Tarzan e Jane e te mostro o tamanho do meu cipó. — Encostei meu quadril nela, mostrando exatamente o quanto já estava pronto para começar.

Sorri largamente e fechei meus olhos sabendo que ela iria reagir àquilo e não deu outra, Priscila se desvencilhou dos meus braços e se afastou. Abri os olhos e a encontrei com uma expressão entre divertida e excitada.

— Quem é você e o que fez com o doce Paulão?

Dei de ombros e a puxei com uma mão para meus braços novamente, quando ela bateu em meu peito, abaixei a cabeça e beijei seus lábios suavemente.

— Eu posso ser doce, mas ainda assim sou um cara que fala besteira e adora sexo.

— E tem um cipó gigante?

— Exatamente!

— Jesus, eu achei que nunca ouviria essas coisas da sua boca. Cada vez mais me surpreendendo.

— Achou que eu fosse chato, né?

Ela mordeu a boca, colocou o corpo mais no meu, se fosse possível, seus braços envolveram meus ombros e ficou acariciando minhas costas com as mãos abertas.

— De jeito nenhum, mas eu tô adorando saber que você é assim. Uma caixinha de surpresas. — Ela desceu a mão direita sobre minha cintura e parou na barra da toalha que estava enrolada em minha cintura. — E vou adorar desembrulhar você e descobrir mais coisas.

Deu um puxão e então eu estava completamente nu, com uma mulher que tinha fogo nos olhos olhando para mim como se fosse me comer vivo. Eu sei que poderia soar clichê e que isso já tenha sido dito muitas vezes em lugares, mas,

velho, a verdade tinha que ser dita. Eu estava mais do que disposto a ser devorado.

— Eu acho que estou em desvantagem, então. Tem muita roupa te cobrindo dos meus olhos.

— Não seja por isso. — Soltou-me e se afastou um milímetro, levando as mãos na barra da camisa e retirando-a. Olhou para mim, que encarava seus seios macios com a boca cheia d'água, e sorriu. — A calcinha vou deixar pra você tirar!

E com isso eu posso dizer que a lista que fiz mentalmente do que poderíamos fazer estava apenas começando.



Capítulo 13

*Somente o sono ameniza a minha dor
Mas e depois? E quando o dia clarear?
Quero viver do teu sorriso, teu olhar*
(Sem ar – D'Black)



Priscila Marins

Senti um calor tão forte, era como se estivesse sendo assada igual a um frango de padaria, minha pele praticamente estava em combustão. Sem falar no meu corpo sensível em cada parte possível, até as que eu nem me lembrava da existência.

Então o meu fogo humano se moveu, fazendo com que me lembrasse imediatamente o motivo de estar com tanto calor e os meus músculos trabalhados como se tivesse passado o dia dançando. Era ele, o careca mais sexy do mundo: Paulão.

A lembrança de tudo que fizemos na noite passada voltou a minha memória de uma vez, fazendo com que um sorriso satisfeito e tranquilo desenhasse em meu rosto. Ficar com ele era leve, fácil, delicioso! O homem não era só bom de cama – o que preciso deixar bem claro ser sensacional, Deus, parecia não me cansar nunca daquele corpo, os beijos, carícias e tudo o mais –, mas tinha uma conversa gostosa, era carinhoso e falava coisas tanto engraçadas quanto românticas. Ele mexia comigo de tantas formas que me assustava para valer, era um medo real de perder meu coração para aquele cara grande e doce.

Abri os olhos e me virei devagar para não perturbar o gigante adormecido. Ele ainda dormia sereno, seus olhos estavam fechados e tranquilos, os lábios entreabertos expulsando o ar enquanto ele ressonava baixinho. Porém, eu estava presa. O braço forte e grande me prendia pelo peito e a perna gigante estava em

cima do meu quadril.

Como eu consegui dormir desse jeito, meu Deus?

Ah é, estava exausta depois de várias performances sexuais.

O bom de dançar há anos era que eu tinha uma flexibilidade muito boa e me retorci muito para conseguir escapar daquelas garras. Por fim, acabei me soltando de sua segurança e, por mais estranho que fosse, senti falta e frio. Consegua perceber que meu coração estava esquisito, batia em um compasso diferente cada vez que eu olhava para o homem estendido na cama, ou simplesmente me lembrasse do seu sorriso e o som gostoso que fazia quando gemia meu nome.

Deus, eu estava enrascada!

— É a última coisa que você precisa agora, Priscila!

— Deu pra falar sozinha agora?

Dei um pulo no lugar e olhei para Paulão, que já estava acordado, completamente à vontade com a sua nudez e, para provar isso, estava com os dois braços atrás da cabeça, me observando com um sorriso safado e conhecedor no rosto. Eu? Estava parada igual uma maluca pelada cobiçando o grandão sem nenhuma vergonha.

Isso, depois de descobrir o quanto estava a ponto de me apaixonar.

O que aqueles caras da oficina tinham? Seria algo na água que eles bebiam? Tinha que me lembrar de alertar Thays, porque a menina estava querendo irritar o coitado do Jorjão, só que no percurso poderia acabar perdendo o coração também.

Oi? Quem disse que perdi o coração?

— Priscila? Meu rosto está aqui em cima!

Arregalei os olhos e subi meu olhar para encará-lo. Paulão sorria ainda mais, se fosse possível e percebi que estava em meio a um devaneio encarando fixamente os documentos do rapaz.

Eu já disse que era um documento e tanto?

— O quê? O que você disse?

O sorriso de lado dele denunciava que sabia que eu estava confusa, não gostei, era perigoso o cara me conhecer bem demais.

— Você estava falando sozinha... O que foi? Por que está pelada e parada aí me encarando há tanto tempo? Procurando alguma forma de me acordar?

Por que eu sentia que ele estava convencido demais? Onde estava o cara legal que eu mencionei segundos atrás? Por que isso me irritava?

— Acho que você está se achando demais, querido. Eu tenho essa mania de travar no lugar quando penso em algo importante!

— E esse algo importante tem a ver com o que você estava olhando? Porque já estou ficando animado com isso, viu?

Arregalei os olhos com a insinuação e baixei o olhar para ver, ele estava mesmo animado. Senhor! Balancei a cabeça e me virei parando de encarar aquele filho da mãe convencido.

Por acaso, eu tinha transado com o amigo dele e não sabia? Odiava aquele lado convencido. Ok, estava mentindo! Quando o cara era sério demais e não me provocava, eu enjoava fácil, fácil.

— Larga de se achar, estou só pensando qual trilha vamos fazer hoje. Acho que devemos fazer a trilha, é bem mais fechada e tem uma cachoeira.

Ele ficou em silêncio enquanto eu rodava pelo quarto, e sim, ainda estava pelada. Tinha que sair dali e o único lugar que poderia me refugiar era no banheiro.

— Vou tomar um banho, você prepara o café?

Cometi o grande erro de me virar e Paulão me observava em silêncio, com seus olhos intensos e cheios de coisas que eu não poderia nem pensar em deixar acontecer, a expressão em seu rosto era misteriosa e senti meu coração batendo mais forte com a constatação de que ele gostava mais de mim do que queria

admitir.

— Você tá querendo me levar para o meio do mato mesmo, né?

Nem fiquei para responder e bati a porta com força, mas não deu para deixar de escutar a risada daquele homem que estava começando a me irritar. Irritar era bom, não deixava espaço para aquela coisa que começa com “A”, que eu não podia nem pensar que me dava urticária.

Ah, merda! Quem eu queria enganar, ele estava trilhando o caminho certo para me deixar louca por ter cada vez mais. E eu? Bem, sabia que o machucaria em algum momento.



Amava fazer programas ao ar livre. Caminhar, fazer trilha, nadar, correr, jogar vôlei... Tudo que minha melhor amiga não era muito chegada. Mileni só fez dança comigo porque precisava para o trabalho, senão nunca teria chegado perto do meu estúdio. A molenga reclamava todas as vezes depois de uma aula.

E pior, seu sofrimento era real! A menina não tinha fôlego para me acompanhar.

Pensar nela me deixou triste, por causa de como deixamos as coisas antes de Mileni viajar. Parei em certo ponto da trilha e me sentei em uma pedra, observando a paisagem abaixo de nós. Já tínhamos subido grande parte do caminho e dava para ter uma vista panorâmica da serra. Aquele lugar era lindo e sempre me deixava um pouco nostálgica: a vasta paisagem, o verde interminável, o vento fresco acariciando meu rosto. Tudo isso me trazia lembranças da infância, saudades que sentia de quem eu tinha sido.

Paulão, que estava atrás de mim na trilha, sentou-se ao meu lado e ficou em silêncio. Apenas me deixando ter meu tempo. Ele era incrível exatamente por isso, sabia dizer o que precisava ser dito no momento certo, mas também sabia quando eu precisava de silêncio.

Sua companhia estava mexendo comigo mais do que eu gostaria de admitir.

Era como se nos conhecêssemos há tempos, só com o fato de que ele não me conhecia, ninguém me conhecia direito e consegui lidar com isso ao longo dos anos. Só que não tinha ninguém que eu me importasse o suficiente, e agora tinha, aquilo estava me sufocando. Era como se eu precisasse desabafar tudo de uma vez, dizer com todas as palavras a pessoa covarde que eu era, decepcionar minha amiga. Tudo que eu não queria, mas começava a ver cada vez mais perto.

— Sabe, quando eu era criança nós íamos para um lugar assim. Passávamos quase uma semana inteira fugindo da realidade e correria da cidade. — Sorri ao me lembrar das raras vezes que via meus pais relaxados e agindo como seres humanos e não máquinas robóticas sem vida. — Meu pai inventava uns passeios pelo meio do mato, eu adorava, mas minha mãe sempre reclamava dos mosquitos, do quanto estava cansada e suas pernas doendo. Só que assim que chegávamos no topo do morro e nos dávamos conta da vista linda que tínhamos à frente ficávamos em silêncio, apenas apreciando a paisagem, olhando o quanto éramos pequenos e insignificantes.

— Isso é uma reflexão e tanto. Quantos anos tinha?

Dei de ombros sem desviar o olhar do horizonte, não tinha como olhar para ele naquele momento, estava perdida em memórias.

— Uns dez, eu acho.

— É algo forte de se pensar para alguém tão jovem.

— Amadureci cedo, precisei fazer isso. Minha família era muito ocupada e tive que aprender a contar apenas comigo. — Virei-me e o olhei com um sorriso triste no rosto, Paulão me observava com os olhos enevoados, não conseguia identificar o que se passava em sua cabeça e aquilo era demais. Voltei a fitar a paisagem e suspirei, endireitando o corpo. — Quando Mileni apareceu na minha vida, eu percebi o quanto uma amizade como a dela era impressionante, ela podia estar do outro lado do mundo e se eu precisasse sabia que poderia contar com ela para qualquer coisa.

Nunca tinha falado sobre a minha família com ninguém, nem mesmo Mileni sabia qualquer coisa sobre os meus pais, mas eu me sentia tão farta de esconder tudo, de omitir o meu passado, a minha vida, que precisei desabafar.

Voltei-me para olhar para ele. Paulão estava de tirar o fôlego, usava um boné

virado para trás para proteger sua careca do sol, uma camisa verde e bermuda preta. Seus olhos castanhos estavam focados em mim e uma veia pulsava em seu maxilar, sabia o que estava fazendo. Tentando desvendar o que deixei por alto nas entrelinhas.

— Acho que vocês não podem ficar desse jeito. Mileni não tem culpa pelo que aconteceu e você sabe disso. — Ele estendeu a mão e a deslizou por meu rosto, foi inevitável não me render ao carinho daquele homem tão incrível. — Vocês precisam conversar e resolver isso. Esse rosto lindo precisa de sorrisos para iluminar os nossos dias.

Oh, Deus! Por que ele tinha que ser tão intenso, tão incrivelmente maravilhoso? A única coisa que eu podia pensar naquele momento era que, se meu coração pudesse se entregar, ele seria o homem perfeito, era com ele que eu gostaria de passar momentos tranquilos esquecendo do mundo e me desligando da vida. Era com ele que eu gostaria de acordar e dormir, dizer aquelas palavras que tanto acalentam nossa alma, era com ele que eu gostaria de ser apenas uma mulher apaixonada.

Meus olhos encheram-se de lágrimas e eu não queria que ele percebesse o quanto eu estava mexida. Engoli o nó que estava me impedindo de dizer qualquer coisa e fixei os olhos em seus lábios cheios.

— Você tem razão!

Estava com tanta vontade de beijá-lo, desde o momento em que saímos da cabana, na verdade, acreditava sentir esse desejo o tempo todo. Mesmo que não estivéssemos perto. Beijar alguém que você gosta se torna viciante e você nunca se sente satisfeito.

— Eu sei que tenho. — Sorriu de lado, parecendo convencido demais, sabendo exatamente o que eu queria. — Você pode me beijar, Priscila. Não precisa de permissão.

Ele parecia ler meus pensamentos todas as vezes!

Levantei os olhos e o encarei, Paulão me olhava com intensidade e senti meu corpo todo acordar para a vida. Queria estar na cabana naquele momento, mas me contentaria com um beijo.



Capítulo 14

*No meu coração
aonde quer que eu vá
sempre levarei*

O teu sorriso em meu olhar

(1 minuto – D'Black, Negra Li)

Paulão Lima

Sua voz estava diferente e tinha certeza de que ela nem mesmo percebeu. Ter um pouquinho do seu passado naquele momento significava muito mais do que ela gostaria. Priscila estava derrubando suas barreiras sem perceber e me sentia honrado por isso.

Tê-la confiando em mim daquele jeito era muito mais do que qualquer palavra que pudesse ser pronunciada naquele momento. E eu poderia empurrar mais seus botões que ela soltaria mais coisas, que eu era tão curioso para descobrir, mas nunca faria isso.

Tive vontade de segurar seu rosto entre minhas mãos e beijá-la de um jeito suave e carinhoso, dando o que ela precisava e assim fiz. Priscila estava com os olhos fechados e a boca entreaberta, ela respirava pesadamente e uma lágrima solitária desceu de seus olhos cerrados.

Meu coração ficou ressentido pela dor que aquela mulher tão incrível carregava em seu interior. Existem pessoas que não tem a mínima noção do quanto são fantásticas. E Priscila era assim, tão incrivelmente perfeita que chegava a doer o coração. Deveria apenas sorrir e se sentir bem. A tristeza não deveria lhe caber, mas sabe como é a vida. Ela nos empurra, nos machuca, nos testa para ver até onde somos capazes de ir, nos tornando fortes, nos ensinando que nem tudo é como queremos e que, às vezes, ficar triste faz parte.

Mas, como um apaixonado, eu só queria ver aquela mulher feliz!

Engoli em seco por todo o sentimento que me invadia, eu não planejava me deixar cair daquela forma, tão rápido e tão fácil, mas as coisas estavam tomando um rumo que não poderia controlar. Aprendi muito cedo que não era capaz de segurar o que sentia, eu estava me apaixonando por aquela mulher que não estava nem um pouco disposta a devolver o meu sentimento.

O que ela temia estava acontecendo, eu a amaria e acabaria sofrendo.

Só que, naquele momento, não me importava com nada, apenas queria beijar Priscila até que todos seus medos e fantasmas fossem embora e só restasse apenas nós dois naquela pedra com uma vista linda e romântica a nosso dispor.

Fechei meus olhos e encostei meus lábios nos dela de forma suave, apenas levemente, roçando a maciez dela com a minha dureza. Ela era tão delicada e forte ao mesmo tempo. Priscila soltou um suspiro longo e profundo, daquele sentido no fundo da alma. Então seus braços estavam me puxando como se ela precisasse de mim para conseguir se manter naquele momento, meu coração já balançado, caiu um pouco mais.

Nosso beijo se intensificou e meus braços a prendiam-na firme junto ao meu peito quando nossas bocas duelavam, buscando cada vez mais um do outro. Sentindo aquele momento perfeito como se fosse único, eu guardava na memória para poder me lembrar depois quando o inevitável acontecesse.

Quando ela fosse embora!

Eu a perderia e não podia fazer nada quanto a isso.

Ainda movendo nossos lábios, um pouco mais devagar, abri os olhos e a observei. Nossos beijos foram diminuindo até que ficamos com as bocas coladas, sem mover ou até mesmo respirar, com medo de que o encanto quebrasse. Ela abriu os olhos e ficamos daquele jeito por minutos eternos e, naquela altura, Priscila já não tinha lágrimas em seus olhos, mas uma intensidade natural que eu acreditava que era o que a tornava uma dançarina fantástica, aquela pessoa maravilhosa que encantava qualquer pessoa que tivesse o prazer de conhecê-la, que se entregava de corpo e alma.

Estava tudo demais e não sabia como lidar com o que poderia acontecer dali

para frente, seria impossível esconder os meus sentimentos e acreditava que o plano de parecer casual e desinteressado não funcionaria mais. Então eu sorri e me afastei, sentindo imediatamente a falta da sua boca, do seu calor.

— Acho que se continuarmos corremos o risco de outras pessoas nos pegarem no flagra, não é?

Ela ficou me olhando e não consegui sustentar seu olhar, estava exposto demais. Apesar de saber o que queria, ainda tinha medo de me machucar, mesmo tendo assumido os riscos para estar com ela.

— Está com medo de que eu vá te jogar nessa pedra e me aproveitar da sua inocência, grandão? — A voz dela estava rouca das sensações e ela sorria amplamente sem ter alguma ideia da bagunça que havia dentro de mim.

Dei de ombros, sorrindo sem graça e levantei os olhos para encará-la.

— Não sei, tudo pode acontecer, não? — Minha voz saiu mais intensa do que eu pretendia.

O pior do que amar alguém que você sabe que não poderá te amar de volta é essa pessoa perceber isso sem que você queira. Priscila sorriu abertamente, não captando tudo que estava acontecendo comigo, aparentemente ela estava distraída com seus próprios problemas.

Ela inspirou profundamente enchendo os pulmões de ar fresco e se levantou, limpando o short. Olhou para mim e estendeu a mão.

— Não podemos arriscar a sua virtude, vamos continuar nosso caminho porque estou começando a ficar com fome.

Caminhamos o restante da trilha em silêncio. Mesmo que tivesse mil coisas a dizer eu não conseguiria, naquele momento estava tentando organizar as coisas em meu coração para saber qual passo dar. Percebi que eu não era bom em jogos, nunca tinha feito nada parecido. Sempre que gostei de alguém, que fosse para uma noite ou algo mais, nunca tive problemas nesse âmbito da minha vida, com ela claro que tinha que ser diferente.

Além do fato de estar me apegando muito mais do que com qualquer outra pessoa, tive a infeliz ideia de dar uma de *Don Juan*, conquistar a mulher e fazê-

la se apaixonar por mim por meios sexuais. Caralho, eu não era assim e era óbvio que daria muito errado! Só não contei em ficar tão triste com o iminente desastre.

Tínhamos percorrido grande parte da trilha que levava ao pico do morro e até a tal cachoeira que Priscila tinha dito; e, em minuto, já estávamos no local almejado. Prendi o fôlego quando, de repente, estávamos nas margens de uma pequena cachoeira que caía em um poço formando uma piscina cristalina e que refletia a luz do sol que acariciava a água sem medo.

— Uau, esse lugar é... — Não consegui encontrar palavras que traduzissem tudo que eu senti ao estar ali.

— Eu sei! Nunca me canso de vir aqui. É sempre uma renovação de espírito diferente. — Ela se virou para mim e sorriu. — E hoje estou grata por você estar comigo, obrigada por me acompanhar, Paulão.

Droga!

A minha intenção em não deixar que ela visse tudo que se passava comigo estava caindo por terra. Definitivamente, eu não era um homem de joguinhos.

Aproximei-me, ficando a sua frente e estendi a mão, capturando uma mecha de cabelo que tinha escapado do coque que Pri tinha feito e a coloquei para trás de sua orelha. Abaixei a cabeça e estávamos a ponto de nos beijar de novo.

— Você não deveria dizer isso a alguém, Priscila!

— Por quê? — Ela sorria e piscou os olhos tentando soar charmosa, mas meu coração estava pesado demais para entrar na sua vibração.

— Mexer com o coração dos outros não é legal!

Não queria que aquilo saísse daquele jeito tão forte, tão sincero. Poderia ser uma brincadeira, tantas quantas aquelas que fazíamos desde Nova Iorque. Mas era real, eu estava falando sério, porque meu peito estava a ponto de explodir tamanha a beleza daquela mulher naquele lugar incrível.

— Eu sinto muito. — Sua voz saiu em um fio baixo, ela mordeu os lábios e fechou os olhos por um instante. — Sinto de verdade!

Balancei a cabeça e encostei a minha testa na dela, não tinha o que se desculpar, eu fui avisado várias vezes e não tinha o que reclamar. Tinha estragado tudo ao ser incapaz de esconder meus sentimentos e achar que poderia mudar o que quer que tinha acontecido dentro daquela mulher.

— O que você acha de lancharmos e depois voltar para a cabana, tomar um chocolate quente e ler um pouco?

Ela abriu os olhos e me encarou com atenção, não tinha mais o brilho brincalhão em seu olhar e no lugar havia uma ânsia de saber o que tinha acontecido naquele meio tempo.

— Você é um homem peculiar, Paulão!

Sorrindo, eu me afastei e tirei a mochila das costas com os nossos lanches, algumas coisas que preparamos do café da manhã. Não dissemos muitas coisas que pudesse nos constranger, apenas falamos sobre coisas triviais, as aulas de dança dela, meus livros preferidos e até dei dicas de alguns para ela.

O tempo ao lado da Priscila passava de forma rápida demais e, quando me dei conta, já estávamos descendo a trilha depois de desistir de tomar um banho no poço. Combinamos de voltar no dia seguinte e notei que o encanto havia se quebrado, ela voltara a ficar pensativa e distante. Só podia amaldiçoar e minha falta de experiência em esconder o que sentia.

Se ela quisesse ir embora de volta para o Rio, eu não me surpreenderia. Deixei que ela entrasse na frente e fiquei parado ao lado do meu carro, olhando para o caminho que fizemos me perguntando aonde foi que estraguei tudo. Provavelmente foi quando me apaixonei e não me dei conta disso até que fosse tarde demais.

Com um suspiro, entrei na cabana pronto para voltar para casa.

— Pri, me desculpa se fiz alguma coisa que te deixou chateada. Sei que você me avisou — comecei com um discurso para me explicar, mas parei no meio.

A mulher tinha muitas surpresas escondidas. Ela estava parada, encostada na pia da cozinha, olhando para mim como se quisesse desvendar cada parte da minha alma, não havia nenhum véu em seus olhos, deixando-a vulnerável, revelando-se para mim muito mais do que se estivesse nua em pelo.

— Agora eu acho que poso me aproveitar de você, grandão! Estaremos preservando sua virtude aqui dentro, não é?

Deus, se eu soubesse que ela estava daquele jeito por estar ansiosa em ficar a sós comigo teria a levado no colo de volta para a cabana. Sorrindo, eu caminhei até onde Priscila estava parada, pronto para lhe mostrar que tipo de virtude tinha.



Capítulo 15



*Pode me abraçar sem medo
Pode encostar sua mão na minha
(Final Feliz – Jorge Vercillo)*



Priscila Marins

A única coisa que eu não queria nessa história toda era machucar alguém. Eu ouvi dizer que pior do que ser magoado é magoar a outra pessoa e isso era real. Pelo menos para mim.

Claro que não funciona dessa maneira para todas as pessoas. Mas comigo sim, todas as vezes que fiz alguém sofrer doeu o dobro em mim.

Só que, com aquele gigante gentil, era ainda mais forte e eu não tinha ideia do porquê. Mas se tinha algo que aprendi ao longo dos anos foi que me analisar não era simples, principalmente de uma hora para a outra. Nem mesmo especialistas conseguiram tal façanha.

Quando retornamos do nosso passeio, eu entrei na cabana, me sentindo sufocada de tanto sentimento, fui até a cozinha para tomar um copo d'água e quando me dei conta já estava sorrindo ao me lembrar de tudo o que senti ao lado daquele homem. Como também que, se eu não aproveitasse a oportunidade que a vida colocava a minha frente, estaria sentindo uma completa idiota.

Tendo isso em vista decidi fazer simplesmente o que mandava o meu coração, dar a ele o que eu conseguiria naquele momento, quem eu era por inteira. Sem medos ou reservas, sem me prender.

E quando ele entrou, falando aquele monte de coisas que confesso não ter

prestado atenção direito, eu não consegui me conter e disse logo o que mais queria naquele momento.

Fechei os olhos quando ele se aproximou, puxando-me pela cintura, descansando a testa na minha e envolvendo o meu rosto em sua mão enorme e forte.

— O que eu faço com você, Priscila?

Engoli em seco com a intensidade de sua voz e todo o significado por trás de suas palavras. Se nem eu mesma descobri o que fazer comigo, que dirá ele, não é?

— O que quer dizer com isso?

O suspiro alto que deu me fez abrir os olhos e o encontrei me encarando com tanto sentimento naquele olhar que praticamente fechou as minhas vias respiratórias, quase fazendo o meu coração parar.

— Entrei nessa cabana achando que a encontraria fazendo a mochila para voltarmos para o Rio, já pronto para me desculpar por não ter cumprido o que te disse na noite anterior, e você está aqui, me oferecendo muito mais do que tenho certeza que se dá conta. — Balançou a cabeça e sorriu derrotado. — Essa sua mania de me surpreender ainda vai me levar à lona.

— Isso é bom?

Eu sinceramente tinha minhas dúvidas, poderia mesmo ter feito o que ele disse. Eu era ótima em fugir; porém, por algum motivo, eu não conseguia mais. Não do que estava acontecendo ali entre nós. Eu não era fria, poderia sim me apaixonar. Algo que já desconfiava estar acontecendo. Como não se apaixonar por um homem como ele? Só que isso nunca seria bom, todas as pessoas que amei, as fiz sofrer em algum momento da minha vida e não conseguiria carregar mais um fardo desse nas costas.

Então sim, fugir teria sido o caminho mais fácil.

— É perfeito, você é perfeita!

O que eu disse? Era impossível permanecer indiferente.

— Meu medo é você descobrir que eu sou tudo, menos perfeita. — Dizer aquilo me deixava mais exposta do que eu gostaria. Porém, eu não me iludiria ao ponto de acreditar na forma como ele me via, sendo que não era real. — Mas o que posso te prometer nesse momento é minha rendição, como uma pessoa cheia de defeitos que sou. Não posso te amar, eu te avisei isso, mas posso me dar por completo a você pelo tempo que conseguir nos manter inteiros.

Os olhos dele eram de um tom de chocolate, tão doces e intensos. Era como um mar cristalino onde se podia ver tudo que havia por baixo da superfície. Ele não era o tipo de pessoa que escondia o que sentia de ninguém, e naquele momento eu soube o quanto estava envolvido.

Paulão simplesmente olhava para mim como se quisesse despir todos as camadas e derrubar as paredes que construí. Mas o engraçado de tudo era que já havia feito isso. O gigante havia tocado em meu coração, mesmo achando que nunca poderia amá-lo como merecia.

— Eu posso conviver com isso! Só não aguentaria tê-la pela metade, partes de você nunca satisfariam a vontade que tenho aqui no peito.

Seus lábios cobriram os meus com delicadeza e envolvi seu pescoço com os meus braços, prendendo-me a ele, tomando o que podia e parecia desesperada por mais. Nunca me senti dessa forma, com medo de perder algo que nem mesmo era meu.

Em um momento estávamos de pé na cozinha, nos agarrando como se nossas vidas dependessem disso; em outro momento estávamos nus, deitados na cama. Pele com pele, sentindo como era maravilhoso estar em seus braços.

Paulão era gentil, delicado, romântico, sensual, encantador... Vez ou outra ele sorria, beijava meu rosto sem pressa alguma, simplesmente degustando do momento, deslizava as mãos fortes por meu corpo fazendo com que eu arqueasse o corpo na cama em busca por mais.

Ele olhava para mim com uma adoração, me olhava de um jeito, como se estivesse gravando cada coisa em sua memória, como se estivesse guardando cada momento alucinante que vivíamos. Ele me tocava como se meu corpo fosse uma escultura e ele o artista que estava esculpindo a obra de arte.

Tudo naquele homem era intenso.

— Você é tão maravilhosa, adoro beijar essa boca carnuda, morder o seu pescoço e ouvir você gemer quando faço isso. — Ele se esticou e mordiscou a pele sensível do meu pescoço, rindo em minha pele quando fiz exatamente o que disse. — Assim mesmo! Me enlouquece ver a forma como responde aos meus toques, como mesmo sem dizer pede por meus beijos.

— Eu que vou enlouquecer logo, isso é uma tortura.

Ele riu rouco e se apertou em meu corpo, pressionando a virilha em minha pélvis.

— Uma bela forma de tortura, tem que admitir.

— A melhor de todas!

Mordi a boca quando ele foi descendo por meu corpo, deixando um fogo líquido no lugar em que sua boca tocava. Seus olhos não desgrudavam dos meus e eu poderia redigir um documento naquele momento dizendo que os lábios de Paulão eram uma droga viciante e deliciosa. Porque ele me fez viajar de uma maneira que nunca tinha sentido antes. Era esfomeada, deliciosamente firme na intenção de me fazer alucinar.

Levei minhas mãos ao seu rosto e o puxei de volta. Quando seu rosto pairou sobre o meu, vi que seus lábios estavam vermelhos e molhados.

— Por que não me deixou terminar?

Engoliu em seco, porque estava me fazendo a mesma pergunta.

— Porque eu quero ter você aqui, perto de mim quando eu chegar lá. Quero que esteja me preenchendo completamente, quero te sentir em cada parte do meu corpo quando meu clímax chegar ao seu ápice. Quero estar com a boca colada na sua, sentindo as batidas do seu coração.

— Porra, Priscila! — Encostou a testa na minha e fechou os olhos, balançando a cabeça. — Não fala essas coisas pra mim.

Levantei minha perna direita e o puxei, enlaçando pela cintura, me esfregando em seu corpo de forma insinuante e pude sentir o quanto ele estava pronto para fazer tudo o que eu disse.

— Por que, você não quer?

Paulão se apoiou nos cotovelos, levantando o tórax de cima de mim e olhando em meus olhos. Suas mãos estavam ao lado do meu rosto e ele levou uma até a minha bochecha fazendo um carinho que eu não estava preparada para receber. Senti meu coração dando batidas irregulares cada segundo que levou para que ele respondesse a minha pergunta:

— A questão aqui é que eu quero demais!

Sua voz rouca arrepiou o meu corpo inteiro e assenti sabendo o que ele queria dizer e, por mais que soubesse o quanto estava sendo egoísta, eu queria tudo o que ele tinha para me dar, cada pedaço dele.

Abri os olhos e o encarei, levantei o pescoço e tomei seus lábios em um beijo torturado, sedento. Paulão pareceu entender e logo me preenchia com um gemido, ficamos parados apenas sentindo aquela emoção que nos envolvia. Estar com ele dentro de mim era tão maravilhoso que me dava vontade de chorar.

E como decidi me entregar por inteiro, decidi deixar as emoções soltas, meus olhos transbordaram o que estava cheio em meu coração.

A vontade de pertencer a alguém, de me abrir e contar cada coisa que habitava em minha alma. A culpa, o remorso, a dor da perda e do abandono. A tortura de saber que eu não pude estar ali quando prometi nunca sair do lado. A vergonha de admitir não ser a pessoa que todos viam. Eu me entreguei de corpo e alma aquele ato, me movi em uma sincronia, na dança de corpos, na luxúria da carne, na necessidade do espírito, na intensidade do ato de amor.

E como queria aconteceu; quando chegamos ao clímax, ele me beijava com os olhos grudados nos meus, meu corpo tensionou e, então, convulsionou em busca de mais prazer, como se não fosse o suficiente. Eu me agarrava em seu corpo, prendendo-o a mim como se necessitasse de seu toque para continuar ali e, quando acabou, Paulão fazia um carinho em meu rosto como se assim pudesse me acalmar. Ele me olhava com adoração e percebi que sofria por ter se entregado daquela forma sem a certeza de que seria correspondido.

Eu era culpada por ele ter se apaixonado e sofreria quando se decepcionasse e percebesse que eu não era quem ele pensava.



Após aquele encontro explosivo e intenso que vivemos ficamos deitados na cama, abraçados e olhando para o teto bonito e rústico da cabana. Já havia escurecido e acreditava já ser tarde, pois tínhamos perdido a noção do tempo, tinha esfriado e mesmo assim não queríamos nos mover.

Bem, não até minha barriga roncar como um bicho furioso.

Com aquele barulho grosseiro e alto arregalei meus olhos e levantei a cabeça encontrando Paulão me observando com um riso preso. Ele pressionava a boca, tentando não rir.

— Se você rir, eu belisco sua barriga. — Ele balançou a cabeça tentando fortemente segurar a risada. Estreitei os olhos e dei de ombros. — A culpa é sua, me fez ficar faminta!

Como se isso não fosse algo recorrente. Se tinha algo que não tinha fim era a fome insana que sentia o tempo inteiro.

Ele não conseguiu se segurar mais e soltou uma gargalhada gostosa que me contagiou também. Adorava aquela leveza que sentia ao lado dele.

— Sei, acho que preciso me desculpar por isso então. Que tal um jantar *à la Paulão*?

Afastei-me um pouco do seu braço forte e tatuado que me serviu de travesseiro e apoiei o cotovelo no colchão, deitando a cabeça na minha mão aberta.

— Hum, e qual será o cardápio?

Ele fingiu pensar um pouco e arqueou as sobrancelhas.

— Poderia fazer um prato chique e te impressionar, mas não temos os ingredientes certos. O que acha de um macarrão com salsicha?

— Comida de solteiro!

— Miojo também é. Mas como quero te fisgar pelo estômago, algo mais elaborado é melhor.

O sorriso amplo e a animação em sua voz me deixaram encantada. Aquele homem tinha algo que me cativou de imediato, era como um dia ensolarado.

— Eu acho que está ótimo!

— Maravilha! — Deu um pulo da cama e ficou de pé, virando-se pelo quarto à procura de algo. — Vou tomar um banho e preparo logo essa comida para te alimentar. Tenho planos interessantes para você mais tarde.

Estiquei-me na cama e senti o olhar dele sobre o meu corpo, sorri abertamente e murmurei um gemido, daqueles que a gente dá quando está se espreguiçando.

— Perfeito! Vou ficar aqui um pouquinho mais e depois tomo banho também.

— Não quer tomar banho comigo? — Sua voz rouca me fez abrir os olhos e vi que ele já estava ficando animadinho.

Neguei com um aceno e voltei a fechar os olhos.

— Não, ou não terá comida para mim. Vai logo e me alimente, homem!

— Sim, senhora!

Escutei sua risadinha em direção ao banheiro e abri os olhos me sentando na cama. Fiquei um tempo olhando para a porta do banheiro, revivendo os momentos que passamos dentro daquela cabana, não tinha passado nem um dia e já sentia falta. Não tinha ideia do que aconteceria depois que a bolha fosse estourada, depois do meu passado, que estava batendo à porta, algo que era inevitável de acontecer.

Não estava preparada para sair daquele conto de fadas, então me deitei e fechei os olhos, tentando prolongar um pouco mais aquela sensação deliciosa que invadia o meu ser.



Olhando-a dormir tão tranquila, ninguém imaginaria a bagunça que Priscila carregava dentro de si. Seu corpo estava relaxado e ela abraçava o travesseiro que antes eu usava como se fosse um bichinho de pelúcia.

Depois do nosso jantar, que Priscila elogiou por muitas horas, ficamos de bobeira na cama. Conversando e nos conhecendo um pouco mais, eu lhe disse algumas de minhas aventuras com Rodrigo e Jorge, Priscila me contou como conheceu Mileni e pude ver o quanto estava chateada por ter brigado com a amiga.

Por fim, as minhas ideias para a nossa noite ficaram em segundo plano, porque, quando nos demos conta, já era altas horas e o cansaço cobrava seu preço. Ela cochilava sentada, mas teimava em querer falar mais. Parecia querer prolongar o momento para que nunca acabasse. Eu a abracei e assim ela adormeceu, em meus braços.

A sensação que eu tinha era de que vivíamos um sonho, ela era uma alma livre. Desde que a conheci percebi isso, era uma mulher forte, sem medo de viver a sua vida de acordo com o que mais gostava. Não media palavras, engraçada, sensual, maravilhosa. Mas que carregava algo dentro de si que a impedia de viver plenamente. Talvez não fosse intencional, mas era fato de que alguma coisa a travava, até machucava.

Olhando-a dormir tive tempo de analisar Priscila com cuidado, não consegui fechar os olhos com o peito tão carregado de sentimentos. Às vezes, não gostava de ser eu, por sentir demais e me envolver tanto. Acabaria me dando mal e isso ficou em minha mente por toda a noite, fazendo com que tivesse um sono agitado.

Acordei muito cedo e não consegui dormir mais com o coração cheio de sentimentos que não deveriam estar ali, decidi que ficar na cama não era uma boa ideia, então peguei meu livro e me sentei na pequena poltrona que tinha no quarto para passar o tempo até que ela acordasse e ainda conseguisse observá-la dormindo vez ou outra.

Mas o negócio era que não conseguia me concentrar em uma linha daquela história, minha mente voava e meus olhos não desgrudavam do rosto dela. Meus sentimentos estavam à flor da pele, sentia-me sendo esmagado por algo maior do que imaginei que poderia acontecer.

Eu sabia que era especial estar com ela, desde o momento em que nos vimos, senti que seria diferente. Só não esperava algo tão grande.

Se fosse ser sincero o melhor seria parar por ali, quando um término não doesse tanto. Priscila estava claramente fugindo de alguma coisa, ou de alguém. Quem me garantia que não fosse de um amor do passado? E se essa pessoa aparecesse e a tirasse de mim?

Mas que idiotice, ela não era minha para que a tirasse de qualquer forma. Porém, não consegui evitar que meu coração batesse mais rápido cada vez que *flashes* de tudo que vivemos ali voltasse para mim, não podia evitar de sorrir quando ela sorria em um sonho.

— Merda!

Fechei os olhos e deitei a cabeça no encosto da poltrona. Estava confuso, sem saber como agir. Se fosse eu mesmo estragaria tudo, tinha certeza. A qualquer sinal de que estava mais envolvido do que ela desconfiava, iria embora, acabaria com tudo. O seu medo de me machucar era sincero e real.

Eu tinha certeza de que seria incrível se ficássemos juntos de verdade, como um casal, que de alguma forma poderia dar certo e não imaginava como uma mulher como Priscila Marins, que se entregava de corpo e alma daquela forma,

não pudesse amar.

Achava de verdade que poderia transpor aquelas barreiras e mostrar a ela quanto o amor poderia ser bom. Talvez o medo vinha de uma experiência ruim e tivesse adotado medidas para se proteger. Às vezes, nós fazemos isso e acabamos perdendo coisas importantes e maravilhosas. Não podemos basear o resto de nossas vidas em momentos de dor, é preciso seguir em frente, acreditando que tudo vai melhorar. Porque, na verdade, coisas ruins servem para nos ensinar e depois serem jogadas fora, não guardadas nos intoxicando.

Senti que o livro era tirado da minha mão e abri os olhos dando de cara com ela, montando em meu colo, com uma perna de cada lado da minha cintura. Foi automático eu apoiar as mãos em suas coxas, mas fora isso eu não me movi. Fiquei a observando enquanto ela se acomodava e olhava para mim de uma forma que fez meu coração bater mais forte.

— Senti sua falta na cama!

— Não pareceu, estava abraçando o travesseiro com tanta força.

— Achei que fosse você. — Sorriu e se abaixou, dando-me um beijo de leve na boca. — O livro estava mais interessante do que eu?

Olhei para meu livro abandonado na mesa ao lado e balancei a cabeça. Se ela soubesse a verdade...

— Não consegui ler, a cabeça não para!

— Hum, tá pensando em quê?

Eu podia ver a alegria nos olhos dela que nem percebia o que acontecia comigo.

— Nada de mais, algumas coisas que preciso fazer na oficina.

— Estou atrapalhando seu serviço, né? Podemos voltar hoje, se quiser.

Sinceramente? Estava em dúvida se seria saudável ficar ali por todo o final de semana, já tinha se passado dois dias e eu estava daquele jeito, não queria nem pensar no meu estado quando chegasse ao fim o nosso tempo juntos. Sentia que,

assim que voltássemos para a vida normal, tudo estaria acabado, as coisas não seriam tão fáceis como eram naquele momento, com Priscila sentada em meu colo, se enrolando em mim como uma gatinha. Por isso, fui contra todos os avisos que piscavam em meu cérebro e disse:

— Não, tá tudo bem! Eu estava com férias vencidas.

Ela sorriu abertamente e aquilo valeu por qualquer coisa que pudesse acontecer depois. E na real, às vezes, o futuro é subestimado, porque nem mesmo sabemos se estaremos nele, o lance é viver o presente e aproveitar o que nos é dado.

— Então acho que podemos seguir com o nosso roteiro para esse lugar maravilhoso. O que acha de dar uma de turista e visitar o Palácio de Cristal, Museu Imperial e depois podemos ir no Vale do Amor.

— Vale do Amor, é? — Tinha uma insinuação em minha voz que não passou despercebida por ela, que estreitou os olhos e se levantou.

— Não pense bobagens, é um lugar muito bonito e que tem uma energia incrível, um santuário ao ar livre. Acho que estou precisando renovar as minhas, sabe?

Vez ou outra, sentia como se ela quisesse desabafar comigo, mas mudava de ideia. O que aconteceu naquele momento.

— Vamos a esse vale então!

Não sabia que tipo de feitiço a mulher jogou em mim, mas eu me via seguindo-a por cada canto daquela cidade, cada lugar que ela queria ir admirando a alegria e espontaneidade dela. Divertindo-me com suas gracinhas e tiradas sarcásticas que sempre tinha na ponta da língua.

Passamos pelo Museu Imperial e ouvi fascinado todas as coisas que ela me dizia e suas teorias de como teria sido incrível viver naquela época, apesar de achar que acabaria presa por ser tão à frente do tempo. No Palácio de Cristal apenas admirei a beleza dela sentada em um dos bancos de madeira que tinha do lado de fora, usando óculos escuros e meio inclinada observando os pássaros voando acima de nós.

Porra, eu poderia tirar uma foto e emoldurar para nunca perder aquele momento.

Foi só quando, enfim, chegamos ao tal Vale do Amor que tudo se tornou enorme e achei que não suportaria mais ficar quieto sem dizer o que havia em meu coração. O lugar realmente tinha uma energia incrível, era uma união de diferentes crenças, com templos hindus, cristãos, budistas e taoistas.

Os lugares que mais me encantaram foi o altar franciscano e um jardim fantástico com o símbolo do *yin-yang*. Era realmente um lugar onde ficávamos apenas parados, observando sua beleza cercada pela natureza, apenas agradecendo pela vida.

Todos os sentimentos se tornam grandes e você percebe o quanto é pequeno diante do esplendor da vida.

— Sabe quando a gente quer voltar no tempo e fazer algo diferente?

O tom de voz da mulher ao meu lado, que segurava a minha mão com força, como se precisasse de um apoio para se manter de pé, estava rouco, sofrido. Eu senti toda a angústia vindo dela em ondas. Como disse, os sentimentos ali se ampliavam de uma forma assustadora e eu parecia sensível, principalmente ao que se relacionava a ela.

— Sei sim.

— Já se sentiu assim? — ela me perguntou apenas por perguntar, pois, na verdade, eu não sabia se estava mesmo prestando atenção ao que dizia ou o que eu responderia.

— Uma vez, quando era muito pequeno e estava revoltado com a vida, disse coisas ruins para alguém que não merecia escutar nada daquilo. Ainda sinto a dor e a forma como ela olhou para mim. Prometi a mim mesmo passar a vida tentando ser melhor do que aquilo.

Priscila olhou para mim e notei que estava chorando. Não consegui me conter, ainda que talvez ela não quisesse ser tocada naquele momento vulnerável. Estendi a mão e enxuguei suas lágrimas.

— Nunca imaginaria isso. Você é tão bom, um amigo maravilhoso, um cara

incrível.

Dei de ombros e suspirei.

— Sou humano, tenho falhas, mas sou consciente delas e simplesmente sei que não posso mudar o que passou, mas posso decidir o que farei agora com tudo isso.

Ela olhou para frente, parecendo ainda mais triste e deixei cair minha mão do seu rosto. Priscila soltou os dedos dos meus e deu um passo para o lado, se afastando, se escondendo mais uma vez.

— Queria que fosse fácil assim.

— Do que você foge, Priscila? O que tanto te machuca?

Eu tinha que tentar mais uma vez, não suportava vê-la daquele jeito e sabia que aquilo apenas a consumiria. Um dia, ela acordaria e não se reconheceria mais de tão tomada por tudo de ruim que guardava no peito.

Priscila olhou para mim por cima dos ombros.

— Do meu passado, de tudo o que fui, de uma decisão que custou mais de mim do que qualquer outra coisa. Eu fujo dos meus erros, da minha dor... Não sou quem vocês pensam, não tem nada de bom em quem abandona alguém que está quase morrendo.



Capítulo 17

*É isso aí
Há quem acredita em milagres
Há quem cometa maldade
Há quem não saiba dizer a verdade
(É isso aí – Ana Carolina e Seu Jorge)*

Priscila Marins

Não podia acreditar no que tinha dito e no que estava prestes a fazer. Eu não tocava nesse assunto, nunca tinha dito aquelas palavras em voz alta para ninguém. Talvez fosse o fato de que se eu dissesse acabaria se tornando mais real. A gente tem dessas coisas, achando que ignorando um problema ele simplesmente desapareça como mágica. Só que isso não funcionou por anos, eu era assombrada constantemente com o meu passado e o maior erro da minha vida.

Paulão tinha o cenho franzido e não entendia sobre o que eu me referia e não era para menos.

Culpei aquele lugar que fazia-me sentir como se tudo estivesse demais dentro de mim, a felicidade, a vida, a dor e a culpa. Mas eu sabia melhor, a coisa era que os sentimentos haviam se acumulado em meu coração transformando tudo em uma montanha gigante, que agora simplesmente desabava sobre a minha cabeça.

Acreditava que por isso acabei dizendo aquilo tudo e agora não poderia escapar mais.

— Como assim, Priscila? O que quer dizer com isso?

Deixei meus ombros caírem e senti o peso que carregava neles, eu não queria

me abrir ali perto de tanta gente e pedi para que voltássemos para a cabana. O dia foi maravilhoso e me dava uma dor no coração estragar aquilo tudo. Talvez essa minha vontade repentina de contar o meu mais triste e vergonhoso segredo fosse mais um mecanismo de defesa, uma forma de afastar aquele homem de mim e impedir que assim se machucasse demais.

Porque a verdade era que eu não sabia qual a reação do Paulão quando eu lhe contasse a verdade sobre o meu passado.

Voltamos para a cabana em silêncio, eu não conseguia parar de pensar, de reviver o momento em que decidir ir embora, fugir de tudo e todos que me amavam.

Quando Paulão parou o carro, logo desci e corri para dentro, tentando escapar um pouco mais da verdade dolorosa que estava prestes a revelar. Sentei-me na cama e abracei os travesseiros, procurando assim algum conforto para tudo que estava por vir.

Sentia que estava traindo minha amiga, que em teoria devia ser a primeira pessoa que procuraria para me abrir daquela forma, mas tinha aquela coisa de que me sentia obrigada a ser quem ela achava e esperava. Ser a perfeita amiga feliz que ela conheceu.

Por algum motivo, com Paulão sentia que podia ser eu mesma, ainda achando que ele não entenderia tudo o que eu fiz e não me olharia da mesma forma.

E ainda tinha a coisa da confiança, mal nos conhecíamos e estava prestes a dizer coisas íntimas minhas.

Mas como não confiar em alguém que espera por um longo tempo sem dizer uma palavra, que apenas está ali se precisar. Não me senti obrigada a contar-lhe nada, só deixei que as emoções tomassem conta de mim.

— Eu tinha dezenove anos quando conheci o Samuel. Tinha acabado de sair de casa para morar sozinha e estava me adaptando a uma rotina que até então era cercada de gente. Não dos meus pais, porque no dia a dia quase não nos víamos, eu vim de uma família muito rica e conhecida do mundo todo e sempre tive pessoas ao redor. Amigos, babás, seguranças... Nunca tinha ficado sozinha na vida e era esperado que eu assumisse o império do meu pai quando me formasse, mas não era o que eu queria, eu era uma menina rebelde que não aceitava muito

bem o que era esperado de mim e arrumava um jeito de fazer completamente o contrário do que me pediam. Foi assim que a mídia me rotulou ao longo da minha adolescência, a clássica pobre menina rica.

Sorri amargamente ao me lembrar do dia em que vi essa nota em uma revista jovem que gostava muito. Desde aquele dia passei a abominar qualquer tipo de notícia sensacionalista. Olhei para Paulão que permanecia impassível.

— Sempre fiz balé clássico, me apaixonei pela dança antes mesmo de aprender a andar e era isso que eu queria fazer. Então foi esperado que eu dançasse com as melhores companhias do mundo, meu pai chegou a contatar alguns colegas que conheciam bons profissionais que poderiam me fazer ser a melhor e, mais uma vez, não era o que eu sonhava.

Olhei naqueles olhos doces que não demonstravam nenhuma surpresa ou qualquer coisa que me fizesse parar, na verdade, ele me encorajava a continuar falando não esboçando reação alguma.

— Então, me sentindo sufocada e deslocada, eu fui embora. Meus pais não gostaram, brigaram comigo. Mesmo me sentindo triste por isso, pois eu os amava muito e, apesar de tudo, eram pais amorosos, eu parti assim que fiz dezoito anos.

Engoli em seco tentando me recompor para contar a parte mais dolorosa da minha história.

— Samuel apareceu na minha vida quando eu estava fragilizada, com medo e acreditando que estava decepcionando os meus pais. Não me adaptei fácil como pensei que seria, fui protegida a vida toda e agora estava sozinha. Quando o conheci transferi para ele a segurança que havia perdido. Samuel era um rapaz bom, mais velho do que eu dez anos, de família importante, gentil e apaixonado por mim. Foi inevitável não me entregar, naquela época eu não me continha e caí de cabeça naquela relação. Por fim, meus pais estavam felizes de novo, a perspectiva de um casamento meu com o herdeiro da família Albuquerque era muito interessante para todos. Saiu em todas as revistas e jornais, a mídia ficou em polvorosa com o nosso romance. E eu me sentia bem de novo, sabe? Tinha tudo que sonhava. Aos vinte anos estava fazendo o que amava, que era dar aulas de dança, estava noiva de um cara maravilhoso, meus pais não estavam mais decepcionados comigo, tudo perfeito como deveria ser... Até que algo aconteceu!

Só de me lembrar daquele dia em que recebemos aquela notícia, sentia em meu coração a mesma dor, a tristeza e o medo. As lágrimas corriam por meu rosto sem barreiras, eu havia aberto uma porta que sabia que não poderia mais ser fechada. As emoções me sufocavam e não conseguia olhar para Paulão naquele momento. Fechei os olhos e as imagens daquele dia invadiram minha mente.

— Samuel tinha um filho, Davi tinha oito anos quando comecei a namorar o pai dele. Um garotinho tão doce e logo me vi apegada, estava tão encantada por aquele menino esperto que não podia entender como alguém poderia abandonar uma criança do jeito que a mãe fez. Pelo que Samuel me contou, ele se casou com a primeira namorada, ficaram juntos e bem até que o menino nasceu e depois as coisas começaram a complicar, a mãe do Davi foi embora sem dar maiores explicações deixando dois corações partidos. Foi inevitável adotar os dois como meus e estávamos bem, mas o engraçado da gente julgar as pessoas é que corremos o risco de nos tornar como elas, cometer os mesmos erros. Estamos constantemente propensos a ser o que mais odiamos.

“Nossa vida era tão perfeita que me custava acreditar que era real, parecia um sonho do qual eu nunca havia ousado sonhar. Até que a realidade e a fragilidade da vida nos atropelaram. Davi não vinha se sentindo bem havia algum tempo, estava sempre muito cansado, teve episódios de inconsciência. Desanimado, não queria brincar e por isso decidimos que precisávamos procurar um médico.”

“Eu enlouqueci com a ideia, porque nunca tinha gostado de hospitais, mas os acompanhei. Não saí do seu lado em nenhum momento, cada bateria de exames eu estive segurando sua mão e já tinha se passado semanas desde que fez o *check-up*. Mantivemo-nos otimistas, acreditando que seria apenas um desgaste da idade, alguma atividade física que precisaríamos manejar e continuamos nossa rotina familiar perfeita.”

“O médico nos chamou, porque já estava com os resultados em mãos e, sentada naquela cadeira, ouvindo o homem vestido de branco dizer que aquele garotinho doce, o amor da minha vida, estava muito doente e tinha pouco tempo de vida, Isso acabou com toda fé que eu poderia ter.”

“Saímos de lá sem conseguir dizer nada, fomos para o seu apartamento e eu ainda estava em choque, via tudo passando na minha frente como se assistisse a um filme e, mesmo querendo que tivesse um final feliz, não via nenhuma forma

de que acontecesse. Samuel parecia não querer falar sobre o assunto e foi para a cozinha fazer o nosso lanche.”

“Não buscamos Davi na casa dos pais dele até que conseguíssemos agir normalmente. E essa foi uma rotina que vivemos, não falávamos sobre o que o pequeno tinha, até que ele precisou começar um tratamento experimental, para tentar prolongar a sua vida.”

“Aquela alma tão jovem, o menino tão alegre e tão pequeno tinha um câncer agressivo e já estava em estado terminal. O que o médico nos aconselhou era que poderíamos melhorar a qualidade de vida que ele teria pelo tempo que lhe restasse com esse tratamento. Amá-lo muito e fazer com que se sentisse bem, que se sentisse amado e estar ao seu redor todo o tempo.”

“Eu fiz isso, coleí nele como chiclete, mesmo tendo o coração esfaqueado olhando para aquele rostinho e seu sorriso de criança, pensando que dali a algum tempo não o veria mais.”

“Samuel não gostava de tocar no assunto, se isolava no trabalho e era muito ruim carregar aquela dor sozinha, aquela angústia e revolta. Passei a culpar o mundo todo, culpei Deus por ter permitido que aquilo acontecesse com alguém tão inocente, tendo tantos monstros esbanjando saúde no mundo. Depois pedi perdão e só implorei a Ele que não deixasse o meu menininho sofrer.”

“Parei de dar aulas e fiquei com Davi em casa. Em uma tarde estávamos assistindo desenhos na sala, deitados no sofá, porque ele não aguentava ficar muito tempo sentado quando Samuel chegou do trabalho, mas ele não estava sozinho. Trazia uma mulher muito bonita e que imediatamente reconheci: era a mãe do Davi.”

“Não tinha como não ser, o menino era a cópia dela. Quando o pequeno a viu ficou olhando para ela sem dizer nada, ele não a reconheceria, já que ela foi embora quando tinha apenas um ano, mas Davi era esperto e estava se vendo na moça.”

“Quando Samuel explicou que tinha entrado em contato com ela porque temeu que o filho morresse sem conhecer a mãe, eu entendi; mas, ainda assim, o egoísmo falava alto. Ela tinha abandonado o menino e agora voltava como se nada tivesse acontecido?”

“Passaram-se semanas desde a aparição dela e virou rotina Samuel a levar para nossa casa, ela estava se aproximando de Davi cada dia mais e eu me sentia deslocada ali. Apesar do menino estar curioso sobre a mãe e via que estava feliz em ter essa oportunidade, ele não me largava, sempre solicitava a minha presença, dizendo o quanto me amava e que queria que eu ficasse com ele, que lhe desse banho e contasse histórias para dormir, vi muitas vezes nos olhos da mulher uma dor de rejeição.”

“Um lado meu se sentia bem por ela ficar daquela forma, era como uma vingança por tê-lo abandonado; o outro lado, o mais racional, sabia que era errado, que ela precisava daquela chance, o pequeno tinha pouco tempo.”

“E então tudo virou de cabeça para baixo, quando saiu na mídia o quanto Davi estava doente e que sua mãe tinha voltado depois de tê-lo abandonado, nós não tivemos paz. A porta do apartamento estava sempre cercada de repórteres querendo falar com Samuel e comigo, querendo saber do estado do menino, se Samuel tinha reatado o casamento com Giovana e se eu havia me tornado a amante. Coisas dolorosas e totalmente fora de lugar diante do que passávamos. E eu os via como abutres, apenas esperando o momento certo para pegar a matéria exclusiva que lhes trariam milhões. Não estavam preocupados com o estado de saúde de uma criança, nem mesmo com o pai que era constantemente atacado por perguntas, uma falta de respeito sem limites.”

“Com o passar dos meses, a doença apenas seguiu seu rumo, ficando mais forte do que ele, tirando seu sorriso doce e sua personalidade gentil. Davi ficou depressivo e pareceu se entregar, não queria comer e nem brincar mais, tampouco ver seus desenhos, que era o que ele mais gostava na vida.”

“A dor de vê-lo morrendo ainda em vida era demais, eu simplesmente não suportava mais. Parecia que aguardávamos só o momento em que ele partisse.”

“Davi começou a rejeitar Giovana, não queria vê-la e só queria a mim e o pai perto dele. E mesmo sabendo que aquilo era natural, porque éramos nós que sempre lhe demos amor e carinho, não conseguia tirar da cabeça que eu estava ali como uma intrusa. Que estava atrapalhando a chance que ela tinha em se redimir, porém, não pude me afastar, não com Davi daquele jeito.”

“Até que numa noite, depois de colocá-lo para dormir, Samuel teve que ir ao escritório resolver uma coisa importante e a encontrei na sala. O que era

estranho, ela sempre esperava Sam buscar e levar para casa.”

“— Eu queria falar com você, Priscila. Tem um minuto? — Seus olhos estavam cansados e tristes e ela parecia incomodada com alguma coisa.”

“— Claro! — Assenti com um sorriso e indiquei o sofá para que nos acomodássemos.”

“Eu não tinha ideia do que ela queria falar comigo, mas não me espantou quando começou a colocar tudo às claras, sentia que isso estava perto.”

“— Então, eu nem sei por onde começar. Sei que também não tenho esse direito, mas preciso te pedir que se afaste.”

“Franzi a testa e cruzei os braços.”

“— Como assim, Giovana? Não estou entendendo onde você quer chegar!”

“A mulher, com quem tive que aprender a conviver e aceitar, estava com os olhos arregalados e via que ela não se sentia mais confortável do que eu naquela situação. Giovana se sentou e respirou fundo.”

“— Provavelmente Samuel vai me matar, mas eu preciso dizer isso antes que seja tarde. Sei que fiz uma besteira enorme indo embora e não há desculpas para isso. Eu abandonei um homem maravilhoso e uma criança incrível. Mas eu era jovem, estúpida e me deixei levar pelo que minhas amigas diziam. Sei que todas as pessoas que abandonam suas famílias devem ter o mesmo discurso, mas também não tenho tempo para me explicar. O Davi não tem esse tempo! O fato é que eu sinto que, enquanto você estiver por perto, eu não tenho a menor chance.”

“Ela não precisava dizer mais nada, eu já havia entendido e até sabia disso havia algum tempo. Só não tinha tido coragem de fazer nada a respeito, eu amava aquele menininho demais para deixá-lo. Contudo, eu sabia que se não fizesse nada eu me culparia por nunca ter dado uma chance para mãe e filho se acertarem antes que o inevitável acontecesse.”

“Então eu me afastei, passei a não dormir todos os dias no apartamento e fui para a casa dos meus pais, passei a visitá-lo menos, e quando estava em sua casa, não ficava por muito tempo ou permanecia afastada. Doía minha alma ver o quanto tinha magoado o menino com o meu distanciamento, mas percebia que

ele estava se apegando mais a mãe. Aquilo me matava, ver como eu tinha perdido aquele amor me machucava demais.”

“Com isso me refugiava em meu estúdio e dançava até não conseguir mais ficar de pé.”

“Samuel brigou comigo por ter ido embora, me acusou de abandonar o menino que sentia minha falta e me odiava por tê-lo deixado também sem maiores explicações, o nosso noivado tinha acabado e a verdade era que eu não me importava. Estava oca, seca e fria por dentro por saber que tinha feito exatamente aquilo.”

“Então, um dia, eu recebi uma ligação de Samuel que Davi tinha tido uma parada cardiorrespiratória e precisou ser levado às pressas para o hospital, que não estava acordado e que talvez não resistisse.”

“Desesperei-me e cada quilometro percorrido até o hospital eu me culpei por cada dia, cada segundo, cada momento em que o deixei. Atormentei-me por não ter aproveitado o tempo que lhe restava, por tê-lo abandonado e agora eu o tinha perdido.”

“Assim que cheguei ao hospital e vi toda a família em lágrimas, chorando desesperados, eu soube que ele tinha partido. Que, enfim, tinha terminado aquela dor que uma criança nunca deveria sentir.”

— E eu o abandonei quando ele mais precisou. Que tipo de pessoa faz isso?

Eu sabia que não tinha perdão para mim, não havia explicação para tudo o que fiz e sabia que ninguém olharia para mim da mesma forma depois de saber disso.

E por esse motivo permaneci de olhos fechados com o silêncio ensurdecador quase me enlouquecendo.



Capítulo 18

*Como pode ser gostar de alguém
E esse tal alguém não ser seu
Fico desejando nós, gastando o mar
Pôr do sol, postal, mais ninguém
(Amado – Vanessa da Mata)*

Paulão Lima

Você pensa que conhece alguém quando a vê com certa frequência, quando dorme com ela, quando a beija e descobre alguns “segredos”, mas as coisas não são tão simples como teimamos em imaginar. Pessoas carregam em seus corações erros, tormentas e dores inimagináveis, agonias sem cura, tristeza sem fim. E não percebemos isso somente em olhar para elas. Às vezes, um sorriso é apenas uma máscara, algo que usamos para nos proteger, um escudo contra julgamentos e decepções.

A primeira impressão que se tinha de Priscila Marins era de uma mulher livre, feliz e de bem com a vida. Agora, olhando para ela chorando daquela forma enquanto me contava de seu passado tão doloroso, a dor que sentia com a perda não só do menino, mas também do homem que amou e a culpa que a atormentava por acreditar que tenha abandonado a criança quando estava doente, eu via que tinha muito mais por baixo de sua pele.

Ela era tão forte por ter vivido aquilo tudo e ainda ter continuado sorrindo, seguindo seus sonhos. Mesmo que ela não se visse dessa forma, nem todo mundo suportaria aquela agonia e continuaria em frente, sem se modificar. E acreditando piamente que tenha mudado, no fundo ela manteve sua essência, uma mulher incrivelmente forte, dona de si, livre de algemas... Ela não se sentia merecedora de amor, mas era o que mais havia em seu coração.

Para quem estava de fora, que não os conhecia e que ainda por cima tinha

sentimentos por aquela mulher linda, enxergava certas coisas que provavelmente ela não via.

Priscila não podia fazer muito mais do que já fez, sabia que em seu coração doeu muito deixar o menino que tanto amava para dar espaço a mãe, uma que o abandonou quando menor, mas ainda assim uma mãe que sofria por estar perdendo o filho. Eu não sabia o que tinha acontecido depois, se a tal moça disse mais alguma coisa, mas para mim era claro como ela queria recuperar o que tinha aberto mão.

Priscila tinha um coração enorme e viu que estava no caminho daquela família quando permaneceu ao lado de Davi e Samuel.

É preciso estar ciente da própria dor para poder ajudar o outro; o que muitas pessoas fazem é se achar um super-herói acreditando que podem salvar todo mundo e quando isso não acontece se martiriza e sofre. A dor é real e física, muitas vezes nos afundamos tentando salvar alguém de se afogar.

Os olhos dela já estavam inchados e ficaram ainda menores do que já eram, havia uma sombra em seu olhar, algo que notei sempre estar ali, só não tinha percebido antes.

— Priscila, isso não é culpa sua. Infelizmente essa doença não escolhe quem vai atingir e não temos controle nenhum sobre ela.

Ainda sem abrir os olhos, ela balançou a cabeça e sorriu friamente.

— Mas eu poderia ter lhe dado conforto, ter mostrado mais o meu amor, eu o abandonei quando ele mais precisou. Não sei amar ninguém a não ser eu mesma.
— Parecia estar ouvindo as palavras de outra pessoa, não dela.

— Você fez o que achava melhor para toda a família.

— Ele me pedia para ficar, me implorava com aqueles olhos meigos e cansados para que eu não fosse embora, Paulão. E eu fui, toda vez que ele pediu para ficar eu lhe dei as costas — ela falava como se tivesse nojo de si mesma e vergonha do que fez. Sua voz estava rouca de tanto chorar e seus lábios pressionados como se segurasse algo muito doloroso dentro, impedindo que saísse.

Eu não via nada do que me contou daquele jeito. O que eu enxergava era uma mulher ainda de luto depois de tantos anos, que precisou enfrentar a dor e a culpa sozinha e tudo que ela dizia parecia ter sido falado por outra pessoa, que eu poderia desconfiar quem poderia ter sido. Com a fragilidade da perda, Pri parecia ter absorvido aquilo como verdade e se martirizava com isso.

Como ela não havia dito muito mais sobre o assunto, decidi não pressionar. Se e quando ela quisesse contar mais coisas, eu estaria pronto para ouvir. O que poderia fazer naquele momento era confortá-la de um jeito que tinha certeza de que ninguém nunca fez.

Peguei sua mão com cuidado para que não a assustasse e fiquei fazendo círculos em sua palma com cuidado, tentando assim trazer conforto a ela. Depois de um tempo de choros e soluços doloridos, ela parou, respirava com cuidado e então abriu os olhos, me encarou com tanta gratidão que senti meu coração se perdendo um pouco mais.

— Você não pode se culpar dessa forma e acreditar que não pode amar, não há uma pessoa que eu tenha conhecido que ame igual a você. A sua lealdade e amizade com a Mileni é uma prova disso. Você se entrega à vida, alguém que não sabe amar não consegue dançar como você. É uma mulher incrível, Priscila! Acha que Davi ou até mesmo Samuel gostariam de ver você assim? Acha que a Leni gosta de ver você sofrer sem poder ajudar?

Ao mencionar o nome do noivo e o menino, eu sabia estar arriscando. Poderia não estar ajudando, mas pareceu ter causado algum efeito porque ela deixou os ombros caírem, que até então estavam rígidos como se esperassem alguma atitude de mim. Perguntava-me o que teria acontecido quando o garotinho faleceu, que a levou a se preparar para o pior sempre, pensar tão pouco de si mesma e ter tanto medo de magoar os outros.

— Leni provavelmente vai querer me matar por nunca ter dito nada e ainda por falar isso tudo.

Sorri e me aproximei, encostando-me na cama e abri os braços convidando-a se aconchegar. A gente não tem como saber quando a pessoa precisa de espaço ou um abraço, por isso dei a ela uma escolha. Quando deitou em meu peito, envolvendo minha cintura com os braços, soltei o ar que prendia.

Aquela confiança não só em me deixar confortá-la, mas em contar aquelas

coisas que guardava há tanto tempo, com medo e com vergonha de dizer todas aquelas palavras que a machucavam, só mostrava o quanto estávamos envolvidos. Porém, ela era uma mulher ferida e eu precisava ter calma, não pressionar e nem esperar demais. Não me envolver era difícil já que estávamos falando de mim, contudo tinha que ter os pés no chão e não idealizar algo que nem poderia acontecer.

Eu a abracei apertado e estávamos confortáveis, podia sentir seu coração em minha mão que estava em suas costas e respirei fundo procurando por palavras que a fizessem se sentir bem, algo que pudesse aliviar o clima tenso, mas que ainda a fizesse entender que não haveria julgamento entre qualquer pessoa que a amasse de verdade.

— Eu acho que tem razão, Mileni é pequena, mas pode ser assustadora quando está brava.

Ela riu meio chorando e balançou a cabeça, concordando comigo.

— Mas, Pri, você tem que entender que nós não temos controle da vida e a morte. Tudo isso depende de uma força que nem temos noção de seu tamanho, talvez destino, carma... Não sei! Eu já li livros demais e já vi tantas histórias, reais ou fictícias, para saber que se uma coisa é certa é que nada é certo. É confuso de se ver quando seu coração está envolvido, mas é simples, a vida não é complicada como teimamos em achar, quem complica tudo somos nós. Eu acho que você deu amor para o Davi, cuidou dele quando precisou e se afastou também quando achou que deveria. Talvez, se não o fizesse, se arrependeria por não ter dado a chance do garoto conhecer a mãe, que errou, mas ainda assim eles mereciam esse momento antes que fosse tarde. Perder quem a gente ama dói mais do que podemos imaginar. E você ainda sofre porque não pôde estar ao lado dele quando partiu. Sei como é a sensação.

Engoli em seco, tentando fazer o nó que se formou em minha garganta descer, pois eu não podia fraquejar naquele momento. Mas Priscila pareceu perceber alguma coisa e, então, levantou os olhos molhados até os meus, como se pudesse decifrar cada palavra, absorver cada sentimento como sua verdade.

Mas a coisa é que se não nos livramos do que nos machuca, nunca daremos ouvidos às realidades que são tão simples para alcançar.

— Você fala como se já tivesse experimentado a perda.

— E experimentei, infelizmente, cedo demais se você quer saber. Uma mãe nunca poderia morrer, nem quando somos grandes ou pequenos. — Só de falar sobre aquilo me sentia triste por um carinho que nunca vivi. — Eu não me lembro dela, era novo demais, mas sabe aquela coisa de sentir a falta daquilo que você não tem?

Priscila assentiu e se ajeitou em meu abraço de uma forma que conseguisse olhar para mim direito, aquilo fez meu coração bater mais forte, porque nunca tinha me exposto daquela forma. Aquele assunto era um dos quais eu quase não falava, porque me machucava desnecessariamente.

— É como sentir falta de um abraço que nunca recebeu.

— Exatamente! Minha avó e minha tia sempre foram muito carinhosas, cuidaram de mim muito bem, me ensinaram coisas boas e me educaram da melhor maneira que conseguiram. Ainda tem a mãe do Rodrigo que me adotou depois de grande. — Sorri ao lembrar-me das vezes que ficava na casa do Digão com a desculpa de querer filar o rango, mas a verdade era que eu ia lá para me sentir como se estivesse com minha família, mãe, pai e irmão. Chegava a imaginar como seria se Maria Helena fosse mesmo a minha mãe. — Mas nenhuma delas conseguiu suprir a saudade que eu tinha de chamar alguém de mãe, de abraçar apertado e só deitar em seu colo contando como foi meu dia, enquanto ela passava a mão por meus cabelos e sorria ouvindo-me divagar.

Eu já não enxergava nada à minha frente e sorria com a fantasia que guardei no coração por tanto tempo e que agora eu revelava para a única mulher que foi capaz de fazer meu coração sentir-se completo, depois de tanto procurar.

— Cabelos?

Pisquei os olhos e a encontrei me encarando com um sorriso doce, percebi que tinha me envolvido tanto em nossas revelações simultâneas que tinha me esquecido da minha tentativa de distraí-la. Eu ri com a sua pergunta e automaticamente passei a mão na minha careca lisa, que já não tinha cabelos há muito tempo.

— Quando eu imaginava isso, ainda tinha cabelos!

Pri sorriu e colocou a mão em meu rosto, deixando-a ali, quente, reconfortante e um perigo para o meu coração entregue.

— Eu acho que sua mãe sempre esteve em algum lugar olhando por você, colocando essas pessoas na sua vida, para tentar suprir a falta que lhe fez. E acredito que, para qualquer mãe que ame seu filho e que partiu antes da hora, ela daria tudo para que seu último momento com você se repetisse eternamente para que não precisasse dar adeus.

Meus olhos se encheram de lágrimas e não consegui dizer nada naquele momento. Minha garganta estava fechada e com a minha vontade de confortá-la acabou que eu estava sendo consolado.

Assenti, agradecendo e fechei os olhos, deixando as lágrimas escaparem. Eu não tinha vergonha, não importa a idade que você tenha, perder a mãe é sempre doloroso, difícil e impossível de superar.

— Ela morreu de uma forma que ninguém esperava, estava voltando da faculdade à noite, foi assaltada e, por algum motivo, eles a mataram. Ela foi socorrida, mas morreu no hospital. Minha avó disse que chegou a vê-la com vida e que ela tinha os olhos arregalados, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não tinha forças... — Consegui dizer depois de algum tempo. — Mas é isso que eu quis dizer depois de todo esse drama, Priscila, a vida não é perfeita, somos frágeis, eu posso estar aqui falando com você hoje e amanhã posso não estar mais nesse mundo. Não temos controle sobre isso; e se culpar por algo que não podemos fazer muito a respeito, deixando que essa dor dite a nossa vida, é como perder um último suspiro por nada. Você provavelmente pensou que teria mais tempo com Davi, e minha mãe pensou que teria mais tempo comigo.



Capítulo 19

*Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber que o pra sempre sempre acaba*
(Por Enquanto – Cássia Eller)

Priscila Marins

Não sabia como lidar com tudo voltando para mim, parecia estar vivendo aqueles momentos de angústia como se estivesse em um *looping* no tempo. Percebi que assim eu havia tocado a minha vida desde a morte de Davi. Tudo se tornou sombrio e frio, me dei conta que só houve cor novamente quando conheci Mileni, que me fez esquecer um pouco de tudo que aconteceu e da pessoa que eu era.

Ouvindo Paulão falar com tanta convicção, eu quis acreditar e sabia que ele estava certo. Mas sabe aquela coisa de que quando você se deixa intoxicar por uma verdade de alguém e acaba acreditando nela como sua? Deixa que ela dite sua vida, te limitando e impedindo de evoluir, de aproveitar oportunidades únicas que surgem.

Eu sabia disso tudo, mas não era como ele, havia uma culpa enraizada na minha alma que não seria dissolvida de uma hora para outra.

Olhando para aquele homem grande e de coração ainda maior, eu percebi o quanto havia em uma pessoa além do que conseguimos ver. Nosso passado, carga emocional e vida não estão estampados em nossos rostos ou traduzidos por sorrisos e lágrimas, há muito mais por baixo da superfície que nem imaginamos. Quanto mais eu conhecia o Paulão, mais eu me encantava por ele.

— Por que está me olhando assim?

— Assim como?

Ele sorriu e bateu a ponta do dedo indicador em meu nariz.

— Desse jeito, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Cuidado, dizem que olhar fixamente faz com que você se apaixone.

Corria um risco muito sério de que ele estivesse certo. Mas eu acreditava que, para me apaixonar por alguém, precisava estar pronta emocionalmente, não seria justo criar falsas esperanças.

Nós não merecíamos isso!

Não pude responder a brincadeira e senti que ele tinha ficado estranho, talvez envergonhado, ou estivesse finalmente enxergando quem eu era de verdade.

Apesar de tudo que ele me disse, para que me sentisse melhor, não conseguia tirar do coração a culpa e os pensamentos de tantos anos alimentados dentro de mim. Não é tão simples se livrar de algo que regeu a sua vida.

Ficamos enroscados naquela cama por horas, sem pensar em nada. Com o passar dos minutos o corpo tenso dele foi relaxando, provavelmente se conformando com a minha incapacidade de me entregar. Eu fui esvaziando a mente, deixando as preocupações de lado e pude aproveitar o momento, relembrar cada um deles desde que chegamos naquela cabana e, sinceramente, eu não sabia como agir dali para frente.

Uma coisa era certa, não conseguiria retomar minha vida da forma que eu estava levando. Algo dentro de mim tinha mudado naquele final de semana, só não tinha certeza se era para melhor ou se traria mais dor e dúvidas.

Os inevitáveis e malditos “ses” continuavam a me atormentar mesmo que eu tentasse não pensar nisso.

Só podia aguardar para ver se as coisas se acertariam.



Bom, se acertar é sinônimo de estragar tudo, eu estava indo pelo caminho certo!

Olhei para Paulão, que tinha o cenho franzido e que parecia ter congelado essa expressão em seu rosto. Simplesmente não soube o que dizer, parecia nua, exposta demais e a única coisa que queria naquele momento era o refúgio da minha casa.

Por isso fiz o que poderia ser considerado como enfiar os pés pelas mãos. Dei um sorriso amarelo e declarei:

— Nos vemos por aí!

Sério? É isso que você tem para dizer depois de passar um final de semana incrível com o cara mais maravilhoso do mundo?

Pois é, parecia que sim! E isso não era nem a pior parte do que deveria ser os dias mais extraordinários.

Paulão foi adorável em todos os sentidos e a única coisa que eu tinha para dizer era “*Nos vemos por aí!*”! E se você me perguntar como se seguiram os poucos dias depois desse monte de revelações, lágrimas e algo mais, eu não poderia te dizer ao certo. Depois que acordamos, no dia seguinte, parecíamos dois estranhos, era como se tivéssemos apenas esperando que tudo desse errado, que o dia passasse... Paulão se manteve carinhoso e solícito, como sempre, preocupado com a forma que estava me sentindo, mas o problema todo era comigo. Acho que me liguei no automático, simplesmente me movendo como um robô, desconectando os sentimentos e acordei quando estava na sala da minha casa com o coração transbordando e a mente cheia, que não parava um segundo. Isso tudo sem me dar conta de que poderia estar perdendo algo realmente incrível, porém que eu não conseguia enxergar por estar com os olhos vendados pela culpa.

Demorei algumas horas até constatar que precisava agir; se ficasse parada pensando no que poderia acontecer, no que estava abrindo mão, acabaria enlouquecendo e isso não era uma opção. Havia providências a tomar e deveria me resguardar caso o meu passado resolvesse bater à porta.

Contudo, eu tinha uma prioridade: Mileni Pontes.

Não podia continuar brigada com ela, o medo que senti quando vi naquela revista o meu nome e foto, como também tudo o que eu estava fazendo, clicou em minha mente como um aviso e enlouqueci machucando a minha melhor amiga. Só de pensar em tudo que aconteceria se tudo do meu passado me encontrasse, fazia com que a minha autopreservação se impusesse a qualquer outro sentimento. Sabia que não demoraria a ligarem os pontos. As notas que saíram nos jornais na época foram tão cruéis que ainda pareciam serem ditas em voz alta, eram como se milhares de dedos estivessem apontados para mim, acusando-me.

Por isso minha amiga não tinha culpa de nada, uma hora ou outra eu seria descoberta. Ninguém foge para sempre!

Mileni estava ainda viajando pelo mundo divulgando seu filme, por isso não poderia ir até sua casa e nos entupirmos de chocolate e sorvete, como sempre fazia quando pisava na bola, mas tinha uma coisa que eu poderia fazer.

Deixei a mochila em cima da minha cama, peguei o celular no bolso de fora e caminhei sorrindo para a sala, sentei-me confortavelmente no sofá e comecei a digitar um textão para ela me desculando e prometendo que logo nos veríamos e tudo se resolveria. Claro que adicionei o estilo Priscila de ser falando bobagem e fazendo minha amiga rir; ou, pelo menos, esperava que ela tivesse rido e ainda me amasse.

Não sabia em qual parte do mundo Mileni estava, se tinha muita diferença de fuso horário, mas acreditei que ficaria por um dia inteiro olhando para a tela do celular esperando que ela visualizasse a mensagem e me respondesse. O que, graças a Deus, não demorou muito! Somente três horas!

Mileni: Você sabe que mora no meu coração.

Pri. Te amo para sempre, minha amiga! Em breve estarei aí pra gente passar um dia de meninas.

E isso queria dizer comer muito chocolate e colocar culpa na TPM.

Priscila: E eu amo você, minha irmã!

Se existia alguém mais incrível do que aquela garota, eu desconhecia!

Abracei o celular e sorri, sem que eu previsse ou controlasse senti as lágrimas invadirem os meus olhos e escorrerem livres por meu rosto. O que estava acontecendo comigo? Tinha virado uma manteiga derretida? Logo eu, a rainha do foda-se!

Mas eu sabia a verdade, é como dizem: você pode enganar qualquer pessoa, menos você mesmo. Eu era sim uma chorona e saber que minha melhor amiga, a única que eu tinha, não me odiava por eu ser uma estúpida e não ter coragem de contar tudo com medo da forma que me olharia, enchia meu coração de esperança.

Prometi a mim mesma que assim que nos encontrássemos passaríamos um dia de meninas como sempre, trancadas em casa assistindo os gatões da Marvel e maratonando séries, além, é claro, de comer até desmaiar e depois eu contaria a ela o que conseguisse. Não poderia me enganar achando que me abriria de uma vez, isso poderia demorar mais do que só ter vontade.

A perspectiva era positiva e por isso as semanas que se passaram foram suportáveis.

Passei por dias difíceis, com medo de colocar os pés para fora de casa e dar de cara com tudo que pudesse aniquilar o que tinha construído até o momento. No estúdio, eu tinha um cuidado redobrado com novos alunos acreditando que poderiam ser espiões ou repórteres infiltrados que foram colocados ali para pegar qualquer furo.

Tá, tudo bem que eu poderia estar sendo neurótica e provavelmente estava vendo séries demais, mas era uma possibilidade real diante de tudo o que aconteceu comigo.

Paulão se manteve afastado por alguns dias, sem nem mesmo mandar uma mensagem, o que me deixou um pouco triste, porém eu o entendia. Nosso tempo na cabana foi intenso, não definimos a relação e depois de toda aquela carga emocional acabou que as coisas ficaram diferentes. Talvez precisasse de um momento para clarear a mente e o coração.

Só que, como eu não era a rainha da paciência, mandei uma mensagem para ele como quem não quer nada e quando respondeu, passamos horas nos falando

como velhos amigos, aquecendo o meu coração frio. E assim se seguiu todos os dias; apesar de morarmos perto, não tínhamos conseguido nos ver. Por nossa escapada, tínhamos trabalho acumulado e a única hora que conseguíamos conversar era tarde da noite e estávamos mortos.

Aquele dia começou bem, consegui correr antes das aulas tentando assim manter a forma e disposição, tomei um café reforçado, estava animada porque Mileni estava chegando no dia seguinte e eu estava louca para abraçar a minha amiga.

As aulas foram tranquilas e em toda turma tinha, pelo menos, uma pessoa muito apaixonada pela dança, mas naquela classe em especial tinha aquela menina que ficava até mais tarde e que me lembrava de mim mesma, ficava tão feliz vendo-a dançar depois que todas tinham ido embora que viajava para um tempo que minha única preocupação era acertar os passos.

A garota tinha talento e iria longe com toda aquela paixão traduzida em seus movimentos! Quando ela terminou, eu sorri, bati palmas e me aproximei enquanto ela corava envergonhada, guardando suas coisas na mochila.

— Você foi muito bem, Alice! É uma bailarina incrível.

Ela olhou para mim e deu de ombros, claramente constrangida com o meu elogio. Era uma menina linda de cabelos cacheados, olhos grandes e expressivos e que colocava seus sentimentos em cada movimento da dança.

— Eu gosto das suas aulas — disse como se assim explicasse todas as vezes que ficava até mais tarde e eu sabia que era o único momento que ela tinha para dançar e praticar.

Muitas das minhas alunas eram de comunidades carentes e nem sempre tinham lugar para dançar, encontravam ali um lar, um refúgio para poder aproveitar o que amavam. As aulas de Alice eram um prêmio da escola; quando ela participou de um show de talentos e ganhou em primeiro lugar, que era um ano de aulas no meu estúdio. Que, aliás, já estavam no fim.

— Que nada, você tem um talento incrível, se for bem encaminhada irá longe. Mais do que pode imaginar.

Apesar de estar comigo há quase um ano, Alice era tímida e pouco me olhava

nos olhos, mas naquele momento ela levantou a cabeça enquanto colocava a mochila nas costas, pude ver a tristeza e certo conformismo.

— É só um hobby, Priscila, que logo vai acabar, minhas aulas estão terminando... — Arranhou a garganta de emoção e olhou para a porta, como se estivesse se despedindo. — Tenho que ir! Até amanhã.

Consegui apenas vê-la sair e minha cabeça estava a mil. A paixão que aquela menina demonstrava despertou vários sentimentos em mim, que estavam adormecidos há muito tempo. Acreditava que com os recentes acontecimentos e tudo o que contei para o Paulão as coisas acumularam em meu peito.

Nunca fui de aceitar menos do que eu queria, lutei pela dança assim como Alice fazia, nós tivemos vidas diferentes. Eu tinha tudo, mas, às vezes, tudo não era nada. Podia ajudar aquela menina, da mesma forma que minha professora me ajudou: incentivando-me e dizendo coisas que nunca tinha ouvido.

Com um sorriso no rosto me afastei do centro do estúdio, indo até onde minhas coisas estavam. Tudo tinha que ser feito da maneira correta ou não daria certo. Alice era uma menina orgulhosa e não aceitaria minha ajuda assim, sem ter confiança em mim.

Entrei em contato com as pessoas certas e esperava que, no dia seguinte, já tivesse um retorno. Pela primeira vez em muito tempo me sentia animada e ansiosa com alguma coisa e isso era muito bom.

Existem momentos na vida que tudo o que precisamos é de um pouquinho de fé e perseverança, algo que nos faça lembrar o porquê de amar tanto alguma coisa, algo que te impulse a sentir tudo aquilo que te fez derrubar barreiras e percorrer montanhas. Se você nunca perder a fé, nunca deixará de acreditar!

E eu acreditava naquela menina, sabia o quanto ela amava dançar e o que lhe faltava era esperança. Iria usar o que estivesse ao meu alcance, para ajudá-la a acreditar que era possível. Assim como eu acreditei um dia.

O porquê, de querer ajudá-la só naquele momento eu não sabia, talvez fosse sua iminente despedida, ou a minha vontade renovada de viver intensamente. Eu poderia ter feito isso assim que ela entrou nas minhas aulas e vi o quanto a menina era incrível, mas a verdade era que naquela época eu apenas deixava que os dias passassem por mim, não os aproveitava.

Com o coração leve de ter desabafado com alguém, conseguia enxergar com mais clareza. E o que eu via era uma menina que só estava esperando por uma mão amiga.



Capítulo 20

*É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há*

(Pais e Filhos – Legião Urbana)

mileni Pontes

Eu li em um livro que falava sobre amizade, era de uma autora que gostava muito e que dizia o seguinte: *Amizade é quando a gente esquece completamente de si para se doar por inteiro ao outro. É quando você pode até estar com o seu coração dilacerado, mas respira e coloca um sorriso no rosto para ter o prazer de ver o seu irmão de alma também sorrir.*²

Para mim não existia melhor definição, minha amizade com Priscila podia ser de pouco tempo, mas parecia uma vida inteira. Tantas vezes que ela largou tudo para estar comigo, me dizendo a coisa certa, me sacudindo e rindo da minha cara, dos meus dramas. Ela esteve ao meu lado quando perdi um amigo e quando encontrei o amor da minha vida.

E eu estaria com ela para qualquer coisa!

Assim que meu avião pousou nem mesmo disse ao Rodrigo que já estava no Rio, minha amiga precisava de mim e era para a sua casa que estava indo. Fiz o possível para não chamar atenção, aluguei um carro e o caminho até sua casa foi percorrido com muita ansiedade e nervosismo. Deveria ter pressionado mais quando Pri surtou por conta da revista, mas acabei me deixando magoar por palavras que sabia não serem verdadeiras. As vezes que falamos coisas que nos arrependemos depois.

E sabia que ela se culparia por termos brigado. Os dias que fiquei fora se

tornaram longos enquanto não tinha notícias, mas no momento que recebi suas mensagens foi como poder relaxar de novo.

Contudo, mesmo assim, minha vontade foi pegar o primeiro avião e voltar para casa, assim poderíamos nos abraçar e termos certeza de que estávamos bem. Então, assim que tive oportunidade fiz exatamente isso.

Ainda era cedo e sabia que Priscila não estava no estúdio, muito menos em casa. Sua mania de correr todas as manhãs era religiosa, por isso, quando desci do carro e encostei-me ao muro de sua casa, deixei minha mente vagar com as milhares de possibilidades. Estava curiosa, na verdade sempre estive curiosa sobre o que aconteceu em seu passado que a fez ter tanto medo e que não conseguia me contar.

Eu entendia que ela tinha direito de ter os seus segredos que não quisesse me dizer. Sempre temos alguma coisa que não mencionamos a ninguém, somos imperfeitos e cometemos erros que nos fazem nos sentir mal. Ferimos pessoas que não queríamos, ferimos a nós mesmos.

Pelo que eu conhecia daquela garota, o que quer que tenha acontecido a machucou de uma forma que eu acreditava ser irreversível. Existem feridas que nunca se fecham, mas que podemos conviver com elas, dar alguns pontos e deixar que fiquem apenas as cicatrizes.

Assim que eu a vi virando a esquina, derretendo em suor e o cabelo curto preso em uma faixa, seus olhos estavam baixos e ela parecia concentrada na música que tocava em seus ouvidos. Cruzei os braços e esperei que se aproximasse. Assim que ela ficou perto o bastante para que pudesse me ouvir, eu gritei:

— Achei que teria que te esperar aqui a vida inteira. — Ela parou, olhou para mim e tirou os fones do ouvido. — Mas eu ficaria se precisasse, viu?

Ela ficou parada no lugar, olhando para mim com a testa franzida e seus olhos estavam marejados. Pri respirava fortemente e podia praticamente ouvir seu coração de onde estava. Sabia como ela deveria estar se sentindo, eu quase não consegui me concentrar na viagem pensando em nossa amizade, não gostava de ficar brigada com ela.

— Você veio?!

— Claro que sim, o mais rápido que consegui. Minha amiga pediu, aqui estou.

Em um momento, Priscila estava a três metros; em outro, ela me envolvia em seus braços, apertando forte com medo de que eu fosse embora.

— Pensei que você fosse ficar com raiva de mim e não quisesse mais ser minha amiga.

Balancei a cabeça, ou tentei, porque aquela mulher tinha uma força que vou te contar. Estava me esmagando e nem ligava.

— Lógico que não, Pri. Eu te amo como se fosse minha irmã, sabe disso. O que tá acontecendo com você?

Ela me soltou e olhou nos meus olhos, Pri não era alta, mas era maior do que eu. Ela fungou e deu um sorriso sem graça.

— Vamos entrar?

Assenti e não me passou despercebido a sua súbita mudança de assunto. Eu não a forçaria, assim como nunca fez comigo. Amizade é isso, estar ali para o amigo mesmo sem saber o que o aflige. Às vezes, a pessoa não precisa de conselhos ou desabafar, apenas de companhia. Ter um ombro amigo e saber que pode contar com o outro ainda que não diga nada. Quando ela estivesse pronta me diria tudo e eu a acolheria, assim como ela fez quando lhe contei tudo sobre Bento.

Levantei a minha bolsa e de lá tirei uma sacola cheia de chocolate e doces.

— Eu vim preparada!

Seus olhos brilharam quando ela viu o monte de guloseimas que era obrigatório em nossas sessões de “clube das meninas”.

— Eu já te pedi em casamento, não?

Sorrindo, eu a segui para sua casa e ri do momento que ela se referia.

— Já sim, se eu já não estivesse apaixonada...

Pri riu e me olhou por cima do ombro. Jogou as chaves em cima da mesa de centro e se arremessou no sofá. Ela tinha uma sombra em seus olhos, apesar do sorriso largo. Eu a conhecia bem demais para saber que alguma coisa não estava bem. Não tanto quanto o dia que eu fui embora. Contudo, tinha algo mais que não estava ali antes.

— Você tem transado, não tem? — Seus olhos se arregalaram e, pela primeira vez desde que eu conhecia aquela garota, ela corava. Suas bochechas vermelhas denunciavam-na e nem precisava de resposta. — Ai, Deus! Tem mesmo. Quem é, Priscila? Não acredito que não me contou!

Ela deu de ombros e sorriu, como se estivesse lembrando-se de alguma coisa.

— Não o vejo há dias, desde que voltamos de Petrópolis.

— Petrópolis? Nossa, a coisa é séria para você viajar com ele assim... — parei de falar quando algo invadiu meus pensamentos. — É o Paulão!

Ele tinha viajado há algumas semanas e Rodrigo me disse que, quando voltou, contou que estava em Petrópolis.

E, mais uma vez, eu li em sua expressão a resposta que ela não dizia.

— Vocês estão... namorando?

Pri não namorava ninguém! Ela dizia que era perda de tempo se prender a alguém quando tinha tantas opções no mundo. Mas, pela primeira vez, eu via algo diferente em seu olhar. Um encantamento, talvez paixão? Não conseguia decifrar, mas que ele era diferente de todos os casos dela isso era inegável.

— Não! — Respirou fundo e se recostou no sofá, olhou para mim como se temesse minha reação. — Tudo bem, vou te contar, mas não fica sonhando e criando coisas nessa cabecinha romântica. Nós dormimos juntos no seu lançamento em Nova Iorque, foi muito bom e quando aconteceu aquela coisa da revista eu quis fugir um pouco. Você sabe como funciona. Então, eu o convidei para ir pra cabana comigo.

A mulher dizia tudo como se estivesse me contando a história de um filme e que não tinha importância nenhuma quando eu sabia a verdade. Ela estava mexida por ele, talvez até apaixonada e estava em negação. Eu sabia como a

cabeça da Priscila funcionava, negar a verdade a fazia parecer menos real.

— Sei, então vocês não se viram mais desde que voltaram?

— Isso!

Ela abaixou a cabeça com um sorriso no rosto e pegou a sacola da minha mão procurando ali algo para encher a boca e não poder falar.

— Não se falaram mais? Foi coisa de um final de semana mesmo, não vão se ver mais?

— Uhum! — ela resmungou de boca cheia e virou-se para mim com os olhos arregalados.

— Priscila! Você sabe que eu te conheço bem demais, desembucha logo.

Ela revirou os olhos e engoliu a bala que tinha colocado na boca.

— Por que eu te aturo, hein? Esse negócio de me conhecer não é tão legal assim!

Eu ri e dei de ombros. Pri suspirou profundamente e fechou os olhos como se não acreditasse que me contaria.

— Tá, eu penso nele mais do que deveria e nos falamos todos os dias por mensagem, mas não conseguimos nos encontrar de novo. Satisfeita?

— Pensa nele, hã? Sei... e não se encontraram de novo mesmo morando tão perto do cara? Você está fugindo, Priscila!

— Leni, eu falei para não ficar imaginando coisas nessa cabecinha romântica. Eu não fui feita para namorar igual você. Sei que está apaixonada pelo *Big Mac* e tal, mas não é o que acontece comigo e o Paulão.

Ela podia dizer aquilo para mim eternamente, mas eu a conhecia bem demais e seus olhos a denunciavam, pois eles brilhavam ao mencionar o nome do grandão.

— Uhum, e isso quer dizer que não vão se ver mais intimamente. Porque você

sabe que uma hora ou outra vai esbarrar com ele, né? Isso se quiser continuar sendo minha amiga.

Eu adorava perturbar ela, era tão raro de acontecer, porque Pri era a rainha da porra toda. E quando encontrava uma brecha caía em cima sem dó. Estava amando vê-la tão desconfortável ao não querer admitir o que estava acontecendo.

— Mileni, para!

— O quê?

— Eu e o Paulão... é só coisa de pele. — Acho que nem ela acreditava no que disse, porque quando Pri estava mentindo sua voz ficava repentinamente fina. Ela fez uma careta quando ouviu seu tom e olhou para mim. — Estou encrencada?

Sorri e me aproximei dela, abraçando-a pelo ombro e ofereci uma barra de chocolate que tirei de dentro da sacola, era o preferido dela.

— Amiga, está e muito! Mas não se assuste, ok? Eu estou aqui.

Ela assentiu e, como uma criança, abriu o chocolate e deu uma mordida grande; parecia ter se dado conta do tamanho do problema que tinha no colo naquele momento. Era o legal da nossa amizade, fazíamos a outra ver o que estava em negativa até então.

— Ei, se Rodrigo é *Big Mac*, o Paulão é o quê?

Priscila levantou a cabeça rápido e riu abertamente, aquela era a melhor parte para nós duas. A confiança, liberdade de falar qualquer bobagem e parecer duas malucas sem nos importarmos.

— Porra, Mileni! É sério que você vai me fazer dizer isso?

Levantei minhas mãos na frente do corpo e sorri, tentando parecer inocente.

— Como se já não tivesse pensado nisso... Você sabe que não posso te obrigar a dizer nada. Mas... se ele não for algo tão incrível assim, não precisa falar.

Ela revirou os olhos, se recostou de novo no sofá e olhou para mim com um sorriso sacana.

— Ele é um *Subway*!



Capítulo 21

*As vezes dá preguiça
Na areia movediça
Quanto mais eu mexo
Mais afundo em mim*

(Coisas que eu sei – Danni Carlos)

Priscila Marins

— Não acredito nisso, puta que pariu, mulher!

Mileni se jogou no sofá e gargalhava sem parar, e eu sabia que não pararia por um bom tempo. Cruzei os braços e fiquei olhando para ela chorando de rir e só conseguia pensar que um mero sanduíche não fazia jus a Paulo Henrique Lima, mas se o caso era para fazer minha amiga se molhar de tanto rir... Estamos aqui para isso!

— E é daquele grandão que a gente monta, sabe? — disse com uma voz engraçada e ainda demonstrei com as duas mãos sobre o tamanho que me referia, o que a fez rir ainda mais, seus olhos já lacrimejavam.

— Para, Priscila! Vou fazer xixi nas calças. — Ela respirou fundo e tentou, sem muito sucesso, segurar a crise de riso. — O que nós temos com caras que tem os documentos com apelidos de sanduíche? Será que tem a ver com a nossa fome descontrolada?

Arqueei as sobrancelhas e joguei uma goma de morango na boca.

— Amiga, meu boy não tem apelido de sanduíche. O seu que tem, tá? Só falei isso pra você ficar feliz com os detalhes sórdidos.

Mileni parou de rir na hora e olhou para mim com aquela cara de quem está desvendando algum mistério importante. Então me dei conta do que tinha dito.

Arregalei os olhos e esperei que as perguntas e surtos chegassem. Estava dando munição para minha amiga que era estrela de filmes românticos água com açúcar.

— Você diz que a coisa entre vocês é só física e fala do rapaz como *seu boy*? Acho que você não sabe mesmo namorar, mulher.

Engoli em seco e olhei para a janela, ainda era cedo, eu tinha só uma aula para dar no final do dia e não me vinha nenhuma desculpa para escapar. Confesso que o meu mecanismo de defesa estava a toda e queria muito fugir daquela conversa.

— O que está acontecendo com você, Pri? Sabe que pode contar comigo para o que precisar. Sou sua amiga, poxa!

Eu sabia que poderia confiar nela, com a minha vida. Já tínhamos passado da fase de não sabermos nada uma da outra, nossa ligação era especial e parecia que ela sabia sempre quando algo não estava bem. Até estranhei e temi essa ligação, porque quer fragilidade maior do que alguém te conhecer tão bem como você mesmo?

— Eu preciso de um banho, depois te conto o que consigo, ok?

Mileni assentiu, olhou para mim sabendo exatamente o que eu estava fazendo e sorriu se levantando.

— Vou fazer um café! — Não me pressionou, não me acusou de estar fugindo, ela só ia fazer um café.

Meu coração se encheu de gratidão, sempre a considereei mais do que uma amiga, uma irmã de alma. Sempre acreditei nisso e quando ela entrou na minha vida tive a certeza de que nós não nascemos sozinhos e que há pessoas espalhadas pelo mundo que te completam. Cada uma de uma forma, Mileni Pontes era uma dessas pessoas, assim como Davi foi.

— Leni — chamei com o coração apertado de emoção, ela parou e olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. — Obrigada por ter vindo!

Podia ouvir a minha voz embargada e ela sorriu docemente do jeitinho Mileni de ser.

— Sempre, minha amiga.

Corri antes que me envergonhasse ainda mais e acabasse chorando ali na frente dela, provando sim o quanto eu havia mudado naquelas semanas. Fui para o banheiro pensando em uma maneira de contar para Mileni coisas que eu pudesse suportar naquele momento. Eu acreditava que tinha contado para Paulão sobre Davi porque estava muito fragilizada e mexida com o lugar que visitamos, a energia que emanava daquele lugar me libertou e aprisionou ao mesmo tempo, intensificou os meus sentimentos e por isso acabei desabafando. O que me fez bem naquele momento, porém me deixou exposta. Quando eu contasse para Mileni sabia que seria mais forte, acreditava que a dor seria mais dilacerante, pois, como disse, ela conhecia a minha alma, meus medos e incertezas. Ela sabia coisas sobre mim que não fui capaz de esconder, então eu tinha certeza de que não pararia de falar até que contasse detalhe por detalhe, o que me faria reviver todos os momentos como se estivesse lá de novo.

A dor, culpa, rejeição e abandono. Tudo voltaria como um furacão, derrubando as paredes e deixando escombros pelo caminho.

O que já estava acontecendo aos poucos. O vulcão estava ativo, trazendo explosões dentro de mim. Desde a noite em que me abri com Paulão, não conseguia parar de pensar no pequeno anjo que passou por minha vida e me modificou. Eu sempre fui uma menina rebelde que não seguia regras ou padrões esperados de uma pessoa como eu. Ao lado daquela alma inocente, eu aprendi o que era amor de verdade e sabia que não poderia sentir tudo aquilo de novo, um sentimento daquela proporção e magnitude não se encontrava duas vezes.

Podia não ser mãe de sangue dele, mas meu coração o escolheu e o dele a mim, por isso a dor era tão grande. Sentia como se tivesse feito exatamente como Giovana, que o deixou indefeso, sem que pudesse correr atrás dela ou pedir para ir junto.

Eu o deixei quando tinha que ficar e nunca me perdoaria por isso.

Não tinha forças no momento para contar tudo isso para Leni, mas ela tinha o direito de, pelo menos, saber o motivo de eu não gostar de sair na mídia e porque surtei quando publicaram naquela revista uma foto minha. Era hora de dizer a minha amiga quem eu era de verdade e de que família eu vinha.

Depois de relaxar debaixo do chuveiro e ter colocado minha roupa de fossa –

short largo, camiseta regata velha e minhas pantufas do Scooby-Doo –, eu encontrei Leni sentada à mesa da cozinha com uma caneca de café fumegando à sua frente mexendo no celular. Ela tinha um sorriso doce em seu rosto que eu apostava estar falando com o sortudo do Digão, por ter ganhado o coração daquela mulher incrível.

— Avisando seu *Big Mac* que eu te raptei?

Ela levantou os olhos do aparelho e sorriu ao olhar para mim.

— Na verdade, estou avisando que já estou no Rio, não falei com ele desde que o avião partiu de Londres.

Franzi a testa e me aproximei da mesa, parando para encará-la com curiosidade. Os dois eram tão apaixonados que não me surpreendi por estarem tão ligados, nem com a notícia de que iriam morar juntos. O passo para o matrimônio seria bem pequeno a partir dali.

— Você não o viu ainda? — Sentei-me na cadeira à sua frente e me servi do café forte de Mileni. Era exatamente o que eu precisava naquele momento.

Minha amiga negou com a cabeça sobre a pergunta que lhe fiz e travou o celular colocando-o virado na mesa.

— Vim direto pra cá, imaginei que você precisasse de um ombro amigo. Pelo jeito estava certa. — Apontou para a minha roupa e sorriu, bebericando seu café. — Para falar a verdade, eu também precisava vir te ver primeiro de tudo. Odeio ficar brigada com você.

Como não amar essa garota? Estendi a mão e peguei a dela na minha dando um aperto que dizia muito mais do que qualquer coisa que eu pudesse falar.

— Estou lisonjeada!

Leni deu de ombros e estreitou os olhos.

— Mas essa fossa toda não tem só a ver com os seus sentimentos implícitos por certo careca grandão, tem?

Abaixei a cabeça e neguei, soltei a mão dela e me concentrei em beber o meu

café, todo o tempo no chuveiro não me ajudou em nada encontrar uma forma de contar a Mileni sem que ficasse chateada comigo.

— O motivo de eu não querer aparecer em revistas, que meu nome saísse nas mídias ou fosse reconhecido por qualquer meio jornalístico, é que eu tenho uma família influente da qual fujo desde os meus vinte anos.

— Isso eu já imaginava. Você nasceu em berço de ouro, e daí? Eu vim da periferia!

Por isso, eu amava aquela garota... Com ela não tinha desse negócio de berço ou conquistas, aparências ou julgamentos pré-estabelecidos por uma impressão. Mileni se baseava em atos e caráter para manter ou não uma amizade.

— Não sei se já ouviu falar na minha família, eles têm muito dinheiro, Leni. Dinheiro que poderia comprar qualquer coisa ou pessoa, mas não pense que eles foram pais ruins ou que me ignoraram por completo. Eram apenas ocupados demais, o que me deu muito tempo para desenvolver uma personalidade diferente da que eles esperavam.

— Eu já vejo que, com essa liberdade, você pôde ser quem seria e não um projeto que a sociedade espera.

Sorri porque minha amiga era enfática sempre em me defender e ao meu jeito livre de ser. Algo que ela sempre amou em mim e, para falar a verdade, eu também amava.

— Só que esse meu jeito nunca foi aceito no meio em que eu vivia, saí de casa aos dezoito e foi um escândalo para todos que a filha dos magnatas da computação tivesse ido morar sozinha. Faltava só os tabloides me acusarem de fazer orgias em meu apartamento, no qual eu ficava pouquíssimo tempo. — Olhei minha amiga que escutava tudo com atenção e sabia que perceberia quando eu encurtasse a história. — O fato é que eu não quero ser encontrada, por ninguém. Nem pela mídia ou meus pais, que não vejo há mais de cinco anos. Aconteceram coisas que me machucaram quando eu rompi com todos, Leni. Pessoas que eu amava me disseram coisas dolorosas demais para qualquer pessoa ouvir e não estou pronta para enfrentar ninguém agora. Não sei se um dia estarei.

Mileni olhava para mim e fiquei com medo de ela estar lendo a minha mente,

como já havia acontecido algumas vezes, mas apenas suspirou e torceu a boca como se estivesse tramando algo.

— E você não vai me contar o que foi?

— Ainda não consigo... Desculpa?

Leni se levantou e meu coração acelerou, achei que ela estivesse indo embora porque foi em direção a sala, mas seu celular continuou em cima da mesa. Minha amiga se sentou no sofá e ligou a televisão.

— O que nós vamos ver, Netflix ou os caras da Marvel?

Acho que me envolver tanto com alguém tão intenso como Paulão me transformou em uma manteiga derretida. Não estava acostumada a me sentir daquela forma e o culpava por isso. Mas é aquela história, quando é sua alma gêmea ela te conhece e aceita do jeito que você é.

Engoli o choro e me sentei ao lado dela, Mileni olhava para mim com um sorriso e pegou minha mão na dela. Eu estava lutando bravamente para não chorar e estava orgulhosa de mim mesma. A vontade era gigantesca, porém resisti bravamente.

— O que Paulão fez com você, amiga? Tá tão diferente, parece uma mocinha dos filmes. — Ri e funguei, minha amiga arregalou os olhos. — Não chora, senão vou chorar também!

— Desculpa! — Eu não estava me desculpando por estar fazendo minha amiga quase chorar e sim por não poder dizer a ela nada mais.

— Não tem que se desculpar, sua louca, estou aqui para qualquer coisa que você precisar, ok? — Assenti e Mileni se virou para frente. — Então, o que vai ser?

Olhei para a TV e peguei o controle remoto, sorri.

— O que você acha?

— Vamos de Capitão América gostosão então!

— Essa é a minha garota!

Eu acreditava que nada poderia ser mais perfeito do que passar um dia todo com minha melhor amiga comendo porcarias, vendo filmes e sonhando em ser a senhora Evans, *e pensar que estive tão perto dele*. Podia esquecer o resto do mundo e o mundo esquecer de mim.

Porém, eu sabia que o passado estava perto e que minhas feridas estavam prestes a serem expostas.

Tinha que aproveitar minha amiga enquanto podia; quando a bomba explodisse e ela quisesse se afastar de mim, eu não a culparia. Se pudesse já teria fugido de mim mesma há muito tempo.

Na verdade, eu andava vivendo como se tivesse uma bomba nas mãos, como se estivesse esperando tudo explodir na minha cara e tudo retornasse ao ponto de onde tinha parado há quase seis anos.

Quando o filme começou, meus olhos foram atraídos para o meu celular que tinha acendido a tela, sinal de que havia chegado uma mensagem. Mileni estava distraída com a televisão, então eu o peguei e olhei rapidamente, vendo que era um texto do Paulão.

E nele haviam apenas três palavras, mas que traduziam tudo o que precisava naquele momento.

“Preciso te ver!”

Paulo Lima tinha se tornado mais do que eu pretendia e me assustava com tudo o que senti com apenas um toque do celular ou uma luz que se acendia com sua mensagem. Mas não podia negar ao meu corpo e alma tudo o que ele me oferecia de boa vontade.

— Acho que precisamos fazer uma superdespedida de solteira sua e do Digão!

Sorri para minha amiga, que tinha a boca cheia de chocolate e apenas balançou a cabeça com os olhos brilhantes. Ela sabia que festa era comigo mesmo e já imaginava mil coisas que poderiam acontecer naquele nosso *happy*

hour.



Capítulo 22

*Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito*

(Velha Infância – Marisa Monte)

Paulão Lima

Eu não soube como agir depois que o encanto da nossa bolha de cristal se quebrou. Vivemos momentos intensos que definiram completamente o que eu sentia por aquela mulher: a maneira que a via e como eu soube que não tinha nenhuma outra forma de não amá-la com tudo o que eu tinha. Porque ela era simplesmente fascinante, surpreendente, admirável...

Sabia que era precipitado, ainda mais com toda a carga que ela carregava dentro de si. Para me justificar, eu disse a mim mesmo que acreditava que ela poderia se livrar de toda a culpa e se entregar ao amor novamente, eu seria um sortudo do caralho se fosse o escolhido para lhe amar da forma que merecia. Intensamente, incondicionalmente... porém, se não fosse possível, estava pronto para amar por nós dois, estava preparado para ter o que ela pudesse me dar.

Se ela permitisse isso.

Em teoria era muito mais fácil de fazer e planejar do que colocar em prática.

Quando deixamos Petrópolis e tudo o que vivemos lá, meu coração começou a ficar dolorido, o peito apertado, a respiração pesada e difícil me impedia de raciocinar e a sobrevivência falou mais alto. Vi-me assustado e acabei me afastando.

Quando recebi sua mensagem puxando uma conversa casual senti um alívio

vergonhoso, mas ainda assim não estava preparado para vê-la, pois sabia que, quando a visse, Priscila saberia de tudo e eu não teria como fugir do que era tão claro como o raiar do dia.

O que acabou acontecendo é que eu me tornei um cara chato, mal-humorado e muito insuportável. Parecia até com Jorjão e simplesmente odiei aquilo tudo. Lembrava até do Rodrigo quando estava em negação com Mileni. Naquele dia em especial, depois de passar a noite em claro pensando nas milhares de possibilidades que poderia levar um pé na bunda ou acabar no altar, eu desisti e fui ver televisão. O que não se mostrou uma decisão sábia porque passava *Titanic* pela trecentésima vez. Vi minha vida se afundando igual aquele navio.

Sono vencido, fome, dor nas bolas e o coração dolorido era a receita certa para que as pessoas se afastassem de mim. Quem me dera vir com um aviso em letreiro luminoso para que ninguém se aproximasse.

Ou que eu fosse rico o bastante para ficar em casa e não ter que trabalhar para compensar os dias que fiquei fora. Porra, dois dias e tinha trabalho acumulado ainda!

Como sempre eu chegava na oficina depois de Rodrigo, já que o homem era viciado em trabalho e ficava a seu cargo toda a burocracia que tínhamos que enfrentar. Mas, naquele dia, dei azar de Jorjão já estar com a cabeça enfiada em um motor e a velha *sofrência* tocando alto. Resultado do celibato do malandro e da saudade do coitado do *Big Mac*.

Nem mesmo os cumprimentei e me fingi de idiota, fui até o banheiro, amarrei o lenço na cabeça e roguei aos céus que eles estivessem tão focados em seus próprios problemas que esquecessem de mim. Mas a verdade é que estávamos falando daqueles dois e não de outros caras, não é?

Assim que me aproximei do carro que precisava trabalhar, encontrei os dois encostados na lataria, com panos sujos de graxas nas mãos e os braços cruzados olhando para mim.

— Isso é o quê, uma intervenção?

Jorjão deu de ombros muito sério, nem um sorriso de escárnio, nada. Ele andava bem taciturno nos últimos tempos.

— Se quer classificar assim. Eu não dou a mínima se um cachorro comeu seu chocolate, mas a coisa é que o chato aqui não me deixou em paz desde ontem falando que precisávamos conversar com você.

Rodrigo olhava para Jorjão com a testa franzida.

— Vejo que não é só Paulão que anda com problemas. Cachorro não come chocolate, seu maluco, isso faz mal pra eles.

Jorjão revirou os olhos e o dispensou com um aceno.

— Que coisa é essa que eu preciso de intervenção?

Rodrigo desviou o olhar do cara estranho que foi colocado no lugar do nosso amigo e descruzou os braços se aproximando.

— Você, cara, está estranho demais. Não te vejo sorrindo, nem com seus romances pelos cantos ou falando de algum filme novo que viu. Sem contar no mau humor e as patadas que tem dado nos clientes. Você sabe que dependemos de cada um para pagar nossas contas, né?

Eu sentia muito por ouvir aquilo, em nenhum momento da minha vida pensei em ser mal-educado com alguém. Não fazia parte da minha personalidade e saber que tinha sido me deixou incomodado e acabou me desarmando para a “intervenção” dos meus amigos.

Sabia que os dois só queriam o meu bem, já provaram isso tantas vezes que eu não podia nem contar. Era um companheirismo cego, acreditava que estariam comigo em qualquer momento.

Rodrigo sabia de Priscila, aonde eu tinha ido e ficado dias sem comunicação, sabia que eu estava perdido e tinha medo desde o começo, ele conhecia a melhor amiga de sua mulher e sua fala incansável de que não servia para o amor.

Deixei que meus ombros caíssem, cansado de carregar tudo sozinho e respirei fundo, encostando-me ao lado deles no carro, olhei para os dois e dei de ombros.

— Eu tô apaixonado, porra!

— E? — Jorjão tinha as sobrancelhas arqueadas e olhava para mim com

aquele olhar de peixe morto sem interesse.

— E o quê?

— Não tem novidade nisso, velho. Nós sabíamos que estava fadado a esse destino cruel antes mesmo de acontecer. No momento que aquela japa entrou aqui com aquela atitude de “sou foda” olhando para você, como se quisesse te comer, eu sabia que você estava mesmo fodido.

De onde ele tirava aquele monte de merda?

— Não liga para ele, Jorjão está com as bolas explodindo. Vai bater uma, vai.
— Rodrigo empurrou Jorjão, que nem respondeu e só colocou o boné indo em direção ao banheiro. — Porra, ele vai mesmo!

— Você mandou, cara! — Jorjão gritou e, pela primeira vez, pude ter um vislumbre do velho amigo de volta.

— O problema dele é maior que o seu. — Eu tinha a impressão de que Rodrigo estivesse ciente do que acontecia com ele e o porquê, mas meu amigo se virou para mim. — Ele não sabe usar muito bem as palavras, mas é verdade. Você está desse jeito porque descobriu que tá apaixonado? Isso era mais claro do que o dia!

Sabia que eles sacariam o que estava acontecendo, mas o que eles não tinham ideia era do monte de coisa que passava por minha cabeça.

— Não é isso, as coisas não são tão simples.

Rodrigo deu de ombros e fez uma careta engraçada.

— Nada é, amigo! Não sei se lembra, mas recentemente eu me apaixonei por uma celebridade e vi minha vida de cabeça para baixo. Sabia que, às vezes, eu tô no mercado e alguém me para perguntar da Mileni? É estranho e louco.

Sorri ao me lembrar de tudo que ele passou, desde o momento em que aquela mulher metida a arrogante entrou na oficina botando banca até o dia que fomos parar no aeroporto feito três patetas para que ele recuperasse a sua mulher.

— Eu sei, mas estou confuso. Eu acho que...

— Aí está o problema, você tá achando demais. Você não é disso, Paulão, sempre mergulha de cabeça sem medo do que pode acontecer. E agora tá dando passos cautelosos? Qual é, irmão!

Rodrigo abriu os braços como se me chamasse para a briga, mas havia um sorriso encorajador em seu rosto. Conhecíamos-nos bem o suficiente e eu tinha plena certeza de que ele estava certo, porém, dessa vez, era diferente.

Quando o romance está apenas nos papéis, ou nas telonas, até em nossa imaginação é fácil. Brigar com os personagens, pensar que saberia o que fazer se estivesse em seu lugar, mas a verdade é que ao menor sinal de nos machucarmos acabamos nos retraindo em nossas conchas como caracóis assustados, procurando nos proteger para que não nos magoem demais.

— Ela tem um passado difícil, não sei se estaria pronta para se entregar.

— E você vai ficar aí se lamentando, praticamente amaldiçoando para Deus e o mundo com raiva de tudo? Ou tu arranca esse band-aid e expõe o machucado ou vai no médico curar isso daí, irmão.

— Deu pra pegar as metáforas do Jorjão?

— É o convívio, fazer o quê. Você também usa essas maluquices do nosso amigo que foi trocado por um extraterrestre. — Rindo, ele passou por mim e bateu em minhas costas. — Liga pra ela, manda uma mensagem. Mas não deixa isso esfriar, talvez ela precise de um cara como você na vida para o tal do band-aid.

Ouvi em sua voz mais do que preocupação por mim, ele gostava de Priscila e todo mundo desconfiava de que ela tinha um segredo que não queria que ninguém descobrisse. Por isso, eu tinha certeza de que Rodrigo não pensava só nos meus sentimentos, mas nos dela também e, movido por uma motivação renovada, peguei o celular e digitei uma mensagem curta, mas que significava tudo o que vinha sendo sufocado durante as duas semanas que ficamos sem nos ver.

Quando a resposta chegou, eu sorri e levantei os olhos para Digão, que me observava curioso.

— Acho que temos uma festa de despedida para ir.

— De quem? — Rodrigo se levantou com a ferramenta na mão e veio até mim lendo a mensagem. — Opa, minha e da Mileni. Priscila que está organizando? Meu Deus!

Olhei para o meu amigo que, provavelmente, deve ter se arrependido de sugerir que eu tomasse as rédeas, porém, ele estava sorrindo e olhando para o lado do banheiro, onde o nosso amigo estava sumido há uns bons minutos.

— Acho que isso será legal, todos nós reunidos de novo. Desde a festa que não saímos juntos. É sua chance, amigo. Aproveite!

Assenti e o vi indo em direção ao escritório, provavelmente para falar com Leni e fiquei parado no meio da oficina tentando convencer meu coração a não se assustar antes da hora. Afinal, não se sabe o que pode acontecer, não é?

Poderia voltar ao trabalho, com a expectativa de um encontro com a mulher que já era dona de tudo o que eu sentia, mas fui interrompido com um assovio feliz irritante e vergonhoso vindo do banheiro.

Apertei os olhos bem forte e contei até dez, esperando que ele seguisse seu caminho e eu não tivesse que perguntar o óbvio. Já que ele foi para lá com cara de quem comeu jiló e voltou todo alegre e saltitante.

— Você não fez isso!

— O quê?

Ainda de olhos fechados pude perceber o riso em sua voz, abri-os e encarei Jorjão. O filho da mãe tinha o desprazer de ficar na minha frente com a cara mais lavada e uma expressão zen em seu rosto.

— Você fez. Porra, cara, nós estamos no trabalho! Nós estávamos a poucos metros!

Ele deu de ombros e olhou para a porta que Digão tinha entrado.

— E como vocês acham que me animei para fazer o serviço?

— Ah, vai à merda! Digão, será que podemos tirar o nome dessa cara da sociedade? — Desencostei do carro e fui em direção ao escritório. — Não sou

obrigado a ouvir essa merda toda... O filho da puta estava mesmo batendo uma no banheiro.

— Porra, Jorjão! — Rodrigo fez uma cara de nojo e balançou a cabeça, indignado. — Eu falei brincando, seu merda!

— Cara, levo essas coisas muito a sério... Ainda mais agora que não tem nenhuma mulher para esquentar a minha cama. Tenho que me contentar com vocês, né?

E assim começou uma discussão que acabou com nós três no bar da frente tomando uma cerveja e comendo aipim frito.



Capítulo 23

*Não te trago flores
Porque elas secam e caem ao chão
Te trago os meus versos simples
Mas que fiz de coração
(Versos Simples – Chimarruts)*

Priscila Marins

Você sabe que uma pessoa nasceu para certa coisa quando ela coloca todas suas energias para fazer bem feito, quando se empenha incansavelmente para alcançar o mais perto de perfeito possível, quando não descansa até corrigir todas as falhas.

Em meio à dança, Alice parava, acertava o passo até estar exatamente como eu havia ensinado, se frustrava quando não conseguia de imediato, mas não desistia; e mesmo aos tombos, ela estava voando pela sala parecendo um pássaro livre planando.

Já tinha se passado dias desde que nós tivemos a conversa sobre seu futuro e as aulas que estavam terminando, já tinha planejado tudo, contatei as pessoas certas e já estava tudo arrumadinho para que continuasse frequentando as aulas, fiz tudo com cautela para que a menina não percebesse que tinha dedo meu ali. Ela não aceitaria se achasse que fosse uma caridade da minha parte, já que nem mesmo me deu conversa quando falei com ela outro dia.

A aula já tinha terminado há quase uma hora e eu a observava repetindo os passos. Alice já se parecia como uma dançarina profissional, acreditava que logo criaria a própria coreografia.

Sua determinação e vontade em absorver tudo de uma vez só era emocionante e inspirador.

A menina era religiosa em seu tempo, quando completou uma hora a mais de treino foi até o som e o desligou, foi até a mochila pegou a toalha e secou o rosto. Aproximei-me e vi que estava exausta, mas o pequeno sorriso em seu rosto demonstrava a felicidade que sentia.

— Nossa, você já pegou os passos?! Esses eram bem complicados!

Ela se virou e sorriu ao olhar para mim, deu de ombros e colocou a mochila nas costas.

— Você é uma ótima professora, ensina com amor e dedicação. É fácil aprender assim.

— Ah, querida! Isso é mérito todo seu, sou só uma ponte para te ensinar técnicas, mas a arte quem faz é você.

Seus olhos brilharam e ela abaixou a cabeça bastante constrangida.

— Obrigada! — sussurrou e levantou a cabeça para olhar em meus olhos, tinha uma tristeza que fez meu coração falhar uma batida. — Vou sentir falta das aulas e da horinha que você permite que eu fique. Semana que vem termina minha bolsa e não vou ter como pagar as aulas. Serei sempre grata a você por me deixar ficar mais do que o certo.

Arranhei a garganta e desviei o olhar do dela, não era muito boa em mentir, apesar de ter omitido tanta coisa dos outros por tanto tempo, mas quando o assunto era mentir na cara dura eu era péssima. A sorte era que Alice não me conhecia muito bem para me pegar no flagra, se fosse Mileni já teria sacado na hora.

— Sobre isso, a escola entrou em contato comigo para dizer que tinham me passado a informação errada. Seu prêmio era de dois anos e já acertaram os meses que ficaram faltando.

Houve um silêncio, podia até ouvir o som dos mosquitos zumbindo sem parar na sala. E olha que ali nem tinha mosquitos, era neurótica com isso e morria de medo dos meus alunos ficarem doentes ali.

— Como assim? Sempre foi divulgado que seria um ano só. Não entendo!

Dei de ombros e andei até a mesa onde ficava as fichas dos alunos e peguei a dela, estendendo em sua direção.

— Não sei, mas você tem mais um ano de aulas pagos.

Alice pegou a ficha da minha mão e ela tremia segurando o papel, seus lábios estavam presos em uma linha e a respiração estava forte e nem era de todo esforço que tinha feito com a dança.

— Mas... não entendo! — Sua voz estava baixa e chorosa, como se estivesse emocionada demais. Como se não acreditasse naquilo depois de já se conformar com sua iminente despedida das aulas que tanto amava.

— Alice — chamei e ela me olhou com as sobrancelhas arqueadas, quase juntinhas e aqueles olhos tão expressivos estavam marejados com a emoção, o que fez minha garganta fechar com a minha própria. — Não fique procurando motivos, sentidos ou explicações. Aceite esse presente e aproveite. Esse ano adicional será maravilhoso para você melhorar sua performance e, quem sabe, se transformar em uma bailarina profissional. Tenho certeza de que você é capaz!

— Mas as coisas não são assim para mim, Priscila. Quando ganhei esse concurso já foi demais. Tenho certeza de que era um ano só.

Eu nunca tinha passado por necessidade financeira e não sabia o que era querer algo e não poder ter porque não tinha dinheiro, mas eu entendia o que era você desejar tanto algo, ter um sonho e querer segui-lo mesmo vendo obstáculos a sua frente que pareciam intransponíveis.

— Entendo o que você quer dizer, mas não deixe isso te atrapalhar. Suas aulas estão pagas e digo mais, libero o estúdio para você diariamente se quiser e puder. Tenho certeza de que será uma dançarina incrível e se eu for capaz de te ajudar mostrando o caminho já me sentirei muito feliz. Deixa eu fazer isso, por favor?

Ela baixou a cabeça e olhou mais uma vez para sua ficha engolindo em seco, balançou a cabeça como se assim conseguisse entender direito o que estava acontecendo, voltou-se para mim e estendeu a ficha.

— Eu não sei o que dizer... Deus! — Sorriu meio nervosa. — Você acha mesmo que eu tenho talento? Que poderia ser uma bailarina profissional, mesmo já sendo mais velha?

Sorri e estendi a mão pegando a dela na minha e dando um aperto reconfortante, queria poder abraçá-la, mas não sabia como seria recebida. Ainda não tínhamos intimidade e optei por me manter às margens por enquanto.

— Com certeza! Sua graça é natural e isso conta muito em qualquer companhia de dança. Você é dedicada e inteligente. Ainda vou te ver voar alto, menina. Tenho certeza!

O sorriso de Alice apenas aumentou conforme ouvia o que eu falava, em certo momento ela chorava e eu também. A menina estava tão feliz por ter mais tempo naquilo que amava e eu estava satisfeita por ter feito aquilo. Minha desconfiança estava certa, se dissesse que eu daria as aulas, ela não aceitaria, sua relutância foi a prova.

Depois que ela foi embora, ainda fiquei no estúdio acertando algumas coisas para a aula do dia seguinte e mandei uma mensagem para Mileni que a encontraria no *Beer*. Tinha organizado a despedida daquele casal lindo no melhor bar da cidade, com as melhores pessoas possíveis. Nosso bando era relativamente pequeno, quando não juntava os amigos do bar, mas éramos bem barulhentos. E por falar em bando, precisava ir em casa, tomar um banho relaxante e me arrumar. Estava ansiosa porque tinha convidado Paulão para a despedida de Mileni e Rodrigo por mensagem e ele respondeu animado que iria com toda a certeza do mundo. Eu podia ter armado uma festa só das meninas o que seria bem divertido, porém só conseguia pensar nele o tempo todo e não podia mais esperar para vê-lo.

Depois de mais tempo do que era normal, eu já estava em frente ao bar charmoso do mais encantador Heitor Teles³, com os nervos à flor da pele e sem saber como agir quando visse o homem. Fazia apenas duas semanas, mas pareciam meses sem vê-lo.

A minha vontade era cancelar aquela festinha e levá-lo para casa e fazer tudo que podia com ele. Beijar sua boca, falar sem parar das minhas loucuras, ou apenas deitar em seu peito e ouvir o coração bater.

Engoli em seco e entrei, logo vi que Mileni e Rodrigo já haviam chegado, Thays e Diego também. Faltava Jorjão e Paulão.

— Parece que a festa vai ser boa! — Virei-me com a voz rouca do trovão de

chocolate e sorri.

— Menino, você não tem ideia! Ainda mais com essa vista do dono do lugar, ouvi dizer que aqui só frequenta pessoas bem... bem-apegoadas.

Adorava flertar com aquele homem, ele tinha um sorriso, uma voz, uma forma de falar com a gente que nós, pobres coitadas, nos derretíamos todas. Mas era tudo com respeito, Heitor era muito bem comprometido e apaixonado por sua mulher.

— Claro, inclusive você!

— Você é um amor, ursinho.

— Não deixe a Sabrina escutar você usando esse apelido, a garota ainda consegue ser mais ciumenta que a Liz.

Levantei as mãos na frente do corpo e pisquei para ele. Éramos todos amigos, desde que ajudaram a esconder a Leni dos repórteres e conhecia a história de cada um. Os respeitava e admirava, era um grupo e tanto, bem inspirador.

— Vou nessa antes que arrume confusão por flertar com o dono do bar.

Ele riu e balançou a cabeça.

— Já levo sua bebida...

Sorri e me afastei, aproximando-me da mesa enorme e barulhenta, que estava quase completa.

— Começaram sem mim? — Apontei para as bebidas rosas sem álcool que eu e Mileni tomávamos. Já tinha umas três taças na frente dela e a safada sorria para mim como se tivesse bêbada.

Perguntava-me se aquilo não estava batizado, ou a louca decidiu usar as minhas desculpas para fazer loucuras e culpar a bebida.

— Você demorou, Pri. Não é do seu feitio se atrasar. — Chegou perto e puxou o ar. — Nossa, mas está cheirosa! Por isso demorou tanto, é?

— Tá me chamando de fedida?

— Claro que não, né! Você está sempre linda, mas hoje, menina, você caprichou.

— Acho que a Pri está querendo matar alguém do coração!

Virei-me para Diego, que sorria para mim amplamente. Tinha que me lembrar constantemente que ele era o irmão da minha amiga e filho da dona Luciana, porque era capaz de arrancar a cabeça do moleque de tanto que ele me perturbava, só de olhar para aquele garoto me dava urticária. E pensar que já fui atraída por seus músculos e sorriso provocante.

— E não é você!

— Eu sei disso, não disse que era — deu de ombros e olhou para a porta —, mas acho que seu alvo acabou de chegar... coitado!

Engoli em seco e me virei devagar. Quando nossos olhos se encontraram senti um frio na barriga. Algo que deveria ter acontecido comigo quando era adolescente e cheia de sonhos amorosos, e não aconteceu. Mas ele despertava em mim coisas que fugiam do meu controle e, naquele momento, eu soube que queria ficar ao seu lado de qualquer maneira. Podendo amá-lo ou não, correndo o risco de machucá-lo ou não.

Naquele momento, eu me permiti ser egoísta e parar de pensar demais, apenas libertar o que meu coração me pedia. E foi movida por essa renovação que me levantei da cadeira, ignorando completamente qualquer coisa ou o outro gigante parado ao lado de Paulão, que olhava para mim com um sorriso idiota no rosto. Eu tinha uma missão e não recuaria.

Só parei quando meu peito estava colado no dele, minha respiração estava rápida como se tivesse dançado por horas inteiras, minha pele sensível parecia preceder o toque de suas mãos. Paulão enlaçou minha cintura e baixou a cabeça fixando os olhos incríveis nos meus.

— Eu quero ficar com você! — Minha voz saiu firme e me orgulhei disso, porque eu dizia a verdade.

Ele ficou em silêncio explorando meu rosto com os olhos, analisando minha

expressão facial, provavelmente à procura de dúvidas porque eu sabia que era exatamente isso que o tinha feito se afastar.

A dúvida era se eu queria mesmo aquilo, se estava disposta a arriscar. E essa era uma das coisas que mais me encantava naquele homem.

— Eu vim por você!



Capítulo 24

*Eu não posso deixar que o tempo
Te leve jamais para longe de mim
Pois o nosso romance, minha vida, é tão lindo
(Beleza Rara – Ivete Sangalo)*

Paulão Lima

Engraçado como tantas vezes vemos em filmes e lemos em livros coisas que achamos tão banais e bregas, clichês mesmo e até chegamos a revirar os olhos com tamanha cafonice. Mas existem momentos que são tão parecidos com a vida real que chegamos a não acreditar que possa estar acontecendo. Sentimo-nos incapazes de pronunciar uma palavra diante da grandiosidade de um sentimento.

E naquele momento eu experimentava algo assim. Tinha Priscila em meus braços finalmente depois de tanto sentir sua falta, olhava em seu rosto delicado e não podia deixar de me surpreender em como era linda, olhava em seus olhos quentes e me sentia em chamas com o desejo que havia entre nós. Estar com aquela mulher era como andar em uma corda bamba dentro de um vulcão. Só de encostar em sua pele, a minha entrava em combustão.

Ainda por cima ouvir suas palavras, que queria ficar comigo, ou melhor, a convicção em sua voz deu uma esperança renovada ao meu coração apaixonado. Minhas mãos percorriam suas costas como se não tivesse ninguém nos olhando, nem mesmo o encosto do Jorjão que, pelo canto do olho, vi que nos encarava com aquele sorriso idiota no rosto. Sabia que em algum momento ou outro ele pegaria no meu pé, mas eu não conseguia me importar com aquilo.

— Eu quero beijar você! — Sua voz estava baixa e rouca, o que fez a minha vontade de tê-la por inteiro ficar ainda maior.

— Tem certeza? Estão todos nos olhando. — Mesmo que nunca tivéssemos falado a respeito de abrir para os nossos amigos sobre o que estava acontecendo entre nós, sabia que ela prezava pela discrição.

Ainda mais quando dizia com todas as letras não querer se envolver.

Priscila sorriu, deu de ombros e enlaçou o meu pescoço, colando-se ainda mais em mim. Mostrando com esse ato que não se importava nem um pouco com qualquer um que estivesse nos vendo.

— Deixe que olhem, não ligo pra isso. Pensei em te beijar por tempo demais e não vou perder nem mais um segundo! O que você tem que me deixa tão fascinada assim? Isso nunca aconteceu! Então, Paulo Lima, cala a boca e me beija logo!

É como dizem: o desejo de uma mulher feito com tanta paixão deve ser atendido imediatamente.

Abaixei a cabeça e tomei a boca dela na minha de uma forma nada delicada, deixei que a saudade, a frustração e a vontade fosse traduzida no encontro de nossas bocas, vorazes pelo gosto um do outro. Priscila se entregou ao beijo com a mesma volúpia que a minha, absorvendo tudo o que podia. A impressão que tive foi de que ela estava tão ansiosa por me tocar quanto eu por ela. Poderia perder a noção do tempo somente beijando-a, aquele ato tão poderoso de estar entregando a alguém sentimentos intensos: desejo, atração, sede de luxúria, paixão, amor... não importa qual seja, mas é você por inteiro.

Quando nossos lábios se separaram tudo que eu podia escutar era o barulho alto do meu coração batendo forte, as respirações rápidas, só consegui prestar atenção ao calor do corpo dela e seu contorno perfeito encaixado no meu.

Existem pessoas que parecem terem sido moldadas umas nas outras, para se encaixarem perfeitamente. Como se fossem talhadas para se completar.

— Uau, vocês precisam mesmo encontrar um quarto! Deu pra sentir o calor daqui. — Claro que tinha que ter um sem noção para quebrar o clima perfeito.

Fechei a cara e olhei para o empata foda do meu amigo, que não havia saído do lugar e não tinha vergonha nenhuma em estar do nosso lado. Mesmo quando qualquer pessoa ficaria constrangida e desviaria o olhar com o nosso beijo. Mas

estávamos falando do Jorge, né?

— É porque você tá perto demais!

Ele balançou a cabeça e olhou para os pés, estalando a boca em desaprovação.

— Isso é constrangedor, cara! — Voltou-se para nós como se estivesse mesmo falando sério e não sendo o pé no saco de sempre. Ele tinha esse poder de atuação que qualquer pessoa acreditaria, se não o conhecesse bem o suficiente. — Pri, você tá desviando meu amigo do caminho da luz. Ele não é de demonstrações públicas de afeto assim.

Antes que eu pudesse abrir a boca para brigar com ele, a mulher em meus braços se virou, ainda me mantendo colado em seu corpo e o encarou.

— Por que não vai conversar com a Thays? Ela estava perguntando de você quando cheguei.

Ah, minha gatinha já tinha se ligado nas manhas.

E seu tiro foi certo! Também, qualquer um que tivesse dois olhos na cara percebia que as rugas entre os dois tinha muito mais tensão sexual do que qualquer coisa.

O sorriso dele morreu quando o nome da menina que estava mexendo com a sua cabeça foi mencionado, meu amigo desviou o olhar e se virou para a mesa, dando de cara com ela acenando para que se aproximasse. Foi clara sua mudança de humor e Jorjão engoliu em seco respirando fundo.

Acho até que se esqueceu de nós, só tinha olhos para a moça e não estava feliz com aquilo.

Pela primeira vez em anos, que conhecia o malandro, o vi incomodado com alguém que mexia com ele. Talvez fosse pela diferença da idade, ou outro motivo que me fugia completamente no momento. Mas o fato era que estava mais caído pela princesinha do que gostaria de admitir. Tive um pouquinho de pena dele, mas só um pouquinho, era legal ver caras como ele caindo do cavalo.

E, meu amigo, o tombo era certo e bonito de se ver!

Quando se afastou sem dizer nada, com os ombros caídos, se aproximou da mesa, sentando-se do outro lado, quase colando em Rodrigo em busca de proteção, não contive minha risada.

— Você é má, mulher!

Ela deu de ombros e olhou para mim.

— Nunca disse que não era. — Sorriu amplamente com um brilho de diversão em seus olhos pequenos, o que a deixava ainda mais encantadora. — Senti sua falta, grandão!

Como era bom ouvir aquilo, estava parecendo um tonto rindo o tempo inteiro e, mais uma vez, me aproximei para roubar um beijo.

— Eu também! Quis ir na sua casa todos os dias, mas achei que precisávamos de um tempo.

Priscila assentiu e desviou o olhar para a mesa, para os nossos amigos reunidos, felizes, comemorando e totalmente alheios a nós.

— Eu sei, apesar de ter meio que surtado com essa distância, foi bom para colocar as ideias no lugar.

— Conseguiu se acertar com Mileni?

— Sim, mas não tive coragem ainda de contar pra ela sobre Davi. Acho que tenho medo! É demais agora...

Eu entendia o motivo de tanta relutância. O assunto era doloroso e delicado. Pelo que sempre percebi, Leni tinha uma admiração grande por Priscila, que tinha medo das coisas mudarem caso a amiga não visse a situação como eu enxerguei. Mas a verdade era que Priscila ainda sentia demais o que aconteceu e as coisas não eram como ela pensava, pelo menos eu não via assim.

Tinha certeza de que, quando ela conseguisse desabafar com a amiga, se sentiria melhor. Ainda que eu tendo dito aquilo tudo para ela não era o mesmo, Mileni a conhecia melhor do que eu, o carinho que uma tinha pela outra era difícil de se encontrar e, provavelmente, ela tinha medo de perder aquilo.

— Conseguirá quando chegar a hora. Agora, está pronta para a avalanche de perguntas que virão?

Pri olhou para mim e sorriu, estendeu a mão e enlaçou os dedos nos meus, levou minha palma até os lábios e depositou um beijo terno nas costas da minha mão.

— Obrigada por ser tão incrível, Paulão. — Suspirou e encostou em mim. — Eu estou se você estiver!

Aquilo parecia perfeito demais, assemelhávamos a dois namorados apaixonados e eu tinha que conter o meu coração de ficar montando cenários e possibilidades românticas. Tinha que, pelo menos, tentar me preservar um pouco, pois eu estava caindo fundo naquilo e para me levantar seria praticamente impossível.

O nó que se formou em minha garganta estava difícil de engolir, era como se algo estivesse impedindo de formular qualquer coisa coerente e já me sentia em um dos romances de livros que tanto li. Mas a coisa era que, na ficção, quando tudo estava indo bem, se encaminhando para ficar do jeito que todos gostariam e torciam pelo casal, algo acontecia que colocava tudo de cabeça para baixo.

Na vida real sabemos que quando algo sai muito dos eixos nem sempre se acerta como nos romances. Às vezes é mais fácil seguir em frente do que tentar algo que parece impossível.

E foi assim, parecendo um zumbi que cheguei a mesa, me sentei na cadeira que havia sobrado ao lado de Priscila. Com o coração apertado e um medo estranho me rondando, eu participei da conversa, da comemoração do “enforcamento” de Rodrigo, segundo Jorjão. Ouvi as novidades da Mileni sobre o filme e o sucesso que estava fazendo. Tudo como se estivesse longe, alheio a tudo, apenas assentindo quando era feita alguma pergunta, sorrindo quando todos sorriam, falando quando era solicitado.

Não estava ali de verdade até que fui despertado por Jorge, que me deu um empurrão com o ombro.

Franzi a testa e olhei para ele.

— Quê?!

— Você tá parecendo aqueles robôs manés sem inteligência.

— Vai à merda, cara! Eu estou distraído.

Ele riu, abaixou o timbre de voz e falou em tom de confiança.

— Tá pensando no depois daqui? Me conta o que vai rolar?

O que aquele cara tinha com os detalhes dos nossos encontros amorosos? Parecia um *voyeur*.

— Eu acho que você tá há tempo demais sem transar. Por que não vai encher o saco de outro? Ou procurar uma forma de aliviar essa energia? Acho que a brincadeira no banheiro da oficina não deu conta.

Jorjão franziu a testa, porque normalmente eu entrava na brincadeira. Mas no momento eu não estava bem para bobagens, tinha um medo real me rondando, como se algo grande estivesse prestes a acontecer e eu não pudesse impedir.

— Poxa, desculpa cara, não precisa ficar todo mexido assim. Só queria desfazer essa sua cara de bunda para que você possa aproveitar a noite. — Deu de ombros e olhou para Rodrigo. — Afinal, quantas vezes vimos o nosso amigo tão feliz assim?

Suspirei pesadamente e assenti, eu estava mesmo estanho e aquilo não era eu. Jorjão tinha o jeito dele, mas era um bom amigo e, apesar das brincadeiras, sabia que estava feliz com Rodrigo. Prova disso era a tal promessa de celibato que eu achava estar durando tempo demais depois de ter complicado a vida de Digão se envolvendo com Vitória.

Por isso me senti mal por ter sido um estúpido.

— Eu vou melhorar, prometo!

Jorjão assentiu e bateu forte nas minhas cotas, seu jeito de dizer que estávamos bem.

— Você vai se dar bem, tem uma garota linda do seu lado que claramente quer te levar para casa. Não pensa demais. — Ele sorriu amplamente e olhou para Digão. — Tenho uma ideia para a oficina!

E com essa declaração todos se viraram para ele, que parecia bem animado como não via há algum tempo.

— O que é? — Rodrigo perguntou, parecendo bem interessado, notando também algo diferente em Jorge.

Parecia que o cara procurava uma forma de se distrair da presença de alguém que não podia ser mencionado. Uma moça bonita de cabelos longos, olhos perigosos e uma boca bem ferina, para o sofrimento do meu amigo.

— Um mecânico *delivery*.

Os olhos das meninas se fixaram em nós também, que pareciam bem interessadas. Rodrigo apoiou o queixo na mão e revirou os olhos, ele não tinha muita paciência para as coisas enigmáticas que Jorge soltava as vezes e queria que entendêssemos.

— Desenvolva! — Rodrigo pediu com um aceno.

— Temos muitos clientes que, às vezes, não podem levar o carro na oficina e acabam contratando guincho, não é? — Rodrigo e eu assentimos e ele continuou: — Nós podíamos fazer um serviço de pedido de mecânico, tipo esses de comida. Um telefone destinado somente a chamados e nós iríamos até o cliente para atendê-lo.

— Mas isso pode se tornar uma bagunça. E nem sempre conseguimos resolver tudo sem estar na oficina com as ferramentas — falei o óbvio.

— Eu sei, mas seria para serviços mais simples; e, se caso, vírmos a necessidade de levar o carro até a oficina nós o faremos. Acho que até desafogaria a demanda de carros acumulados na garagem.

Era uma ideia boa, tínhamos os meninos que nos ajudavam e não ficaríamos desfalcados. Com o tempo que atuávamos na área tínhamos experiência o suficiente para resolver grande parte dos problemas simples até por mensagem de texto instruindo o cliente.

— Gostei, cada um de nós poderia ficar disponível uma semana para esse serviço — falei e Jorjão assentiu, sorrindo, e olhou para Mileni com uma cara de cachorrinho pidão.

— E pensei também em fazer um marketing legal que aumentaria os números de clientes e divulgaria mais o nosso nome. Se a Leni topasse fazer um comercial seria incrível...

Encolheu os ombros e evitou olhar para Rodrigo, que imediatamente franziu a testa. Ele não gostava muito desse lado da vida da namorada, era muito público para um cara reservado, mas respeitava e apoiava, o que era mais importante. Por isso se absteve de dizer qualquer coisa.

Que seria uma coisa incrível, seria!

— Eu posso produzir! Preciso de um projeto para a faculdade, esse seria incrível — Thays falou pela primeira vez desde que começamos a falar do assunto.

A irmã sorriu e concordou com os olhos arregalados de animação.

— Adorei! Com certeza posso fazer isso. Vai ser bem legal, Thays tem um talento incrível para a produção.

Bem, o que posso dizer. O tiro com certeza saiu pela culatra, porque o malandro não estava gostando nada, nada, de ter a menina no projeto. Mas claro que Digão não perderia a chance de pegar no pé do nosso amigo.

Acho que disse alguma vez que essas coisas tinham volta entre a gente, né?

— Jorjão, já que foi você quem deu a ideia será o nosso garoto propaganda.
— Rodrigo sorriu como um gato ao saber que estava provocando a situação. Ele já tinha captado tudo e com o incômodo do coitado com a garota na mesma mesa que nós era claro.

Eles começaram uma discussão de quem seria o que e faria o que eu adorava ver aquela bagunça. Acabei me distraindo das neuroses que tinham invadido minha mente e me diverti com as mil possibilidades que Thays colocou na mesa, usando, claro, sempre o garoto propaganda como alvo.

Estava tão alheio que meu corpo gelou quando senti a mão de Priscila em minha coxa, me virei e a olhei, encontrando-a me encarando de um jeito sensual e que sabia no que estava pensando.

— Quero ir para sua casa depois daqui!

Pronto, já não prestaria atenção em mais nada, estava perdido para o resto da noite.



Capítulo 25

*Something in the way you move
Makes me feel like I can't live without you
It takes me all the way
I want you to stay*

(Stay – Rihanna part. Mikky Ekko)

Priscila Marins

[4](#)

— Eu acho que você será um ótimo ator, Jorjão. Pode encarnar bem o personagem, colocar aqueles macacões abertos e caídos na cintura, a camiseta branca apertada e toda manchada de graxa carregando uma maleta vermelha.

Ele olhava para mim como se pudesse abrir um buraco no meio da minha cabeça e eu estava adorando pegar no pé dele. Sempre tão incansável e o debochado do grupo; encontrar um ponto fraco era uma vitória. Mas engana-se que o que estava o deixando tirando as calças pela cabeça fosse a coisa do comercial, o verdadeiro motivo era a garota que sentava do outro lado da mesa e que mexia demais com a cabeça do coitado.

— Não será filme pornô, Priscila. Isso que você descreveu é uma cena típica de um pornozão — ele falou entredentes tentando não parecer tão irritado, mas falhou completamente.

Sua linguagem corporal dizia tudo. Eu ri e dei de ombros.

— Chamaria muitas clientes para o serviço de mecânico *delivery*, tenho certeza de que o telefone não pararia de tocar.

— Não sou um gigolô!

— Ninguém disse que fosse. — Levantei as mãos na frente do corpo e me

recostei em Paulão, que imediatamente me acolheu em seus braços. Droga, me sentia bem demais ali! — Mas sabe como é. Seu tipo físico é o mais estereotipado de um mecânico que as moças gostam. Seu jeito bronco e esse sorriso debochado.

Meus amigos seguravam o riso vendo a minha provocação com o coitado, que só fazia jogar olhares nervosos em direção a Thays e desviar quando Mileni ou Diego percebiam algo.

— O que você acha, Thays? Já que você vai produzir o comercial.

A menina não ficava para trás, o que eu via de desafio em seu rosto aparentemente inocente demonstrava o trabalho que o malandro tinha em mãos. Ela fez uma cara pensativa e ele bufou, jogando o papel que estava amassando em cima da mesa como se estivesse entregando os pontos.

— Eu acho que podemos adaptar algo nesse estilo. Jorjão é sem dúvida o melhor candidato para atuar no comercial.

Ele balançou a cabeça e desviou sua irritação para ela.

— Por quê? Digão faria ainda mais alvoroço por já ser namorado da Mileni.
— Olhou para o grandão ao meu lado e apontou um dedo para ele. — Paulão também ficaria bem, ele tem esse jeito todo educado... ainda tem os meninos que adorariam aparecer na TV.

— Digão não pode, ele já tem toda a mídia de olho; se atuar com Mileni vão falar que é favoritismo, Paulão é grande demais e tem que ser um dos donos para passar mais credibilidade. — Ela sorriu amplamente e jogou a cabeça de lado. — Tem que ser você a estrelar esse comercial!

Jorjão ficou tenso, porque também captou um segundo sentido no jeito que a menina falou aquela frase. Ele bufou e olhou para os amigos à procura de ajuda, mas não encontrou. Paulão e Rodrigo deram de ombros e se abstiveram de dizer qualquer coisa.

— Já me arrependi de dar essa ideia idiota. Mas como sou um cara que, quando começa — e foi a vez dele de provocar, olhou para Thays fixamente e deu aquele sorriso de lado que era marca registrada do malandro —, não paro até que fique satisfeito com o resultado!

Acho que não fui a única que sentiu o clima mudando, a tensão que havia entre os dois chegava a ser desconfortável de tão intensa.

Claro que ficamos sem graça e ele havia recuperado o controle da situação, ou aparentava isso. Porque eu, como boa observadora, podia ver a tempestade em seus olhos escuros. Por sua vez, Thays pareceu incomodada pela primeira vez, pelo menos era claro que sua implicância não era só brincadeira. Algo que eu já sabia, a menina estava mesmo atraída por ele. O que no meu modo de ver não era problema nenhum, mas que poderia se tornar, principalmente pela estranheza que via no rosto de Diego.

— Ei, vocês estão com uma festa boa aqui, hein!

Aquela voz, olhamos todos em direção a ela e demos de cara com Lucas e sua esposa Sabrina⁵. Eles estavam sozinhos, sem os gêmeos, e pareciam ter saído para namorar um pouco. Era um lindo casal que se tocava o tempo todo, um sentimento enorme que emanava dos dois e nos fazia ter vontade de ter o que eles tinham.

Leni levantou sorrindo e se aproximou para cumprimentá-los melhor.

— Sabe como é, a Mileni resolveu se amarrar e viemos comemorar onde tudo começou. — Levantei-me também e fui dar um abraço em Sabrina. — Você tá linda, garota.

Ela sorriu e olhou para o marido.

— É que hoje é um dia especial, mas que maravilha que você vai se casar Mileni. Acompanhei um pouco da história de vocês pela mídia.

Leni sorriu e Rodrigo logo puxou mais duas cadeiras para que os nossos amigos se juntassem a nós. O grupo era igual coração de mãe, sempre cabia mais um monte.

— As coisas não são exatamente como a mídia faz parecer, às vezes é mais simples ou mais complicado. Mas o fato é que estamos bem agora.

Ela estendeu a mão para Rodrigo, que aceitou sem pestanejar. O carinho e cumplicidade que os dois tinham era algo bonito de ver. Lucas sorriu abraçado a esposa. Aquele clima de romance devia pegar, não era possível. Eu sentia uma

vontade quase insuportável de me agarrar ao grandão e não soltar mais.

— Ei, Lucas! Faz tempo que você não canta, por que não dá uma palhinha pra gente?

Ele arqueou as sobrancelhas e olhou para a esposa, que sorriu dando de ombros.

— Faz tempo mesmo que você não canta.

Ele sorriu e pareceu ter passado várias coisas no olhar dos dois, era como se estivessem se lembrando de algo e eu queria tanto saber mais da história dos dois. Era um amor bonito de se ver.

— Tudo bem, mas tem que ser uma música especial. O que acha daquela que eu cantei pra você há anos, bem aqui nesse bar? — Como eu disse, lembranças...

Eles se olhavam nos olhos e vi o mesmo sentimento.

— *Stay!*

Lucas assentiu e se levantou, abaixou-se junto a esposa e falou algo que a fez corar. Andou até o palco, sentou-se diante do piano e sorriu olhando para ela. Ajeitou o microfone e sua voz rouca, forte e apaixonada preencheu todo o lugar.

— Olá, sou Lucas e vou cantar uma música que significou muito na minha história com minha linda esposa. Ela marcou uma fase dolorosa, impulsiva, onde eu lutava para manter meu coração ainda batendo porque não tinha quem mais queria. Hoje, ela significa que vencemos, o amor venceu qualquer coisa que pudesse se interpor entre nós. Essa é pra você, Sabrina. Te amo!

E com essa declaração linda ele começou a tocar uma versão romântica, cheia de sentimentos da música linda da Rihanna. Ficamos envolvidos por aquela névoa e o sorriso com lágrimas não derramadas era inevitável.

Quando Lucas voltou, sua emoção era reconhecível por qualquer um e ele continuou abraçado a Sabrina, como se alguma lembrança tivesse voltado, mas o mais legal de tudo era que eles haviam resistido a qualquer tempestade.

O amor verdadeiro é assim, ele resiste a qualquer tormenta e mesmo que

sobrem muitos escombros você consegue superar. Quando em meio a dificuldade o sentimento esmorece é porque não era amor.

Conforme o tempo foi passando, eles começaram uma conversa animada pelos planos de Mileni e Rodrigo, que não pretendiam formalizar a união, estavam felizes em simplesmente estarem juntos e não queriam apressar as coisas. O que eu achava uma boa, apesar do amor enorme que sentiam um pelo outro era pouco tempo para conhecerem-se a fundo. E nada melhor do que embarcar em um navio quando se tem certeza do destino.

Paulão estava distraído no momento, brincando com os amigos, conversando com Diego sobre futebol e ainda tinha tempo de pegar no pé do coitado do Jorge que era o alvo da vez. Até mesmo Lucas havia embarcado na zoeira.

Eu o observava atentamente e cada coisa nova que descobria daquele homem me fazia ficar mais encantada. Sua lealdade com os amigos não tinha fronteiras, era dedicado, fiel... as qualidades dele não terminavam e eu estava certa de que queria ficar ao seu lado. Talvez pudesse me libertar do medo que estava sempre presente em meu coração e me entregar a um sentimento que sabia ser tão forte, experimentar o amor ao lado de alguém como Paulão seria incrível, não podia existir um cara mais perfeito para me fazer inteira do que ele. Isso eu tinha certeza; se fosse para abrir o meu coração de novo, seria para ele.

Com isso em mente sabia que já estava na hora de encerrar a noite. Eu precisava estar com ele. Meu coração pedia por isso há dias e era impossível ignorar os gritos do meu corpo, estando tão perto e tendo que me conter.

Peguei sua mão na minha e entrelacei os nossos dedos. Adorava aquela intimidade, de poder tocar nele sem ter medo ou pedir permissão, e sempre havia amado segurar nas mãos de alguém. Era como estar ciente da proteção, do companheirismo, não era algo simples ou clichê. E sim um voto, uma demonstração de que você estava ali.

Ou como naquele momento, uma forma de dizer a ele que queria ir embora para casa sem precisar dizer nada.

Paulão me encarava com intensidade e realmente eu não precisei nem mesmo falar. Ele assentiu e se inclinou para Rodrigo para falar em seu ouvido. Senti meu corpo todo se arrepiar, um frio na barriga com a expectativa. E sem grandes alardes nos despedimos dos nossos amigos e saímos de mãos dadas.

Ao chegar lá fora, ele olhou para mim com um sorriso de menino no seu rosto tão expressivo. Podia ver cada emoção passando por seus olhos.

— No meu carro ou no seu?

— Eu vim de táxi!

— Estava com intenção de ir embora comigo então?

Assenti sem poder dizer mais nada, meu coração batia forte e a expectativa tomava seu melhor de mim. Paulão assentiu e fez um gesto com a cabeça em direção do seu fusca estacionado no beco ao lado do *Beer*.

O caminho até sua casa foi feito em silêncio, trocamos apenas olhares intensos e ardentes. E foi o mesmo quando chegamos a sua casa, nossas mãos se entrelaçaram novamente, como se precisássemos desse toque, dessa certeza de que estávamos juntos.

Nossa noite foi incrível, estar nos braços daquele homem incrível de coração enorme era mágico. Ele me adorava com o corpo e dizia palavras doces que me fazia sentir a mulher mais linda do mundo, me amava com os olhos, acariciava minha pele como se fosse uma obra de arte a ser moldada. Minha alma procurava por aquilo há anos e não posso dizer que se tivesse permitido alguém de se aproximar tivesse encontrado antes.

Mas a coisa era que eu sentia que estivera esperando por ele, como se o destino tivesse guiado os nossos caminhos e, pela primeira vez na vida, eu era grata por isso. Se a felicidade fosse traduzida na forma como me sentia ao seu lado ela era plena, doce, segura, serena e completa.

Acreditava com todo o meu coração que poderia amá-lo, assim que curasse todas as minhas feridas, eu conseguiria sentir por inteiro de novo.



Capítulo 26

*Que o nosso amor pra sempre viva
Minha dádiva
Quero poder jurar que essa paixão jamais será
(Palavras ao Vento – Cássia Eller)*



Priscila Marins

Dizem que tudo na vida acontece por algum motivo, quando Davi ficou doente eu não acreditei nisso mais. Onde uma criança ficar doente tem que acontecer por qualquer motivo?

Eu praticamente me tornei incrédula, amarga, sem esperança. A única coisa que me mantinha de pé e caminhando com a cabeça erguida era a certeza de que aquele menino, que não havia nascido do meu ventre, mas que eu amava como meu, precisava de mim.

Às vezes tiramos a nossa força de algum lugar para dar conforto a outra quando você mesmo está prestes a cair.

Isso é bem real, eu me sentia tão inútil vendo aquela fatalidade iminente, não podia fazer nada para mudar o destino daquele menino, que não sabia de onde tirava forças para me levantar todos os dias e estar ali para ele. Lembrava-me de uma vez, quando estava muito triste, ele não andava tendo dias bons e o desespero me tomava, me sentei ao lado da cama dele e chorei por tanto tempo que nem sabia quanto.

Estava de olhos fechados quando senti uma mãozinha segurando a minha. Abri os olhos assustada e arrependida por ter sido pega em flagrante, Davi me olhava com tanto carinho que sentia que poderia explodir a qualquer momento.

— Por que você tá chorando, Pri?

— Não é nada, meu amor. Não se preocupe! — Cobri sua mão com a minha e sorri.

Davi ficou me olhando, virou-se um pouco e pegou o seu ursinho, que carregava para todo lado desde que o conhecia. Soube depois que era um presente de sua mãe, quando ainda era bebê.

— Toma, abraça ele que vai se sentir melhor. É assim que eu faço!

Meu coração se encheu de amor e como não me sentir obrigada a acreditar com uma alma tão linda daquelas pensando em meu bem-estar?

Aos poucos, enquanto via seu sorriso em meio a dor, sua voz doce quando ria de alguma bobagem que eu dizia, minhas esperanças e a minha fé foram voltando, eu acreditava que ele poderia se curar. Que algum milagre pudesse acontecer e tudo de ruim pudesse ser tirado de dentro daquele corpinho. Davi era uma alma doce, um espírito de luz que chegou na minha vida para me mostrar o que era o amor verdadeiro.

Eu amei o pai dele, Sam era incrível, gentil, carinhoso, bonito, tinha um coração bom, mas ainda assim eu o amei mais por ter colocado o pequeno menino na minha vida.

Hoje eu vejo que fui tola em não acreditar um dia que as coisas não acontecem por qualquer motivo. Sam foi importante sim na minha passagem pela Terra, mais pelo fato de ter me dado a oportunidade do sentimento sublime que experimentei quando vi o Davi pela primeira vez do que por ter sido meu noivo. Eu não o amei pelos motivos certos, porém de algum modo ele me apresentou o maior grau do sentimento. Por isso eu era grata.

Quando Davi partiu desse plano, todos os estágios do luto me atingiram de uma forma violenta. Derrubou-me, quase me destruiu, ainda mais com as palavras de quem deveria me acolher, que diziam exatamente o que minha mente torturada falava.

Perdi novamente minha fé, até que fui confrontada novamente com a tal certeza de que nada acontece por acaso quando Mileni apareceu na minha vida.

Para qualquer um de fora pode parecer tudo banal, motivos sem tanta importância, porém a realidade era que eu estava em um momento delicado na minha vida onde já não sentia nada. Era apática e apenas sobrevivia um dia após o outro. Tornei-me fria e sem muitas expectativas. Depois que ela apareceu na minha vida, tudo foi acontecendo como se fosse um efeito dominó, o que me levou até àquele momento em que eu acordava nos braços de um homem que me despertava para sentimentos que imaginei estarem mortos dentro de mim.

Desde que decidi que queria ficar com ele, nossos dias foram recheados de encontros, saídas em lanchonetes, idas ao cinema, dias inteiros sem fazer nada, apenas sentados lado a lado lendo um bom romance e, claro, tendo noites de paixão e desejo.

O tempo foi passando e me via cada dia mais apegada a ele, podia enxergar em seus olhos que estava apaixonado, que me amava mesmo e eu me sentia bem, porque finalmente estava me abrindo de novo. Não podia dizer que estava inteira ainda, mas tinha fé de que ficaria.

As coisas estavam indo bem, Leni já estava morando com Rodrigo há alguns meses e ambos estavam felizes. Mesmo com diferenças e receios que ainda existiam em seus corações, o amor prevaleceu e conseguia transpor qualquer barreira.

Mas algo que estava me energizando a cada dia era ver Alice no estúdio o maior tempo que podia. Eu sabia que ela tinha prioridades como estudo e trabalho de meio período para ajudar em casa, ciente disso a sua dedicação com a dança ficava ainda mais admirável.

Pensando nisso, entrei em contato com algumas companhias de dança e pessoas influentes. Pela primeira vez na vida usei meu nome para conseguir um teste para ela.

Quando a menina chegou ao estúdio, sorrindo, não contive minha animação.

— Consegui um teste para você na *Dança & Alma*.

Os olhos dela ficaram ainda maiores deixando sua expressão até engraçada.

— O quê? Como assim, Pri?

Com a convivência fomos ficando mais íntimas, ela estava mais solta e eu até sentia liberdade em abraçá-la quando estava feliz por ter feito algo incrível. O que devo dizer ser praticamente sempre.

— Mexi uns pauzinhos aqui e ali e consegui um teste. Se você passar está dentro, garota, poderá viver do que ama na melhor Companhia. O que você pode aprender com aqueles bailarinos, não tem preço.

Eu pensei em uma explosão de alegria, gritos e comemoração. Não foi o que aconteceu. Alice tinha o cenho franzido e olhava para mim como se não estivesse me enxergando de verdade.

— Eu não posso!

Abaixou-se e pegou a mochila, caminhando em direção aos banquinhos. Tirou a calça jeans e já estava usando roupa para dançar. Calçou as sapatilhas surdas e voltou para perto de mim, sem conseguir olhar em meus olhos.

Ela ficou estática, observando seu reflexo no espelho. Os olhos brilhavam, mas podia ver o medo permeando seus pensamentos. Ela se olhava como estivesse se autojulgando, analisando cada coisa que poderia dar errado, vendo as possibilidades de acertos e fracassos.

Podia ver em sua postura que ela estava esperando os fracassos, mas eu faria mais do que estivesse ao meu alcance para que isso não fosse possível.

— Alice, você precisa ir. É uma oportunidade única, uma em um milhão. Não pode perder isso.

Ela sacudiu a cabeça e deu um suspiro profundo e sentido.

— Eu não posso...

— Por que não?

Seus olhos se ergueram do chão e ela me encarou pelo espelho, deixando que eu visse toda sua insegurança, sofrimento e medo.

— Quando danço aqui no seu estúdio me sinto segura, ninguém vai me julgar pela minha cor, por causa do meu cabelo ou porque moro na favela. Os passos

que dou aqui nesse lugar me libertam, faz com que eu acredite que posso voar. — Ela se virou para mim e seus olhos lindos estavam cheios de lágrimas. — Eu não danço nem em casa, me arrisquei na escola porque queria muito aprender mais. Só que o medo é tão grande que quase sufoquei no palco com medo da rejeição. Eu não posso passar por isso de novo, Pri!

Sentia como se pudesse desabar em lágrimas na frente dela com tanta tristeza e conformidade de sua situação.

— Mas a vida é cheia disso, Alice. Você não pode desistir de um sonho, de um talento tão lindo assim, por medo. Encontrará obstáculos e desafios, vai esbarrar com gente fraca que irá te julgar por qualquer coisa que fizer, mas nada disso define quem você é, em que você acredita e, acima de tudo, nada disso define o tamanho dos seus sonhos. Você precisa acreditar para realizar cada um deles, senão ninguém pode fazer nada além de lamentar um talento como o seu perdido. A dança é como se fosse um compartilhamento de sentimentos, vai privar o mundo de conhecer os seus.

A veia em seu pescoço pulsava rápido, demonstrando o quanto estava nervosa.

— Você vai comigo? — Sua voz saiu baixinha e quase não escutei, ela estava com medo, mas estava enfrentando ele.

— Estarei do seu lado a cada minuto!

— Ai, meu Deus, não acredito nisso!

Cobriu o rosto com as duas mãos e deixou que a emoção levasse a melhor, sentou-se no chão e começou a chorar compulsivamente. Mas não eram lágrimas de tristeza ou dor, mas de alegria e esperança. Ela estava acreditando no que eu disse e não tive medo de machucar a menina. Pela primeira vez estava segura em me envolver com alguém, porque eu sabia que ela era incrível e, se dependesse de seu talento, ela iria longe. Claro, que nem tudo era assim. Então, eu usaria sim a minha influência para dar o empurrão que ela precisasse.

Abaixei-me ao seu lado e a abracei, acolhendo-a em meu peito. Deixando que o choro lavasse sua alma e levasse o medo embora.

Temos que enfrentar nossos próprios monstros e torná-los pequenos diante do quão grande somos.

— acredite e não desista, nunca! São os nossos sonhos que nos move, que nos empurra pra frente, é tudo que temos quando não resta muito. Você precisa mostrar ao mundo e a si mesma o quanto é capaz. Eu acredito em você, Alice!

Passamos horas no estúdio depois que ela se acalmou, a aula naquele dia foi feita com um sorriso enorme da menina, que só se expressava com os olhos e com o corpo. Vê-la feliz me trouxe felicidade e fiquei satisfeita por proporcionar aquilo a ela.

Claro que usar o meu nome, o nome influente da minha família me traria consequências, as quais não sabia estar preparada ou não. Tinha certeza de que não demoraria, mas valia a pena só de ver a felicidade daquela menina que se tornou tão especial para mim.

Alice conquistaria o mundo e eu estaria na primeira fileira aplaudindo de pé.



Capítulo 27

*O amor é um mar difícil
Tão fácil de se ver e admirar
Todo amor é um artifício
Que não acaba e que ninguém pode mudar
(Sentimento – O Rappa)*

Paulão Lima

Não imaginei que viveria aqueles momentos com ela: sair para tomar um sorvete, de mãos dadas, parar em alguma loja e ficar olhando a vitrine, entrar em uma livraria e passar horas vendo as capas dos livros, já fazendo a lista mental para as próximas compras. Nem em meus sonhos e ilusões mais loucas imaginei viver aquilo. Não com Priscila, porque por mais esperanças que tivesse, não pensei em chegar a um grau de companheirismo e tranquilidade como aquela.

Priscila era fogo, viver uma calmaria ao seu lado era como ter o melhor de todos os lados. O calor e o frescor. Eu me sentia bem demais e aquilo não era um bom sinal.

Sabe, quando você está nas alturas e tem sempre algo que acontece para te derrubar? E o tombo, meu amigo, é bem significativo.

Mas seguindo o conselho, acredite se quiser, do Jorjão, parei de pensar nos porquês e resolvi aproveitar o que estava acontecendo na minha vida sem me preocupar com o que ainda nem tinha acontecido.

Às vezes damos importância demais ao que pode nem vir a acontecer e deixamos de aproveitar o que nos é oferecido naquele momento.

Priscila estava se abrindo cada vez mais, isso ficava claro cada dia e noite que passávamos juntos, podia ter esperanças de que um dia ela retribuiria os meus

sentimentos e por isso acabei mesmo esquecendo do resto. *Talvez baixar a guarda tenha sido um erro, o que descobri ser verdade mais tarde.*

Tinha se passado meses que estávamos juntos de verdade, com todos os nossos amigos cientes disso e eu ainda não conseguia tirar o sorriso feliz do rosto. Naquela manhã em especial tinha me permitido chegar atrasado na oficina e, quando cheguei, estavam todos trabalhando.

— Já viu a hora?

Olhei para Jorjão sorrindo, ele estava ficando bem irritado com o meu humor cristalino, como estava chamando ultimamente, e isso me dava ainda mais munição para provocá-lo.

— Já sim, mamãe!

Ele estreitou os olhos e se endireitou, colocando as duas mãos na cintura. O que era uma imagem engraçada de se ver; um cara como ele, grande, tatuado e cheio de marra parecendo uma matrona mal-humorada.

— Isso é hora de vir trabalhar? São o quê, duas da tarde?

Revirei os olhos e andei em direção ao banheiro/vestiário para me trocar. Não seria ele a me tirar do sério. Sabia qual era o seu problema e não iria cair na onda do pé no saco.

Mas, toda a minha boa vontade em manter a nossa amizade intacta não era compartilhada por ele, que me seguiu como uma maldita assombração.

— Sério, Paulão! Estamos cheios de serviço, o pessoal do marketing para o *Disk Mecânico* está no nosso pé e o Digão só falta arrancar a minha cabeça porque fui eu quem inventou isso que tá demorando tempo demais para ficar pronto. Preciso do seu apoio aqui, irmão. Não tá fácil não!

Arqueei as sobrancelhas e amarrei meu lenço na cabeça, olhei para ele através do espelho e o cara parecia estar mesmo muito nervoso. Só que não era por causa das ameaças do Digão. O cara só fingia ser bravo, mas era seu jeito de descarregar o estresse. Todos sabíamos o quanto ele era um rapaz de boa e não gostava de confusão, a não ser que Mileni estivesse no meio. Aí era outros quinhentos.

— Cara, eu chego cedo nessa oficina desde que abrimos e nunca reclamei. Quando me atraso um dia, vocês não funcionam? Isso não é certo! Fala sério, qual é a real desse seu piti? Tá precisando relaxar? Se quiser te deixo aqui sozinho e você resolve o seu problema como na outra vez.

Jorjão olhava para mim de uma forma que eu nunca tinha visto antes, em desespero. Nem mesmo deu bola para minha provocação. Ele deu um suspiro profundo e deixou os ombros caírem, junto com o corpo que se jogou em cima do banco de madeira.

— Eu vou enlouquecer, *brother*. Me arrependi no exato minuto que dei essa ideia. Tô ferrado!

Franzi o cenho e me sentei ao lado do meu amigo, empurrando-o com o ombro.

— Como assim, cara? A ideia é boa, trará visibilidade para a oficina, novos clientes... O que tá pegando?

Ele fez uma careta e olhou para mim com uma expressão de puro sofrimento. Deus, a coisa era bem séria!

— Por que eu tenho que fazer o comercial?

— Por que é o melhor para o serviço?

— Não, Paulão! Eu sou como você e os outros. Não há nada de especial em mim.

Pensei em mandar uma mensagem para todos que conhecia para que ficassem em casa, ia chover canivete. O malandro estava inseguro, pelo amor de todos os santos, seria um temporal daqueles!

Tentei segurar a gargalhada, achando graça em sua súbita timidez.

— Você é o mais boa-pinta de nós todos, tem um rosto marcante, um charme que sempre se orgulhou. Era clara a escolha de homem para o serviço.

Como se não tivéssemos ficado felizes em fugir daquilo.

— Os rapazes iriam gostar de fazer o maldito comercial.

— Mas é como a Thays disse, sendo os donos, passa mais credibilidade.

— Thays... Como se aquela pirralha soubesse de alguma coisa. — Levantou-se, de repente, e se aproximou da pia, molhando o rosto por mais tempo do que o necessário e depois levantou e voltou-se para mim, com água pingando para todos os lados. — Acredita que aquela fedelha teve a coragem de dizer que eu precisava sorrir mais, porque ultimamente parecia que tinham me dado um pé na bunda? E depois se corrigiu dizendo que precisava mudar a expressão porque eu não pegava ninguém e, dessa forma, não podia levar um pé na bunda. Porra, cara! Eu tenho vontade de esganar aquela menina.

Ah, então o problema era esse. Eu desconfiei desde o começo de que seu nervosismo todo não era somente por estrelar um comercial, porque, do jeito que meu amigo era, adoraria a exposição e se beneficiaria disso. Ainda mais com as mulheres enlouquecendo por seus cinco minutos de fama. Mas isso era o antigo Jorjão, aquele a minha frente parecia mais um adolescente inseguro.

— Você tá com medo?

— De esganar ela? Com certeza, a Mileni cortaria minhas bolas e Digão faria o serviço completo de mudança de sexo.

Sorri com a sua sempre referência aos documentos que tanto se orgulhava e que culpava por ter dado problema ao nosso amigo por causa de Vitória, que foi o pivô de seu longo celibato.

— Na verdade, acho que não é disso que você está com medo.

— Por quê?

Dei de ombros e me levantei, caminhei até a porta do vestiário, já do lado de fora eu olhei para o meu amigo com pena. Quanto mais ele negasse, maior ficaria o problema.

— Acho que está mais envolvido do que imagina e vê-la tantas vezes nessa gravação e produção do comercial te assusta mais do que gostaria. Tem receio de não resistir ao que sente e acabar indo contra os seus princípios, que para quem não te conhece pode achar não ser tão importante, mas para mim que sei

exatamente quem você é, tenho a noção do quanto seus princípios são tudo que importa pra você. — Sorri concluindo a sentença do meu amigo. — Tô certo?

Jorjão tinha os olhos arregalados, de seu rosto pingava a água, a boca estava aberta e tinha certeza de que o sangue corria rápido por suas veias diante de ter sido desmascarado.

— Ela é uma criança, Paulão. — Sua voz saiu baixa, quase que não consegui ouvir.

— Não, cara. Ela já tem dezoito, é nove anos mais nova que você sim, mas e daí?

— Porra, pra mim é uma criança. Eu não consigo tirar a fedelha da cabeça e não consigo para de me sentir um merda por isso.

Eu o conhecia bem para saber o quanto o incomodava a situação, principalmente por causa do seu passado e o que aconteceu com pessoas muito próximas a ele. Imaginava o quanto mexia com a cabeça do meu amigo. Mas o fato era que Thays não era uma criança ou uma menina que não sabia o que estava fazendo. Ela já era uma mulher crescida, madura o suficiente para correr atrás de seus sonhos e desejos.

Mas nada do que eu dissesse o convenceria disso enquanto sua cabeça pensasse que ceder ao que sentia fosse errado.

— Jorjão, eu não posso dizer pra você o que tem que fazer. Não posso dizer para ir fundo, ou recuar. Isso não é meu trabalho. Acho que só você mesmo para entender o que é melhor. Só não se deixe sufocar por tantos receios pelo que aconteceu. Você não é aquele cara e Thays não é sua irmã.

Jorjão engoliu em seco quando mencionei o que tinha acontecido quando éramos mais jovens. Ele balançou a cabeça e olhou para mim.

— O melhor que tenho a fazer é acabar com essa merda de celibato, isso tá mexendo com a minha cabeça mais do que previ. Vou acabar esquecendo essa menina quando encontrar uma mulher de verdade para me satisfazer, o comercial vai acabar rápido, se Deus quiser, e não precisarei mais ter contato com essa garota.

Meu amigo passou por mim e eu o chamei, Jorjão se virou com a testa franzida. Provavelmente com medo de que eu dissesse mais coisas inevitáveis e é aquilo, quando a verdade é jogada na nossa cara fica mais difícil de negar. Omitir é melhor do que mentir!

— Não se esqueça de que Thays é irmã da mulher do nosso melhor amigo e sócio. Não vê-la será um problema. E, amigo, cuidado com o que vai fazer para não se arrepender depois.

E agora realmente pareceu que ele tinha levado um pé na bunda. Jorjão fez uma careta para mim e saiu pela oficina xingando todos os nomes feios inimagináveis, falando sobre o maldito dia que cedeu ao capricho de uma pirralha.

Não tinha ideia ao que ele se referia, mas acreditava que ainda ouviria sobre esse assunto em algum momento.

Porém, eu tinha mais coisas com que me preocupar, como por exemplo: os carros que precisavam ser consertados. Mas antes que eu pegasse no trabalho pesado enviei uma mensagem para Priscila, sabia que iria até tarde da noite e não teria tempo de pegar no celular novamente, queria vê-la, sentia sua falta de uma forma assustadora e não podia esperar para que ela tomasse a iniciativa.

Paulão: Estou com saudades de como sua pele se sente na minha. Quero te ver hoje!

Esperei por uma resposta que não demorou e fez o meu coração bater mais forte.

Priscila: Te espero em casa! 🍷



Capítulo 28

*Todo mundo tem segredo
Que não conta nem pra si mesmo
Todo mundo tem receio
Do que vê diante do espelho
(8 ou 80 – Pitty)*

Priscila Marins

Quando nos levantamos da cama, não temos como saber como iremos terminar o dia, ou se ele irá terminar, na verdade.

Certas coisas estão completamente fora do nosso controle, elas acontecem sem que tenhamos a mínima noção ou qualquer alerta nos prevenindo. Eu não imaginei o que poderia acontecer comigo naquele dia, não sabia como coisas que tentamos esconder podem nos derrubar de uma forma tão dura.

Comecei a manhã muito animada com as aulas da Alice, estávamos treinando seus passos para o teste e ela estava completamente maravilhosa em todos os sentidos, eu morria de orgulho cada vez que se superava e estávamos em treino intensivo. Iria arrasar com toda certeza! A menina não queria dar margem para o fracasso, não havia essa possibilidade.

O que, claro, aguçou todos os meus instintos protetores e competitivos. Sem me dar conta estava me apegando a garota, me sentia responsável por ela e pelo que aconteceria dali para frente. O que de certo modo era bom, me fazia bem, mas também era arriscado. Quando você se importa com alguém dá o poder de que tudo possa acontecer, se machuca, magoa o outro, decepciona... não estava pronta para isso, mas quem disse que alguém me perguntou alguma coisa a respeito?

Na hora do almoço, eu me encontrei com Leni e não fazia nem poucos dias

que nos vimos, mas por conta do tempo que ficamos “brigadas” parecia uma eternidade. Por isso, quando a vi sentadinha, toda bonequinha e comportada em nosso restaurante preferido, meu coração se encheu de gratidão por tê-la na minha vida.

— Cara, essa vida de casada fez bem a você. Tá tão... radiante! — provoqueei logo que me aproximei e ela se levantou para me abraçar.

Ter esse contato com Mileni era tão incrível, como filha única sempre senti falta de alguém para dividir as maluquices da vida. Ainda bem que a encontrei! Quando nos afastamos podia comprovar que a vida a dois combinava tão bem naquela menina. Seus lindos olhos estavam brilhantes e o sorriso radiante podia ofuscar alguém do outro lado do mundo.

Alguém estava sendo bem tratada pelo *Big Mac*.

— Não me casei, ainda... — Sua voz soou risonha e constrangida.

— Ainda, né? Isso quer dizer que é uma possibilidade próxima então?

Ela deu de ombros e sorriu ainda mais.

— Estamos aproveitando bastante, vamos ver no que vai dar. Mas e você? Também está maravilhosa. Essa pele... — Estendeu a mão e passou os dedos por meu rosto. — Tem mais a ver com a felicidade do que a sua boa alimentação, não tem?

E foi minha vez de fazer a egípcia, escondi o sorrisinho sacana que surgiu em meu rosto e olhei para o lado. Não que eu me importasse em admitir qualquer coisa para a minha amiga, mas sentia como se fosse um segredo. Algo íntimo demais para compartilhar.

— Tô usando um hidratante novo. E sempre te disse para usar protetor solar, não? Por isso, a pele de porcelana.

Adorava me fazer de convencida para Leni, que sempre agia da mesma forma: revirando os olhos e sorrindo.

— Eu acho que isso tem outro motivo, muito sexo quente.

Bem, o que poderia dizer? Tinha criado um monstro e agora pagava o pato. Mileni era sempre tímida e a fiz ir se soltando comigo aos poucos, o que não foi fácil devido ao seu medo de exposição e toda a coisa que vinha junto quando se era uma figura pública e tinha a vida aberta como um livro na mídia.

— Talvez! — disse, rindo, e não conseguia esconder isso dela. — Tá, tudo bem. Tenho feito bastante sexo ultimamente e se o que disse for verdade, de que transar faz bem pra pele vou ficar com um rosto de bebê logo. E você acha que eu ia dar mole com aquele homão da porra dando sopa? Sou maluca, mas nem tanto.

Minha amiga caiu na gargalhada atraindo olhares curiosos para nós, alguns até reprovadores e não resisti em encarar aquelas pessoas hipócritas que nos julgavam sem nos conhecer. Contive a minha vontade de mostrar-lhes um sinal feio, porque, né, eu era dessas. O negócio era que eu conhecia esse tipo de atitude e pessoas que pensavam dos outros coisas ruins apenas por serem livres. Invejavam a irreverência e liberdade. Então se achavam no direito de julgar, cochichar como se ninguém estivesse vendo e falar verdades que só existiam na cabeça limitada deles.

— Garota! Você realmente não tem jeito. Quer dizer que o doce Paulão não é tão doce assim?

— Amiga, ele é como o mel e eu sou uma abelha que não resiste a todo aquele melado.

— Isso ficou estranho, Priscila.

Ela fez uma careta de nojo e eu não contive a minha risada ao imaginar o que ela estava pensando.

— Tira essa cabecinha do esgoto, Mileni. Só estou usando uma figura de linguagem, não tem nenhum sentido duplo aí. — Pisquei um olho e sorri apoiando as duas mãos em cima da mesa. — Mas, falando em nossos mecânicos preferidos, como anda os preparativos para o comercial?

A animação que sempre via em seu rosto quando estava em um novo projeto logo se fez presente. Leni amava o trabalho e por muito tempo vi aquele brilho sumir de seus olhos, acabava que ela estava se tornando alguém diferente, fazendo papéis que não gostava apenas porque era controlada por alguém que,

na verdade, estava com ela apenas para maltratar, se vingar e vê-la se apagando aos poucos.

Não se deve deixar ninguém extinguir a nossa luz, por motivo algum.

— Ah, está indo bem. Thays é maravilhosa e vejo uma carreira brilhante para a minha irmãzinha. Só o nosso galã que não anda muito feliz, Rodrigo me contou que ele está bem nervoso com a gravação iminente. Não vejo o porquê, o roteiro está de muito bom gosto.

Eu sabia o motivo do nervosismo dele e não era por gravar um comercial ou qualquer coisa relacionada ao tal temido roteiro, que gerou muita discussão sobre parecer um filme pornô.

— Você já percebeu a tensão entre os dois, né? — Tinha que perguntar, mesmo que fosse claro até para alguém mais desligado da face da Terra.

Mileni fez uma careta e assentiu.

— Já, mas não sei o que pensar. Para mim, ela ainda é um bebê, embora já seja maior de idade. Confio no Jorjão e sei que ele não irá se aproveitar dela, mas é estranho.

— Aproveitar, Mileni? Que pensamento mais antiquado, Thays é forte, sabe bem o que quer. Na verdade, eu teria receio por ela machucar o menino. Sei bem o que estou falando, na idade dela eu só queria zoeira até que Samuel apareceu.

— Samuel? — Leni tinha o cenho franzido e então percebi que tinha falado sem querer. — Quem é esse?

Eu poderia me abrir para ela ali mesmo, aproveitar que estávamos tranquilas e contar tudo para minha amiga. Abrir o meu coração e talvez isso não pesasse tanto quanto acontecia. Eu tinha medo de ser feliz, não me achava merecedora disso e tinha certeza de que minha amiga bateria na minha cabeça.

Mas sabe como é, você se habitua tanto a fingir uma coisa, a pensar de uma forma, que acaba se acostumando a fazer isso.

— Foi um cara que namorei, ele era mais velho do que eu e me encantei por tudo que representava. Por isso estou dizendo, se sua irmã quer o malandro

ninguém vai tirar isso da cabeça dela.

Mileni ficou olhando para mim com os olhos semicerrados, como se analisasse o que eu disse.

— Por que nunca me falou desse homem?

— Acabou de um jeito ruim, Mileni. Não gosto de ficar remoendo o passado, sabe disso.

Tá, que coisa mais hipócrita, Priscila! A verdade era que permiti que o passado ditasse a minha vida inteira. Minhas escolhas foram como eu me sentia. Não iria enganar minha amiga por muito tempo e nem queria.

Naquele dia eu resolvi não adiar mais, combinamos de nos encontrarmos no dia seguinte e eu diria tudo a ela. Não deixaria mais para depois, porém eu precisava da força de um certo cara grande para ter coragem de fechar esse capítulo da minha história.

E não era que ele parecia ler meus pensamentos. Já era mais de duas da tarde quando recebi sua mensagem que queria me ver, respondi sem demora que o encontrava em casa.

Deixei Mileni no restaurante porque precisava dar algumas aulas na parte da tarde e depois seguiria para casa para esperá-lo. E como eu disse, nós não temos ideia do que vai acontecer quando levantamos da cama.

Eu estava fechando a porta do estúdio quando senti alguém parando atrás de mim, uma sombra me cobriu inteira e meu coração gelou. Já logo imaginei ser assaltada e acabaria me tornando mais uma na longa lista de violência da cidade.

Sem me virar, eu olhei pelo canto do olho e vi dois pares de pernas vestidos em uma calça social e sapatos de couro caros. Os assaltantes não usavam terno, né?

Mais tranquila me virei devagar, sem ter a mínima ideia do que encontraria. Ou melhor, quem.

Quando meus olhos se conectaram com os dele, senti-me sufocando, minha pele parecia ter milhares de agulhas fincando nelas e não conseguia acreditar no

que estava vendo.

— Quanto tempo, Priscila. Você está maravilhosa.

A dor voltou e suas palavras bateram em mim de uma vez só.

— Samuel? Como me encontrou?

Ele continuava tão bonito quanto me lembrava, mas agora parecia mais velho, as linhas de expressões marcavam seus olhos e testa demonstrando o quanto ele havia sofrido. Samuel era um homem lindo, corpo bem construído, bem-sucedido, os olhos azuis mais intensos que tinha visto na vida e foi o que me chamou atenção nele na primeira vez que o vi.

Não me importei se era mais velho do que eu, se tinha um filho ou uma bagagem emocional pesada. Quando sorriu daquele jeito enigmático percebi que estava perdida, sorriso, aliás, que continuava o mesmo.

— Só isso que tem para me dizer depois de me deixar, após eu perder o meu filho, e sumir por seis anos? — Estendeu a mão e pegou uma mecha do meu cabelo em seus dedos, fazendo exatamente igual quando estávamos juntos, esfregando-os entre os dedos. — Esperava mais de você, minha menina rebelde.

E como eu disse, não levantamos da cama sabendo como iremos terminar o dia. Nunca imaginei dar de cara com o homem que mais machuquei e que mais me machucou na porta do meu estúdio, quando estava indo para os braços do outro homem que estava me colando de volta depois de ter sido quebrada em caquinhos.



Capítulo 29



*Deixe-me sozinho
Porque assim
Eu viverei em paz
Quero que sejas bem feliz*

(Devolva-me – Adriana Calcanhoto)



Priscila Marins

— Você não me respondeu. Como me achou?

Todos os meus sentidos estavam em alerta, o coração estava batendo rápido e a minha autoproteção estava gritando alto para que fugisse. Evitasse tudo que poderia vir de estar na frente dele novamente.

Samuel me encarava de uma forma enigmática, que eu não conseguia distinguir sua real intenção por ter voltado depois de tantos anos. E como havia me achado, já que cortei contato com qualquer pessoa que fosse capaz de me machucar por causa do que aconteceu. O peso que eu carregava já era grande o suficiente e não precisava de ninguém me dizendo mais do que sabia.

— Podemos entrar, ou ir a qualquer lugar que não seja onde qualquer um nos veja e ouça nossa conversa?

Ele tinha ganhado a minha atenção com isso, mas não seria fácil que eu cedesse, balancei a cabeça e dei um passo atrás, tentando me afastar.

— Não, Samuel. Nós não temos nada para conversar.

Seus olhos azuis se estreitaram e ele se aproximou, perto demais, podia até sentir o hálito quente soprando em meu rosto.

— Tem certeza? Nem o fato de que você fugiu logo depois que Davi partiu?

Me deixando sozinho para superar a morte do meu filho, que te amava como a mãe dele.

E Deus, aquilo era demais. Por esse motivo, eu tinha ido embora, não suportava aquele fardo. Aquela culpa, a dor de não ter Davi perto. A perda de uma alma tão jovem e bondosa quase me destruiu. Todos os sentimentos voltaram até mim de uma vez e me apoiei nos braços dele, tentando me recuperar.

Voltei ao momento em que recebi a notícia da morte dele, os olhos de Samuel automaticamente se voltaram para mim, minha boca secou, os lábios estavam castigados do tanto que mordi tentando recuperar o nervosismo que me consumia.

Sam se desvencilhou dos braços de seus pais, que tentavam consolar, e caminhou até mim com agressividade em seus gestos, que me fez dar um passo para trás. Ao me alcançar ele não fez nada, nem me abraçou. Seus olhos percorriam o meu rosto à procura de algo e eu sabia que o que estava prestes a sair de seus lábios me feririam para o resto da vida.

— Feliz por não ter visto ele morrer? Feliz por ter feito exatamente como a mãe que o abandonou quando ele precisou?

De alguma forma, eu tinha certeza de que ele me acusaria, porque eu mesma já me julgava exatamente igual a Giovana.

— Sam... — Estendi a mão tentando tocá-lo. Mas ele desviou impedindo que o tocasse, minha mão caiu vazia de volta ao meu corpo. — Eu...

— Eu, o quê, Priscila? Sente muito? Está arrasada? — Ele respirou fundo e as lágrimas desciam por seu rosto sem barreiras, elas estavam livres ilustrando exatamente a dor que sentia. — Sabe o que foi esses últimos dias? Você não ia lá em casa há duas semanas, Davi não parava de chamar por você. Ele chegou a pedir para que eu ligasse e disse que queria te ver, mas sabe o quê? Eu não consegui, porque achava que era demais o que pedia. Você não tinha vínculo nenhum com meu filho. Se a própria mãe o largou, por que você não faria também? Mas sabe o que me cortou o coração? Nos seus últimos minutos lúcido, o meu filho pediu para dizer que te amava. Ele não se conectou com a mãe, só pedia por você, e o que fez? O deixou! Abandonou porque não conseguia vê-lo morrendo. Você não é diferente da Giovana.

Senti a respiração faltando e sabia que poderia desmaiar a qualquer minuto. Minha alma estava longe, meu coração batia tão devagar. A última coisa que vi depois de apagar foi os olhos de Samuel cheios de ódio e decepção.

Quando despertei estava deitada em uma cama de hospital e minha mãe lia uma revista na cadeira ao lado. Sempre tão bem arrumada e intocável. Nada a abalava, eu queria ser assim e não sentir tanto. Doeria menos o que me corroía por dentro.

— Mãe! — chamei-a engolindo em seco, minha garganta estava áspera.

Ela levantou os olhos e largou a revista de lado se aproximando.

— Filha, que bom que acordou. Estava preocupada.

— Onde está o papai?

— Com os Albuquerque, eles estão assinando os papéis do hospital para a liberação de Davi.

Só de ouvir o seu nome sentia como se uma faca afundasse em meu peito.

— E o Sam?

Minha mãe, pela primeira vez demonstrava um sentimento sem querer, seus olhos ficaram nublados e se virou, fingindo arrumar o lençol que me cobria.

— Ele foi para casa, estava se sentindo muito mal, filha.

Ouvi algo em sua voz que não identifiquei de imediato, só com a sua incapacidade em me olhar que despertou em mim algo que nunca imaginei.

— Mãe... O que foi?

Ela se virou e forçou um sorriso.

— Nada, Priscila.

— Você também me culpa, né? Por ter deixado Davi nos últimos dias de vida?

Ela apenas piscou e não disse nada, nem precisava, já tinha a resposta que

apontava. Fechei meus olhos e senti a vertigem subindo por mim de novo, mas eu não cederia dessa vez. Seria forte o suficiente para aguentar a culpa.

E naquele momento, sentindo o julgamento da minha mãe sobre mim, decidi que precisava partir.

O silêncio estava constrangedor e foi assim até que meu pai apareceu. Seus olhos estavam menos acusatórios e senti certo alívio por isso, mas não tinha saída. Eu não suportaria aqueles olhares cada vez que me vissem.

— Eu vou embora!

— Como assim, Priscila?

— Vou seguir meus planos, vou me mudar. Encontrar um lugar para viver e tocar meus sonhos. — Sorri amargamente olhando para ele. — Já que foram adiados por ter me envolvido com Sam e Davi. Não tenho mais motivos para ficar, não é?

Sei que fui cruel, soando como uma egoísta sem sentimentos. Mas a verdade era que eu não tinha forças para me explicar e provocar a decepção dos meus pais era o melhor que eu podia fazer.

Qualquer um imaginaria que eles arrumariam mil desculpas para me convencer do contrário, ou simplesmente me proibiriam de fazer aquilo. Mas não foi assim, eles não falaram nada e minha mãe olhou para mim com desapontamento.

— Está fazendo de novo, vai fugir. É o que se tornou especialista, não é? — E saiu sem dizer nada ou olhar para mim.

Meu pai permaneceu no quarto de cabeça baixa.

— Você tem dinheiro suficiente para se manter?

Senti que poderia chorar a qualquer momento, ainda era a filhinha do papai e odiava fazer algo como aquilo.

— Sim, pai. Venho guardando um dinheiro há algum tempo.

Ele assentiu e colocou as mãos no bolso da calça.

— *Você vai voltar? Manter contato?*

— *Não, pai, acho que é melhor para todos que eu suma totalmente.*

Ele levantou a cabeça e me olhou, parecia que queria dizer alguma coisa, mas se manteve em silêncio, apenas me encarando, fazendo com que me sentisse exposta e eu odiava me sentir assim.

— *Eu espero que encontre o que está procurando. Nós vamos ficar bem.*

E foi assim que eu dei adeus a tudo o que conheci a vida inteira: família, meus pais, noivo, amor... não carreguei nada disso em minha nova vida, só a culpa, a tormenta e a dor por ter deixado aquele menino morrer sem saber o quanto o amava; que ficou comigo por cada dia e estaria ao meu lado até que chegasse o meu dia de partir.

Voltando à realidade, olhei para Samuel, para as minhas mãos que seguravam os seus braços com força, estávamos perto e aquilo era simplesmente muito para que eu pudesse absorver. Não imaginei ter que vê-lo novamente na vida, achei que ele me odiava demais para isso e que nunca me perdoaria. Evitei ver revistas que sabia que seu nome pudesse ser mencionado, vivi uma vida tranquila até que não pude mais me esconder.

— Você não iria me querer por perto depois de tudo que aconteceu, a lembrança viva de alguém que não merecia amor. Só facilitei isso indo embora.

— É isso que você acha? Quando me recuperei do choque de saber que meu menino tão novo tinha morrido, voltei ao hospital com o coração apertado de culpa por tê-la feito passar mal. E imagina o meu desespero quando seu pai me disse que você tinha ido? — Ele me soltou e dei um passo para trás. — Te procurei em todo lugar e não achei, tive que ver meu menino sendo colocado em um buraco frio, sabendo que nunca mais iria ouvir sua risada ou sentir suas mãozinhas em volta do meu pescoço. Fiquei sozinho, Priscila, sem a minha noiva. Você me deixou também.

Tudo que ele dizia era acompanhado com uma intensidade, uma verdade que não estava preparada para encarar. Como estaria? Senti meu corpo tenso, queria fechar os olhos, abrir de novo e saber que tudo não passava de um sonho, mais

um que eu tinha e que acordaria nos braços do meu grandão e ele diria coisas que me fariam sentir melhor, me abraçaria e me beijaria.

Mas, ao abrir meus olhos, estava no mesmo lugar, encarando o rosto do homem que amei e que me machucou de uma forma irreversível.

— O que você quer aqui, Samuel? Como me encontrou?

Ele ficou me encarando por minutos intermináveis e suspirou, retomando a pose austera que sempre teve. Ajeitou os cabelos e colocou as mãos nos bolsos da calça, como se assim se impedisse de me tocar.

— Quando você usou seu nome para conseguir um teste de dança, eu fui logo avisado por um detetive particular que contratei há alguns anos para te encontrar. Venho te observando há alguns dias a distância.

— E por que então resolveu se aproximar só agora?

— Não fui o único a ficar sabendo que você tinha dado sinal de vida, a imprensa também e eu vim te avisar. Amanhã sairá uma matéria completa de sua vida e tudo o que fez até hoje. Tentei comprar o dono da revista, mas ele ficou irredutível, eu soube que seus pais já estão no avião vindo para cá.

Meu Deus, eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Tinha perdido a conta das vezes que pensei em falar com meus pais, dizer que estava bem e saber como eles andavam. Mas acabava desistindo e procurava pela internet algumas notícias dos dois, o que me consolava saber que estavam bem. E poder vê-los não era tão ruim.

Mas essa matéria... colocaria tudo a perder. Eu sabia o quanto a mídia podia ser maldosa e inventar muita coisa por causa de um furo de reportagem, tinha Mileni que não sabia nada da minha vida. Eu precisava encontrar uma forma de resolver isso.

Olhei para Samuel e comecei a me afastar, sem dizer qualquer coisa, porque eu não sabia mesmo o que dizer.

— Priscila. — Sua voz forte chamando por meu nome fez-me parar no meio do caminho e minhas costas ficaram tensas à espera do que ele diria. — Eu ainda amo você!



Capítulo 30

*Só quero te lembrar
De quando a gente andava nas estrelas
Nas horas lindas que passamos juntos
A gente só queria amar e amar e hoje eu tenho certeza
(Quando a chuva passar – Ivete Sangalo)*

Paulão Lima

Estava parado do lado de fora da sua casa com o coração disparado por causa da ansiedade e saudade que sentia. Não sabia nem como tinha conseguido esperar tanto tempo sem surtar. Infelizmente, não deu para acabar cedo o meu serviço. Já era quase onze da noite quando consegui chegar enfim na sua casa.

Claro que tudo estava apagado e, provavelmente, ela tinha ficado cansada, ou até muito brava e ido dormir. Sem esperanças mandei uma mensagem:

Paulão: Ainda dá tempo daquele nosso encontro? Posso te levar em um drive thru. :) Só consegui sair agora, sinto muito.

Encostei a cabeça no encosto do carro e aguardei, esperaria por horas se fosse preciso. Em algum momento, ela precisaria olhar o celular. Mas, para meu alívio, a resposta não demorou:

Priscila: Eu comprei pizza! ;) Já vou abrir o portão, espera aí.

Sorrindo como um garoto que tinha acabado de ganhar um brinquedo que queria muito, desci do meu fusca e tranquei a porta. Senti um frio na barriga quando a vi descendo o pequeno caminho até o portão. Porém, ela não

aparentava estar tão animada quanto pensei.

Vestia um short largo, camiseta regata velha e pantufas do Scooby-Doo. Estava linda como sempre, mas não parecia alguém que esperava uma noite quente.

— Demorou, grandão! — Sua voz parecia cansada; e, olhando bem para ela, sua fisionomia também demonstrava isso.

— Fui trabalhar tarde hoje e, por consequência, tive que ser o último a sair. Desculpa!

Pri abriu o portão e sacudiu a cabeça me dando passagem.

— Que nada, eu entendo. Ter seu próprio negócio tem dessas coisas. Mas vamos lá que a pizza já está gelada.

— Você ficou me esperando para comer?

Ela assentiu e, quando passei, voltou a trancar o portão.

— Não estava com fome, agora estou. — O sorriso sem vontade que me deu falava muito mais do que qualquer coisa que me dissesse.

— Priscila, o que houve? Aconteceu alguma coisa? Se quiser que eu vá embora para você descansar, eu vou.

Peguei em sua mão e Pri ficou olhando para baixo por tempo demais, antes de voltar e olhar para mim com os olhos pequenos cheios de lágrimas. Ela apertou a boca e balançou a cabeça, como se me pedisse para deixar para lá.

Claro que eu não podia, como fazer isso se eu sabia que ela estava machucada por algo importante?

Então tomei a frente, esquecendo logo da minha oferta de partir e a puxei pela mão para dentro da casa. Afinal, nunca a deixaria naquele estado sozinha. Poderia até chamar Mileni se o caso fosse sério, ela saberia lidar com qualquer coisa que tivesse acontecido bem melhor do que eu, ou não.

Naquele momento, eu me senti impelido a ser o cara que a tiraria de qualquer

situação.

A noite estava fresca e por ela estar vestida apenas de short e camisa poderia sentir frio, mas a verdade era que eu queria mais privacidade para descobrir o que a estava incomodando.

Quando entramos, me sentei no sofá, ainda segurando sua mão. Priscila continuava a minha frente e já estava ficando preocupado. Ela não dizia nada, apenas via seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Pri, o que aconteceu?

Mais uma vez, ela balançou a cabeça, então a levantou e me encarou com intensidade. Algo não estava bem, em seus olhos havia uma tormenta ainda mais forte do que aquela que presenciei quando me contou sobre o seu passado. Agora parecia uma dor nova, uma lembrança ruim, uma ferida que tinha sido aberta.

— O Samuel apareceu, me procurou quando eu estava saindo do estúdio. Disse que me observa há alguns dias e que só se aproximou porque vai sair uma matéria em uma revista sobre mim, parece que ele não foi o único a saber do meu paradeiro. — O sorriso aberto e frio que estava estampado em seu rosto era tão estranho, porque se tinha algo que não mudava naquela mulher era seu sorriso sincero. — Ah, meus pais também estão a caminho. Olha que lindo, fugi tanto de tudo e minha vida está prestes a desmoronar.

Uau, por essa eu não esperava! Depois que conversamos na cabana em Petrópolis não tocamos mais no assunto, apenas poucas vezes que Priscila mencionava o nome do menino, ou quando sonhava e dizia o nome do pai dele também. Eu nunca a pressionei ou lhe disse que ela falava dormindo, não era meu lugar para isso. Não tinha direito de exigir nada, mas agora via que deveríamos ter falado mais. Talvez se ela tivesse se livrado completamente da culpa não estaria daquele jeito.

E tinha certeza de que a maneira como se encontrava não era um terço do que estava horas antes.

Amaldiçoei-me ainda mais pela demora. Eu a puxei, fazendo com que se sentasse no meu colo e abracei seu corpo gelado junto ao meu, apoiei o queixo no topo da sua cabeça e respirei fundo.

— Por que não me ligou? Eu arrumaria um jeito de vir antes.

— Eu precisava de um tempo sozinha para surtar. Ver o Sam de novo mexeu comigo mais do que imaginei.

Ai, e a mim também. Não sabia como me sentir com o ex aparecendo e ela se abalando por causa disso. Confesso que senti uma pontada estranha em meu coração e tentei não dar tanta importância.

— O que, na verdade, você teme? Mais julgamentos, a exposição, a perda da sua tranquilidade?

Ela se afastou do meu peito e olhou em meus olhos, pude ver o quanto estava confusa e mexida com tudo aquilo.

— Não sei, quando ele apareceu me lembrei do que me disse, as palavras duras e verdadeiras. Acho que tenho medo de saber a verdade, que não sou alguém de bem, que não sei amar, porque não pude nem retribuir o amor de uma criança.

Sorri de lado e levantei a mão, deslizando uma mecha de seu cabelo para trás da orelha. Ela vinha deixando os cabelos crescerem e eles já estavam na altura do ombro. Diferente e linda!

— Eu não sei o que ele te falou, mas acredito que tenha sido movido pelo luto, pela dor que sentiu e você foi a primeira pessoa que ele encontrou para descarregar essa frustração. Não foi justo, nem bonito. Mas, às vezes, fazemos algo bem estúpido e não tem como voltar atrás. Vocês conversaram depois que passou essa fase?

Ela negou com a cabeça e fungou, enxugando uma lágrima que escapou de seu controle de ferro que tentava manter.

— Eu fui embora antes de ter oportunidade. Depois que vi também em meus pais o julgamento por eu ter me afastado, não quis ficar para mais sentenças, sabe.

— Você poderia ter explicado o porquê de ter se afastado. E a mãe do menino?

Priscila deu de ombros e suspirou profundamente.

— Não sei, nem a vi quando fui ao hospital. Eu me afastei de tudo, nem mantive contato com meus pais, ficava sabendo deles pelas redes sociais e a mídia. Nunca mais soube de ninguém até que Samuel apareceu no meu estúdio.

— E como ele te encontrou?

— Eu usei a influência do nome da minha família para conseguir um teste para uma aluna minha em uma companhia de dança famosa. Acabou que uma coisa ligou a outra, infelizmente eu perdi a manha de como as coisas funcionam e esqueci desse detalhe.

— Talvez seja uma boa e você consiga resolver isso de uma vez, deixar o passado no lugar dele e seguir com sua vida. Pode ser uma oportunidade!

Dei de ombros querendo passar confiança, mas a verdade era bem diferente e até vergonhosa. O que eu queria mesmo era pegar Priscila, levá-la para bem longe, protegê-la de qualquer mal e, ainda por cima, afastá-la do seu ex-noivo. Porque, de um jeito ou de outro, ele tinha sido importante para ela e ainda era de alguma forma, ele tinha experimentado o que era ser amado por aquela mulher. E eu, bem, eu não era nada naquele momento.

— Por que você é tão perfeito, hein?

Tentei sorrir de uma forma convincente e levei minha mão até seu rosto, acariciando-a de uma forma suave, como ela merecia ser tocada.

— É meu charme, fazer o quê.

— Tá com fome?

— Muita!

Ela se levantou, um pouco mais animada e sorriu indo em direção a cozinha.

— Então vou esquentar essa pizza e te alimentar, grandão.

Sua voz foi ficando mais abafada enquanto ela falava do treino da Alice, a menina que estava apoiando. Fiquei ali sentado por vários minutos tentando

assimilar o que tudo aquilo significava. Que lugar eu teria na vida de Priscila e quando, enfim, me aproximei da cozinha e ouvi o que ela continuava a falar que percebi.

— Depois de comermos podemos ir direto para a cama, estou precisando de um carinho seu.

Meu lugar era na sua cama, aquecendo o seu corpo, satisfazendo o seu desejo, a libertando de grilhões, não em seu coração. Lá alguém já havia fincado a bandeira... há muito tempo!

Aquele era um pensamento amargo, doloroso e até injusto, mas não consegui tirar da cabeça que nunca teria lugar ao lado daquela mulher, que ela nunca me amaria como eu gostaria. Só precisava descobrir se seria o suficiente, se eu seria capaz de ser o cara da noite e não o de sua vida.



Capítulo 31

*Solidão, quem pode evitar?
Te encontro enfim
Meu coração é secular
Sonha e deságua dentro de mim
(Catedral – Zélia Duncan)*

Priscila Marins

Se tem algo que é maravilhoso de experimentar é a memória sensorial que o corpo adquire com o tempo. Seja um banho quente no frio, ou gelado no calor, um bolo de chocolate feito por sua melhor amiga que você ama, uma pizza com muito queijo, uma cama macia e confortável. O relaxar do corpo depois de um dia corrido.

Essas coisas ficam gravadas em nossa memória sensorial; e, às vezes, quando você deseja muito alguma coisa, parece senti-la na pele, como se tivesse acontecido naquele momento.

Porém, com o sexo eu nunca tinha me sentido dessa forma, nunca tinha encontrado alguém que me marcasse tanto, que me despertasse de uma maneira que eu poderia estar no meio de multidões e era só fechar os olhos que poderia sentir suas mãos percorrendo a minha pele.

Até conhecer Paulão. Cada toque daquele homem em meu corpo era indescritível e desde que começamos a sair juntos, que mesmo longe podia sentir suas mãos em mim. Meu coração batia mais rápido, a respiração ficava ofegante e eu podia ver seu sorriso safado quando percebia que estava prestes a alcançar o clímax.

Então quando estava com ele de verdade, a sensação era elevada a um nível impossível de ser descrito. Era como se meu corpo esperasse pelo que ele faria e

quando acontecia eu entrava em uma transição de puro prazer.

Nossos corpos se mexiam em sincronia e as bocas se buscavam com pressa, loucos para ter o máximo um do outro. Era como dançar, cada passo ensaiado na luxúria de estarmos juntos, a confiança de que ele me pegaria quando eu fosse jogada para o alto.

E quando houve o momento da finalização do espetáculo, me dei conta que estava me apaixonando por ele, que era muito mais do que eu poderia esperar ou merecer. Era um homem incrível e não merecia alguém com uma carga como a minha, ele merecia tranquilidade, aquele tipo de relacionamento que todos nós almejamos, mas que nem todos encontram.

Infelizmente estar comigo não era sinônimo de tranquilidade, muito menos de certezas. Era como andar na corda bamba sem uma rede de proteção.

Nossas respirações se misturavam, e parei sobre ele, meus cabelos caindo entre nós, os olhos arregalados pela intensidade do clímax, o corpo relaxado e o coração leve. As mãos do Paulão seguravam os meus quadris e ele ainda tinha a pegada forte, como se temesse me soltar.

— Nossa, era disso que eu estava precisando. — Desde de manhã, eu necessitava de seu toque, ouvir sua voz, sentir a pele dele na minha e agora podia dizer que estava completa.

Porém, senti algo estranho. O corpo dele se tensionou embaixo do meu e suas mãos ficaram leves em mim até que deslizaram por minhas coxas até estarem apenas apoiadas. Paulão tinha algo em seus olhos que não consegui identificar. Deu um sorriso estranho e se esticou, dando um beijo rápido em meus lábios.

— Que bom que atendi suas expectativas, então.

Sua voz estava em um tom de brincadeira, mas não era o que os olhos diziam. Se tinha algo que eu gostava nele era que deixava transparecer todos os sentimentos no olhar. Não tinha como se esconder, ou dizer meias verdades. Com ele era tudo muito claro, até para quem não o conhecia, e naquele momento ele não estava brincando totalmente.

— O que foi?

— Nada, por quê?

— Fiz algo que te chateou? — Saí de cima dele, nos desconectando e me sentei na cama, enrolando o lençol sobre o meu corpo. De repente me senti exposta demais. — Ficou estranho de repente. Não foi bom?

Por que aquela insegurança? Nunca fui disso, nunca duvidei de ter sido boa na cama, nem mesmo me continha quando o assunto era dar e receber prazer. Por que agora era diferente? Ah, porque tinha sentimentos envolvidos. E era por esse motivo que eu não me envolvia, não permitia ficar tempo demais, pois sabia que alguém se machucaria.

Paulão olhou para mim e fechou os olhos, batendo a cabeça no travesseiro, respirou fundo e se sentou, me encarando. Levou a mão até a minha que segurava o lençol com força contra o corpo, como se assim eu me protegesse de qualquer coisa que pudesse me ferir.

Não sabia que estava tão envolvida assim.

— Claro que não, você é incrível, foi maravilhosa. Toda vez que fazemos amor é indescritível, Priscila.

Ele sorriu e, dessa vez, chegou aos seus olhos. Sua mão não largou a minha e podia ver a veracidade em suas palavras, não me passou despercebido como ele se referiu ao que fizemos, e apesar de nunca ter dito nada como isso, eu sabia que tinha sentimentos por mim. Mas a insegurança, sentimento novo para mim, teimava em envenenar a minha mente.

— Então o que foi?

Ele abaixou os olhos e lambeu os lábios como se procurasse as palavras certas.

— Estou preocupado, só isso. Temo que o que nós temos agora possa terminar de uma hora para outra e não saberei como lidar. — Levantou os olhos e me encarou com tanta intensidade que senti meu coração martelando no peito. — Você é uma mulher inesquecível, acredito que qualquer um que tenha sido honrado por estar com você concorda comigo.

E pude ver na forma como ele falava, como a voz dele soava rouca e intensa

que Paulão se sentia tão intimidado, inseguro e exposto quanto eu me sentia. Eu poderia fazer como ele, dizer o que sentia, que estava me apaixonando por ele e esse seu jeito tão doce e sensual de ser, por seus carinhos e a forma como me tratava. Poderia tirar aquela dúvida de seu coração. Mas não conseguia.

Minha voz simplesmente não saía, meu coração ainda tinha muito medo de se entregar, confiar, colocar nas mãos de outro. Eu ainda não conseguia dizer o que ele queria ouvir. Por isso tentei demonstrar.

Soltei o lençol e me sentei em seu colo mais uma vez, coloquei uma perna em cada lado e suas mãos voltaram a me segurar pelo quadril. Colei meu peito em seu tórax forte e tatuado e me aproximei, com os lábios bem perto dos seus, deixando que meus olhos falassem tudo o que eu não conseguia.

— Você não tem que temer porque eu estou viciada demais em ti para te deixar ir.

Ele engoliu em seco, fechou os olhos e encostou a testa na minha. Sorriu parecendo um pouco triste e fez algo que não esperava. Virou-me na cama e deitou seu corpo perfeito no meu.

— Só acho que você não deveria dizer essas coisas para mim, Priscila!

— Por que não?

— Porque fico muito tentado a acreditar!

E sem dizer mais nada ou esperar qualquer reação da minha parte, ele desceu sua boca na minha, tomando tudo que queria, roubando o meu fôlego e coração.

Paulão me amou, exigiu do meu corpo mais do que qualquer outra vez que estivemos juntos, parecia querer afirmar alguma coisa e me amou apaixonadamente. Se entregou de corpo e alma.

Seus gemidos e urros demonstravam o desespero que sentia e isso acabou passando para mim, porque me preendi a ele como se dependesse disso para respirar. Nossos olhos se conectaram enquanto ele entrava e saía de mim sem parar, me possuindo e se entregando a mim. No final, senti meu coração pesado como se algo estivesse prestes a quebrar o encanto que tínhamos confinados em nossa bolha.

Mas o ruim de se manter em algo tão frágil é que qualquer terremoto o faz desmoronar.

E podia ser impressão minha, mas a premonição que me assombrava naquele momento era de dor.



Como é que se define uma amizade verdadeira? Pelo tempo que conhece a pessoa? Os momentos felizes que passaram juntos? A forma como você pode contar com ela nos momentos bons e ruins?

Bem, para mim uma amizade é definida quando sua amiga conhece seus defeitos, os erros que cometeu e as coisas vergonhosas que fez, e mesmo assim, decide que gosta de você pelo que é.

Ela chora ao se dar conta da dor que você sente, te consola em meio à culpa que te consome. Olha para você da mesmíssima maneira de antes, sem nenhuma diferença, julgamento... Mesmo quando nem você consegue se olhar no espelho, ela te diz que é sua melhor amiga.

Para mim, é isso que faz você distinguir amigos de colegas. A aceitação, o companheirismo, o amor incondicional de ver o outro bem, não importando o quanto o seu próprio coração esteja machucado.

E foi isso que encontrei em Mileni, uma irmã, uma alma gêmea que me completava e me transbordava. Quantas pessoas podem dizer que encontrou algo assim na vida?

Eu podia!

Mileni olhava para mim com os olhos vermelhos de tanto chorar, o rostinho delicado estava inchado e a dor que via em seu olhar era a mesma que eu sentia. Com ela, eu não me contive em sentimentos e revelei muito mais do que disse ao Paulão.

— Deus, Priscila! Por que você guardou tudo isso em seu coração por tanto

tempo? Carregou sozinha esse fardo, essa culpa... — Ela piscou e segurou minha mão com força. — Por que não me disse? Me ajudou tanto quando te contei sobre o Bento, tirou todas as dúvidas que eu tinha e mesmo assim não se abriu.

Respirei fundo e sorri para ela sem vontade, com a tristeza em meu coração. Mas eu não tinha derramado nenhuma lágrima, parecia não ter mais nem duto lacrimal naquele estado.

— Eu achava que você me olharia de forma diferente. Sempre soube o quanto amava crianças, e se seu julgamento fosse como o do Samuel e dos meus pais? Não suportaria, eu fugi de casa para não ter que ver isso, só queria viver a minha vida em paz.

— E conseguiu, amiga?

— Não, nem um dia se passou sem que eu pensasse em Davi e em como não consegui me despedir dele, dizer o quanto o amei mesmo não sendo meu sangue. Sentia como se fosse meu filho. Quando Giovana apareceu me senti uma intrusa, fora do lugar... — Respirei fundo e continuei: — Nada disso desculpa o fato de que abandonei uma criança à beira da morte, Mileni. Entende por que eu não posso amar? Eu machuco as pessoas. Até você eu machuquei!

Ela me olhava com os olhos arregalados e a boca aberta. Mileni soltou minha mão, andou pelos dois lados da sala, como se procurasse por palavras. Ela podia muito bem estar pensando mil coisas sobre mim que eu não suportaria.

— É isso que você pensa? — perguntou quando eu já estava distraída em pensar numa forma de fazer vê-la que eu não era tão ruim assim.

Levantei os olhos para a minha amiga e ela estava parada na minha frente, a dois metros de mim, com as mãos na cintura e uma cara que dizia “está falando sério?”.

— Mileni...

— Porra, Priscila! Uma pessoa que se afasta pensando no melhor do outro, achando que assim poderia dar a última chance para uma mulher que abandonou o filho de ter uma ligação, de se redimir, mesmo sabendo o quanto te machucaria fazer isso? Porque não sei se você viu a coisa como é; você não só perdeu o menino, mas também o amor que havia construído com o pai dele. Agora me diz

que não pode amar? Ah, dá um tempo!

Ela estava mesmo brava porque gesticulava sem parar e, apesar de suas palavras sinceras tocarem em meu coração profundamente, fiquei com uma vontade louca de rir da cara dela e não conseguir me conter. O que a fez ficar ainda mais nervosa e até bater o pé no chão.

— Desculpa, mas você já se viu fazendo isso? Parece uma mãe dando bronca.

Mileni revirou os olhos, sorriu e se aproximou.

— Rodrigo diz que fico muito bonitinha brava.

— Ele tem razão, por isso gosto tanto daquele *Big Mac*. — Sorri para a pessoa que entrou na minha vida para mudar tudo e colocar as coisas em seus devidos lugares. — Sabe que eu te amo, né?

Ela deu de ombros e sorriu, sentando-se ao meu lado.

— E eu a você, mesmo sendo uma louca paranoica. Você é incrível, Priscila, já passou da hora de ver isso. Tenho certeza de que Paulão concorda.

Assenti e a abracei, sentindo dentro da minha alma o quanto ela tinha razão naquele momento. Pois uma alma como de Mileni Pontes não amava em vão. E eu era sortuda por me dar conta que merecia sim a sua amizade, e o amor que ela tinha para me dar.



Capítulo 32

*Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto
A te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar
(Canção da América – Milton Nascimento)*



mileni Pontes

Existem momentos na vida que descobrimos que não sabemos porcaria nenhuma de ninguém. Você olha para uma pessoa e acha que ela é incrível, passa a admirá-la, por algum motivo divino ela se torna sua melhor amiga e retribui seu carinho. Você acha que conhece aquela pessoa especial em cada parte, acredita que nada pode atingi-la porque é tão maravilhosa. Como algo poderia machucá-la?

Mas aí a vida te mostra que somos humanos e não super-heróis. Que estamos suscetíveis a tormentas, que temos uma história que nem sempre está estampada em nossos rostos. Que podem se esconder por trás de um sorriso.

Ninguém é totalmente feliz, ou totalmente triste. Somos um emaranhado de sentimentos que, por vezes, as pessoas esquecem disso. Eu mesma já havia experimentado esse lado do mundo. O mundo que te julga, que te condena, que te esquece...

Priscila era uma dessas pessoas que você pensa ser invencível e que gostava mesmo de passar essa imagem, mas ela tinha seus problemas que eu não tinha enxergado a gravidade. E me sentia em falta com ela por isso.

Eu não soube como reagir enquanto ela me contava cada detalhe doloroso e que percebia ainda machucá-la de como ela precisou se afastar para dar espaço para uma mãe arrependida. Não era meu lugar julgar a mulher que abandonou o

filho; e se Priscila se achava incapaz de amar por ter deixado o menino, não acreditava que qualquer pessoa fosse capaz de fazer algo assim.

Só com muito amor no coração que deixamos outra pessoa que amamos, porque é o melhor para ela.

Depois que se acalmou e ficamos horas conversando, ela me contava um pouco do que aconteceu depois e até a aparição repentina do ex-noivo e que não sabia o que fazer. Priscila iria dar aula, mas eu vi que não estava bem. Ela tinha ficado mexida demais com toda aquela história, mesmo não querendo admitir e tentando levar numa boa.

Se eu estava sobrecarregada, imagina ela?

Nos despedimos e o único lugar que pensei em ir era para os braços de Rodrigo. Ele saberia o que fazer para tirar toda aquela tristeza do meu coração. Não demorei a chegar na oficina e lá estava ele, meu bruto mais lindo e doce com a cabeça enfiada no capô de um carro e o rock pesado tocando.

Sorri e me aproximei, Paulão foi o único que me viu entrando e sorriu em cumprimento, voltando ao trabalho. Eu caminhei até o aparelho de som e o desliguei, me virando com as duas mãos na cintura e esperando.

1, 2, 3...

— Mas que porra é es... Ah, oi! Resolveu invadir meu espaço de novo, moça? Achei que já tinha te dito que está longe de casa, não?

Os *flashbacks* que invadiram a minha mente naquele momento, de outro dia que fiz exatamente aquilo, parecia uma outra vida, uma outra Mileni. Rodrigo olhava para mim com um sorriso enorme no rosto, diferente da outra vez que tinha desprezo em seus olhos.

Aproximei-me e estendi os braços em sua direção.

— Eu preciso de um abraço! — Minha voz saiu rouca pela emoção que sentia e tudo que carregava dentro do peito.

Percebendo que a situação era séria, Rodrigo largou a ferramenta de qualquer jeito no chão e se aproximou fazendo um baque surdo, naquele silêncio

desconfortante, se aproximou enlaçando-me pela cintura e olhando para o meu rosto com carinho.

— O que aconteceu? Algum repórter te encheu o saco? Me diz quem é, que nós vamos lá resolver isso.

Ultimamente ele andava tão protetor e também paranoico, principalmente depois de algumas notas que saíram sobre nós e que o deixou ainda mais cuidadoso. Achava que tinha a ver com os sentimentos que cresciam entre nós dois. Cada dia que passava ao seu lado tinha certeza da minha escolha de homem para amar.

Sacudi a cabeça antes que ele partisse em busca da pessoa que tinha sido capaz de me importunar.

— É a Pri... — Franzi o cenho procurando uma forma de lhe explicar, sem que pudesse dar maiores detalhes. Ela sabia que eu não tinha mais nenhum segredo de Rodrigo, mas aquela não era uma história para que eu contasse. — Ela me chamou e contou sobre o que ela tanto foge. Rodrigo, quebrou meu coração ver o quanto minha amiga sofreu e eu não fiz nada. Agora tudo voltou para lembrá-la e ela está confusa, machucada e muito mexida. Não sei como ajudar...

— Nossa, então é sério!

Ele estava surpreso com o meu desespero, sabia o quanto minha amiga era importante na minha vida e o quanto eu me sentia protetora com ela, mesmo que muitas vezes foi ela quem me protegeu.

— Sim, ela está muito mal!

— Para onde ela foi, Mileni?

Pisquei assustada e desviei o olhar, encarando Paulão que estava parado atrás de Rodrigo com o cenho franzido de preocupação. Ele segurava um pano que tentava limpar a graxa das mãos.

O quanto eles estavam envolvidos, nós não sabíamos, salvo o dia que se beijaram na frente de todos no bar, não tivemos mais nenhuma demonstração pública de que o relacionamento estava evoluindo. Mas era certo o quanto aquele homem era apaixonado por minha amiga, que tentava não se entregar aos

sentimentos que ele despertava em seu coração ferido.

Por isso eu sabia, se tinha alguém capaz de fazer algo naquele momento para que ela se sentisse melhor era ele.

— Foi dar aula, mas, sinceramente, não sei se terá condições de ir até o final dia. Disse que era para ficar em casa, mas ela insistiu, dizendo que tinha uma aluna que precisava de sua ajuda.

— Alice?

— Essa mesmo.

Ele assentiu e olhou para Rodrigo, a cumplicidade e facilidade com que um podia contar com o outro era tão legal de se presenciar. Achava muito linda a amizade dos três, que mais pareciam irmãos.

— Segura as pontas aí? Eu não demoro...

— Claro, sabe que pode contar comigo.

— Valeu, cara!

Ele saiu em direção ao banheiro e demorou alguns segundos, voltando de roupa limpa e cheiroso, parecia ter tomado uma ducha muito rápida, mas ainda usava a bandana cobrindo sua careca.

— Paulão!

Ele parou e me olhou. Eu confiava nele, havia pegado um carinho por aqueles meninos como se fossem da minha família.

— Cuida bem dela!

Ele sorriu e pegou a chave do seu fusca de um prego, que ficava pendurado perto do escritório.

— Fica tranquila! Eu a amo demais para permitir que sofra por qualquer coisa.

Ouvir aquilo já me deixava sossegada, Rodrigo que tinha voltado a trabalhar no carro, mas me dando atenção e me tranquilizando agora que Paulão estava na

missão de cuidar da Priscila, levantou a cabeça e franziu o cenho olhando o amigo sair.

— Nossa, ele falou sério! O cara está apaixonado mesmo...

Alguma coisa em sua voz me fez virar e o encarar com mil perguntas, mas fiz apenas uma.

— E isso é ruim?

Por que, né? Nós nos apaixonamos e contra todas as probabilidades demos certo e tinha sido a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Rodrigo deu de ombros e voltou a mexer no motor, porém, quando falou novamente, sua voz soou abafada e preocupada:

— É, se ele se machucar. Paulão não é o tipo de cara que sofre por um tempo e depois se recupera. Ele carrega no coração toda a alegria e tristeza, todo amor e dor. Só estou preocupado.

Agora com ele falando assim também tinha ficado. Depois de tudo que Priscila me contou, eu soube que ela não estava pronta para se entregar a um sentimento tão pleno. Ela não poderia corresponder da forma que qualquer ser humano espera, isso poderia machucar aos dois, mas, como amiga, eu podia apenas torcer para que tudo se encaminhasse da melhor maneira e que aquela história tivesse um final feliz, como a minha teve.



Capítulo 33

*E me fez lutar para vencer
Me levantar e assim crescer
Punhos cerrados, olhos fechados
Eu levanto a mão pro alto e grito*

(Pesadão – Iza part. Marcelo Falcão)



Priscila Marins

Após a porrada de sentimentos que despejei no colo da minha amiga, não consegui ficar muito tempo em casa. Senti-me sufocada e precisava de uma via de escape, que não fosse fugir literalmente, mas algo que me libertasse e tirasse aquela angústia de dentro do meu peito.

Despedi-me de Mileni tentando não demonstrar o meu desespero, mas ela me conhecia demais e podia ver em seus olhos o quanto estava preocupada e também sobrecarregada.

Por isso, não me surpreenderia se ela aparecesse mais tarde para saber como eu estava. *Ou que mandasse alguém para me salvar de mim mesma.*

Quando cheguei ao estúdio parecia não conseguir respirar, era como se buscasse por oxigênio, mas que não o encontrasse em lugar algum. Meu coração parecia ter medo de bater, pois estava em marcha lenta, como se tivesse receio de fazer muito barulho.

Encontrei Alice sentada na porta me esperando e agradei por ela existir. A menina me trazia uma paz que não sentia com qualquer pessoa.

Embora Mileni tenha levado tudo numa boa, não ter me julgado, sentia como se tivesse perdido um pedaço da nossa amizade naquela conversa difícil, reveladora e dolorosa. Como se a facilidade e tranquilidade com que ela olhava

para mim tenha se desfeito. Mas, ao mesmo tempo, senti que nasceu outra coisa que nos uniu ainda mais.

Com Alice eu não precisava me importar com o que ela pensaria de mim, a menina se preocupava apenas em dançar e era isso que eu precisava no momento.

A dança sempre me salvou de mim mesma, até quando não era eu a fazer os movimentos.

— Eu estava pensando, Priscila, que poderíamos adicionar alguns movimentos de *hip hop* na apresentação, igual fazem naqueles filmes de dança, sabe?

Sorri para Alice que parecia aflita. Sua apresentação na companhia de dança estava chegando e ela parecia muito ansiosa, aquela animação fez bem pra mim.

— Acho ótimo, sempre amei misturar o clássico com contemporâneo e você é ótima nisso.

— Você acha mesmo? Será que não vai ficar muito apertado pra gente essa mudança? Estamos tão perto, duas semanas é pouco para pegar os passos, não?

Suspirei e me aproximei dela, peguei suas mãos nas minhas e percebi o quanto ela estava nervosa, sua palma estava fria e suada.

— Se você decidir seguir essa carreira verá que roteiros de apresentações mudam muito. Em um momento, você estará ensaiando uma coreografia; e no outro, o diretor irá exigir outras coisas. Você terá que se adaptar a isso, e acredito que é muito boa em se adaptar, não?

— Acho que sim...

— Eu tenho certeza de que é, agora vai lá e me mostra o que você planejou.

A garota tinha talento, isso era algo que qualquer um poderia ver. Havia uma graça em seus movimentos que me deixava simplesmente encantada. As horas seguintes se passaram da melhor forma possível, acertamos alguns passos e ela repetia incansavelmente até ficar perfeito, seguia meus comandos e aceitava as minhas sugestões.

Com o coração leve pude presenciar toda a paixão que já tinha visto naquela menina aumentando, se tornando uma verdadeira obra de arte. Ela não só dançava, mas criava com o corpo, sua alma se elevava e praticamente voava sem sair do lugar.

Não havia somente amor em seus movimentos, mas também tristeza, ela se expressava, era intensa e demonstrava cada sentimento com seus passos ditados pela música.

Ela parou depois de um *grand finale* maravilhoso e estava perfeito, eu chorava emocionada e orgulhosa daquela garota que seria incrível em sua vida.

Seu peito subia e descia rapidamente por conta do esforço físico, mas ela sorria abertamente olhando o próprio reflexo. Aplaudi-a de pé e poderia praticamente me ver fazendo isso em outras circunstâncias, com uma plateia cheia e admirada, cativados por um anjo.

— Gostou?

— Amei! Ficou maravilhoso, Alice. Não terá como o resultado ser diferente. Você vai arrasas na apresentação.

Seus olhos, que já eram enormes e expressivos, ficaram ainda maiores. Ela estava meio sorrindo, meio chocada, mas a felicidade era clara em sua expressão e linda de se ver.

— Ai, Deus! Estou ansiosa demais! Priscila, ficou perfeito! — Olhou para o relógio que havia em cima do espelho e arregalou os olhos. — Preciso ir, tenho um compromisso com a minha irmã! Amanhã de novo no mesmo horário?

— Com certeza!

Ela sorriu, pegou a mochila e correu para a porta, mas no meio do caminho parou, voltou e me abraçou forte.

— Obrigada por tudo, Pri. Sem você nada disso seria possível.

Retribuí seu carinho e confesso roubei um pouquinho de sua alegria e energia boa para mim, estava precisando.

— Seria sim, você é maravilhosa e de qualquer maneira chegaria exatamente onde você quer.

— Mesmo assim, serei sempre grata a você! — Virou-se e foi embora, com os olhos cheios de lágrimas.

Estava emocionada, com o coração transbordando e me vi parada no meio do estúdio, apenas absorvendo a energia que havia na dança, algo que sempre amei.

Eu fazia o que amava, que era dar aulas, ensinar as pessoas os movimentos que tanto me faziam bem eram como uma recompensa que nunca imaginei ter, mas também gostava de criar, de me expressar e poucas vezes nos anos que se seguiram fiz isso.

De alguma forma, a felicidade, animação e paixão de Alice me fez lembrar de como eu mesma me sentia quando apenas dançava, quando sonhava e ansiava por realizar aqueles sonhos, e quando vi estava ligando o som e pronta para dançar, como não fazia há muito tempo.

O som de *Clocks*, do Coldplay, encheu o estúdio e fechei os olhos, sentindo os passos que nasciam em minha alma. Eu amava misturar os movimentos do balé clássico com dança de rua e a cada nova criação era como se expandisse mais o meu amor pela arte.

Já não tinha controle do meu corpo, era guiada por algo maior e sempre foi assim, sentia como se pudesse voar, como se tudo fosse possível simplesmente se eu continuasse a dançar. Me libertava de tristezas, elevava a alma e deixava o coração me comandar fazendo poesia com o corpo.

Demonstrava com gestos intensos e expressivos cada coisa que havia em meu peito, tantas vezes derramei lágrimas e ao terminar percebia o quanto me entregava àquela arte. Dançar era como respirar para mim, como o oxigênio, eu precisava disso para sobreviver e mesmo com dor, com o íntimo destruído, eu ainda não tinha perdido a vontade de voar sem ter asas.

Eu era constituída de música, de dança, de intensidade, paixão, amor...

De olhos fechados me transporte para outro plano, um mundo só meu, um lugar sereno e lá estava ele. O meu pequeno Davi, olhando-me curioso e com tanto carinho em seus olhos doces.

Engraçado como ele era especial e importante para mim. Desde que apareceu na minha vida, tinha se tornado o meu mundo inteiro. Aquilo me assustou um dia, mas depois que entendi o significado de ter uma alma que reconhecia a sua, percebi que era um presente que tinha ganhado.

Sempre que dançava, depois de sua partida, eu o via, podia ouvir sua risada gostosa e sentir os seus abraços apertados. Era como se tivesse a chance de estar com ele de novo.

Mas quando terminava e voltava para a realidade e via a verdade que era a minha vida, sentia-me sozinha. Costumava ir para casa, passar a noite chorando, para que de manhã eu conseguisse voltar a seguir em frente.

Só que daquela vez não seria assim; refletido no espelho estava alguém que fazia tão bem ao meu coração como Davi fez. Sentia-me diferente quando estava perto. A solidão não me alcançava e as dores não eram tão fortes.

Paulão me observava da porta com os olhos brilhando, seus lábios entreabertos eram tão convidativos, seu corpo estava tenso, como se estivesse se segurando.

Não queria que ele se segurasse. Eu o desejava mais do que qualquer coisa naquele momento, acreditava nunca ter o suficiente e sabia que com aquele homem eu nunca precisaria me sentir errada de qualquer forma, porque ele me amava, me aceitava, me admirava do jeitinho que eu era.

— Tá aí há muito tempo? — Sem me virar, apenas observando-o pelo espelho, perguntei.

Minha respiração estava rápida, mas eu não estava cansada. Paulão deu de ombros, mas não se moveu.

— O bastante, cheguei há uma hora mais ou menos. Quando vi que estava com Alice não quis interromper, mas também não podia ir embora sem saber se estava bem.

— Está aí fora há uma hora?

Ele assentiu, descruzou os braços e começou a se aproximar por trás, devagar. Cada centímetro fazia meu coração bater mais forte.

— Mileni foi na oficina, estava preocupada. — Deu mais dois passos. — Não consegui raciocinar direito e quando me dei conta estava aqui. — Mais três passos e ele estava parado às minhas costas. — Não queria te interromper, estava tão feliz ensinando; e, quando Alice saiu, eu entrei. Aí você estava tão perfeita dançando, era como se estivesse voando, como uma feiticeira roubando o meu coração. Ele já é seu há muito tempo, mas só percebi isso agora.

Engoli em seco com a ferocidade em suas palavras, a respiração de Paulão soprava em meu pescoço suado, fazendo-me arrepiar de desejo. O que ele dizia era importante, que fez o meu coração bater alto, sem medo de ser ouvido.

— O que quer dizer com isso?

Ele olhou em meus olhos pelo espelho, deslizou os dedos por meu braço direito, subindo por meu ombro e pescoço, deixando um rastro fervente em seu caminho.

— Que não me importo se tiver de ser o cara que esquenta a sua cama, não me importo de ser o cara que te faz esquecer dos problemas. Não me importo se você nunca me amar, porque, porra, o tanto que amo você já deve valer alguma coisa. Sou todo seu, Priscila, se me quiser, sou todo seu...



Capítulo 34

*E se eu despir minha alma
Será que ela também te excita?
Às vezes, o amor se disfarça embaixo dos lençóis, reflita
(Amor da sua cama – Felipe Araújo)*



Paulão Lima

Cheguei ao estúdio e podia ouvir o barulho da música, sua voz dando instruções e meu coração já começou a bater forte. Quando espiei pela janela, ela estava ensaiando com Alice; como não quis interromper, eu me sentei do lado de fora na calçada, aguardando o momento para falar com ela.

Isso me deu tempo para pensar, o que muitas vezes não é uma coisa boa. De alguma forma, eu sabia que não ir ali tinha sido um erro. Ficar com ela, sabendo que poderia me machucar, tinha sido um grande erro. Quem em sã consciência entra em um relacionamento tendo certeza de que não irá dar certo? Que sabe que terá que pegar seus pedaços no chão quando terminar? Não uma pessoa esperta, mas nada na vida me faria perder a chance de ficar com Priscila Marins.

Fui assombrado por aqueles pensamentos, dúvidas e neuroses por uma hora inteira. Quando vi a aluna da Priscila saindo apressada, parecendo atrasada para alguma coisa, mas com uma expressão feliz e um sorriso que parecia ter sido congelado em seu rosto, me levantei pronto para saber como Priscila estava de verdade, consolá-la se fosse preciso ou ser o tal do cavaleiro de armadura brilhante se precisasse.

Só que nada me preparou para o que encontrei naquele estúdio.

Priscila estava dançando, de uma forma tão poderosa como nunca tinha visto. Recostei-me ao batente da porta, coloquei as mãos no bolso da calça jeans e a

observei. Ela estava tão concentrada que nem mesmo notou que não estava sozinha. Os movimentos que fazia, misturando o clássico com dança de rua, deixava a coreografia intensa, forte e repleta de sentimentos.

Ela falava sem pronunciar uma só palavra. Ela flutuava por todo o estúdio. De olhos fechados, sua expressão era de dor, amor, tristeza e felicidade. Exalava tranquilidade e ferocidade com seus movimentos que me vi completamente fascinado por aquela mulher extraordinária.

Vivia em seu próprio mundo, deixando nós, pobres mortais, apenas admirando-a, como se fosse uma preciosidade e estivesse em uma redoma de vidro para que apenas sonhássemos em tocá-la.

Naquele momento eu percebi que seria para ela o que me permitisse, que teria o que ela estivesse disposta a me dar. E se não me amasse, não tinha problema, porque eu não era forte o suficiente para me afastar.

Não conseguia dar as costas para o que meu coração pedia aos gritos em desespero.

Quando a música acabou, precisei me recostar na parede com mais força para me manter parado, apenas esperando que ela me notasse. Acreditava que estava naquela espera por ela mais tempo do que aquela uma hora, desde que cheguei ao estúdio; e aguardaria o tempo que precisasse para tê-la em meus braços.

No momento em que abriu os olhos e falou comigo e todas aquelas coisas simplesmente escaparam do meu coração, eu percebi o quanto tinha tomado um caminho sem volta.

Eu amava uma mulher que poderia nunca retribuir aos meus sentimentos, porém naquele momento não me importava, meu coração estava cheio e repleto de uma necessidade feroz. Uma inquietação que só podia ser saciada com o toque dela.

Priscila olhava para mim pelo espelho, e podia ver em seu olhar o quanto estava confusa com tudo o que disse. Não acreditava que tinha me aberto daquela maneira, tinha exposto a minha alma, sentia como se meu coração estivesse em uma bandeja sendo oferecido a mulher que era uma mistura de calor e gelo. Assim eu a definiria naquele momento, ela pegava fogo, mas mantinha seu coração preso em uma geladeira, o conservando para que não se

quebrasse.

— Você não sabe o que está falando.

Senti como se pisasse em cacos de vidro e precisava tomar cuidado em cada passo, abaixei a cabeça e beijei seu ombro, sentindo em minha língua o gosto salgado de sua pele. Puxei forte o ar, absorvendo o seu perfume, me inebriando e intoxicando. Minha mente estava em branco, não conseguia raciocinar, era como se fosse comandado apenas por meu coração.

— Sei sim, você me disse que não me daria garantias. Que nunca poderia me amar como eu esperava, que provavelmente me machucaria e que eu deveria me privar dessa dor. Mas a verdade é que o maior erro que eu poderia cometer é não tentar.

— Eu não posso fazer isso com você, Paulão. Você não merece nada disso, pelo menos está se ouvindo?

— Estou, e também sentindo. Um desejo enorme de tocar você, de consumir cada parte do seu corpo com o meu.

— Eu não mereço isso, não mereço você. — Sua voz estava baixa, parecendo sofrer e Priscila se recostou em meu corpo, como se buscasse por mim ao mesmo tempo que tentava me convencer a me afastar.

— O quê? Não merece sentir prazer? Não merece enlouquecer de desejo? — Minha voz estava rouca e eu não conseguia desgrudar os olhos dos dela. Puxei-a pelos ombros a virando de frente para mim, e abaixei a cabeça quase tocando em seus lábios. — Porque eu sinto que posso enlouquecer se não a tiver na minha vida. Da forma que for, inteira ou aos pedaços, não me importa. Só quero ser o cara que você procura quando precisa esquecer do mundo.

— Deus! Não consigo ser forte o suficiente e sei que me arrependerei disso. — Ela balançou a cabeça, mordeu os lábios como se só assim pudesse resistir e se afastou andando até o aparelho de som o ligando. A música começou a tocar, preenchendo o ambiente, e voltou-se para mim. — Você é muito mais do que pensa. É mais importante do que um cara que eu procuro para me esquecer do mundo.

Com essas palavras que significaram tanto ao meu coração, ela dançou para

mim, caminhou em minha direção, olhando em meus olhos com intensidade, ela me seduzia propositalmente e eu sabia que não ia durar a música inteira. Quando, em um passo de balé, ela saltou, eu a peguei no ar, Priscila ofegou surpresa e agarrou em meus ombros. Levei-a até a parede espelhada e a encostei nela, pressionando o meu corpo, prendendo-a em mim.

— Se terá arrependimentos ou não, não me interessa. Eu só quero saber uma coisa!

Seus olhos estavam semicerrados, como se estivesse embriagada pelo desejo, os lábios vermelhos e entreabertos, o colo suado, seu corpo estava quente e convidativo no meu.

— O quê? — Sua voz era um mero sussurro.

— Isso te excita? Eu ser o cara que te deixa desse jeito? Que te pega com facilidade e te imprensas no espelho? Te excita eu acompanhar os seus passos quando fazemos amor e te levar ao céu, assim como quando você dança?

Ela abriu os olhos, surpresa pelo que eu disse. Seu coração batia forte, podia sentir em meu peito. Sempre me orgulhei de ser um cara observador e a vendo dançar, percebi que Priscila se entregava da mesma maneira no sexo, em abandono. De corpo e alma.

— Hum, isso te excita? — insisti um pouco mais. — Ou será que estou sendo presunçoso em achar que é só comigo que você dança na cama?

— Oh, Deus! Por que você tem que ser assim? — Ela puxou uma respiração que fez o seu peito subir e descer com força. — Só você foi capaz de me fazer sentir como se estivesse dançando enquanto sinto prazer. Quando você está sob o meu corpo, parece que estou ouvindo uma orquestra sinfônica e que preciso criar os passos que me levarão até o êxtase. Como descobriu isso?

Sorri me sentindo diferente, com uma confiança que não era comum em mim. Talvez fosse a força dela, a atração que nos envolvia, não sabia ao certo.

— A forma como você dança, quando fechou os olhos, se entregando ao que fazia, é a mesma forma que faz quando tem um orgasmo. É lindo, mágico e divino de presenciar.

Ela respirava pela boca, como se estivesse com falta de ar. Em seu olhar, eu podia ver tudo que se passava dentro daquela mulher; e, porra, me senti orgulhoso de provocar aquele monte de sentimento, luxúria e desejo nela.

— Me beija!

Não precisava dizer mais nada. Tudo o que eu poderia querer e sonhar estava em meus braços, não sabia como, mas tinha encontrado tudo o que sonhei em uma pessoa. Ela não era perfeita, tinha defeitos e talvez me quebrasse de uma forma que eu nunca poderia me recuperar. Mas nada se compararia ao que sentia, ela nunca seria superada ou substituída em meu coração.

Por isso, eu estava ciente do enorme risco que corria.

Meus lábios tomaram os dela, senti o gosto com a ponta da minha língua. Tracei o contorno de sua boca cheia e macia, para guardar em minha memória.

Suas mãos estavam agarradas em meus ombros, ela não apenas se segurava em mim, mas me levava de encontro a si, como se isso fizesse com que eu não me afastasse. O ímpeto em que nos beijávamos era insano, como se estivéssemos no fim do mundo e assim não teríamos outra chance, como se descarregássemos as frustrações que sentíamos um no outro.

Com um gemido, pressionei minha pélvis na dela, tentando aliviar a dor que sentia. A vontade que eu tinha era arrancar as nossas roupas e saciar aquela sede que nos deixava sedentos.

As mãos não paravam, contornando e decorando o caminho que percorriam. Como um viciado me inebriava com seu gosto, deslizando meus lábios e provando uma vez mais do seu beijo, do seu gosto inesquecível.

Nossa impetuosidade foi diminuindo, o corpo estava tenso, pedindo por mais, esperando pela satisfação plena. As mãos se acalmavam, mas formigavam pela sensação de como se sentia em sua pele. Os corações batiam fortes em uníssono, em uma só melodia. As respirações fortes se misturavam e quando abri os meus olhos a vi me observando com admiração e, por um segundo, eu acreditei que seria possível. Que algo pudesse acontecer e o destino não fosse cruel, que poderia ser fácil e simples como acordar. Que poderíamos viver um romance sem tantos problemas e que eu a ouviria dizer que me amava.

Um segundo que acabou cedo demais!

— Opa! Desculpa se estou atrapalhando.

O corpo de Priscila no meu, tão relaxado e receptivo, ficou frio e tenso. Ela olhou por sobre meu ombro e arregalou os olhos.

— Samuel? O que está fazendo aqui?

Bem, o que posso dizer? A vida não é fácil nem simples.

— Oi, Priscila. Desculpa chegar aqui assim, mas preciso falar com você. Não vou demorar, juro!

Priscila olhou para mim parecendo culpada e envergonhada, meu coração deu um salto e parou, estava vendo em seus olhos o que mais temi, o que sabia que aconteceria. A culpa que ela sentia era evidente e eu sabia que era por causa do homem que permanecia às minhas costas.

— Sinto muito! — Ouvi tudo que ela não disse naquelas duas palavras que significaram mais do que um discurso inteiro. O que ela disse estava se concretizando, estava se arrependendo.

Eu não dificultaria as coisas, então sorri e dei um beijo em sua testa, fechando os meus olhos, querendo estender aquele momento, prolongar como ela se sentia em meus braços.

— Tá tudo bem, vou ao banheiro me recuperar e já saio. Não queremos que ele me veja nesse estado, não é? Temos que manter a minha reputação em dia.

Tentei brincar com a situação e, quando me afastei, ela me encarava de um jeito de quem não estava achando nada engraçado. Balancei a cabeça e andei até o pequeno banheiro que tinha no estúdio, quando cheguei a porta, virei-me e a observei caminhando até o homem de terno parado na porta, ele a olhava de uma forma conhecida. Com amor, desejo...

Eles tinham um passado e doía admitir o quanto aquilo poderia pesar na balança.

Com um suspiro resignado, fechei a porta do banheiro e adiei um pouco o

confronto com o homem que havia significado tanto para a mulher que eu amava e que talvez fosse quem me faria perdê-la.



Capítulo 35



*Sou errada, sou errante
Sempre na estrada
Sempre distante
Vou errando*

(Nada sei – Kid abelha)



Priscila Marins

“A herdeira rebelde da grande empresa Yamashita, Priscila Marins Yamashita é reencontrada depois de sumir por mais de cinco anos. Tornou-se professora de dança no subúrbio do Rio de Janeiro e vive uma vida simples, diferente do berço de ouro que nasceu. Após o escândalo e o abandono, do então noivo de luto pelo falecimento do filho, nossa menina querida das manchetes de fofoca sumiu do mapa, que nem os seus pais souberam de seu paradeiro. Agora com a sua volta fica o questionamento se irá retornar com o compromisso com Samuel Albuquerque, ou será que ela é mesmo a pessoa sem coração que vimos deixar um garotinho em seus últimos dias de vida para dar asas aos seus desejos de pobre menina rica incompreendida?”

Aquela nota era tão difícil para mim quanto tantas outras foram. Na capa da revista tinha uma foto minha como era agora e como fui há anos. Tinham feito uma montagem e comparavam as minhas roupas, corte de cabelo e até falavam das pessoas com quem eu convivia. Se questionavam como eu tinha descido de nível morando em uma casa simplória, quando cresci em uma mansão.

Sujavam a minha vida, os meus sonhos, minhas conquistas e as pessoas que eu amava como insignificante, como se fosse mais uma de minhas rebeldias. Não respeitavam nada, só queriam bagunça e fofoca.

Aquilo se espalharia, machucaria quem não merecia, bagunçaria a minha vida de uma maneira irreversível, a menos que eu fosse embora e largasse tudo,

nada nunca mais voltaria a ser como era antes. Isso me machucava de uma forma que não esperei sentir de novo. E era por esse motivo que tinha fugido para começar.

Isolar a dor, omitir e, então, seguir em frente, tinha funcionado por seis anos, até que o coração resolveu se envolver de novo.

— Eu tentei fazer com que isso não fosse publicado, assim que soube que tinham te descoberto.

Levantei os olhos daquele monte de papéis e palavras cruéis, observando o semblante preocupado do Samuel.

— Você os trouxe até mim.

— Não, Priscila! Nunca faria isso com você.

Sentia minha garganta se fechando e precisei respirar fundo para segurar o choro. A tristeza de ver tudo se repetindo na minha frente era maior do que qualquer outra coisa e só conseguia pensar que nada disso teria acontecido se ele não tivesse me seguido por todo esse tempo.

— Você veio atrás de mim. Eles te seguem por todo lado, Samuel.

Sam abaixou a cabeça sabendo que em parte eu tinha razão. Claro que não por completo, isso aconteceria uma hora ou outra, mas naquele momento estava chateada demais para pensar com clareza.

— Desculpa, Pri. Eu só... Droga! — Levantou os olhos e me encarou, em seu olhar podia ver o cansaço o tomando. — Te procurei por tanto tempo, você não deixou rastros, ficou fora de área. Me desesperei quando não te encontrei naquele dia, tinha que me desculpar com você pelo modo que te tratei e não estava em lugar nenhum. Só queria...

— Priscila, está tudo bem? — A voz grossa de Paulão chamou a minha atenção e me virei observando-o caminhar em minha direção, encarando Samuel firmemente. Ele tinha um andar confiante; e juntamente com a sua aparência e rosto sério intimidava qualquer um que não o conhecesse como eu.

Só sua presença para deixar tudo um pouco mais leve. Sorri e estendi a mão

que logo alcançou, entrelaçando os nossos dedos.

— Está sim. Esse é Samuel, Sam esse é o Paulão.

Sam, educado como sempre, sorriu, mas pude ver uma sombra em seus olhos, mas que logo foi mascarada por sua educação impecável. Estendeu a mão e tombou a cabeça de lado.

— Desculpa por atrapalhar vocês, tive que trazer isso para a Priscila antes que a bomba explodisse. Aliás, você também aparece aí, é mencionado algumas vezes e pode te interessar.

Paulão aceitou o cumprimento, mas franziu a testa olhando para o que eu tinha nas mãos.

— Ah, é? E o que seria isso?

Franzi o nariz e estendi a revista infame para ele. Assim que pegou, começou a passar os olhos pela matéria e seu rosto foi se contorcendo de desgosto, Paulão balançava a cabeça e, então, se virou para mim.

— Mas isso é ridículo demais! Quanta estupidez, maldade e ignorância!

Dei de ombros e suspirei, queria ter lhe mostrado aquilo de outra forma, em outro momento, enquanto estivéssemos a sós e assim me explicar, ver se ele tinha se ofendido com aquele monte de coisas horríveis que diziam a seu respeito.

Eles tinham feito muito bem o dever de casa, pois tinham nos clicado em Petrópolis e até no bar com todos os nossos amigos e se referiam a eles como mais uma fase, como se não importassem e fossem de classe muito baixa para valermos de alguma coisa.

— Acho que vocês precisam conversar. — Só então percebi que Samuel ainda estava parado na porta do estúdio e parecia estar totalmente fora do lugar. — Eu volto outra hora para a gente se falar, ok?

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, que ele não precisaria voltar, por exemplo, Paulão arranhou a garganta chamando nossa atenção e olhava para mim com a testa franzida.

— Eu preciso ir, tenho que ajudar o Rodrigo na oficina, já fiquei tempo demais fora. — Acenou para Samuel e virou-se para mim, estendendo a revista.
— A gente se vê depois?

Engoli em seco, com o pânico por ele estar indo embora ameaçando me sufocar. Será que me culpava por ter tanta besteira sendo dita, principalmente sobre o nosso relacionamento.

— Claro! Te ligo, ok?

Ele assentiu, se inclinou, deu um beijo demorado em minha testa e se virou indo embora, levando consigo a minha tranquilidade.

— Acho que não cheguei em um bom momento, né?

Não sabia dizer, mas senti uma pontada de algo em sua voz e na forma como disse aquilo que me incomodou, olhei para Samuel e pisquei, tentando voltar à realidade. Ele chegou em um momento íntimo entre mim e Paulão, que talvez tivesse se tornado maior se não fosse sua presença. Sentia como se meu coração estivesse finalmente pronto, mas que tudo retornou ao início quando vi quem estava parado na porta.

Olhei para a revista em minhas mãos e, então, para ele.

— Tudo bem, agradeço por ter me avisado. Assim posso preparar os meus amigos antes que vejam isso tudo dessa maneira.

— Seus pais chegam hoje!

Assenti e respirei fundo.

— Eu sei. Parece que contrataram o mesmo investigador que você. Parece até combinado...

Estreitei os olhos e sorri amargamente. Não conseguia assimilar o fato de que ele me observava há semanas e que tinha contratado alguém para me vigiar. Mas o que eu imaginava, não conhecia mais aquele homem à minha frente nem ele a mim.

— Priscila...

Levantei a mão e o parei. Estava sendo intolerante e até infantil. Samuel e eu tínhamos uma história, em meu coração sentia que devia a ele alguma coisa. Uma explicação talvez, mas a verdade era que eu olhava para aquele homem e via o meu Davi. De alguma forma estranha queria estar perto dele, ao mesmo tempo que me doía estar tão perto. As lembranças que me trazia e o eco de suas últimas palavras ainda se repetiam em minha mente, fazendo com que meu coração se fechasse e o tratasse mal quando sabia que ele não merecia.

— Samuel, vamos começar de novo. De verdade te agradeço por me avisar, eu não deveria me surpreender quando fui eu a usar meu nome para ajudar uma pessoa. Só não esperava que tudo chegasse dessa forma, revirando tudo como um tornado.

— Eu entendo, você nunca gostou dessa exposição. Me lembro quando anunciamos o nosso noivado e você odiou que tenha saído em revistas e jornais do mundo todo.

Embrulhava-me o estômago só de lembrar desse detalhe. Foi uma loucura e não tive sossego por meses.

— Realmente, nasci na família errada. Mas agora eu vivo da maneira que sempre sonhei, sou cercada de gente boa que me ama e não merece uma palavra que foi dita nisso aqui. — Estava chateada com tudo aquilo e joguei aquela coisa no chão como se não suportasse mais segurar aquilo.

Ele sorriu, assentiu e colocou as mãos na calça do terno bem cortado.

— Eu queria saber se você teria um tempo para a gente sair, tomar um café, algo assim. Tenho algumas coisas que queria falar com você sobre Davi.

Não era uma boa ideia, não via nada de bom que poderia vir de passar mais tempo com Samuel, porém não conseguia dizer não para ele. O homem parecia tão derrotado, de uma maneira que nunca vi. Eu não tinha ideia do que poderia acontecer, mas me vi dizendo sim e marcando com ele de sairmos para jantar em poucos dias.



— *Você fez o quê, Priscila?!*

Precisei afastar o telefone da orelha e franzi a testa para o aparelho. Aquela situação normalmente era inversa e eu era a pessoa que gritava no celular, não Mileni.

Fiz uma careta, como se ela pudesse me ver e voltei a colocar na minha orelha.

— Leni, você vai estourar os meus tímpanos desse jeito.

— *Eu vou dar na sua cara, isso sim! Que merda é essa agora? Decidiu dar uma de maluca? Como você marca de sair com esse cara assim, depois de tudo que te fez sofrer?*

É, realmente a situação estava estranhamente invertida.

— Não é assim, Samuel não é um cara ruim. As coisas foram demais para todos na época e a gente tende a falar besteira nessas horas.

— *Minha bunda! — Gente, quem era aquela pessoa? — A gente fala o que temos vontade e usamos esses momentos para desabafar. Não me vem com desculpa besta. E o Paulão, Pri? Não pensou em como ele pode se sentir vendo você desfilando pelos restaurantes com seu ex?*

— Paulão levou numa boa quando o Samuel apareceu, amiga. Ele não irá se importar... Mileni, eu devia isso a ele. Preciso do seu apoio, por favor.

Pude ouvi-la xingando do outro lado, e voltou ao telefone com um suspiro longo.

— *Sei que esse é o trabalho de uma amiga, mas também é o de bater na sua cabeça quando você está prestes a fazer besteira. — Ela riu e eu também. — Pri, você não deve porra nenhuma para esse Samuel, ele foi alguém importante na sua vida, te marcou de forma boa, mas também de uma forma dolorosa. Você não o amou como uma mulher deveria amar o seu homem, o que ele lhe trouxe foi outro tipo de amor, ele te apresentou ao Davi, é o pai dele, e talvez por isso você não consiga desapegar. Mas me escuta, você não deve nada a esse homem! Não gosto dele sem nem conhecer, para mim ele está se aproveitando porque te conhece e sabe que irá se ver forçada a continuar a vê-lo porque tem esse*

coração enorme que não consegue ver os outros sofrerem. Mas novidade, amiga. Você não é responsável pelas dores do mundo!

Uau! Depois disso tudo, o que eu poderia dizer? Há pouco tínhamos vivido coisas parecidas e meu discurso tinha sido quase esse. Mileni era mais *lady*, nem tanto na verdade, mas ainda assim vivia um *déjà vu* que não era nada confortável. Mas é aquilo, é fácil você pensar e lidar com coisas que não aconteceram com você, é simples aconselhar quando não dói na própria pele.

— Você está bem? Digão está aí?

— *Está por quê?*

— Não, nada. — Talvez ele pudesse melhorar o humor dela... — Amiga, vou desligar porque meus pais estão prestes a chegar e estou nervosa.

— *Tá fugindo, né?*

— Sabe que sou expert nisso.

— *Priscila...*

— Amiga, não posso falar disso com você agora. Por favor, só esteja aí para quando precisar colar meus pedaços!

— *Sempre!*

— Essa é minha garota.

— *Me liga quando eles forem embora.*

— Pode deixar, te amo!

— *Eu também te amo, sua teimosa!*

Desligamos depois de mais um minuto de despedida e levei o aparelho junto ao peito, como se assim pudesse guardar aquele sentimento tão puro de Mileni para sempre. Mesmo com seu surto inesperado, ela disse coisas que me fizeram pensar. Será que eu estava projetando algo em Samuel e que ele estava se aproveitando disso por me conhecer bem? E Paulão, será que se incomodaria por

eu estar vendo Samuel?

Mas eu não sentia nada romântico ou sexual por Sam, era só como se precisasse estar com ele para finalizar aquela fase da minha vida. Já pelo Grandão... Meu coração parecia cantar cada vez que simplesmente pensava nele.

Comecei a arrumar a casa como se fosse uma viciada em organização, e na verdade era mesmo, porém naquele momento procurava algo para distrair a mente do reencontro com meus pais. A última vez que nos vimos não foi boa, estávamos todos sofrendo e temia ver nos dois a mesma decepção da outra vez.

Não demorou muito e ouvi a campainha lá do portão, eram eles. O tal detetive e os repórteres tinham feito um trabalho impressionante descobrindo até o meu endereço.

Respirei fundo e abri a porta. Quando vi os dois parados do lado de fora, olhando para mim com tanta saudade, me senti como se fosse uma garotinha novamente e só queria a aprovação deles, queria orgulhá-los, só queria o colo deles e que me botassem para dormir contando uma história de contos de fadas, de como seguir seus sonhos e não desistir do que te faz bem.

Talvez nós três tenhamos errado em algum momento, mas tínhamos ali uma nova chance de recuperarmos o que perdemos.



Capítulo 36

*Mas quando o coração não me enxergar
Vai te deixar louca de saudade, louca de saudade
O coração vai me desejar
E te deixar louca de saudade, louca de saudade
(Louca de Saudade – Jorge e Mateus)*

Paulão Lima

Uma semana inteira havia se passado desde o episódio no estúdio de dança. Uma semana sem vê-la. Uma semana que abri o meu coração. Uma semana que poderia dar início ao fim do meu tempo sem Priscila.

Eu sabia que ela estava bem, porque não parava de perguntar ao Rodrigo se ele sabia de alguma coisa, se Mileni tinha dito algo. Recebi mensagens de texto curtas, dizendo que estava atolada com Alice, que se apresentaria em dois dias e que estavam ensaiando quase o tempo inteiro, que estava lidando com os pais e que logo nos veríamos. Me disse que tinha conversado com Samuel e que ele ainda a estava procurando.

E só isso, nenhuma ligação, nenhuma palavra de que sentia minha falta quando eu parecia conhecer o significado de saudade só agora. Mesmo que tenhamos ficado separados várias vezes, nenhum desses momentos foi dessa maneira, agora eu sentia como se houvesse uma espada sobre a minha cabeça. Onde um movimento em falso poderia ser fatal.

Com o ex-noivo em campo me sentia como uma perna de pau, não sabia para onde correr, ou como dar o próximo lance. Não deveria me sentir menos por causa de outro homem que não deveria importar, porque era passado, mas infelizmente não era o que acontecia.

Jorjão quase me matou quando contei que tinha deixado ela no estúdio

sozinha com o tal Samuel. Ele e suas palavras dolorosamente verdadeiras:

— *Você deixou a mulher excitada com o ex? Porra, cara! Você é burro ou o quê?*

Eu apenas não lhe respondi porque, se dissesse a verdade, ele me internaria por ser tão idiota. Senti-me pequeno diante do que eles tinham. Eu e Priscila tínhamos uma tensão, atração sexual, paixão avassaladora, mas entre eles... havia intimidade, um passado, uma dor, uma perda que compartilhavam. Às vezes, isso era forte demais para superar qualquer coisa.

Em nenhum momento Priscila me disse o que sentia por mim, estava constantemente me alertando da possível dor que poderia sentir se ficássemos juntos. Que ela gostava de mim era real, mas isso meus amigos sentiam também, o que eu queria dela era mais. Mesmo dizendo o tempo todo que qualquer coisa era o suficiente, não era.

A verdade era que tinha me iludido e feito promessas que não poderia cumprir. Agora eu pagava o preço de ser um tolo por amar uma mulher que não me queria.

— Você não vai passar essa merda na minha cara!

— Mas, senhor, é preciso para não brilhar na câmera.

— Não me interessa, eu não vou passar essa porcaria!

Arqueei as sobrancelhas e caminhei até onde vinha a voz alterada do meu amigo. Quando cheguei ao camarim que tinham destinado para que Jorjão e Mileni se arrumassem, vi que ele estava encolhido num canto, enquanto uma moça jovem avançava em sua direção, com um pincel tentando passar maquiagem em seu rosto.

— O que tá acontecendo? — Não consegui esconder o humor em minha voz, só queria ter uma câmera para filmar aquilo.

Quando Jorjão me viu pareceu aliviado e se esgueirou da mulher vindo até mim, que devia ter metade do tamanho dele, mas que parecia assustá-lo como se fosse o demônio.

— Me leva daqui, Paulão. Não fui feito para isso, ela quer me passar maquiagem, porra! — Escondeu-se atrás de mim e revirei os olhos.

Não resisti e ri daquela situação, a moça tentava não rir e balancei a cabeça levantando o dedo para que ela esperasse um minuto. Virei-me para o meu amigo que usava um roupão preto e tinha os cabelos moldados com alguma coisa melequenta e que deixava sem movimento algum.

— Qual o problema, Jorjão?

— Qual o problema? Porra, *brother*. Não vou ficar melando a cara desse negócio, né?

— Por que não? Os atores fazem isso o tempo todo.

— Mas eu não sou ator, caralho! Já passaram essa bosta no meu cabelo. — Raspou a mão por seu cabelo, que não se movia. Olhou para mim e franziu o nariz. — É tudo culpa da pirralha.

Só faltava o homem sair pisando duro como uma criança birrenta.

— Jorjão, se você não passar isso vai só adiar o inevitável. Thays vai vir aqui, vocês vão brigar e você vai ter vontade de beijar a garota. Vai se culpar por se sentir dessa maneira e me perturbar com conversas chatas por semanas a fio.

Ele revirou os olhos porque sabia que eu tinha razão. Sua novela com Thays estava se prolongando de uma forma que a audiência estava até caindo.

— Tá bom, você tem razão. Porra, velho, eu vou sair daqui sem a minha masculinidade, você vai ver. Não conta para os caras, tá?

Tão dramático e exagerado, como se passar uma porra de maquiagem na cara o tornasse menos homem. Assenti e o deixei com a pobre da moça, que sorriu quando o viu se sentar na cadeira e encostar a cabeça de má vontade, como um menino mimado que não queria ir ao dentista. O comercial estava pronto para ser gravado e seria estrelado por Mileni com Jorjão como o mecânico *delivery*. Depois fariam uma montagem com o slogan do nosso novo projeto.

Eu achava que seria uma coisa muito boa, chamaria a atenção, mas nada se comparava a ver o machão do Jorge Luís sendo maquiado. Claro que Rodrigo e

Diego não perderiam essa.

Pelo canto do olho vi os dois se aproximando e sorri para os meus amigos enquanto eles cobriram a boca para não rir alto. Diego tirou o celular do bolso e tirou uma foto.

— Os caras do futebol vão amar ver isso amanhã!

— Ele vai te matar!

Diego deu de ombros e olhou para suas irmãs que estavam um pouco longe de nós acertando detalhes sobre a gravação do comercial.

— Ele me deve por ficar olhando minha maninha como o lobo mau.

Arregalei os olhos e o encarei. Rodrigo arqueou as sobrancelhas e balançou a cabeça.

— Você já sabia?

— Quem não sabe, cara? Os dois parecem que vão se devorar a qualquer momento.

— E não se importa?

— Me importar? Que diferença isso faz? Thays é maior de idade e sabe o que faz. Não é uma menina ingênua, tenho pena é desse daí se pisar na bola. O que eu acho que está prestes a fazer.

Uma piscada e perdemos grandes momentos do capítulo que se seguiu com a maquiagem do nosso amigo. Jorjão já não brigava com a moça e sim flertava com ela. Ele estava com a ideia fixa que precisava encontrar alguém que o fizesse parar de pensar na menina que o tirava do sério. A meu ver, ele tinha escolhido um momento péssimo para isso, sem falar no lugar.

Quando o malandro terminou de jogar seu veneno para a garota, que agora parecia encantada, se voltou para nós com um sorriso enorme, de orelha a orelha. Parou a nossa frente com os braços cruzados e aquela cara de bobo.

— Que foi?

Não sabia se era uma boa ideia perguntar, mas não conseguia resistir a ouvir que besteira ele tinha para falar.

— Vou sair com a moça hoje!

— Você não estava fugindo dela?

Deu de ombros e olhou para trás, a mulher nos olhava, ou melhor, olhava para ele com desejo.

— Ela tem mãos macias e uma voz sedutora. — Como se isso explicasse tudo. Ele balançou a cabeça como se estivesse conversando consigo mesmo e desviou de nós. — Vai ser bom!

Caminhou em direção ao cenário montado e retirou o roupão. Quando vimos a roupa que vestia por baixo, não conseguimos mais nos segurar e caímos em uma gargalhada sonora e nos apoiamos um no outro para não cairmos sentados no chão de tanto rir.

Jorjão usava um macacão sujo de graxa aberto e caído sobre os quadris, estava sem camisa. Bem estereotipado, o tal mecânico dos filmes pornô.

— Porra, imagina se a gente usar essa merda no trabalho! — Rodrigo não se aguentava e estava chorando de tanto rir.

Jorjão nos olhou e mostrou o dedo do meio. Logo ele puxou o macacão, enfiando os braços nas mangas e o fechou. Ah, então ele tinha aberto aquela porra de propósito? Olhei para Thays, que observava a cena, e seu showzinho parecia ter surtido efeito.

Agora com o figurino correto não estava tão ridículo.

Depois desse incidente, as coisas deram certo. O comercial foi sendo gravado em meio a cortes, risos e por fim tínhamos tomadas o suficiente para o pessoal da edição trabalhar. O nosso amigo, apesar de tão zoador, levava jeito para a coisa. Apesar de não ter fala alguma, ele agia naturalmente e parecia ter sido feito para estar à frente das câmeras.

Diego foi embora depois que recebeu uma mensagem de um produtor que queria acertar detalhes sobre uma série que Mileni estava estudando trabalhar.

Rodrigo foi procurar sua mulher e eu me encostei do lado de fora do camarim para esperar Jorjão, que deveria estar se trocando.

Estava olhando o celular e a foto que Diego tinha me mandado do Jorjão, ele estava espalhando para todos os nossos amigos e vi que aquilo era uma vingança pelo malandro estar de olho na princesinha.

E foi quando ouvi a voz dela.

— Você saiu com ele de novo?

Era Mileni falando. Como ela estava ali se Digão a procurava pelo estúdio, para que fossem embora? Encostei a orelha um pouco mais próximo a porta.

— Sim, ele queria conversar.

— De novo? O que esse cara tem tanto para falar, Priscila?

— Leni, são seis anos sem nos ver. Temos muito o que resolver, a nossa história é mais do que apenas dar as costas e que eu o dispense assim.

— Você está cometendo um erro, amiga.

Escutei um suspiro profundo de Priscila e dei graças por elas falarem alto.

— Espero que não!

— E o Paulão?

Ela ficou em silêncio e meu coração batia descompassado esperando. Eu não deveria estar ali ouvindo a conversa das duas, mas não consegui fazer os meus pés se afastarem. Ouvir outra pessoa falando de você sem que ela saiba pode ser bom, mas também pode ser a pior coisa do mundo.

— Ele vai entender. Tem que entender, sabe do meu passado e não menti para ele sobre nada e além do mais não te...

Senti minha boca secando, meu coração batia acelerado e comecei a me afastar, não podia ouvir mais, já tinha sido o suficiente para saber ao que ela se referia. Vi que Jorjão não estava no camarim como pensei, mas sim ao lado da

maquiadora. Quando me viu se aproximou preocupado.

— O que foi? Parece ter visto um fantasma!

Balancei a cabeça e respirei fundo.

— Não foi nada! Pronto para ir?

— Eu vou sair com a Josi.

Olhei para a moça, que falava com algumas amigas, e vi Thays do outro lado do estúdio.

— Tem certeza?

Não, ele não tinha. Em seu rosto podia ver isso, mas meu amigo era teimoso e deu de ombros.

— Tenho! Amanhã a gente se vê no campo?

Assenti e o vi se afastando, Jorjão se virou e começou a andar de costas.

— A Priscila está aí, vê se conversam.

O que eu faria era totalmente o contrário. Ela estava claramente dividida e eu podia facilitar para ela. Tem momentos que a gente cansa de ser compreensivo, cansa de tudo.

Saí daquele lugar decidido a me afastar e tentar de qualquer forma arrancar aquela mulher do meu coração, porque a verdade era que eu nunca estive no dela.



*Eu faria tudo pra não te perder
Assim!*

*Mas o dia vem e deixo você ir
Eu faria tudo pra não te perder
Assim!*

Mas o dia vem e deixo você ir

(Deixo – Ivete Sangalo)

Priscila Marins

A repercussão daquela nota trouxe mais dores de cabeça para mim do que previ.

Essa exposição me incomodou, as palavras que eram ditas com o meu nome e a respeito do meu trabalho me deixaram furiosa. Por isso fui obrigada a não aceitar novos alunos até que as coisas se acalmassem. O que de certa forma foi um ponto a favor, pude focar em Alice e sua apresentação iminente. Com a bagunça, a companhia de dança decidiu adiantar o teste, talvez quisessem se aproveitar do auê da mídia e também colocar o nome deles em alta. Ou estavam com medo de outra companhia de dança se interessar pela pupila de Priscila Yamashita.

Em uma semana que tinha saído aquela matéria me vi esquivando de repórteres e não consegui tempo para mais nada, estava tudo uma bagunça, com a chegada dos meus pais então, as coisas apenas pioraram.

Eles pareciam diferentes de quando eu parti, mais velhos, cansados e loucos para recuperar o tempo que perdemos estando longe. Suas palavras de carinho mexeram um pouco comigo, confesso. Até me senti mal com algo que minha mãe me disse, que eu não dei chance para ninguém se arrepender. Mas, enfim, não dava para mudar o que estava feito. O melhor para todos era seguir em frente a partir dali.

Eu deveria dizer isso em frente ao espelho milhares de vezes, porque não seguia meus próprios conselhos. Ainda vivia presa ao passado, deixando que ditasse meu presente e fizesse parte do meu futuro.

Acabei me distanciando de todos, disse a mim mesma que não era por nada de mais e sim porque estava atolada de compromissos e pessoas que solicitavam a minha atenção.

O que não queria dizer que eu fugiria por muito tempo. A vida bate na nossa porta hora ou outra para cobrar atitudes das quais, às vezes, não estamos prontas para ter.

Estava em meu estúdio repassando a coreografia com Alice quando recebi a mensagem da amiga que estava prometendo arrancar a minha cabeça.

Mileni: Se você não aparecer aqui agora pode esquecer que eu existi. Hoje é o dia da gravação do comercial dos meninos. Não sei se você esqueceu, mas Paulão faz parte da sua vida.

Senti um frio na barriga, não tinha percebido o quanto estava negligenciando todos a minha volta até aquele momento. Não tinha falado com Paulão em nenhum daqueles dias, salvo algumas mensagens curtas, estava com a cabeça tão cheia, que me esqueci completamente de ligar para ele quando prometi fazer e aquilo dizia mais sobre mim do que qualquer outra coisa que pudesse usar para explicar essa falha.

Olhei para Alice que fazia uns exercícios de alongamento, sabia que ela precisava de mim, mas a garota já estava incrível e poderia dar conta sozinha.

— Alice, se eu sair por algumas horas você vai ficar bem aqui sozinha?

Ela parou o que estava fazendo e virou-se para mim, franziu o cenho e assentiu.

— Claro, Pri!

— Maravilha! — Dei um pulo e peguei minha bolsa, as chaves do carro e retirei do molho a do estúdio. Estendi para ela e sorri. — Não pretendo demorar, mas se der sua hora pode ir e nos encontramos amanhã.

— Você vai encontrar o Paulão, né?

— Como você sabe?

Ela deu de ombros, andou até onde sua bolsa estava pendurada e colocou a chave do estúdio lá dentro. Voltou-se para mim sorrindo.

— Você fica mais leve quando encontra com ele. Sei lá, parece tranquila. Não fica como uma pilha de nervos como tem sido essa semana. — Ela arregalou os olhos como se fosse revelar algo escandaloso. — Você tem sido como uma general no exército essa semana.

— Ah, espertinha. Então acha que estou uma pilha? — Era bom vê-la tão à vontade comigo que tinha a liberdade de brincar, mas a garota estava falando com a rainha da zoeira. — General, né? Espera só pra ver o que vou fazer com você amanhã, Alice.

Saí de lá deixando a menina com seus pedidos de desculpas exagerados e risadas felizes. Meu coração estava acelerado, estava com medo de ter estragado tudo não só com Paulão, mas com minha amiga e todos que eram importantes para mim.

Tinha construído uma vida com aquelas pessoas, que eram como minha família, não imaginava magoá-los por estar tão focada em me redimir.

Corri pelo trânsito louco e caótico do Rio de Janeiro e era nas horas que mais precisava que tudo ficava parado. O comercial já devia estar sendo terminado e com a minha sorte chegaria lá quando tivessem ido embora.

Mas, graças a algum milagre, depois de cinco minutos, tudo começou a fluir e quando enfim consegui chegar ao estúdio de gravação, percebi que quase tinha me atrasado demais. Não perdi tempo fazendo cena, encontrei Rodrigo falando com alguém e o abordei sem cerimônia.

— Cadê a Mileni?

— Olha, quem é viva sempre aparece. — Esse *Big Mac* estava tão engraçadinho. Estreitei os olhos para ele, que sorriu. — Acabaram de me falar que está no camarim.

— O Paulão tá aqui?

— Está sim!

— Ótimo, não deixa ele ir embora sem antes falar comigo.

— Tudo bem.

Havia algo estranho no jeito do Rodrigo olhar para mim, como se estivesse se contendo para não falar alguma coisa. Mas não tinha tempo de pegá-lo pelo colarinho e fazer com que soltasse a língua.

Prioridades!

Disparei até o camarim e abri a porta, Mileni estava sentada de frente para o espelho retirando a maquiagem. Ela me viu, olhou-me do mesmo jeito que Rodrigo e voltou-se para o espelho. O que estava acontecendo?

— Oi!

— Oi, né? Por onde você andou?

Revirei os olhos, já ia começar os dramas. Andei até ela e me sentei do seu lado, encarando-a pelo espelho.

— Você sabe, com a Alice, meus pais. As coisas simplesmente saíram do controle. — Ela olhou para mim daquele jeito de novo. — O que está acontecendo, Mileni? Por que você e Rodrigo estão me olhando assim?

Minha amiga não respondeu de imediato, fez questão de me deixar esperando e fiz uma careta, mostrando a língua para ela. Como sabia que Mileni iria me dar o castigo do silêncio até terminar o trabalho de retirar a maquiagem, eu me levantei, fui até o outro lado pegando um refrigerante no frigobar.

Assim que terminei de beber, ela terminou se tratamento de silêncio, se virou no banquinho e cruzou os braços.

— Você saiu com ele de novo?

Naquele tempo de amizade, nunca vi minha amiga me olhando daquele jeito,

com recriminação em seus olhos, falando comigo com aquela voz dura. Sabia a quem ela se referia, porque, quando lhe contei que Samuel queria conversar, ela surtou.

— Sim, ele queria conversar.

— De novo? O que esse cara tem tanto para falar, Priscila?

— Leni, são seis anos sem nos ver. Temos muito o que resolver, a nossa história é mais do que apenas dar as costas e que eu o dispense assim.

— Você está cometendo um erro, amiga.

Não sabia se estava ou não, mas o fato era que eu não conseguia negar para Samuel um tempo da minha vida, quando sabia de tudo que ele sofreu em todos esses anos com a perda do filho. Eu estava ali e vi como foi difícil, nós dividíamos aquilo e, como ele disse, ninguém o entendia como eu.

— Espero que não!

— E o Paulão?

Franzi a testa e desviei o olhar, eu sabia que estava em falta com ele. Que talvez não estivesse sendo justa, mas eu gostava do cara e ele era tão incrível, conhecia toda a história que me machucava e eu tinha fé que ficaríamos bem. Afinal, foi a primeira pessoa em anos que fez com que o peso que eu carregava fosse um pouco aliviado.

— Ele vai entender. Tem que entender, sabe do meu passado e não menti para ele sobre nada, além do mais não tenho nada que esconder, Mileni. Estou só dando uma força para um amigo que ainda passa por momentos difíceis. Você sabe como é carregar essas coisas sem a ajuda de ninguém.

Ela estreitou os olhos e assentiu sabendo que eu me referia ao tempo que se culpou por causa de Bento, independente das vezes que eu lhe disse para parar de palhaçada. Só quando encontrou Rodrigo que percebeu que, se não deixasse o passado lá atrás, iria perder o que a vida poderia lhe dar de melhor. E, provavelmente, era essa a sua preocupação.

— Eu vou procurar ele por aí e chamar para a gente conversar, ok? Sei que

estou em falta com todo mundo, logo Sam vai embora e tudo volta ao normal.

Mileni se levantou do banquinho e andou até mim, com os braços abertos à procura de um abraço. Claro que me joguei, recebendo seu carinho e apoio, mesmo quando ela queria me internar em um hospício por estar sendo tão cabeça-dura, era a melhor amiga do mundo.

— Amiga, só não deixa isso tudo te atropelar. Você não deve nada a esse cara. Sabe disso, né?

— Sei. — Aquilo não soou convincente nem para mim.

Mileni riu e se afastou, deitou a cabeça de lado e apontou com o queixo para a porta fechada.

— Agora vai lá que o Paulão anda meio tristonho ultimamente, algo me diz que está precisando de carinho e atenção. Sabe que o Grandão é igual rapadura, né?

E senti aquele frio na barriga de novo, o medo de ter estragado tudo rondava a minha cabeça e não podia esperar mais.

— Eu vou! Te amo!

Ela piscou e ficou olhando eu sair do camarim, mas chamando meu nome antes de eu fechar a porta.

— Sim?

Ela passava o lenço no rosto e sorriu de uma forma enigmática.

— Vai ter uma festa de Natal na casa do Estevão, quero te ver lá. Tenho uma surpresa!

— Guarda meu lugar na espreguiçadeira.

— Já é seu, agora vai!

Sem demora corri e, quando voltei para o estúdio, parei no meio dele e o procurei com o olhar, não o encontrando em lugar algum. Droga, Digão disse

que ele ainda não tinha ido embora!

Avistei Jorjão se preparando para sair com uma garota a tiracolo, de longe pude ver Thays observando a cena, parecendo chateada e até magoada.

Corri até ele e o chamei. Jorjão parou e virou-se, com a testa franzida.

— Ainda tá aqui?

Nem sabia que ele tinha me visto quando cheguei, mas também com a pressa que estava.

— Você viu o Paulão?

Fez uma careta e levou a mão à nuca, como se pensasse no que diria. Por que estavam todos agindo daquela forma?

— Ele foi embora, Priscila.

— O quê? Eu não cheguei nem cinco minutos e Rodrigo falou que ainda estava por aqui.

— Acabou de sair... — Respirou fundo e deu um sorriso sem graça. — Pri, sei que não tenho nada com isso. Que as coisas que vêm acontecendo entre vocês não é nada sério, que você está interessada apenas em algo casual, mas vê se não brinca com os sentimentos do cara. Ele não é como qualquer homem, Paulão é sensível e se machuca com facilidade. Já vi isso acontecendo e não é bonito. E, dessa vez, as coisas tomaram proporções maiores para ele, será mais difícil de superar. Sei que ele lhe disse ser capaz de se satisfazer apenas com o que estão tendo, mas eu conheço o cara há muitos anos e sei que Paulão não é capaz de levar tão fácil, em algum momento ele irá querer mais e vai doer se não puder ter. Mas, enfim, eu não tenho nada com isso. Se você correr, pega ele no estacionamento. A lata velha anda dando problema e não liga com facilidade. Vou nessa que tenho compromisso.

Acenou com a cabeça e se afastou. Assenti, absorvendo tudo o que ele disse de uma vez só. Era doloroso ouvir aquilo tudo, principalmente a parte de que o que tínhamos não era sério e insinuando que eu estava lidando com o sentimento do amigo dele de forma leviana.

Corri pelo estúdio e, como ele disse, Paulão ainda estava no estacionamento tentando fazer com que o fusca pegasse. De longe, eu o observei e realmente o homem não estava como eu estava acostumada a vê-lo. Com o semblante relaxado, o sorriso doce no rosto. Mesmo de onde eu estava dava para ver que parecia cansado e até mal-humorado, batia no volante com raiva quando o carro não pegava, e isso queria dizer muito pelo amor que sentia pelo veículo.

Como se as palavras de Jorjão fizessem eco em meus ouvidos, me forcei a permanecer no lugar, vendo-o insistindo até conseguir ligar o carro, dando ré e se afastando. Eu não sabia ao certo o que estava acontecendo, o motivo de estar tão diferente do homem que conhecíamos, mas desconfiava que era por minha causa que estava daquele jeito.

Não foi uma boa sensação aquela, mas eu não poderia deixá-lo daquele jeito, fazer o que eu estava fazendo com um homem como ele não era legal. Por esse motivo, decidi resolver tudo o que estava tomando muito de mim e aí sim procurá-lo para que resolvêssemos o nosso relacionamento.

Só esperava não ser tarde demais e perder a tal da chance que a vida nos dá e que tantas vezes deixamos passar por bobagens, como se sentir em dívida com alguém.



Capítulo 38

*Os dias passam devagar
A noite me diz que você não vai voltar
Os móveis saem do lugar
Eu corro o mundo e não consigo te alcançar...*
(Porta aberta – Luka)



Priscila Marins

Eu senti a falta dele!

Nos quatro dias depois de vê-lo saindo do estacionamento, e que me afastei por completo, percebi o quanto Paulão já fazia parte da minha vida. Mesmo que não estivesse presente em corpo, sabia que podia contar com ele a qualquer momento. Tinha a certeza em meu coração que se precisasse contaria com seu carinho, suas palavras de conforto para me acalantar, o toque de sua mão em minha pele fazendo com que esquecesse do resto do mundo, o sabor de seus lábios que me faziam lembrar de como era bom ser amada.

Dei-me conta de outras coisas também; o quanto estava sendo egoísta mantendo-o perto de mim, quando não tinha certeza se poderia corresponder ao sentimento lindo que aquele homem maravilhoso oferecia para mim com tanto fervor.

E vinha constantemente à minha memória lembranças de nós dois, dos momentos que passamos juntos, da forma como ele me tratava, como falava comigo com carinho e a forma que ouvia as minhas ladainhas com interesse e cuidado. O tato como lidou com o que me machucava. Como ele era compreensivo, doce e apaixonado. Como se entregava de coração aberto, a forma que sorria e como ficava sexy com aquelas bandanas coloridas na cabeça.

Paulão era o careca mais lindo, perfeito... o grandão com o coração ainda

maior. E eu? Era uma idiota por não ter percebido isso antes de magoá-lo.

Com isso, decidi que tinha que me afastar. Dar um tempo, lidar com o que quer que Samuel ainda tinha para falar, só então tentar abrir o meu coração para uma nova oportunidade. Virar de vez aquela página da minha história para que novos capítulos pudessem ser escritos.

Por falar em capítulos, meus pais se instalaram na minha casa há dois dias dizendo que precisávamos nos conectar novamente. Como me neguei a dormir em um hotel, eles decidiram que seria legal se hospedarem comigo.

Teria sido bom, se minha mãe não desse uma de louca da arrumação. Coisa que nunca imaginei que ela fosse. Perdi a conta das vezes que precisei recolocar algo na minha estante que ela tinha ajeitado por tamanho, cor e tipo; livros e enfeites.

As coisas que vinham acontecendo estavam me deixando estressada e acreditava que não ficaria mais fácil. Ainda tinha o maldito encontro com Samuel naquela noite e por isso eu acreditava estar naquele estado catatônico querendo enxergar para onde a minha vida tinha se encaminhado.

Já tinha tomado banho e trocado de roupa após o ensaio com Alice, estava sentada em minha cama, olhando para a estante toda organizadinha e franzi a testa. Nem se parecia mais com a minha casa. Estava mais para um *déjà vu* de minha adolescência onde eu não podia errar em nada.

Uma batida na porta me fez levantar os olhos e vi minha mãe pela fresta aberta. Ela sorria como se pedisse para entrar.

— Oi, mãe! Entra!

Cheguei para o lado, mesmo que ainda tivesse muito espaço no colchão. Era mais um gesto automático, minha mãe se sentou ao meu lado, enganchou um braço no meu e olhou para a estante.

— Fiz um bom trabalho, não? A sua estante da sala estava pior, menina. Precisa ser mais organizada.

Podia ouvir em sua voz que ela falava sério. Como dizer a minha mãe, que não via direito há tantos anos que tudo na minha vida havia mudado e que estava

tudo do jeito que eu gostava sem que ela se ofendesse? Bem, talvez dizendo exatamente assim!

— Mãe!

Ela se virou para mim, e parecia diferente da mulher que chegou no meu portão há uma semana. Seus olhos estavam mais brilhantes, o rosto mais relaxado, ela parecia leve. Como se houvesse se desfeito de um peso. Minha mãe era brasileira, nascida em Minas Gerais, tinha conhecido o meu pai ainda na adolescência; ele, filho de orientais e herdeiro de uma grande fortuna, sonhador e galante, havia conquistado ela com seus modos educados e sonhos de um futuro maravilhoso. De uma moça de família humilde, Renata Marins tinha se tornado uma mulher de negócios competente e brilhante. Mas sempre havia uma trava em seus modos, como se estivesse constantemente se esforçando para se manter na linha.

— Quero te dizer uma coisa, mas não fique chateada, ok?

Ela arqueou as sobrancelhas perfeitamente desenhadas, mas ainda com um sorriso no rosto.

— O que foi, Priscila?

— É isso. — apontei para a estante. — Não está com a minha cara. Não sou eu essa organização toda. Meus livros ficam arrumados do jeito que eu gosto, empilhados por preferência, talvez editora, autores, ou até os que mais gosto ou não. Agora está uma bagunça, não consigo nem ter vontade de lê-los.

Minha mãe piscou os olhos e voltou a observar a estante, até o meu quarto, cuidadosamente arrumado.

— Mas, filha, com a organização é bem mais fácil de encontrar as coisas. Sempre foi uma menina avoada, com a cabeça nas nuvens, se souber onde está tudo certinho, consegue produzir melhor.

Engraçado como a maturidade ensina a gente, se fosse há alguns anos eu estaria batendo de frente entrando em uma discussão que não nos levaria a lugar algum e que acabaria nos machucando. Via com mais clareza como fazê-la entender que ser sua filha não queria dizer que precisava ser como um reflexo dela.

— Eu consegui produzir muito bem esses seis anos dessa maneira, mãe. Eu amadureci, aprendi com os erros e encontrei a minha forma de ser feliz. — Olhei em volta. — O que você chama de falta de organização, eu vejo como a minha vida, não preciso ser igual a senhora para ser feliz, bem-sucedida. Acho que sempre precisei ser só eu, não?

Sabia que ela travava uma batalha, para Renata Marins Yamashita, se não houvesse regras, cronogramas, horários e organização nada funcionava. Era como ela conseguia tocar em ser uma empresária, esposa, mãe e uma mulher incrível. Mas eu nunca quis aquilo, e mesmo eles sabendo disso, e passado tantos anos, parecia que ainda esperavam pelo momento em que eu assumiria meu posto na companhia.

Mamãe franziu a testa e olhou para mim.

— É isso, né? O que sempre fizemos. Querer transformá-la em uma versão de nós mesmos?

— Sim, mãe!

— Deus! — Ela se levantou e andou até a janela, observando o pequeno jardim que eu cultivava na minha casa. — Sempre lutei contra isso, de querer me tornar alguém que eu não era. Ter minha família sempre humilde e feliz por isso, entenda, não é errado. Porém, sempre quis mais. Ser dona do meu próprio negócio, ter meu dinheiro e viajar por lugares que nunca nem soube os nomes. Quando conheci seu pai fiquei dividida, minha mãe dizia que eu estava com ele só por interesse. Mas não era, ele me apresentou um mundo que nem imaginei, me conquistou com seu jeito impecavelmente educado. — Deu de ombros sorrindo e virou-se para mim. — Não foi só você que apareceu nas manchetes de revista. Quando noivamos fui tachada como uma aproveitadora e que logo daria o golpe da barriga, por isso esperamos um tempo até ter você. Lutei contra a minha vontade de não me importar com o que diziam e simplesmente seguir os meus sonhos. E o que eu faço? Exatamente isso, tento te transformar em alguém que não é por medo de que você sofra o que eu sofri. Sinto muito, filha!

Ouvir tudo aquilo para mim era novidade, meus pais nunca mencionavam o passado. A família da minha mãe não mantinha contato e não entendia o porquê, agora tinha uma ideia. Eles não aceitavam quem ela havia se tornado, mas era quem ela era e mudar isso para ser aceita, mesmo pela própria família, seria

como se renegasse a si mesma.

Com um suspiro me levantei, parei de frente para ela e peguei suas mãos nas minhas, sua pele era tão macia e bem cuidada, as unhas perfeitas e bem pintadas. Minha mãe era como as pessoas chamariam de perua socialite, e mesmo com o tanto de compromisso, trabalho e obrigações sempre foi carinhosa, ainda que quisesse que eu alcançasse expectativas inalcançáveis.

— Eu entendo de verdade, mãe! Eu só não quero mais perder nada, tempo, pessoas que amo, oportunidades. Eu construí uma vida e sou feliz, mas não percebi que estava mais uma vez me afastando por medo de não corresponder, de estar incomodando ou sobrando. Então, não vamos perder nem mais um segundo. Podemos recomeçar daqui? — Sorrindo, olhei para o quarto. — Está tudo lindo, mas não é o meu jeito. O que acha de conhecer a outra parte da minha família nesse final de semana? Podemos marcar um churrasco e te apresento a pessoas que são especiais para mim. Pessoas que me amam, que me acolheram e que até acho que me admiram. Olha que louco!

— Como você é bobinha, sempre foi muito modesta. Você tem esse coração enorme, que está sempre pronto para ajudar a qualquer pessoa que precise. Tem até a coragem de deixar alguém que ama porque acha que ele será mais feliz assim. E esse foi um dos meus medos, que você se machucasse de uma forma que não teria conserto, queria que fosse mais dura, fria. Mas você é puro amor, Priscila! Não há uma pessoa sã nessa terra que te conheça e não se apaixone por você no mesmo instante.

Estava emocionada de uma forma que achei que nunca me sentiria. Ter sua aprovação, ouvir aquelas palavras eram mais importantes do que eu imaginei. Embora digamos a nós mesmos que não faz diferença, mãe é mãe. E saber como ela pensava encheu o meu coração de alegria.

— Está bem, mãe! Vamos parar com esse papo do coração, senão vou borrar essa *make mara* que fiz. Essa beleza natural demora horas para ser feita.

Minha mãe sorriu e levou a mão ao meu rosto, passando os dedos pelo contorno do meu maxilar.

— Sempre foi linda, minha menina! Mas vou deixá-la ir. Quando voltar, seu quarto vai estar a sua bagunça original, ok?

— Não precisa fazer isso, coloco esse lugar do meu jeito rapidinho.

— Eu quero, menina. Aliás, seu pai está me deixando louca. Não imaginei o quanto de tempo que o homem não via TV. Cismou com aquele programa de culinária e quer testar todas as receitas. Deus!

Ela tinha os olhos arregalados e sorri dos dois, que pareciam estar se conhecendo novamente depois de tantos anos juntos. Afastei-me dela e peguei a bolsa em cima da cadeira.

— Te amo, mãe! Obrigada por estar aqui!

— Também te amo, querida. Manda um beijo para o Sam. Diz que estamos com saudades.

Notei certa coisa em sua voz e a forma que ela falou, mas não dei atenção. Estava atrasada, tinha combinado com Samuel de encontrá-lo no restaurante. Queria ir com meu próprio carro para não ter o constrangimento de ficar em um lugar apertado com o homem que não via há anos e de quem eu mais fugi na vida.

Passei pela sala e ri ao encontrar meu pai assistindo o programa de culinária, anotando em um bloquinho de borboletas uma receita nova para o seu novo hobby.

Apesar da saudade que sentia de Paulão, tinha fé de que aquele seria o dia que resolveria as coisas. Colocaria todos os pingos nos “is” e poderia retomar tudo em minha vida.



Capítulo 39

*Ôuô, cê que sabe, amor
Se a gente fica junto ou dá um tempo
Mesmo assim eu te espero, eu te espero
(Cê que sabe – Cristiano Araújo)*



Paulão Lima

Como você sabe se alguém é seu amigo?

Para mim, é quando a pessoa não tem medo de falar algumas verdades bem na sua cara, porque sabe que você precisa ouvir aquilo e porque também tem certa intimidade e abusa da confiança. É aquilo que dizem mesmo: *dê dinheiro, mas não dê confiança*.

Deveria ter seguido esse conselho à risca... Assim, talvez, não precisasse dar satisfações da minha vida para ninguém.

Estava há tempos tentando fugir de Jorjão e Rodrigo, que pareciam estar às raias de uma nova intervenção. Aquilo estava ficando repetitivo demais para o meu gosto. O dia todo, desde que tinha entrado na oficina, eles me rodearam, maldito dia para fazer serão, estava de saco cheio dos dois olhando para mim com aquelas caras de que estavam com algo entalado na garganta e precisavam colocar para fora.

Já sem paciência, larguei tudo no chão, o que fez um barulho irritante de ferro batendo e chamou a atenção dos dois.

— Que merda tá acontecendo com vocês ultimamente? Será que dá para pararem de ficar me rodeando igual duas galinhas chocadeiras? Não estou aguentando esses olhares de tia mexeriqueira, não.

Já que toquei no assunto, os dois engraçadinhos esticaram a coluna como dois pavões e eu parecia viver um *déjà vu*. Cruzaram os braços, ficaram lado a lado e me olhavam como se eu fosse uma criança teimosa.

— Olha, sabemos que você está sofrendo e se sentindo um bosta, mas acho que está cometendo um erro e que vai se arrepender. — Jorjão era o mais sincero e tinha as palavras certas para fazer a gente enxergar literalmente as coisas, só que daquela vez eu não tinha ideia do que ele se referia.

— Não sei o que está falando, cara! — Olhei para Rodrigo que encarava o nosso amigo com o cenho franzido, como se tentasse entender também, mas entender aquele cara era uma tarefa bem árdua.

Jorjão revirou os olhos, descruzou os braços e se aproximou, envolvendo os meus ombros e batendo em minhas costas. Nós três tínhamos quase a mesma altura, eu era um pouco maior e mais forte, o que deixava aquela cena ainda mais estranha.

— Sobre Priscila, mano!

Senti meu coração dar uma falhada ao ouvir o nome dela, era como se invocasse todos os sentimentos que eu tentei ignorar por dias. Olhei para o meu amigo e franzi o nariz, tentando assim distrair a minha mente.

— Mano?! Com quem você tá aprendendo a falar desse jeito, cara? Tá ficando muito na internet, hein! — Claro que eu estava tentando mudar o rumo daquela intervenção e virar para ele, que tinha muito o que nos dizer também.

Jorjão deu de ombros e sorriu, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

— A Josi fala assim.

— Anda saindo muito com a maquiadora, né? Já esqueceu a princesinha?

Ele estreitou os olhos e me analisou de pertinho. Droga, tinha sido pego ao tentar desviar a atenção de mim e tudo o que envolvia Priscila.

— Não é de mim que estamos falando, Paulão! É sobre você e a rebelde. Te conheço e sei que está tentando mudar de assunto. Fala pra ele, Digão!

Respirei fundo e olhei para o Rodrigo em busca de ajuda, mas o filho da mãe estava de acordo com aquela palhaçada, tinha uma expressão bem séria e me encarava com atenção.

— Nosso amigo tem razão, irmão. Isso não pode continuar, quase que não parece mais você. Tem que resolver isso...

Estava parecendo uma criança levando uma bronca, encolhida num canto para confessar suas travessuras. Sentia tudo se transformando em uma bola de neve, crescendo, duplicando de tamanho a cada respiração. As palavras que eu disse a ela voltavam para mim como um tapa na cara, eu não fui capaz de cumprir com a minha promessa.

— O que vocês querem saber? Querem que eu diga que sinto a falta dela a cada minuto do meu dia e que, quando durmo, meus sonhos são repletos de sua imagem, seu toque, suas risadas e os momentos que passamos juntos se repetem como um *looping* magoando o meu coração? Que sinto aqui dentro... — bati do peito com a mão aberta — o quanto a amo e sei que não haverá nenhuma outra como ela em minha vida? Que eu deveria deixar os dois panacas aqui e ir até lá e dizer isso tudo na sua cara e que não aceito menos do que tudo que temos direito?

Quando terminei de falar percebi o quanto estava ofegante, que tinha despejado aquele monte de coisa de uma vez só, como se tudo estivesse pronto para sair, apenas esperando uma brecha da redoma que eu havia colocado, ou tentado, em volta dos meus sentimentos.

Jorjão olhava para mim daquele jeito irritante de quando tinha razão de alguma coisa e ficava doido para falar “*eu te disse*”. Rodrigo sorria, parecendo satisfeito com a minha explosão. Como se estivesse orgulhoso de algo, o que eu não sabia, mas que era importante para eu ver aquela expressão no rosto do meu amigo, isso sem dúvida alguma.

— Mas, rapaz, essa foi a inversão mais fácil que já fiz. — Jorjão olhou para Rodrigo e o empurrou com o ombro. — Com você devia ter sido assim, seu idiota! Não ter ficado chorando igual um mané pelos cantos.

— Por que você tem que lembrar dessas coisas? Por que tem que falar de mim?

— Talvez porque você perturbou a gente até pensar que tinha virado um garotinho chorão?

— Ah, e você não fica enchendo o saco por causa da Thays? Chorando pelos cantos e xingando a garota? Agora deu pra dar uma de cafajeste ficando com a pobre da maquiadora que pensa que você está mesmo interessado nela e não em esquecer a menina que não sai da sua cabeça.

Uau, essa foi surpreendente! Rodrigo não parecia bravo por causa de Jorjão mencionar seu pequeno momento dor de cotovelo, mas sim porque o nosso amigo malandro estava fazendo jus ao apelido dado desde que éramos crianças, quando o pai do Digão disse que ele tinha cara de quem estava sempre aprontando. Parecia que ele estava apenas esperando uma oportunidade e encontrou ao fingir-se de indignado. O que era bem justificável, já que Thays era a irmã de sua mulher e para o nosso amigo superprotetor se sentia na obrigação de dar um safanão no homem.

Jorjão, tão surpreso quanto incomodado com a explosão do nosso amigo, que tantas vezes se mantinha imparcial em qualquer situação que envolvesse sentimentos, piscava rapidamente como se assim se forçasse a entender o que estava acontecendo. Ele abriu a boca e a fechou, olhou para mim e fez uma careta.

— Paulão, vai lá, mano! Diz tudo que tá entalado aí dentro. Você é um cara incrível, merece uma vida esplêndida. Eu não te contei, mas no dia da gravação ela te procurou e foi atrás de você, mas, por algum motivo, desistiu.

Digão, recuperado de sua repentina explosão de sinceridade, voltando a ser o *Big Mac* de sempre, assentiu em concordância.

— É verdade, eu não deveria deixar você ir embora antes de ela falar contigo, mas não tive essa oportunidade de te barrar porque saiu feito um furacão do estúdio. O que aconteceu?

Não contei a nenhum deles o que tinha ouvido Priscila falando com Leni, e o que tinha me impedido de escutar por medo. Estava sendo um covarde, sabia bem, mas não queria ninguém me olhando com pena por ter acontecido exatamente o que previam, eu tinha me apaixonado por uma mulher que não estava aberta a esse sentimento.

Agora com os novos fatos percebi que talvez, se tivesse ficado um pouco mais, não teria ficado tão abalado com o que ouvi. Pra começar, nem deveria ter escutado atrás da porta.

Balancei a cabeça e me sentei em um pneu de caminhão velho que tinham deixado ali, apoiei os cotovelos nos joelhos e deixei que meus ombros cedessem com o tamanho do peso que carregava. Não imaginava que me manter calado por todos aqueles dias em que não nos vimos, e depois do que ouvi atrás da porta no estúdio de gravação, achando que com o silêncio e ausência dela, Priscila estivesse prestes a me dispensar, fosse pesar tanto.

Que homem eu era se não tinha coragem de enfrentá-la e saber o que tinha pra falar? Que tipo de homem eu era se não tentasse até meu último recurso conquistar o coração tão lindo daquela mulher?

É muito mais fácil deixar passar e tentar esquecer do que arriscar se machucar.

— Acho que vou fazer papel de trouxa!

Declarei mais para mim do que para os dois que estavam de pé na minha frente. Olhei para eles, que tentavam segurar a risada.

— Trouxa você sempre foi, agora vai lá e busca sua garota, mano.

— Você está mesmo usando muito a internet! — Levantei-me, olhei para a minha roupa: jeans surrado, camiseta branca, e tênis velho. Não estava exatamente apresentável como os caras dos livros, que estão sempre impecáveis quando vão buscar suas amadas. Dei de ombros, esse era o cara real. Virei-me para os meus amigos. — Me desejem sorte!

Digão se aproximou, passando o braço por meus ombros e me empurrando em direção à porta da oficina.

— Toda a sorte do mundo com aquela rebelde, irmão! Vai lá buscar o seu felizes para sempre.

Se seria para sempre eu não sabia, mas naquele momento era ela a razão da minha felicidade.

Saí da oficina com os votos de confiança dos meus irmãos, amigos que

estavam ali para mim em qualquer momento, até mesmo para uma intervenção mais que necessária quando eu, cego, insistia em não enxergar o que estava diante de mim.

Priscila era a mulher da minha vida! Independente de qualquer coisa, eu a amaria com tudo o que tinha, e se não pudesse tê-la em meus braços mais uma vez, estava feliz por admitir isso para mim mesmo.

Já era tarde da noite e talvez a encontrasse na cama, mas tinha que arriscar. Fiz uma parada em uma floricultura do bairro e comprei um buquê de flores, pensando que talvez não fosse o bastante. Precisava me redimir do papelão da fuga e do silêncio.

Se a conhecia bem, Priscila gostaria de ganhar outra coisa mais do que flores. Mas como eu era um cara romântico, achei que chegando com os dois nos braços teria mais chance que ela me escutasse.

Flores e pizza para a mulher mais incrível do mundo todo! Para ficar perfeito faltava só uma caixa de bombons e uma serenata. Já era noite e seria incrível, talvez se chamasse os dois patetas... mas não tinha tempo para isso. Queria vê-la, falar com ela, dizer o quanto estava sentindo sua falta, o quanto a amava e o quanto havia me enganado achando que me contentaria em ser o cara disquese. Poderíamos ser mais e provaria isso a ela.

Parei meu fusca em frente a sua casa e parecia que todo cosmo tinha conspirado para que tudo desse certo, Priscila estava sentada naquele banco que a encontrei com um livro. Ela tinha o notebook em seu colo e olhava para ele como se fosse um bicho prestes a lhe atacar.

Engolindo em seco, peguei as flores em um braço e a caixa de pizza no outro. Respirei fundo e estava pronto para resolver aquela história de uma vez por todas.



Capítulo 40

*Tanto amor guardado tanto tempo
A gente se prendendo à toa
Por conta de outra pessoa
Só dá pra saber se acontecer
(Medo bobo – Maiara e Maraísa)*

Priscila Marins

Em minha vida nunca permaneci em algum lugar que não me sentisse totalmente bem. Já abandonei jantares, saí de salas de aula, deixei pessoas falando sozinhas, desci do palco antes do final da apresentação de dança. Mas nunca fiquei onde não me sentia confortável.

Talvez isso tenha contribuído para o apelido de rebelde que ganhei na juventude. Coube bem por bastante tempo, mas eu acabei mudando e se a garota que eu fui visse a cena que eu vivia no momento ela me sacudiria até que o juízo voltasse para o lugar, com toda certeza do mundo.

O restaurante que Samuel havia escolhido era daqueles chiques, de gente rica que você precisa reservar a mesa com antecipação para poder comer algo bem caro e que ainda vai te deixar com uma fome desgraçada.

Por mais que tivesse me desacostumado àquele estilo de vida, não era isso que estava me incomodando e sim a situação que não deveria sugerir qualquer envolvimento amoroso entre nós, que era exatamente o que estava acontecendo.

Desde que cheguei e vi a mesa que Samuel tinha escolhido no canto mais reservado, a forma como ele falava comigo, se inclinando e sorrindo, em qualquer oportunidade me tocando. Senti que algo errado não estava certo!

Tive essa certeza porque em nenhum momento do tempo em que comemos

aquela comida sem graça, ele falou sobre Davi, sobre o passado e a forma como terminamos. A coisa ficou pior quando em dado momento, Sam chegou perto demais, e se eu não tivesse percebido sua intenção, teria me dado um beijo na boca; como virei o rosto, acabou sendo na bochecha.

Não tive nem chance de confrontá-lo, um flash quase me cegou e quando consegui enxergar novamente, estava cara a cara com um fotógrafo que falava alguma coisa sobre nos aproximarmos mais, mas meu ouvido zumbia e não escutava nada, Samuel se inclinava sorrindo posando para a foto como se não fosse nada de mais.

— Vocês estão juntos de novo? Já a perdoou por ter abandonado seu filho doente, Samuel? — o repórter perguntou, tirando milhares de fotos de uma só vez.

Senti-me caindo em uma armadilha, como se aquele circo tivesse sido arquitetado desde o início, e eu, como uma idiota, fui manipulada para encenar o meu papel.

Tudo que senti sozinha por todos os anos ameaçava explodir, as notas cruéis da mídia, que em resumo, era o que o rapaz disse, as palavras de Samuel no dia em que Davi se foi confirmando exatamente o que eu era: uma covarde. Só que, daquela vez, era por ter me deixado enganar por alguém que claramente se aproveitava da situação. Estava sufocando ali e como já não me sentia bem desde o começo naquele lugar, simplesmente me levantei, peguei minha bolsa e saí daquele restaurante que parecia estar se fechando a minha volta.

Ao chegar do lado de fora e sentir o vento fresco no meu rosto, pude finalmente soltar o ar que estava prendendo desde o momento que saí de casa para cair em uma cilada. Contudo, não tive tempo nem mesmo de relaxar.

— Priscila! O que houve, não está se sentindo bem?

A voz de Samuel fez meu corpo todo ficar tenso e então ele se aproximou, demais para falar a verdade, o toque de sua mão em minhas costas, que poderia ser um gesto inocente de preocupação de um amigo, para mim se tornou gigante e insuportável. E só então que eu percebi o quanto ainda estava magoada com todas as palavras que ele disse, e achava errado sentir-me daquele jeito por tudo que o homem perdeu. Não me julgava no direito de sentir qualquer coisa a não ser culpa e dor pelo nosso passado.

— Você armou isso, Samuel? — Virei-me e olhei bem dentro de seus olhos.
— Você chamou a imprensa, arquitetou uma armadilha para que pensassem que estávamos juntos de novo?

Pude ver a incredulidade em seu rosto e até certa mágoa. Samuel deu um passo para trás e abaixou a cabeça.

— Não acredito que pensou isso de mim!

Arqueei as sobrancelhas e cruzei os braços, em uma atitude de proteção diante daquele sentimento já conhecido por mim.

— E o que quer que eu pense? Você tem estado atrás de mim há semanas, querendo conversar sobre Davi, sobre o nosso passado e a forma como terminamos, mas não fala nada. Não resolvemos nada e me senti obrigada a estar aqui por consideração, por amor àquele menino cheio de luz que passou por minha vida fazendo com que me tornasse alguém melhor. — Respirei fundo, tomando coragem para dizer aquilo tudo. — E hoje, aquelas fotos, a forma como estava se aproximando de mim, não foi algo de um amigo. Você parece estar encenando uma peça de teatro. O que você quer, de verdade?

Samuel parecia fora de lugar, eu não estava falando alto nem fazendo cena, como aconteceria alguns anos atrás. Mas estava sendo firme e qualquer pessoa que nos visse poderia interpretar aquilo como uma briga de casal. O que, claro, daria uma matéria e tanto para o repórter que ainda nos observava de dentro do restaurante.

Era engraçado olhar para aquele homem, em nada se parecia com o cara a quem entreguei meu coração, tudo bem que a vida exigiu demais dele, mas imaginar que estava se aproveitando de mim, por me conhecer tão bem, me dava nojo.

Quando, por fim, ele levantou a cabeça e me encarou pude enxergar em seus olhos um misto de sentimentos e dentre eles, a vergonha. Samuel engoliu em seco e suspirou.

— Não sei se aqui seria o lugar ideal para falar sobre isso, mas tenho a impressão de que se eu te chamar para ir a algum local mais privado você se negaria e talvez arrancasse os meus olhos no processo. — Aí estava uma prova que ele me conhecia bem. Sam sorriu e então ficou sério, colocou a mão direita

no bolso da calça e retirou um *pen drive*. — Estou andando com isso desde o dia que fui até o seu estúdio pela primeira vez, minha intenção era te entregar e ir embora. Não me achava no direito de exigir nada, muito menos de ter a oportunidade de me redimir pelo que fiz. Mas quando te encontrei, eu me lembrei de tudo, de como era feliz ao seu lado, do quanto a vida era fácil. E você me tratou tão bem, sempre disposta a me ouvir que acho que fiz mesmo um pouco do que está me acusando, não de armar uma situação com aquele fotógrafo, mas de querer me reaproximar. Quando te vi com aquele cara no estúdio senti como se meu mundo caísse de novo e precisava tentar. Que tipo de homem eu seria se não arriscasse? Você é uma mulher incrível!

Eu não tinha o que dizer, em nenhum momento dei esperanças de que algo poderia acontecer entre nós. Não sentia a mínima fagulha de sentimentos desse tipo por Samuel. O que nós tivemos ficou no passado, se foi junto com Davi, na verdade, acreditava que tinha acabado muito antes. As pessoas mudam, os sentimentos se transformam ou se acabam, a vida é assim. Não acreditava que Samuel me amava desse jeito, ele só estava à procura de alguém que lhe fizesse sentir vivo de novo, depois de tudo que perdeu.

Sam levantou a mão e aquele pequeno *pen drive* descansava em sua palma.

— Não tenho desculpas por nada disso, sei que te atrapalhei, que posso ter causado uma bagunça na sua vida e que pode ter muitas consequências com essas fotos. — Virou-se para o restaurante e voltou para mim. — Sinto muito por ter voltado e feito isso tudo, eu só queria lhe entregar isso. É do Davi!

E meu coração parou de bater por um segundo, senti tudo rodando, não escutava nada e meus olhos ficaram embaçados. Foi o segundo mais longo de toda minha vida. Quando fitei atentamente Samuel, ele parecia estar no mesmo estado que eu.

— O que é isso?

Sam balançou a cabeça e sorriu.

— Não é ruim, nem uma armadilha. Prometo! Estou com isso há muito tempo, era para ter entregado naquele dia no hospital, mas eu não pude. Queria te ferir de alguma forma; egoísta, queria que você não pudesse se despedir. Mas quando me arrependi e fui te procurar, você já tinha ido. Te procurei sem cansar e carreguei essa culpa todos esses anos. Tinha que cumprir o último desejo do meu

filho! — Ele estendeu o *pen drive* e ficou olhando para ele com os olhos marejados. — Davi gravou um vídeo para você com aquela câmera que lhe dei de Natal, um dia antes de tudo acontecer. Cheguei no quarto e ele apenas me disse para te entregar.

— Você assistiu?

Samuel levantou a cabeça e assentiu, engolindo em seco. E ali estava a ligação que eu disse para Mileni que nós tínhamos. Uma ligação na dor, na perda. Ambos sentíamos falta de um amor que nunca poderia ser substituído.

— Quantas vezes foi possível. O que ele disse não foi para mim, mas vê-lo de novo, ouvir a sua voz, fez com que eu conseguisse continuar a levantar todos os dias. — Ele deu um passo à frente, pegou a minha mão, abriu-a colocou o *pen drive* na minha palma e a fechou, segurando-a assim. — Vai pra casa e assista. Em um primeiro momento vai doer como se estivessem cravando uma faca em seu coração, mas você vai se pegar sorrindo junto com ele, porque é inevitável não fazê-lo. Acho que isso vai te dar o que precisa para deixá-lo ir.

Meus olhos estavam tão abertos que ardiam, doíam e parecia que pulariam para fora. Encheram-se de lágrimas por conta disso, ou talvez não fosse o caso. Mas sentia um nó em meu coração.

— E você? Já conseguiu deixá-lo ir?

Sam sorriu tristemente e uma lágrima solitária desceu por seu rosto, ele balançou a cabeça.

— Ainda não, mas acredito que em algum momento vai ficar só a saudade e vai doer menos. Mas eu tô tentando, cumprindo o que prometi a ele. Meu filho pediu para que eu vivesse, amasse e tivesse outros filhos. Estou na primeira etapa ainda.

Sorri e com a outra mão eu cobri a de Samuel e o encarei. A raiva inicial por minhas suspeitas foram substituídas por carinho e empatia.

— Tenho certeza de que vai ficar bem, Sam. Você merece ser feliz e encontrar alguém que o ame como merece.

— Você também! Mas eu creio que, diferente de mim, já está na segunda

etapa, não é? Pelo que me lembro tem um cara muito grande que gosta muito de você.

Eu sorri e assim me lembrei de como era fácil estar ao lado dele, Sam e eu nos tornamos amigos antes mesmo de nos tornamos amantes. Ele me conhecia bem demais.

— Acho que sim!

— Então vai lá, chame-o para estar ao seu lado quando ver o vídeo e seja feliz, Priscila. Eu nunca te culpei de nada, foi tudo muito difícil, eu me refugiei no trabalho tantas vezes evitando ir para casa e encontrá-lo daquele jeito. Aí me culpava por fazer isso, chorava ao lado da cama de Davi enquanto ele dormia. É humano se privar da dor, querer se proteger. Só que, diferente de mim que fugi consciente, você sempre esteve lá, só se afastou quando achou que o melhor para ele fosse a sua ausência. — No semblante de Samuel havia compreensão, diferente de quando nos encontramos naquela recepção do hospital. — Terá as suas respostas aí, tudo bem?

Assenti e só então percebi que meu rosto estava molhado e soluçava sem soltar nenhum ruído. Sem pensar em qualquer coisa, repórter, matéria em jornal e revista, ou qualquer fofoca, eu o abracei forte me despedindo do amigo, do passado e da história que tivemos. Talvez um dia pudéssemos nos encontrar e conversar como duas pessoas comuns, mas não ainda, não enquanto a dor estava tão fresca que, ao olhar para o outro, a ferida aumentava.

— Seja feliz, Sam!

— Você também, Pris!

Samuel se soltou de mim e com um último olhar cheio de saudades e tristeza se virou, indo embora por quanto tempo eu não sabia, mas algo me dizia que o veria novamente em outras circunstâncias, com outros sentimentos no coração. Mas uma coisa era certa, a história daquele homem merecia ser contada, ele merecia encontrar um amor que o deixasse inteiro de novo, que colasse todos os pedaços que se perderam no caminho e eu adoraria assistir ao seu final feliz.

Aquele *pen drive* pesou em meu bolso o caminho que voltei para casa, meus pais não estavam na sala quando entrei e dei graças a Deus por isso, fui até meu quarto peguei o notebook e voltei para a varanda, com medo de que eles

ouvissem algo e fossem ver o que era, também por não saber o que continha no vídeo fiquei com medo de não suportar ficar em silêncio.

Mas já havia se passado uma hora que eu olhava aquele aparelho eletrônico sem conseguir espetar o *pen drive* e assistir o tal vídeo. Peguei o celular e pensei em ligar para Mileni, mas desisti. E como se fosse invocado pela força do pensamento, Paulão estava no meu portão me observando com tanto amor, em suas mãos havia uma caixa de pizza e um buquê de flores.

Senti como se todo o peso do mundo tivesse sido tirado do meu peito. Sorrindo, coloquei o notebook de lado e apertei o *pen drive* na mão. Desci as escadas e quando fiquei a sua frente, separados apenas pela grade de ferro, olhei para ele.

Ficamos nos encarando por vários segundos até que, mais uma vez, suas palavras tiveram o poder de acalantar a minha alma.

— Eu menti para você, Priscila. Não sei ser o cara que se contenta com um relacionamento casual, não quero estar apenas na sua cama, quero estar na sua vida todos os dias, dizer que te amo sempre que tiver vontade, admirar o quanto é linda e, por que não, absorver essa sua alegria, ter o prazer de ser o homem da sua vida. Quero tudo com você e para me desculpar por ter te enganado dessa forma, trouxe pizza e flores.

E sorriu abertamente, simplesmente arrebatando o meu coração.



Capítulo 41

*Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração*

(Se eu não te amasse tanto assim – Ivete Sangalo)

Priscila Marins

Dizem que após a tempestade vem a calmaria, mas isso depende muito de como você se protegeu da chuva.

Observando aquele homem que me olhava como se eu fosse a coisa mais incrível que ele via na vida, senti que a minha calmaria havia demorado a chegar. Mesmo vivendo com um sorriso no rosto, ainda juntava os destroços da tempestade que passou por mim.

Perder alguém que você ama é como ficar sem um pedaço de si mesmo, é uma dor que nunca some, que está sempre presente, mas que em algum momento se transforma em pequenos sorrisos de saudade quando se recorda de como aquela alma te fez bem.

Reconstruir minha vida, depois de deixar tudo para trás, não foi fácil e me privar de sentimentos mais intensos se tornou complicado quando dei abertura a minha amizade linda com Mileni, se tornou ainda mais impossível quando o homem que me observava do outro lado da grade entrou na jogada. Paulão havia entrado em meu coração da forma que deve ser, com carinho, compreensão e amor.

— Acho que sou eu quem precisa lhe pedir perdão por ter sido tão tola. Não deveria ter tratado você com essa aparente indiferença, como se não me importasse com seus sentimentos. — Abaixei a cabeça e olhei para o *pen drive*.

— Acho que estava mais bagunçada do que admitia para mim mesma.

— Me deixa entrar, Pri!

Pisquei e o olhei parado do lado de fora do portão, seu sorriso já não estava iluminando tudo e no lugar havia aquele olhar preocupado, cheio de cuidados que só aquele homem tinha.

— Oh, Deus! Claro, me desculpa!

Corri para dentro de casa e peguei a chave, voltei e abri o portão. Quando Paulão parou ao meu lado, não soube como agir. Minha mente estava em uma louca agitação, dividida entre o alívio de tê-lo ali e saber que não tinha perdido a minha chance de viver um grande amor e angustiada pelo que me esperava.

— O que está acontecendo com você?

— Você pode fazer algo por mim?

— O que você pedir!

Assenti agradecida e o puxei pela mão até onde o notebook tinha ficado, me sentei e Paulão colocou as coisas que trouxe em cima de uma mesinha pequena à nossa frente. Virou-se para mim e esperou pacientemente que eu tomasse o meu tempo. Respirei fundo, tomando coragem para falar, estava abalada e com medo, mas com ele ao meu lado conseguia sentir como se estivesse protegida.

— Saí com Samuel hoje — assim que soltei, vi que ele vacilou um pouco, pareceu incomodado, mas não moveu um centímetro, ou disse qualquer coisa me permitindo continuar. — Não foi como esperava, que resolveríamos de uma vez o passado e que assim eu pudesse esquecer de tudo. Por isso não te procurei, não acreditava ser certo estar contigo sabendo que estava te magoando me encontrando com meu ex. — Sorri com amargura e desviei o olhar, porque era difícil para mim admitir o quanto tinha sido injusta com quem não merecia. — Eu sei que você ficou chateado com isso do Sam aparecer e os meus encontros com ele, mas como o homem incrível que é nunca disse nada. Eu só queria dar um ponto final, antes de continuar, ou começar, qualquer coisa com você. Mas não foi nada como imaginei, me senti manipulada e acabou que, de certa forma, Mileni estava certa em dizer que ele estava se aproveitando por me conhecer bem e saber que não me negaria a vê-lo.

Paulão tinha o semblante fechado, mas fora isso não demonstrava nenhum outro sentimento, o que me deixou apreensiva. Sabia que poderia estragar tudo, mas queria ser sincera com ele.

— E o que houve para te deixar assim, o que é isso na sua mão? — Sua voz estava serena e em nada se parecia com a tempestade que havia em seu olhar.

Abri minha palma e ele pôde ver o *pen drive* descansando ali.

— Samuel me entregou isso, é um vídeo do Davi. Estou morrendo de medo de assistir.

Paulão relaxou ao meu lado e se aproximou, pegou o notebook de cima da mesinha e apoiou nas minhas pernas, esperou que a tela se acendesse e espetou o *pen drive* na entrada, eu senti como se saísse de órbita, estava prestes a chorar antes mesmo de começar o vídeo e, quando a rodinha parou de rodar, o rostinho lindo que eu não via há seis anos encheu a tela, não contive a emoção.

Era demais para mim e agradei a Deus por Paulão existir. Apoiei-me nele e cobri a boca com a mão livre para impedir que um soluço que nasceu em meu peito escapasse quando ele sorriu e começou a falar. Aquela voz parecia exatamente como Sam disse; uma faca cravando em meu peito.

— Oi, tia Pri. É o Davi! — Ele sorriu e não me contive, em meio às lágrimas retribuí seu sorriso lindo como se ele estivesse à minha frente. — *Papai me deu a câmera pra brincar hoje, aí quis fazer um vídeo pra você. Estou com saudade, queria que tivesse aqui para me dar boa noite. Meu pai disse que você está muito ocupada, e que logo vem me ver, só que eu sei porque não tem vindo muito mais.* — Ele abaixou os olhinhos e naquele momento eu já não chorava, tão focada em ouvi-lo. — *Você foi embora para que minha mamãe pudesse ficar comigo antes de eu morrer.*

Naquele momento até mesmo Paulão vacilou, em algum momento ele havia me abraçado e me apertou, para me dar conforto, mas também para buscar algum tipo de consolo.

Davi deu uma pausa, olhou para a câmera de novo e sorriu timidamente, da mesma forma que fazia quando o elogiava por algum motivo.

— *Eu sei que não vai demorar, tia Pri. Fico tão cansado só de ver TV. Sei que*

você também sente minha falta.

Eu assentia para ele e a mão que antes cobria minha boca, se estendeu para tocar a tela, como se assim pudesse lhe fazer um carinho. Como eu queria tê-lo visto uma última vez.

— Eu só queria te falar que tá tudo bem. É porque me ama tanto, que foi embora pra minha mãe ficar. A gente ainda vai se ver, tá? Não fica triste por minha causa, não fiquei de mal com você. Quando eu melhorar te levo pra tomar sorvete.

Um barulho de porta sendo aberta surgiu no vídeo.

— O que está fazendo, Davi?

— Oi, pai!

E o vídeo terminou, congelando no sorriso da criança mais linda que já existiu na face da Terra e que havia levado todo o meu coração junto, mas que agora estava me devolvendo ele.

Mesmo correndo o risco de me tornar repetitiva, não poderia deixar de esclarecer que minha ligação com aquele menino era maior do que qualquer coisa. Davi não era meu de carne, mas era de coração e alma. Eu o amei com tudo o que tinha em meu ser, o amei como se fosse meu filho, como se fosse a minha alma gêmea. Perdê-lo levou um pedaço enorme de mim, mas conhecê-lo me transformou na melhor versão que eu poderia ser. Amá-lo e ser amada por aquela alma foi um presente de Deus. Afastar-me dele e não conseguir me despedir quase me destruiu.

— Eu não sei o que te dizer. — Olhei para Paulão que tinha o cenho franzido enquanto me encarava com empatia.

— Acho que não tem o que dizer, Paulão. — Virei-me para a tela congelada no notebook. — Ele estava se despedindo de mim; de alguma forma, em sua inocência, Davi sabia que não nos veríamos de novo.

— Se é difícil para mim assimilar tudo isso, imagino como deve estar sendo para você.

Não lhe respondi de imediato, realmente, logo de cara era um baque difícil para lidar, mas conforme os segundos se passavam eu sentia como se alguém retirasse um peso dos meus ombros. Como se a falta que eu sentia daquele menininho se amenizasse em meu coração com a certeza de que ele não havia ficado com raiva de mim, que tinha entendido os meus motivos para me afastar, sabia que eu o amava, suas palavras foram do coração, como se soubesse que eu precisaria ouvir isso em algum momento.

De alguma maneira, eu acreditava que o vídeo tenha chegado em minhas mãos no momento correto, quando estava pronta para viver. Tem coisas que precisamos sentir, temos que passar por situações porque elas nos fazem amadurecer, nos transforma em alguém melhor, nos ensina.

— Você iria até um lugar comigo? — Virei-me para Paulão, que parecia abalado e eu entendia o porquê.

Ele estendeu a mão, enlaçou os nossos dedos e levou até seus lábios, depositando um beijo suave e demorado nas costas dos meus dedos.

— Vou a qualquer lugar que você me queira ao seu lado.

Sabe quando sente um frio na barriga como se estivesse em queda livre? Era desse jeito que me senti com o que ele disse, a forma como olhava para mim, o calor dos lábios dele na minha pele.

Os sentimentos que me ofereceu desde o começo, que me estendeu a mão, que me entregou o coração. Paulão foi o responsável por desmoronar minha parede, que foi derrubando os medos que me impediam de viver. Que me fez enxergar o quanto estava enganada o tempo todo.

— Mas acho que antes podemos comer uma pizza. Que entrar?

Sorrindo, pegou a caixa de pizza e as flores, se levantou e me encarou.

— Senhorita — Curvou-se como um cavalheiro, olhei uma última vez para a tela do notebook e então a fechei, me levantei e estava de frente para ele.

— O cara que me traz flores e pizza é para casar!

Os olhos dele brilharam, Paulão parecia surpreso com o que eu disse, mas

satisfeito.

— Estou disponível para o jogo, gata!

Estreitei os olhos para ele e peguei a pizza com o braço livre, liderando o caminho para dentro. Deixei o computador na sala e na cozinha dei de cara com minha mãe bebendo água.

— O que você estava fazendo lá fora, filha?

Paulão parou às minhas costas, na verdade quase me atropelou com minha parada abrupta.

— Oi, mãe!

Ela olhou para mim e, notando que eu não estava sozinha, arqueou uma sobrancelha.

— Fazendo festa do pijama, Priscila?

Senti-me uma adolescente se esgueirando pela casa, mas eu estava leve, feliz pela presença do homem maravilhoso que Deus havia colocado em minha vida, com uma boa perspectiva para o futuro e tinha uma pizza para comer. Eu sentia paz... e com ela vinha a minha vontade de viver plenamente, sem medo ou cuidados.

— Deixa te apresentar, mãe. Esse é o Paulão. — Virei-me e o encarei com um sorriso. — Meu namorado!



Capítulo 42

*Ouvi você falar de outros amores
Eu vi o mundo então perder as cores
Quanto tempo esperei a frase certa
Pra te mostrar que eu era*

(Romântico anônimo – Marcos e Belutti part. Fernando Zor)

Paulão Lima

De tudo que Priscila me contou sobre o pequeno Davi, que passou por sua vida por um breve período de tempo, mas que mudou a sua consciência do que era amor, nada me preparou para ver aquele menino na tela do computador, escutar sua voz suave e visivelmente cansada, absorver suas palavras para a mulher que era tão importante para mim e saber que nunca teria a chance de conhecê-lo pessoalmente.

Um nó formou-se em minha garganta e confesso que precisei ser forte para não desabar. Priscila precisava de mim, ela apoiou-se em meu ombro como se eu pudesse protegê-la. E eu queria ser esse cara para ela, mesmo sendo tão difícil conter as emoções.

Ver como ela sofria me matava, porque eu sabia que não podia fazer muita coisa para ajudar, e sentir a vibração da sua dor era como se doesse em mim também.

Achei que aconteceria como quando me contou sobre o que a atormentava tanto, que ela se fecharia e fosse querer ficar sozinha. Mas aquela mulher era surpreendente.

Ela parecia ter sido renovada, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros e ela pudesse, enfim, respirar.

Nós entramos e fiquei nervoso quando demos de cara com sua mãe na cozinha, não sabia como seria recebido, afinal, à primeira vista eu era um bronco, grande, tatuado e ainda por cima estava de bandana de caveira. O que poderia ser muito estereotipado para uma primeira impressão.

Mas a mulher, que lembrava um pouco da minha Priscila, me encarava com interesse, curiosidade e até diversão por, aparentemente, estarmos nos esgueirando pela casa à noite como dois adolescentes.

A força do olhar da mãe dela já estava me fazendo querer explicar minha presença ali, mas o que Priscila disse fez meu coração acelerar e perdi completamente a função da fala. E a danada ainda me encarava, como se esperasse algum movimento meu, uma resposta ou confirmação, como se em toda a história eu fosse o reticente pelo nosso relacionamento. Contudo, naquele momento, eu estava com um problema sério: meu cérebro não trabalhava de forma normal, eu estava em choque.

Havia ido até sua casa pronto para usar de todos os meios possíveis e convencê-la a nos dar uma chance de ter algo maior do que fugas românticas para a serra, ou aparições sociais com os amigos. Não que fugir fosse uma má ideia, era ótima na verdade, mas eu queria mais. Queria dormir ao lado dela, ou ter a liberdade de aparecer sem ter medo de estar sendo inconveniente, queria beijá-la sem o receio de estar me envolvendo demais e acabar em uma paixão platônica.

Eu fui até ali certo de que ela se recusaria a se envolver emocionalmente, com medo de que ela tivesse voltado com o ex. Vergonhosamente senti ciúmes, mas, como disse em algum momento, Priscila era uma caixinha de surpresas.

Ela tinha os olhinhos quase fechados da forma que sorria e mordida o lábio inferior, como se estivesse nervosa. A minha vontade era apenas beijá-la, descarregar todo o sentimento que havia acumulado naquelas semanas em que a dúvida foi a minha fiel companheira e esquecer do mundo.

Eu não queria desviar o olhar, mas era preciso, ou minha aparentemente futura sogra, me acharia mesmo um bronco sem educação. Sorrindo, eu olhei a mulher que nos observava com curiosidade e estendi a mão.

— Prazer em conhecer a responsável por essa mulher incrível!

— O crédito não é meu. Mas obrigada pela parte que me toca. Muito prazer Paulão, sou Renata. — Ela pegou minha mão e, apesar de delicada, seu aperto era firme. De uma mulher forte. — Não sabia que teria visita hoje, Pri. Ainda mais depois de ter saído mais cedo.

Ela estreitou os olhos observando a filha atenciosamente com uma pergunta clara no olhar, Priscila saiu para encontrar uma pessoa e voltou para casa levando outra. Mantive-me em silêncio esperando que Priscila respondesse, mas ela apenas deu de ombros e entrou na cozinha colocando a pizza em cima da mesa.

— Come com a gente, mãe? Sei que a senhora gosta!

Ela balançou a cabeça e bebeu sua água com os olhos colados em mim, que estava ainda parado na porta. Não consegui me mover, acreditava estar sendo avaliado e tinha medo de que qualquer movimento poderia estragar qualquer chance de ser aprovado pela mãe da Pri.

— Vou voltar para o quarto. Juízo, crianças! — Aproximou-se da filha, que já estava sentada à mesa e abria a caixa de pizza, e deu-lhe um beijo na testa. — A gente se vê amanhã. Até mais, Paulão!

Acenei parecendo estar no exército. Faltou bater continência e a inconveniente da Priscila apenas me encarava querendo rir da situação.

— Você não me disse que seus pais estavam aqui.

Pri mordeu uma fatia de pizza e olhou para mim.

— Não achei relevante. Por que, não gostou de ser apresentado como meu namorado? Se quiser podemos consertar isso e dizer a ela que você veio aqui para satisfazer os meus desejos carnavais.

Arregalei os olhos atônito com as mudanças de humor daquela mulher.

— Poderia ter me arrumado melhor, vim direto da oficina, acho que estou cheirando a graxa.

— Sexy! — Sorriu e mordeu mais um pedaço da pizza. — Senta aí, Paulão. Você não está cheirando a graxa e o que meus pais pensarem de você não quer

dizer nada e não vai mudar a forma como eu penso e te vejo.

Não falei? Agora ela estava toda intensa, me encarando como se fosse um enigma que eu até tinha medo de desvendar para não enganar o meu coração.

Engolindo em seco me sentei na cadeira do outro lado da mesa, de frente para ela e peguei uma fatia de pizza.

— E como você me vê, Priscila?

Ela deu um sorriso de lado, abaixou os olhos pensativa, deixando-me no suspense, com o coração ansioso por uma resposta. O coitado não se continha e já estava todo esperançoso.

Quando ela se voltou para mim, os olhos estavam cheios de gratidão, um sentimento forte e que me deixou de pernas bambas.

— Vejo você como um cara incrível e que talvez eu não mereça tudo que você me oferece, mas não ligo, sou egoísta o suficiente para não pensar nisso e pegar tudo sem nem pestanejar.

Naquela altura, minha garganta estava fechada e, provavelmente, minha voz sairia num sussurro:

— E isso quer dizer?

— Quer dizer que quero tudo, Paulão. Se você aceitar ter uma louca como eu de namorada, a pessoa que ao mesmo tempo que chora está fazendo gracinhas, a rebelde sem causa, a mulher cheia de defeitos, mas que está completamente encantada por você. Eu quero tudo!

Porra, e o que dizer depois disso? Eu não tinha palavras. Como se explica um sentimento que te pega de repente, te joga na lona e quando percebe, já é game over pra você?

Levantei-me e me aproximei devagar, tomando cuidado para não fazer nada que estragasse o momento, me agachei à frente dela e sorri. Priscila tinha uma expressão de anseio e me perguntei como ela se sentia dessa forma quando havia tomado o meu coração.

— Te aceitar? Eu quase enlouqueço de ciúmes, algo que nunca senti na vida e não teve um gosto muito bom, sabe? — O pequeno sorriso em seu rosto dizia que ela sabia disso desde o começo. — Você merece tudo de melhor, não sei como não enxerga isso. Queria que se visse como eu a vejo.

— E como é?

— Linda, sensual, poderosa, com o maior coração que já vi, uma dançarina maravilhosa, a mulher que minha alma escolheu para amar.

— Mas?

— Você não se permite aproveitar todas as coisas belas da vida. Se prende a um passado doloroso, sorri se culpando por estar vivendo. Enquanto não deixar ir, não vai conseguir seguir em frente.

O sorriso dela foi se desfazendo e, de repente, estava em meus braços, me apertando contra o peito em um abraço de urso.

— Eu fugi para não sofrer e acabei esquecendo que a vida precisa ser vivida para valer a pena. Obrigada por estar comigo, não suportaria assistir aquele vídeo sem estar nos seus braços. — A voz dela era um sussurro emocionado e, meu Deus, como aquela mulher era forte!

— Não tem o que agradecer, só quero o seu bem...

— Você iria comigo a um lugar?

O sussurro triste em meu ouvido me lembrou da sensação de assistir aquele vídeo e não era nem perto do que Priscila ou o pai de Davi sentiam. Então me senti um pouco idiota pelo ciúme que quase fez estragar tudo. Afastei-me dela e a encarei.

— Vou com você a qualquer lugar!

— Então vamos!

— Agora?

Priscila se levantou e assentiu, pegou o celular e ficou fazendo alguma coisa

em silêncio com a testa franzida; quando conseguiu, deu um longo suspiro e se virou para mim.

— Tá pronto para mais uma aventura comigo?

Essas palavras me recordaram da nossa última escapada que rendeu muito mais do que pretendíamos, mas eu sabia que essa agora, seria como uma renovação de espírito. Aonde quer que nos levasse sentia que voltaríamos com uma nova perspectiva e que Priscila estava pronta para seguir em frente.

Então, meus amigos, se eu estava pronto para embarcar em mais uma viagem ao lado daquela mulher?

— Com toda a certeza do mundo!



Capítulo 23

I used to live alone before I knew ya
(Eu costumava viver sozinho antes de conhecer você)
(Hallelujah – Pentatonix)



Priscila Marins

Dizem que quem tem um amigo tem tudo!

Não imaginava a grandiosidade dessa afirmação até os momentos mais difíceis que precisei passar depois de ter perdido Davi. Me esconder da realidade foi uma manobra de sobrevivência que precisei tomar na época, uma forma de conseguir seguir em frente sem tocar na ferida que nunca cicatrizou. Não havia apoio, ou um ombro amigo onde eu pudesse deitar a cabeça e chorar. Não tinha ninguém que me dissesse que a culpa não era minha, carreguei a dor de deixar um menino em seus últimos dias por seis anos e quase perdi a mim mesma no meio do caminho.

Ao finalmente deixar que os medos saíssem de dentro do meu coração notei o que estava perdendo e o quanto era necessário me despedir, se não em carne, que fosse o espírito.

Por isso, mais uma vez, arrastei Paulão comigo em uma aventura. Pousamos em Curitiba na manhã de sexta-feira, diferente do Rio de Janeiro, o céu se apresentava nublado proveniente de uma frente fria, cinza como os meus sentimentos. Uma garoa fina nos acompanhou todo o caminho e, quando paramos o carro alugado ao lado do parque que estive com Davi pela última vez, senti meu corpo todo se arrepiar, não de frio, mas de tantos sentimentos que tomavam meu ser.

— Você quer que te deixe sozinha? — A voz de Paulão me assustou e me virei para encará-lo. Ele olhava para mim com o cenho franzido de preocupação e eu estava grata por tê-lo comigo naquele momento. Não tinha ideia se conseguiria chegar ali se não fosse por sua presença acolhedora.

— Não precisa. — Estendi a mão e peguei a dele que descansava no banco do carona. Ele era tão grande para estar naquele carro pequeno e ainda encolhido naquele assento, ficava até engraçado. — Eu só estou tomando coragem para descer. Mas com você aqui fica mais fácil!

Ele assentiu e como um cavalheiro esperou, acredito que aguardaria o tempo que fosse preciso. E era esse apoio incondicional que me impulsionou a estar ali, quando na verdade, o meu instinto de autopreservação gritava para que me poupasse de tanta saudade e tristeza.

É natural querer se privar de certas situações, se proteger, evitar se magoar, porém, quando mais se foge do que nos machuca, maior ela se torna.

Respirei fundo, sorri e o encarei apertando sua mão.

— Estou pronta! — Seus olhos doces confirmavam o que suspeitei desde que o conheci. Ao lado daquele homem tudo seria diferente, tudo mudaria, aquilo me assustou, mas não mais.

O sorriso contido demonstrava o quanto estava aflito.

— Espera aí — Paulão desceu, deu a volta no carro e abriu a porta. Estendeu a mão e com o olhar mais alentador disse: — Eu te ajudo a se levantar!

Aquilo queria dizer tanto, mas muito mais do que ele poderia saber. Mesmo sem perceber, eu caía em um poço escuro cada dia mais, onde eu isolava as pessoas, vivendo com a minha dor e culpa, sentindo o peso de minhas escolhas e com a tristeza de nunca ter tido a oportunidade de me despedir. Paulão foi como uma luz, que iluminou o caminho e me fez enxergar de novo. Ele não me tirou do poço, só mostrou a direção que eu tinha que seguir para escalar de volta para a superfície.

Peguei a mão dele e caminhamos com os dedos entrelaçados por aquele lugar tão lindo e que senti falta na correria do Rio de Janeiro. Descemos por uma trilha e logo avistei o deque de madeira que gostava de ficar com Davi. Levava-o ali

para tomar sol, ar fresco e ver os passarinhos voando livres.

Era natural minha mente ser bombardeada por lembranças, mas uma delas se sobrepôs a todas as outras. E era exatamente o último dia que o vi com vida e resolvi que precisávamos fugir um pouco de todas as outras pessoas. Na verdade, eu queria tê-lo um pouquinho só para mim.

Como ele não conseguia andar sozinho e já era grande, Sam lhe comprou uma cadeira de rodas e eu a parei no ponto onde costumávamos nos sentar para ver os peixinhos. Mas, naquele dia, Davi não conseguia se inclinar, então apenas deitou a cabeça e viu as garças nos sobrevoando.

— Olha, tia Pri! Elas parecem felizes, né?

Levantei um pouco a cabeça para poder observar os pássaros que planavam acima de nós. Sorri com um pensamento que me ocorreu na hora e voltei a olhar para Davi, que parecia hipnotizado.

— Tão felizes que podem fazer cocô em nós.

Arqueei as sobrancelhas e esperei o menino me olhar, o sorriso em seu rostinho agora com as bochechas rosadas, compensavam qualquer dor de cabeça que teria quando voltasse e ouvisse de Samuel que o filho dele não podia ficar saindo assim, que lhe faria mal. Como poderia, se os olhos dele brilhavam por sair um pouco daquele quarto?

— Eu acho que elas estão felizes, mesmo fazendo cocô na nossa cabeça. — Levantou um ombrinho. — Eu não ligaria se fizessem!

— Nem fala isso, seu pai me mataria. Imagina chegar com você em casa todo sujo de cocô?

Davi tinha as duas mãos cruzadas em seu colo e começou a mexê-las como se assim pudesse passar o tempo, se distrair de alguma coisa que o incomodava.

— Acho que eu queria ser um passarinho, tia Pri. Voar para todo lado, ver tudo do alto. — Ele olhou para mim com o cenho franzido. — Você acha que, quando a gente morre, nos transformamos em outra coisa? Quero ser um passarinho se puder!

Engoli em seco e pisquei os olhos tentando não chorar na frente dele com aquela pergunta tão inocente, mas com tanto significado, tanta tristeza. Puxei minha cadeira e fiquei ao lado dele, levantei os olhos e observei os pássaros.

— Eu não sei, Davi. Mas, se puder, você será o mais lindo e forte, o que voa mais alto, o que tem o canto mais bonito. Você é especial!

Virei-me para ele, quase não conseguindo enxergar direito por conta das lágrimas não derramadas. O pequeno olhava para mim como se estivesse lhe contando todos os segredos do universo.

— Então eu serei um pássaro, vou voar looonge, mas sempre estarei olhando quem amo!

E naquela altura eu já não conseguia segurar a emoção, havia pássaros sobrevoando o lago e queria tanto que Davi estivesse ali. Chorei sem barreiras, deixando que tudo que estava guardado viesse à tona, me fazendo sentir tanto, que se não fosse pelo homem ao meu lado, me apoiando, me curvaria em uma bola à procura de conforto.

— Despeja tudo, Pri. Fala com ele como se pudesse te escutar, de alguma forma suas palavras chegarão onde precisam. Será uma luz no caminho de Davi.

Apertei a mão de Paulão e quando paramos e nos encostamos na cerca de madeira respirei fundo, fechei os meus olhos e deixei que meu coração ditasse as palavras que tinham que ser ditas, o adeus que precisava ser dado, o até logo, tão ansiosamente aguardado.

Como sugerido por Paulão, comecei a falar baixinho, como se ele pudesse me ouvir:

— Uma vez ouvi que seres humanos são contraditórios, ao mesmo tempo que querem algo, não querem mais. Por muito tempo vivi dessa forma, até te conhecer. No momento em que coloquei os olhos sobre ti, a única coisa que eu queria era te ver bem e feliz. A dor que senti ao descobrir a sua doença foi dilacerante, cortou a minha alma em pedacinhos, me fez desacreditar em Deus, perder a fé. Porém, não demonstrei nada, fiquei ao seu lado por todo o tempo, mesmo querendo fugir de vê-lo daquele jeito, meu menino. Sentia no fundo do meu coração uma tristeza quase paralisante, cada gemido de dor era cortante e não podia fazer nada. Por isso, que quando sua mãe apareceu, achei que seria

melhor para todos se eu saísse de cena. Afinal, que colo melhor do que o de mãe, não é? — Puxei uma respiração tomando fôlego, ou força, para continuar: — Sei que te machuquei e nunca me perdoarei por isso, cada dia que não te via era como um castigo, mas quando pensava em voltar, desistia, sabia que Giovana estava lá, tentando se redimir, recuperar o tempo que perdeu, ter o seu perdão.

Abri os olhos e naquele momento uma fresta da nuvem cinzenta se abriu e um raio de sol se infiltrou, tocou em mim, esquentando o meu coração.

— Quando me dei conta de que eu estava perdendo o meu tempo com você, que já tinha sido tão pouco, era tarde demais. Sinto tanto não poder te dado um último abraço, um último beijo de boa noite e por não ter cantado pela última vez a sua música preferida. Davi, se eu pudesse voltar no tempo nunca teria saído do seu lado, mesmo que me despedaçasse te ver partir, eu estaria ali. — Senti o calor tomando o meu espírito e fechei os olhos, visualizando o meu menino ao meu lado, de pé, com as mãozinhas nas minhas, olhando para mim com admiração e amor. Ele sorria e as sardinhas em seu rosto estavam mais visíveis por conta da saúde em seu semblante. Em meus pensamentos, me abaixei e fiquei à sua altura, o abracei apertado e podia jurar que podia sentir os bracinhos apertados em volta do meu pescoço. Estava me despedindo daquele que foi o responsável por conhecer o verdadeiro significado do amor. — Eu vou te deixar ir, meu anjinho. Um dia, nos encontraremos de novo e nunca mais te soltarei. Amo você até o infinito, meu menino. Sempre amarei!

Quando abri os meus olhos estava sim abraçada a alguém, em Paulão, que me amparava e estava visivelmente emocionado. Ele me segurou por um tempo que não sabia, mas naquele momento senti que aquele homem poderia me mostrar o caminho para que eu completasse todos os pedaços que perdi, todas as partes que deixei para trás.

— Não sei onde foi que você pensou ser tão egoísta e má pessoa como fez questão de frisar um dia, mas tenha certeza de uma coisa Priscila: um ser humano que é capaz de amar alguém dessa forma, não há possibilidade de ser como você se enxergava. O que você fez por Davi não é qualquer um que faria e ele entendeu, acredito que tenha te agradecido. Agora, deixa ir todo esse sentimento, volte, viva intensamente. Não importa qual caminho escolher a seguir, mas escolha, trilhe cada passo, dance. A vida é uma dádiva e deve ser aproveitada enquanto se há tempo, ela é curta, passa rápido e o que fica são as lembranças, as aventuras que temos, as músicas que ouvimos, as histórias que

contamos. Faça a diferença para si mesma, seja a sua melhor versão. Encontre o que te faz feliz e não largue, por nada nesse mundo. — Meu coração batia forte com aquelas palavras de Paulão que terminava de lavar a minha alma, de me libertar. — Se me quiser ao seu lado, eu estarei lá para te ver vencer, Priscila. E saiba que tem muita gente que te ama e estará feliz por tudo o que conquistar.

Eu fiquei tão acostumada a viver pelas metades, me culpando por estar viva, por respirar, por sorrir. Fugi cada vez que algo se mostrava maior, tentei escapar da dor, mas ela me seguia. Com isso, não vi as pessoas incríveis que havia tropeçado pelo caminho. Como Paulão disse, eu precisava viver, me entregar para a vida plenamente.

O primeiro passo? Reunir todas as pessoas que amava e dizer a cada uma delas o quanto eram especiais para mim, a começar por aquele homem que me segurava forte, como se assim pudesse me colar inteira. Mas mal sabia ele que seu processo de cura havia começado no momento que não desistiu de mim, que não desistiu de nós.



Talvez eu tenha feito a escolha errada, pode ser que tenha me precipitado, talvez não teria sofrido tanto se tivesse permanecido no hospital por mais meia hora e recebido o vídeo de Davi... Porém, tudo acontece por um motivo e eu não acreditei nisso por muito tempo.

Se eu não tivesse fugido, não teria ido embora, não teria conhecido Mileni, nem mesmo Paulão. Não teria me conhecido de verdade, tudo que vivi me transformou naquela mulher, que por uma sorte do destino tinha as melhores pessoas ao redor.

Assim que retornamos de Curitiba, mandei mensagem para todos os meus amigos, para que nos encontrássemos no *Beer*. Estávamos às vésperas do Natal e era uma época maravilhosa para se reunir com quem se ama.

Levaria meus pais comigo, queria apresentá-los para as pessoas que estiveram do meu lado e me adotaram como família deles.

Claro que estava nervosa, com medo da forma que minha mãe encararia aqueles meninos grandes e tatuados. Se sua reação com Paulão tinha sido no mínimo peculiar, não tinha ideia de como reagiria ao ver os três juntos.

— Você não me disse onde esteve ontem, Priscila. Depois que nos encontramos com aquele seu amigo, você sumiu e não deu notícia.

Eu sabia que ela estava sendo mãe, mas eu era independente desde muito cedo e não estava acostumada àqueles tipos de cobrança. Porém, acreditava que eles ficariam sabendo uma hora ou outra.

— Fui pra Curitiba com Paulão, no Tanguá.⁶

O silêncio se fez presente dentro do carro por um longo minuto, meu pai apenas olhava para mim enquanto minha mãe estava encostada no banco traseiro virada para a janela.

— Você está bem? — A voz do meu pai me surpreendeu, porque, apesar de ele estar ali, não tinha tocado no assunto em nenhum momento, diferente de minha mãe. Sorri e olhei de relance para ele, sua testa estava franzida evidenciando um pouco mais o cansaço de uma vida de muito trabalho.

— Agora estou, pai.

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão, dando um aperto reconfortante em meu braço.

— Agora conta pra gente, quem nós estamos indo conhecer?

— As melhores pessoas do mundo!

Minha mãe ficou em silêncio, não disse mais nem uma palavra, o que me deixou angustiada. Quando parei em frente ao bar pensei em voltar e deixar meus pais em casa, não sabia se seria uma ideia boa. Meus amigos eram simples, barulhentos e os amava demais para magoá-los de alguma forma.

Desci do carro e esperei que eles se juntassem a mim, pela janela podia ver todos reunidos em nossa mesa de sempre conversando e rindo uns com os outros. E lá no meio de tanto amor estava Paulão, o homem que me fez querer mais.

— Fico feliz que tenha encontrado tanto amor. — Olhei para minha mãe, que parecia emocionada. — Vejo que eles estiveram contigo quando nós, que deveríamos te apoiar e proteger diante da dor que você sentia, estivemos em falta. Sinto muito, filha. Nós sentimos muito!

Não sabia como responder, ou se deveria dizer alguma coisa, quando na verdade não sabia como me sentir com aquela declaração. Mas, como decidi não me apoiar em sentimentos negativos, apenas sorri e peguei em sua mão.

— Hoje, eu só quero que as pessoas especiais para mim estejam reunidas para que eu possa dizer o quanto são importantes na minha vida.

Minha mãe apenas assentiu, visivelmente emocionada e foi acolhida nos braços do meu pai. Juntos entramos no bar e apresentei os meus pais para a minha família.



Capítulo 24

*Tantos sorrisos por aí, você querendo o meu
Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu
Eu não duvido, não, que não foi por acaso
Se o amor bateu na nossa porta, que sorte a nossa
(Que sorte a nossa – Paula Matos, Fernando Paloni)*

Paulão Lima

— Posso saber o motivo de você estar com essa cara? Some por um dia inteiro, volta, não dá sinal de vida e então fica parecendo que está prestes a assinar o próprio atestado de óbito.

Levantei os olhos do guardanapo que estava picando em cima da mesa e encarei meu amigo. Jorjão tinha o cenho franzido e parecia falar sério, quando, na verdade, eu já tinha mencionado com ele e Rodrigo o quanto estava nervoso com aquele encontro.

— Eu já disse o que foi.

— Mas não tem sentido se você já conheceu a sogrona. — Até certo ponto, o pé no saco tinha razão, já havia conhecido a mãe de Priscila. Porém, não foi uma boa primeira impressão, só que naquele momento meu foco não era ser aceito, mas sim estar ao lado da minha garota. Agora, parecia que eu estava sendo testado, se era digno ou não. E Jorjão percebeu, claro! Ele sorriu e tombou a cabeça de lado. — Está com medo é do sogro, né? Cara, vocês e o Digão são fofos, todos preocupadinhos com o que vão pensar de vocês, todos com caras de brucutu e cheios de tatuagem.

— Falou o galã dos comerciais!

Diego caçoou do malandro, porque ele ainda era muito zoadado no nosso círculo

de amizade por conta da foto que espalhou de Jorjão sendo maquiado antes do comercial, que ainda nem tinha ido ao ar. Nem imaginava como seria quando saísse na TV.

— Você... — apontou o dedo para o irmão de Mileni, que sorria feliz por ter algo para pegar no pé do cara, já que era ele quem não deixava ninguém em paz — é um amigo da onça! O negócio não é comigo e sim com esses caras grandes de coração mole. Paulão parece um filhotinho do lado da Priscila. Digão nem vou falar nada porque a mulher dele está presente, é brava e não vai me convidar para o noivado deles se a irritar.

— Pode apostar! — Mileni sorriu e estreitou os olhos para Jorjão.

Nós tínhamos um pouco de medo do contraste que aquela mulher era, tão linda como uma diva do cinema, tão forte quanto uma leoa, tão simples quanto um ser humano deveria ser.

Sabia que estava sendo um pouco exagerado em minhas neuroses. Quando voltamos de Curitiba, depois de passar quase o dia todo naquele parque entre lembranças tristes e outras reconfortantes, Pri mandou mensagem para todos os nossos amigos marcando um encontro no dia seguinte no *Beer*, ela queria que todos se conhecessem, apresentar os pais e contar o porquê de ter se isolado por tanto tempo.

Eu a apoiei e achei bom que reunisse todos que amava, mas quando estava se aproximando da hora, comecei a ficar nervoso e estava a ponto de hiperventilar. Até que entendia a graça que Jorjão via, eu, um homem grande em todos os sentidos, dono de si e no comando da própria vida, com medo de não ser aceito pelos pais da garota que ama? Era no mínimo interessante...

Priscila não era dessas coisas, não precisava da aprovação dos pais, porém, eu não queria que ela fosse privada da presença deles nem por mais um minuto de sua vida, nem por mim ou por qualquer outro. Por isso, que, para mim, era importante que eles me aceitassem e quisessem conviver conosco. A família é importante para qualquer pessoa e eu sabia o quanto ela os amava.

E talvez, no final de tudo, não ficássemos juntos, não dissemos nada de concreto, estávamos deixando tudo rolar e ver onde que a estrada nos levaria.

— Não é porque você é um pulha sem noção que todos precisam ser, Jorge!

— Aquela declaração nos pegou de surpresa, ou talvez eu que estava aéreo e não percebi que Thays acompanhava a discussão atentamente.

Arregalei os olhos e me virei para observar a garota que parecia estar comendo algo bem desagradável, seu rosto delicado estava vermelho e a menina parecia prestes a explodir de raiva. O tom de voz que usou para frisar, principalmente o nome dele, era de pura raiva.

— O que você comeu hoje, princesa? Perdeu o sapatinho de cristal e quer descontar nos amigos?

— Você não é meu amigo, não é nada meu!

Ela fechou o semblante e virou para o outro lado, mas antes pude ver a dor em seus olhos. Alguma coisa não estava bem entre eles e eu acreditava que era por causa da maquiadora.

Ficamos todos tensos com aquela sensação constrangedora e incômoda. Estava prestes a perguntar ao Jorjão se ele tinha feito algo para a menina quando naquele momento Priscila entrava no bar ao lado dos pais e eu me levantei, com o coração quase saltando pela boca, não me aproximei, porque se tinha alguém que precisava ser apresentada oficialmente a eles primeiro era Mileni.

Pri sorriu para mim, piscou um olho e foi se aproximando com o casal de meia-idade, austeros e bem-vestidos, parou ao lado da amiga que a encarava aparentemente emocionada e estendeu a mão para a mãe.

— Leni, essa é minha mãe Renata, meu pai Yuri. — Olhou para os pais com um sorriso. — Essa é a melhor amiga que qualquer pessoa poderia ter, sem ela eu não teria conhecido todas essas pessoas incríveis que fizeram da minha vida o que ela é hoje, que me seguraram e suportaram as minhas loucuras. Cada um deles tem um pedacinho do meu coração e eu queria muito que as pessoas que eu amo, conhecessem uns aos outros. Não quero e nem vou perder nem um minuto da minha vida longe das pessoas que são importantes para mim.

O silêncio foi geral, a surpresa de uma declaração tão direta e intensa, mas Priscila era assim. Puro sentimento!

E, por fim, todo o medo que senti foi infundado, pois os pais dela se mostraram receptivos e logo se enturmaram nas conversas. Eles pareciam

sedentos por saberem mais da filha, do tempo que ficaram sem vê-la e no momento que surgiu a pergunta do motivo que a fez fugir e se esconder por tanto tempo, Priscila falou de Davi, de Samuel e de tudo que havia acontecido após o menino adoecer. Vi nos olhos da mãe da Priscila o remorso por não ter estado presente para a filha quando ela precisou, de não ter sido o ombro amigo que se espera de uma mãe, mas também havia o alívio por perceber que não havia ficado sozinha. Que havia encontrado uma família, amigos, uma irmã...

O tempo foi passando e já os tratávamos como qualquer outro membro do nosso grupo, mesmo que eles fossem mais discretos e contidos, era claro o esforço que faziam para se integrarem, pelo bem de Priscila. Em dado momento, Yuri me encarava, seus olhos já pequenos estavam apertados em fendas, como se estivesse me avaliando.

Claro que não era difícil de adivinhar que estávamos tendo algo, mesmo que não tenhamos anunciado nada tão importante, me sentei ao lado dela e vira e mexe nos tocávamos, eu tinha o braço por trás de sua cadeira e a acariciava, não conseguia ficar perto dela sem ter um contato físico. O que sentia pela mulher era muito grande para que fosse limitado à privacidade.

Mas não vou negar que me surpreendeu quando o executivo conhecido mundialmente fez a pergunta que todo pai faria em seu lugar. Mesmo que a filha fosse adulta e dona de sua vida.

— Você e minha filha estão tendo alguma coisa? Percebo que não a larga nem para comer.

Pisquei os olhos, abri e fechei a boca, fiquei tenso e nem mesmo o barulho da cidade podia ser ouvido, aguardando uma resposta minha. Só que eu não tinha uma, apenas que a amava e queria viver a minha vida inteira para fazê-la feliz, então foi exatamente isso que eu lhe disse.

Arranhei a garganta e endireitei o corpo na cadeira, estufei o peito e ignorei a risadinha de Jorjão.

— Senhor, eu amo Priscila como nunca amei ninguém na vida, minha única intenção neste momento é fazer com que ela recupere o tempo que perdeu se isolando do mundo, dos sentimentos. Quero vê-la feliz, seja comigo ou não, isso não importa. Só quero que esse sorriso e essa leveza continue em seu coração, uma mulher tão incrível como ela merece tudo de bom que a vida tem para dar.

— E você é a pessoa certa para estar com ela? — Dessa vez, quem perguntou foi a dona Renata, não havia nada de mais no que ela disse, mas poderia ser interpretado de várias formas, mesmo se alguém não conhecesse toda a história e visse pelo contexto de uma mãe que havia ficado longe da filha depois de tê-la abandonado.

Olhei para Pri que sorria, ela me deixou falar quando poderia responder por si própria, já que lhe dizia respeito essa escolha. Virei-me para a mulher e tombei a cabeça de lado.

— Se sou eu não sei, mas ela me escolheu e para mim já é o bastante. E para vocês?

Os dois ficaram em silêncio e todos na mesa também, Renata parecia mais relaxada e Yuri ainda tinha a mesma expressão de pôquer que deveria ter lhe rendido muitos contratos nos anos sendo empresário multimilionário.

— Boa resposta, rapaz! Eu confio na minha menina, prometi a Deus que nunca duvidaria de suas escolhas ou decisões. Têm a minha bênção, não que precisem dela, não é?

— Obrigado, senhor! — De alguma forma, suas palavras aliviaram um grande peso dentro do meu peito, só faltava a mãe dizer alguma coisa.

Renata olhou para a filha e cada integrante do grupo louco que formávamos, seus olhos brilhavam e enchiam-se de lágrimas.

— Eu só tenho a agradecer por vocês terem cuidado de nossa menina. — Olhou para o marido, que pegou a mão da esposa e a beijou em um ato de conforto. — Ficamos por anos procurando por ela, mas a danada aprendeu a sumir de forma eficaz. Ficou fora do radar e, além de ter em você, Mileni, uma irmã, você nos trouxe a nossa filha de volta, depois que ela apareceu nas revistas e mesmo se Samuel não soubesse primeiro, nós a encontraríamos. Não fomos o porto seguro que deveríamos ser, ela encontrou esse alicerce em vocês, nada poderia deixar uma mãe mais feliz do que ver a sua menina feliz, amando e sendo amada. Obrigada a todos vocês!

Leni estava aparentemente emocionada e fungou, demonstrando o quanto estava sensível nos últimos dias.

— Não tem o que agradecer, Renata, nós amamos a louca da Priscila de graça. Acho que falo por todos que somos abençoados por tê-la em nossas vidas. Sem essa alegria e vida, não estaríamos aqui reunidos.

Meu coração estava em paz, agora que tudo se encaixava, era tempo de comemorar. Pri estendeu a mão para a amiga que a acolheu, como sempre.

Elas tinham uma ligação, onde cada uma sabia o que a outra precisava, e mesmo se tivessem que brigar para que a outra enxergasse as coisas como eram, elas o faziam sem medo de perder uma a outra, porque a verdadeira amizade é assim. A certeza de que poderá contar um com o outro em qualquer circunstância.

Tudo estava perfeito daquele jeitinho, mas que eu soube que poderia melhorar da melhor forma. Priscila se virou para mim com um brilho diferente nos olhos, lágrimas não derramadas e um sorriso cheio de desejo, paixão...

Ela se aproximou e cochichou em meu ouvido:

— Eu te amo, grandão! Só pra você saber!

Retribuir o seu sorriso se tornou inevitável, encostei a testa na dela e respirei fundo com o coração aliviado e pronto para o furacão Priscila Marins.

— Também amo você, minha garota! — sussurrei esquecendo completamente de onde estávamos e com quem.

— Ei, já disse que lugar público não é lugar de demonstrações íntimas! Arrumem um quarto!

Jorjão, como sempre, sendo um chato de carteirinha e acreditava que seria assim para o resto da vida. Tem gente que nasceu para perturbar, mas nós amávamos o cara mesmo assim. Fazer o quê, amigo é para essas coisas.

O restante de nossa pequena reunião transcorreu normalmente. Os pais de Priscila, já com tudo esclarecido e dito, ficaram relaxados e era engraçado ver o senhor Yuri falando de suas experiências na cozinha depois de se viciar em um programa de culinária. Disse também que trabalhou uma vida inteira e que agora precisava descansar, claro que dona Renata arregalou os olhos e juro que parecia louca com as ideias de aventuras do marido.

Todos aparentavam estar bem, menos Thays que tinha o cenho franzido e parecia ter algo entalado na garganta. Ficamos sabendo o que a afligia quando estávamos prontos para encerrar a social:

— Eu vou me mudar para os Estados Unidos!

E aquele silêncio parecia estar se tornando comum naquela noite.



Capítulo 45

*Muda minha história, ressuscita os meus sonhos
Transforma minha vida, me faz um milagre
Me toca nessa hora, me chama para fora
Ressuscita-me*

(Ressuscita-me – Aline Barros)



Priscila Marins

Meu coração estava pleno, cheio, transbordando de amor!

Podia ver tudo se encaixando e tomando seu lugar perfeito. E cada vez mais tinha certeza de que as coisas da vida acontecem quando tem que acontecer, talvez seja por causa do destino, ou pode ser que há fases em que nos abrimos mais, que amadurecemos, que nos sentimos prontos para ingressar em uma nova aventura. Tudo depende de fatores que fogem de nosso entendimento, não sabia se estava certa em pensar dessa forma, mas desde o momento em que me permiti mais, tudo começou a se ajustar e fazer sentido. E eu tinha certeza de que me perdoar tinha sido a melhor escolha que poderia fazer.

Já havia me despedido de Davi, não sofria mais como fiz todos esses anos, mas a saudade permanecia. Claro que sentiria sua falta, lembraria do seu sorriso e ficaria com o coração pesado por não poder vê-lo outra vez, teria episódios onde me culparia, pois sentimentos assim não sumiam de repente, mas isso não me controlaria mais, porque tinha certeza de que ele me perdoou e que um dia nos encontraríamos de novo.

E é engraçado que quando nos damos a oportunidade de realmente viver e aproveitar da vida é que começamos a enxergar o que andamos perdendo.

Eu encontrei um amor, um companheiro, que tinha certeza de que me acompanharia a cada passo da estrada, que estaria ao meu lado me incentivando

a sempre subir mais alto. Tinha uma amiga que era tudo para mim, uma irmã de alma, que me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, até eu mesma.

Havia me permitido ter sonhos, acreditar neles, lutar e vencer. Acima de tudo, eu tinha me encontrado outra vez, depois de ter esquecido de mim por tanto tempo.

E ainda tinha Alice, que me enchia de orgulho, ela havia sido aceita na Companhia de dança e aquela seria sua primeira apresentação oficial como membro do grupo. Ela estava ansiosa e disse ter uma surpresa para mim.

Com o passar dos meses, ficamos cada vez mais próximas. Ela se desdobrava entre a família e sua vocação. Meus amigos da Companhia ficaram encantados com a leveza e talento nato que a menina tinha, não perderam tempo e já a conquistaram com promessas, que eu faria questão de verificar se cumpririam cada uma delas.

Agora, sentada na primeira fila daquele teatro cheio, meu coração estava acelerado, que até parecia ser eu a me apresentar no palco. Paulão do meu lado, segurava minha mão suada, dando-me conforto e segurança, isso era tão incrível nele, somente com um olhar acalmava minhas neuroses e me ajudava a encontrar o caminho para fora da escuridão de novo. Era engraçado como ele tinha sido tão importante nessa minha cura. Olhando para aquele homem enorme, careca e tatuado, que parecia um cavalheiro vestido de smoking, sexy pra caramba, eu não via a hora de chegar em casa e tirar todos aqueles pedaços de pano e virar a noite contando os gominhos de seu abdome, nós vivíamos uma mistura de momentos de atração incontrolável e ternura intensa.

Não sabia como tinha vivido tanto tempo sem ele, mas como disse, as coisas têm seu tempo certo para acontecer.

Assim como a minha amizade com a diva do cinema mais incrível que existia. Leni, que havia feito questão de estar presente naquele momento tão importante, já apresentava sinais de gravidez – que guardou segredo e surpreendeu a todos nós na festa de Natal e seu noivado na casa de Estevão –, uma barriguinha discreta e estava mais deslumbrante do que nunca, aquele brilho de grávida era real, podia comprovar. Sem contar com o bruto dela, que parecia uma galinha chocadeira cheio de dedos, mas que estava sempre ao redor, cuidando para que tivesse tudo o que precisasse, lhe dando atenção e amor. Como um homem que

ama a sua mulher de verdade deve fazer.

O único que não estava sendo ele mesmo era Jorjão. Desde a partida de Thays, ele havia mudado, se tornado sério demais; e, pelo que Paulo me disse, estava em um novo celibato, só que involuntário dessa vez. Não quis entrar em detalhes, porque aquele dia era de Alice e não estragaria por nada, mas sabia que ainda conheceria toda a história daquele malandro.

— Você tá bem, amor?

Sorrindo me virei para olhar para Paulão, que tinha aquela doçura de me encarar, aquela paciência que me conquistou e derrubou todas as minhas barreiras.

— Um pouco nervosa!

Ele estalou a boca e se aproximou, dando um beijo suave em meu rosto.

— Não fique, você a preparou e Alice se sairá incrível!

— Disso eu não tenho dúvidas, estou é ansiosa para saber da tal surpresa que ela preparou.

Paulão sorriu mais ainda e virou-se para frente, apontando para o palco.

— Não precisa mais, já vai começar!

Quando as luzes se apagaram, meu coração começou a bater mais forte no peito, minha pele se arrepiou e senti como se estivesse prestes a me apresentar para toda aquela gente.

Eu sabia que a apresentação de Alice seria incrível, não poderia ser diferente se tratando daquela menina, que se dedicava tanto e fazia tudo de corpo e alma, mas nada me preparou para quando ela surgiu agachada no meio do palco, apenas com um holofote virado em sua direção, toda vestida de branco, sua pele brilhava como mil estrelas no céu e a sinfonia de *Hallelujah*, a música preferida de Davi, começou a soar direto em meu coração.

Meus olhos se encheram de lágrimas e não consegui ver ou ouvir mais nada a não ser a obra divina que se apresentava na minha frente. Alice voava pelo palco

e a cada letra daquela música tocava em minha alma como uma finalização, era o bálsamo que precisava e podia sentir o amor fluindo por cada poro dela. A menina fazia aquilo como um presente, tinha lhe contado um pouco sobre o anjinho que passou por minha vida e havia me transformado completamente. Ela havia ficado encantada e disse algo que nunca esqueceria, principalmente vindo de uma pessoa tão jovem.

“Todos temos uma missão neste mundo; às vezes, algumas são demoradas, outras são rápidas. Mas cada pessoa que nasce vem com um propósito. O dele pode ter sido te amar e te ensinar esse sentimento tão puro que te fez sentir.”

E com ela não era diferente, a missão daquela garota era encantar a todos com sua doçura e beleza.

Sua coreografia solo era sobre um anjo que levava paz ao mundo, bondade, conforto... Se encaixava com a letra da música que era entoada por uma voz quase transcendental, pude ouvir soluços dos expectadores e eu não estava diferente, apenas pela diferença que havia me desligado. Meus olhos a seguiam, e aquela homenagem significou muito mais do que qualquer coisa que eu poderia dizer.

O que ela fazia era dizer ao meu coração que Davi tinha sido sim uma alma de luz que veio a esse mundo para trazer nada mais que amor, que mesmo depois de partir continuava a plantar sementinhas nos corações, e em seus últimos passos ela deu um salto e girou do ar como um pássaro livre, pousando no chão com graça e leveza.

Quando o acorde final soou, um silêncio ensurdecador durou apenas um segundo, até que todos se levantaram e a aplaudiram de pé, mas a pessoa mais entusiasmada ali era eu, que sentia na alma o que significava cada sentimento que nos foi doado em forma de passos perfeitos de dança.

— Ela é incrível, meu amor! — A voz de Paulão me fez voltar à realidade e me virei sorrindo em meio às lágrimas torrenciais de emoção que não conseguia conter dentro do peito.

— Você viu o que ela fez? Ela dançou a história de Davi. Deus, não sei o que fazer!

Paulão piscou um olho, virou-se para a ponta do palco onde havia alguém dos

bastidores que falava com Alice, o homem virou-se para nós e acenou. Meu namorado voltou para mim e saiu do seu lugar me dando espaço.

— É a sua vez!

— O quê? Como assim?

Ele sorriu, voltou a entrar no espaço apertado entre as poltronas.

— Acha que aquela garota que te ama com todo o coração faria sua estreia sem te ter lá em cima?

Suas sobrancelhas perfeitas estavam unidas e Paulão me olhava de um jeito doce, o jeito dele de ser mesmo, mas havia amor também. E era aquele sentimento que me fez subir naquele palco, depois de tantos anos tê-lo abandonado.

Encontrei-me com Alice e ela sorriu, seus olhos estavam brilhando de emoção e não me segurei, a abracei forte, demonstrando naquele gesto que tão íntimo e reconfortante o quanto eu estava orgulhosa e feliz.

— Obrigada por essa homenagem, Alice!

— Não tem que agradecer, Pri. Você me deu essa oportunidade, sei que as aulas extras não foram da escola, sei que Samuel só te achou porque você usou sua influência para me colocar aqui, sei o quanto se sacrifica por todo mundo e vê isso como algo natural. — Ela soltou-se do meu abraço e deu um passo para trás. — Eu te trouxe aqui para *te* agradecer por tudo, por ser simplesmente essa mulher incrível, por amar tão intensamente, por ser feita de sentimentos. Obrigada por fazer parte da minha vida, por me proporcionar uma oportunidade como essa. E com isso, eu queria saber se me daria a honra de dançar neste palco ao seu lado?

Olhei para Alice, que falava sério. O teatro estava cheio, e um burburinho leve soava no lugar, meus amigos sorriam, esperando por uma resposta minha. E só de ter todas as pessoas que amava presentes, já era o suficiente para que eu seguisse o meu coração.

Dançar sempre foi uma forma de expressar os meus sentimentos e naquele momento era pura felicidade, plenitude, saudade e amor.

Acompanhada da minha menina, dancei uma coreografia repetida por nós milhares de vezes, a que a colocou naquela companhia de dança, e ao final eu pude sentir de novo aquele arrepio pelo corpo, uma sensação de renascimento. Um sentimento de estar renascendo para amar de todas as formas, sem culpa, sem limites, sem medo.

E para não perder a fama de rebelde, dei um beijo em Alice e corri do palco, pegando Paulão no caminho, pisquei para a minha melhor amiga e abandonei o Teatro Municipal com o coração tão pleno que parecia poder voar.

E eu podia ir para qualquer lugar, pois sabia que ao retornar teria um porto seguro, o alicerce que me manteve inteira, que me reergueu quando a tempestade foi embora: a família que o meu coração escolheu.



Capítulo 46

*Tudo em câmera lenta
Quando o vento te beijou
Coração disparou*

(O mar parou – Michel Teló)



Paulão Lima

— Onde você colocou aquela coisa que compramos outro dia? — Priscila gritou lá da cozinha e, como não respondi, chamou de novo: — Paulão?!

Engoli em seco e funguei, era a primeira vez que passava por uma situação como aquela e não sabia como Priscila reagiria a esse meu lado. Tudo bem que estávamos juntos há meses, ela sabia o quanto eu era fanático por livros, porém, às vezes que ficávamos juntos eu não lia, nem assistia nada. Confesso ter evitado o quanto pude temendo sua reação, era o costume, uma forma de evitar comentários desagradáveis de pessoas que não entendiam o que era se emocionar lendo um livro, por isso acabei pegando certa autoproteção quanto a isso.

Mas não tive para onde fugir, já que era o final de semana de ficarmos na minha pequena casa. Agora seria a hora da verdade!

Fiquei em silêncio e esperei, não demorou nem mais um segundo para que Priscila aparecesse na porta, parecendo preocupada e vestindo sua roupa de fossa, que já não era usada para essa finalidade e sim porque ela amava ficar à vontade e eu amava vê-la tão sensual naquelas pantufas.

Ao me ver deitado na cama, com nada me cobrindo, a não ser um lençol fino, e com o rosto todo molhado de lágrimas, os olhos vermelhos e um livro sobre o peito, Priscila parecia prestes a ter uma síncope. Havia esquecido que a mulher

era exagerada!

— Ai, meu Deus! O que aconteceu? — Se aproximou e jogou-se na cama ao meu lado, levantou as mãos e secou meu rosto. — Por que você tá chorando?

Abaixei a cabeça e tentei esconder dela a verdade. Não sabia por que me sentia daquela forma, mas não consegui evitar. Contudo, ela não desistia fácil, ou não seria Priscila, não é?

— Ei, ei! Que coisa é essa de se esconder de mim, grandão? O que foi?

Levantei um ombro e suspirei.

— Fiquei emocionado, só isso! — Peguei o livro e mostrei para ela. — A história me comoveu.

— Você tá chorando por causa do livro? — Acenei com o rosto queimando. — E tá envergonhado de dizer isso para mim? — ela falava como se não acreditasse que aquilo era verdade. — Porra, Paulão, sério isso?

— Eu sei, Pri! Desculpa, é a força do hábito.

Ela deu um pulo na cama e ficou de pé com as duas mãos na cintura, olhando para mim de uma forma que eu sabia que a mulher estava brava. Ela era uma coisinha bonita quando ficava nervosinha daquele jeito.

— E por que com aqueles caras da oficina você não fica cheio de dedos assim? Já te vi com um livro na mão naquele troço esquisito que chamam de pufe.

Se tinha uma coisa que Priscila fazia bem era de me deixar à vontade com meu jeito de ser; e se sua irritação era uma forma de aliviar o clima, deu muito certo. Eu já estava achando engraçadinha ela indignada com o meu momento.

— Hum, talvez seja porque eu não precise impressionar aqueles marmanjos e você sim.

— Me impressionar? Porra, eu devo estar fazendo alguma coisa de errado para você ficar com vergonha de chorar lendo um livro perto de mim. — Ela arregalou os olhos e eles pareciam saltar das órbitas. — Meu Deus, isso vem

acontecendo há muito tempo! Desde Petrópolis que não te vejo com um livro na mão. Paulão?!

Eu já nem me lembrava do que estava acontecendo, minha concentração estava prejudicada naquele momento com as pernas macias da minha garota bem na minha frente e aquela voz rouca e brava. E sem pensar muito a respeito, a puxei, derrubando-a na cama, logo subindo por cima dela e pairando em seu rosto, que ainda estava emburradinho, o que a deixava sexy pra caralho, o resultado foi que fiquei muito excitado.

E olha que legal essas coisas de relacionamento, em um momento você está chorando porque a personagem do livro perdeu o noivo no altar e no outro está querendo arrancar as roupas da namorada.

— Desculpa, amor!

— Poxa, por que você não confiou em mim? Achou que eu ia rir da sua cara porque você estava chorando?

— É a força do hábito, sinto muito mesmo. Fui um estúpido, as coisas foram rolando e acho que, com tudo que aconteceu, esqueci de te apresentar todas as minhas faces.

Ela franziu o cenho e aquelas ruguinhas na testa demonstravam o quanto ainda estava chateada.

— Eu te deixei muito de lado, né? Enchi sua cabeça com os meus problemas e você ficou em segundo plano.

Dei um sorriso sem humor algum e balancei a cabeça.

— Priscila, em um relacionamento não deve existir primeiro ou segundo plano. A gente se apoia, se cuida... foi besteira minha pensar isso de você, mas é que ainda somos novidade. Ainda tem muita coisa para você conhecer em mim, e tenho certeza de que também tem muita coisa para eu conhecer em você!

Os olhos da mulher se apertaram, quase se fechando, mas logo um sorriso libertino, que eu conhecia bem, se formou em seu belo rosto.

— Tem muita coisa ainda para conhecer, é? Bom, realmente, você é grande o

bastante para ter muitas coisas a explorar, não?

Lambendo os lábios, sabendo exatamente ao que ela estava se referindo, me pressionei um pouco mais em seu corpo, demonstrando o quanto eu estava gostando daquela brincadeira.

— Uhum!

Passei o nariz por seu pescoço e mordisquei a pele macia. Como ela era cheirosa!

— Eu acho que devo te dar mais atenção, conhecer mais sobre você todinho.

— Com certeza!

— Me deu uma vontade de comer um *Subway*!

Opa! O quê? Sabe aqueles comerciais quando alguém fala algo que o outro não entende e tem aquelas freadas de carro? Me sentia daquele jeito, no momento!

Franzi a testa e afastei a cabeça do seu pescoço a encarando. Pri segurava a risada como se tivesse dito algo muito engraçado, mas que eu não entendi coisa alguma.

— Tá com fome, agora?

Ela não conseguiu mais segurar a risada e todo o clima foi para o espaço até ela terminar sua crise de risos e me contar toda a história do sanduíche. Deus, o que aquelas mulheres tinham na cabeça? Digão, nós já havíamos nos acostumado com o *Big Mac*, mas se aquilo caísse na boca dos caras do futebol eu estava mais ferrado do que se me vissem chorando por causa de filmes de romance.

— Então, dona Priscila! Agora que quebrou o clima... O que estava procurando antes de todo o meu drama?

Ela se virou de bruços e apoiou-se nos cotovelos descansando o queixo na palma da mão. Levantou o lençol que tentava me cobrir e sorriu.

— Esqueci!

— Mentira!

Revirou os olhos e respirou fundo.

— Ok, estraga-prazeres, só brigadeiro para me fazer deixar isso tudo aqui desse jeito! Mas, prioridades, sabe como é. — Rindo, eu já sabia onde a mente daquela esfomeada estava indo. — Onde você colocou a bandeja de docinho que compramos naquela moça?

— Não sei de que bandeja você está falando.

Ela deu um pulo da cama, exatamente como eu sabia que faria.

— Você tá querendo comer os meus docinhos, Paulo Henrique Lima? Não se brinca com uma mulher de TPM com os hormônios à flor da pele. — Deu um sorriso de quem estava aprontando e andou até à porta do quarto. — Eu acho então que vou espalhar por aí sobre o tal do *Subway* de trinta centímetros, o que acha?

— Priscila?!

Ela mordeu a boca e abraçou o batente da porta.

— O quê?! TPM é guerra, meu amigo. E sabe o que dizem, né? Vale tudo!

Como negar um docinho para aquela mulher que me enlouquecia de uma forma arrebatadora, que era tudo o que sonhei. Que me fazia viver todas as histórias que li, todos os romances e vidas que apenas imaginei era resumido em uma mulher que roubou o meu coração sem intenção de devolver. E o pilantra era um prisioneiro sortudo e estava muito bem com isso!

— Também tenho minhas armas, amor. — Passei por ela indo em direção a cozinha, não vesti nada e pude sentir o peso de seu olhar sobre mim.

— Tô vendo! É um belo espécime esse daí!

Segurei a risada e abri o armário, onde tinha guardado os docinhos que comprei no dia anterior, porque o outro que ela se referia eu já tinha comido e

sabia que a mulher viciada em chocolate estaria ali e sem eles ela se tornava um furacão. Pensando bem, deveria tê-la deixado sem eles.

— Tenho a impressão de que posso te convencer a qualquer coisa com isso daqui.

Pri me olhou de cima a baixo; e por incrível que pudesse parecer, tive que retraindo a vontade de me cobrir com o poder de seu olhar. Ela se aproximou devagar, linda com suas pantufas do Scooby-Doo e a regata larga, sexy como nunca e parou a minha frente.

— Querido, com esse pacote todo você me tem nas mãos! Quanta saúde, meu amor! — E o clima já estava esquentando de novo e o *Subway* já dava sinais de vida, mas, então, inconstante como minha namorada era, se virou com a bandeja nas mãos, sentou-se no sofá e ligou a TV. — Vamos ver os gatões da Marvel?

O que dizer depois disso? Estava em posição de sentido, com uma mulher linda a minha frente e iria sentar na sala, comer brigadeiro e assisti-la cobiçar o tal do Capitão América.

O que não fazemos por amor, não é?

Dei de ombros e me sentei ao lado dela, Priscila estava a meio caminho de colocar um brigadeiro na boca quando se virou para mim.

— Você vai ficar assim?

— Algum problema? — perguntei inocente.

— Nenhum, meu amor, nenhum *mesmo*!

E assim passamos quase a manhã inteira, com brigadeiros, beijos, super-heróis, amor e uma simplicidade tão grande que eu me sentia à vontade estando nu, com a mulher deitada no meu colo.

Claro que depois voltamos para o quarto e Priscila fez questão de procurar por coisas novas que ainda não tinha conhecido em mim. Eu? Amei ser amado por minha rebelde!



Acho que todas as pessoas deveriam ter um porto seguro, um lugar aonde poder ancorar e se sentir acolhido. Pode ser dentro de um abraço, em palavras de apoio e compreensão, em beijos apaixonados, em uma reunião de amigos num bar. Qualquer lugar pode se tornar onde se sente em casa.

Leni era um desses portos seguros. Sabia que tudo poderia acontecer, o mundo poderia girar de ponta cabeça, o tempo poderia passar, a distância machucar, mas nada mudaria o que sentíamos, o que vivíamos.

Nossa amizade era tão rara, sagrada e inteira. Era como uma extensão uma da outra, sempre sabíamos o que a outra precisava, até mesmo os sacodes que trocávamos eram necessários. E isso não tinha preço nenhum que pagasse. Eu sabia que era sortuda por tê-la encontrado no mundo tão cheio de gente, tão cheio de sentimentos, de aparências. Se deparar com o que é verdadeiro se torna um tesouro valioso.

E poder presenciar aquele momento era incrível, estava muito feliz por minha amiga barriguda.

— Me diz de novo por que não esperaram esse guri nascer para casar?

Minha amiga revirou os olhos e virou-se para olhar-se de perfil no espelho, fez uma careta e me encarou pelo reflexo.

— E aquele homem sabe esperar alguma coisa? Não sabe o sacrifício que foi convencê-lo de que o bebê nasceria no tempo dele. Ficou me perturbando esse mês todo que estava demorando.

— Ué, tem isso agora?

Mileni sorriu com doçura e se virou.

— Ele é assim, fica preocupado de passar da hora e acontecer alguma coisa. Não faz por mal.

— Mulher apaixonada! Admite logo que o seu *Big Mac* é um docinho de coco todo derretido por essa vida de homem de casa. Mas deve ser normal, né? Ter você do lado todos os dias não é para qualquer um não.

Que a mulher era maravilhosa todos sabíamos, não era à toa que seu rosto era conhecido no mundo todo como uma beleza ímpar, mas minha amiga reluzia com a gravidez.

— Não estou mais desejável, amiga. Olha isso, pareço um algodão-doce com esse barrigão e esse vestido de renda.

Mileni podia ter sido muitas coisas nessa vida, permitiu que a controlassem e ditassem sua vida, mas nunca tinha duvidado de seu poder de sedução. Por isso, estranhei aquilo que vinha em um momento em que ela deveria ser só alegria.

— Ei, ei! Que coisa de algodão-doce é essa? Essa não é minha amiga empoderada, não. O que está acontecendo? — Franzi a testa e me aproximei, parei atrás da minha amiga, que ainda se virava de um lado para o outro se olhando por todos os ângulos.

Mileni bufou e deixou os ombros caírem, como se entregasse o jogo.

— Não sei o que está acontecendo comigo hoje, Pri. Acordei acreditando que o dia seria perfeito, que eu caminharia até meu bruto e que prometeríamos amor eterno. Achei que sorriria o tempo todo, mas sinto que posso explodir a qualquer momento, e digo isso de forma literal. Olha o tamanho dessa barriga? Imagina quando esse menino sair? Tenho medo só de pensar. Meu humor está pior do que nunca!

O sofrimento da minha amiga era real, podia ouvir em sua voz doce o quanto estava preocupada e chateada com a forma que as coisas haviam saído de seu controle, que não tinha acontecido como imaginou. Acreditava que isso era o que mais a fazia sofrer sem necessidade, criar expectativas e achar que tudo será perfeito, quando a vida não é nada perfeita.

Mudei-me para o seu lado e meu vestido era de um rosa chá, bem clarinho, que não combinava nada comigo. Preferia o vermelho sangue, mas a doçura da minha amiga pedia que eu fizesse um sacrifício. Era madrinha de casamento e faria o que ela pedia.

— Amiga, acho que está fazendo filmes de romance demais e lendo roteiros adoçados em demasia. — Leni sorriu, fazendo com que a expressão em seu rosto se amenizasse um pouco. — Somos humanos, meu amor! Não tem como programar o nosso humor como um relóginho para que ele funcione de forma pontual, a bateria é fraca e fica tudo desregulado. Além do fato de que você está com os hormônios enlouquecidos, esse pequeno não para de lutar karatê na sua barriga e você já está cansada. É final de gravidez, por isso eu achava melhor esperar esse menino nascer, até para que ele presenciasse a união de seus pais. Mas, como vocês parecem que nasceram de sete meses, e não podem esperar mais uma semana, vamos colocar um sorriso nesse lindo rosto, ou senão é capaz daquele bruto invadir isso daqui para buscar a mulher dele no colo. Sabe que ele faria isso, né?

Finalmente consegui colocar um sorriso em seu rosto. Mileni fungou e assentiu, recostando-se em mim e deitando a cabeça em meu ombro.

— Faria mesmo! Bem a cara do meu Digão. Amiga...

— O que foi?

— Eu vou me casar! Felipe vai nascer e vamos ter uma família. Não achei que isso seria possível.

A simplicidade e intensidade de sua declaração só fazia sentido para quem conhecia a história daquela mulher guerreira. Para mim, que sabia de todos os seus medos e conhecia os fantasmas que a assombravam, era ainda mais significativo.

— Pois acredite e vai lá pegar o seu felizes para sempre!

Ela se virou para mim e pegou as minhas duas mãos, colocou em cima de sua barriga e com os olhos cheios de lágrimas encheu o meu coração de amor.

— Você seria a madrinha de Felipe? Não consigo imaginar outra pessoa para esse cargo tão especial.

Minha respiração ficou suspensa, com aquele monte de sentimento me invadindo de uma vez só.

— Mas e sua mãe, Thays e a mãe do Rodrigo? — Um nó se formou em minha garganta, que estava me impedindo de falar com o tom de voz normal.

Mileni sorriu com doçura e fungou, claramente emocionada.

— Elas sabem o quanto você é importante e que vai amar, *já ama*, esse menino tanto quanto nós amamos. Que você tem esse jeito de durona, mas é a pessoa mais carinhosa e dedicada que poderia existir. É a minha melhor amiga, minha irmã...

Aquele pedido significava demais para mim e, por mais que eu desejasse um dia ter filhos, ainda não me sentia pronta. E mesmo com o coração apertado de medo, eu já amava aquele menino como se fosse parte de mim. O coração não espera momentos certos para se entregar.

— Sabe que eu amo você de toda a minha alma, né? — Ela assentiu e eu aquiesci. — Então vamos logo, ou daqui a pouco ao invés de diva vai parecer um panda de mau humor.

Ela riu e concordou com o meu empurrãozinho até a entrada. Ao nos ver, a cerimonialista sorriu, acenou para alguém e a marcha nupcial começou a soar. Paramos na porta e olhei para a minha amiga, arrumando as folhas de seu buquê.

— Sem chorar, viu? — Que voz fina era aquela? Arranhei a garganta e Mileni sorriu, parecendo estar segura agora, nem se assemelhava com a louca que estava se achando um algodão-doce. — Te vejo no altar, você está maravilhosa!

— Obrigada, Pri! Por tudo que você fez por mim, por simplesmente existir, por ser essa mulher maravilhosa que me impulsionou a me tornar a melhor versão de mim mesma. Se não fosse você, nada disso seria possível.

— Para de falar bobagem! Vou nessa, garota!

Pisquei um olho e sorri para a mulher que era responsável por comandar o casamento. O salão estava cheio, não tinha muitas celebridades e reclamei com Mileni por meu *ex-pretendente* não ter sido convidado.

O quê? Eu amava aquele grandão tatuado, mas o amor platônico pelo Capitão América permanecia; em compensação, agora eu tinha o Hulk do meu lado.

Por falar nele, estava lindo no banco da frente só me esperando chegar. Ao seu lado estava Jorjão e Thays, eu acreditava que aquilo tinha sido coisa da Mileni casamenteira em tentar juntar aqueles dois, só torcia para que eles não se matassem no percurso de finalmente se entender.

Parei ao lado do Paulão, que me encarava como se eu fosse a noiva, e aquele pensamento fez uma cosquinha reconfortante em meu coração. E como se lesse meus pensamentos, Paulão se inclinou e sussurrou:

— Isso não te deixa com vontade também? Porque a mim deixa. Poderíamos ser os próximos, o que acha?

Engoli em seco e levantei os olhos o encarando.

— O quê? Está me pedindo em casamento desse jeito? Cadê o romance, homem? Já se acomodou, é?

Ele deu de ombros com uma expressão sem-vergonha em seu rosto bonito.

— Lógico que não, tenho tudo planejado para o pedido oficial, estou só sondando o terreno.

Meu coração parecia uma escola de samba, e se dependesse daquele apressadinho eu estaria na fila atrás de Mileni para sair dali com outro estado civil. Mas eu queria demais esperar o tal pedido oficial, que por fim, eu era uma rebelde apaixonada.

Com um sorriso radiante me virei, olhando para a entrada, onde a noiva tinha aparecido e se assemelhava a um lindo anjo, pronta para o seu primeiro voo.

— Eu acho que o terreno está propício para uma nova sementinha. — Aquilo

tinha soado com duplo sentido e a livre interpretação, mas quem liga?

Paulão segurou a risada e me deu um beijo no rosto, que me fez fechar os olhos, encantada com o clamor que tomou o meu peito. Estava feliz com o rumo que minha vida estava tomando e mal podia esperar para viver o resto dela ao lado daquele grandão e os amigos mais incríveis que alguém pode desejar.

E quem seria capaz de imaginar que o pequeno Felipe não esperaria nem mais um segundo para nos conhecer? O menino nasceu no dia em que seus pais disseram o sim.

Que início de história mais bonito alguém poderia querer?

Ou seria o...

Fim?

Acho que não!



— Tem certeza de que é uma boa ideia, Mileni? Podemos adiar mais um pouco, não?

Minha mulher olhou para mim e se sentou no sofá, bufando, já sem paciência.

— Você quem sabe! — disse de mau humor e revirou os olhos com os braços cruzados. Eu estava começando a ficar com medo, logo estaria encrencado.

Felipe deu um gritinho de felicidade, como se assim apoiasse a mãe, que claro sorriu para o filho. Acreditava que tendo um filho homem teria ajuda, ledô engano.

— Claro que é uma boa ideia, Digão! O moleque está em boas mãos! Não é bebê mais lindo do titio! — Jorjão declarou e Felipe deu um gritinho, comprovando o que o tio malando disse.

Paulão riu e arqueou as sobrancelhas.

— Vai, cara! Vocês não tiveram tempo de ter uma lua de mel, o pequeno conhece a gente e temos a Priscila, dona Luciana, sua mãe. Somos uma grande equipe. — Meu amigo olhou para Mileni, que parecia chateada, e se aproximou para cochichar: — Leni tá precisando de um descanso, não é fácil ser mãe. Fora que tenho a impressão de que, se não sair de casa hoje, vai ficar sem a cabeça, isso sem contar as outras partes.

— Eu ouvi isso, Paulão! Ah, como era bom quando você ficava caladinho constrangido de falar comigo. — Meu amigo sorriu e deu de ombros como se dissesse; *é com você, brow!*

Eu sabia de tudo aquilo que ele disse. Também precisava de um tempo, na verdade, nós precisávamos desse tempo sozinhos como um casal. Passei a gravidez dela com medo de que acontecesse alguma coisa, que confesso ter negligenciado o meu papel de homem.

Respirei fundo e assenti.

— Vamos logo então!

— Graças a Deus!

Sem demora, Mileni se levantou, deu um beijo em Felipe e saiu sem dizer mais nada, logo ouvi o barulho da porta do carro sendo aberta e fechada. Nossa, ela estava com pressa.

Jorjão, Paulão e Felipe ficaram olhando para mim, como se não entendessem nada. Eles tinham um pouco de medo do temperamento oscilante de Mileni e sempre tiravam a cabeça deles da reta. *Covardes!*

E claro, o primeiro a abrir a boca tinha que ser o pé no saco.

— Dá tchau para o papai, Lipe! — Ele afinou a voz e pegou a mãozinha do meu filho de seis meses. — Tchau, papai. Não vai voltar com um irmãozinho encomendado pra mim não, hein! Vê se usa proteção, com a pressa da mamãe você não vai sair nem do quarto!

Estreitei os olhos e o ignorei, me aproximando para dar um beijo em meu filho, me despedindo.

— Fica com Deus, Lipe. Papai te ama muito! — Olhei para os dois patetas antes de dar um último aviso: — Cuidem bem do meu menino, se precisarem de alguma coisa não hesitem em pedir ajuda. Minha mãe está de prontidão e a Luciana também. Ou se quiserem liguem pra mim que volto na hora.

Jorjão riu e saiu cantarolando pela casa de como o papai era neurótico fazendo Felipe dar gritinhos de felicidade. Paulão, sempre colocando panos quentes,

balançou a cabeça e me abraçou pelos ombros, arrastando-me até à porta de casa.

— Não se preocupa, daqui a pouco a Pri chega para nos dar reforços. Sabe que somos ótimos cuidando do menino. Vai lá e aproveita esses dias com a sua diva, vocês merecem.

Olhei para Mileni, que me encarava de dentro do carro; e aquele sorriso dela, tão ansioso e apaixonado, fazia o meu coração acelerar.

— Graças a Deus, ela está sorrindo!

Paulão riu da minha declaração e me despedi com sentimentos conflitantes dentro do peito, minhas emoções se dividiam na preocupação em deixar meu filho pela primeira vez e a expectativa de ficar a sós com minha mulher.

Entrei no carro, dei partida e olhei para a minha esposa.

— Pronta para mais uma cena de amor com o seu bruto, mulher?

O sorriso dela apenas aumentou, fazendo com que meu coração batesse acelerado e esquecesse de todo o receio inicial, nós merecíamos aquele tempinho juntos. Ela se aproximou e me beijou no rosto com um estalo.

— Sempre, meu *Big Mac*!

Nossa vida não era um conto de fadas, mas parecia com um de tão perfeita. Vivíamos cada dia intensamente, um casamento baseado no companheirismo, repleto de amor, tínhamos os amigos mais incríveis, um filho maravilhoso e a certeza de que estávamos trilhando o caminho certo. O caminho para a felicidade!

E olhando para a mulher que mudou a minha vida, me fez completo, me mostrou o que era amor de verdade, eu só podia agradecer por ser sortudo por ter encontrado a diva em um bar, numa noite qualquer.



Sei que sempre começo falando sobre como o livro mexeu comigo, o quanto foi especial escrevê-lo, o quanto os personagens forma importantes para mim. E isso é verdade! Cada nova história sinto como se tivesse a oportunidade de aprender um pouco mais, de sentir, de me tornar alguém melhor.

Nesse livro, posso dizer que esse sentimento se tornou ainda maior. Essa história roubou o meu coração inteiro e emocionou de uma forma que eu não esperava.

O Grandão e a Rebelde marca uma nova fase da Gisele como escritora, fecha um ciclo e abre outro. Não poderia completar meus primeiros cinco anos nessa carreira da melhor forma, com tanto amor e carinho, apoio e incentivo.

Obrigada a cada pessoa que fez parte dessa minha aventura. Espero que saibam o quanto são especiais para mim, o quanto são essenciais para que eu continue a acreditar.

Meus meninos que fazem parte de cada dia da minha vida, que estão sempre em meus pensamentos, que me enchem de carinho e amor. Vocês foram meus maiores presentes e espero que saibam disso! Amo daqui até o infinito!

Minhas amigas, betas, incentivadoras e maravilhosas. Obrigada por, mais uma vez, estarem ao meu lado com todo o carinho e amizade. Vocês sabem o quanto

são especiais para mim, de todo o coração!

Dri Harada por, mais uma vez, ter se superado com essa capa maravilhosa, obrigada pela paciência, carinho e dedicação.

Caro Yamashita, muito obrigada por emprestar seu sobrenome para minha Priscila. :)

Carlinha, corro o risco de me tornar repetitiva, mas não há como escrever um agradecimento sem te mencionar. Obrigada por seu carinho, por me ensinar, obrigada por todos esses anos ao meu lado, por ser esse anjo que Deus colocou em minha vida. Você é fantástica, nunca se esqueça disso.

Lenny, minha amiga querida, a sua amizade que me fez acreditar de novo. Acho que não tenho nada para dizer que você não saiba. Obrigada por ser simplesmente você, por estar na minha vida, mesmo de longe, me apoiando sempre. Te amo como uma irmã!

Agradeço a Deus pela proteção, saúde, pelos presentes que colocou na minha vida. Pela força que me faz querer lutar.

Leitores incríveis, pessoas de luz que me impulsionam, me enchem de carinho e amor. Desejo de todo coração que esse livro tenha te emocionado, que tenha te encantado de uma maneira irreversível, assim como foi para mim.

Obrigada por acreditar mais uma vez, por ter sonhado mais esse sonho comigo! <3

Milhares de beijos no coração.

Gi Souza.



Gisele Souza é uma taurina teimosa, sonhadora, fascinada pela vida e apaixonada por sua família. Romântica incurável e encantou-se pelos livros aos quatorze anos. Começou sua carreira em 2013, tornando-se best-seller na Amazon com a série “Inspiração”. Desde então não parou mais. Com um gosto literário bem eclético, sonha em escrever histórias de vários gêneros, colocando no papel o seu amor pela escrita.

Nascida em Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro, leva uma vida simples ao lado do marido e filho.

SITE:

<https://giisouzaautora.wixsite.com/giselesouza>

Obras



Todos os livros estão à venda na **Amazon**.

goo.gl/uQkvo1

1)

Tradução livre: Desculpe se te amo e se nos conhecemos / Há dois meses ou pouco mais / Desculpe se não falo baixo / Mas se não grito, morro [↵](#)

2)

Trecho do livro *Alicerce do amor*, da autora Lenny Silva. [↵](#)

3)

Um dos personagens da série *Inspiração*. Sua história encontra-se no livro *Insinuação*. [↵](#)

4)

Tradução livre: Algo no modo como você se mexe/Me faz sentir como se não pudesse viver sem você/Isso me leva do começo ao fim/Eu quero que você fique [↵](#)

5)

Personagens da série *Inspiração*. A história de Lucas e Sabrina encontra-se no romance *Impulso*. [↵](#)

6)

O Parque Tanguá é um dos principais parques da cidade de Curitiba, capital do estado brasileiro do Paraná. [↵](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)